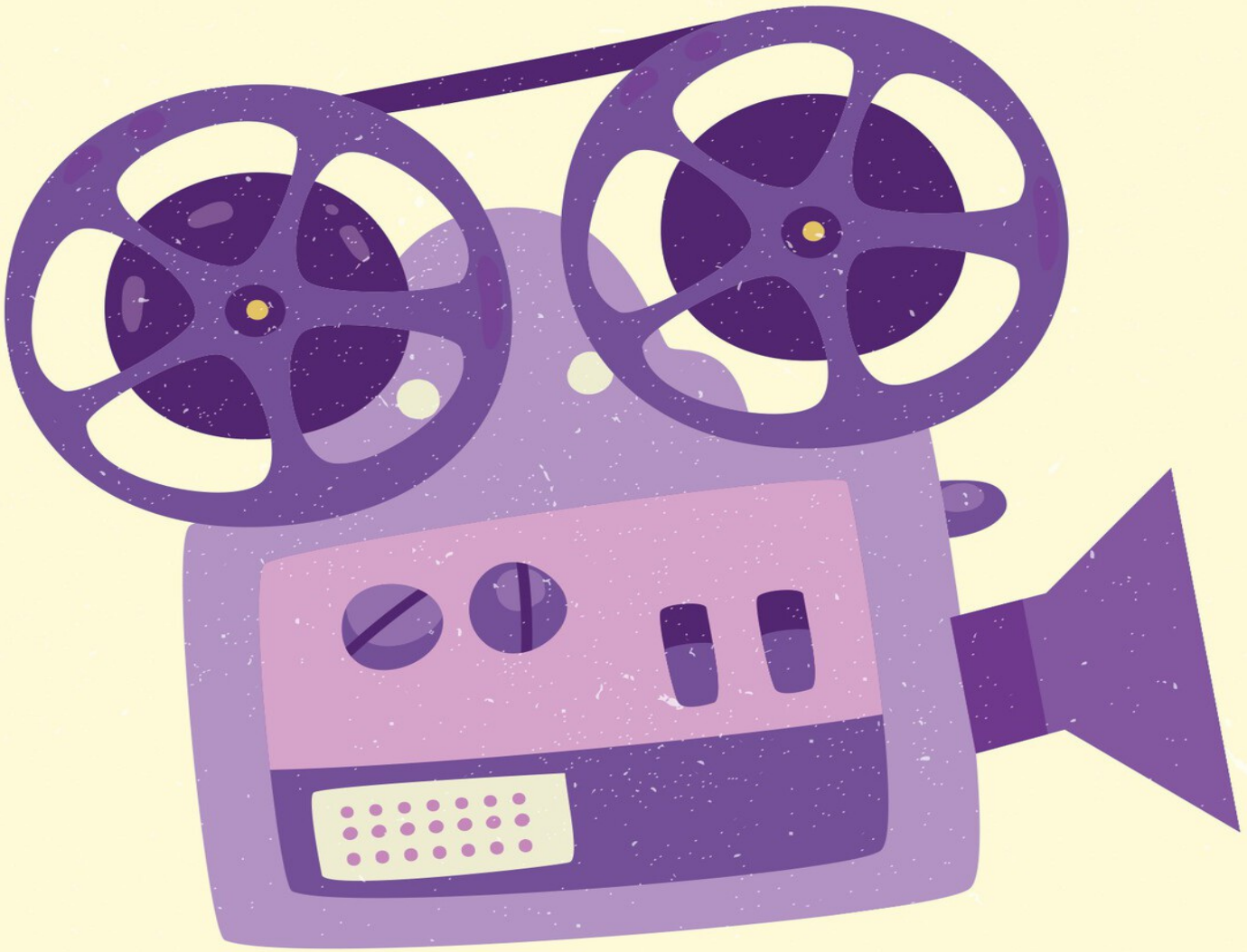
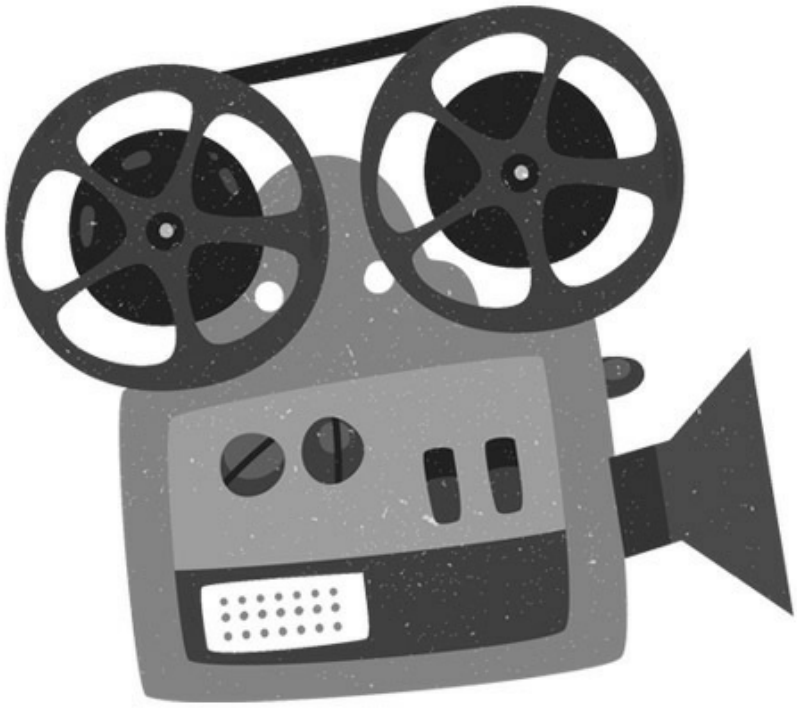
ROTEIRO PERFEITO



Vi Carvalho

ROTEIRO PERFEITO



Vi Carvalho

ROTEIRO PERFEITO

partners coerência

Copyright © Editora Coerência, 2023
Copyright © Vi Carvalho, 2023

Direção editorial: Lilian Vaccaro
Coordenação editorial: Bianca Gulim
Assistência editorial: Raquel Escobar
Produção gráfica: Giovanna Vaccaro
Capa: Carol Palomo
Diagramação: Michael Vasconcelos

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Carvalho, Vi
Roteiro perfeito / Vi Carvalho – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2023
ISBN: 978-65-89850-83-0
1. Ficção brasileira 2. Romance cristão I. Título

CDD. 869.3

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Coerência
Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tele.: (11) 9.8020-0810

A Jerle Vale, uma mulher que necessitava saber o quanto amada e perdoada é. Bem como a todos que, como vasos, precisaram ser colados de novo. A vocês, rogo para que depressa possam sentir o mesmo que eu, quando finalmente, depois de muito procurar, encontrei a água da qual bebi e nunca mais senti sede.

AGRADECIMENTOS

Como em minha primeira obra publicada, agradeço a Jesus por todo talento que me concedeu e pelo privilégio de fazer parte na obra de Seu reino, bem como O louvo pelo conhecimento de Sua irresistível graça.

Porém, também preciso agradecer a Barhi Valentina, uma garotinha de nove anos que me fez sentir o abraço de Deus e me incentivou a voltar a escrever e persistir, até que esta obra estivesse pronta. Quero que saiba que amo você.

PRÓLOGO

TRÊS REGRAS PARA UMA PRINCESA NÃO CHORAR

São Francisco, fevereiro de 2003

Com as gotas de suor pelo rosto, Leon olhou para frente e viu a tia com sua companheira fiel em mãos, uma câmera analógica. Franziu a testa para forçar os olhos a enxergarem o caminho até a mulher, andou a passos largos em sua direção e puxou o seu vestido a fim de ser notado.

— Tô com sede!

O garoto encarou a tia com sofrimento e usou a mão esquerda para abanar o rosto. Sofia sorriu para ele.

— Você parece ter corrido uma grande maratona, campeão. — Afagou o cabelo do rapazinho e lhe ofereceu a mão. — Vamos procurar o pessoal. Você me trouxe para uma área do parque que nunca vim antes.

— Não se preocupa, tia Sosso. Eu te acho! Vem!

Leon puxou a tia pela grama verde.

Os dois caminharam, passando por alguns ciclistas e um parque de madeira, até chegarem a um grupo de pessoas conhecidas. A enorme toalha de piquenique vermelha estava aberta sobre a grama e várias almofadas coloridas, espalhadas ao redor.

No grupo de pessoas ao lado do seu, uma pequena garotinha estava sentada no colo do pai. Algumas lágrimas lhe escorriam dos olhos, que estavam vermelhos, da cor de suas bochechas, enquanto o homem a ouvia narrar o que ocorrera, parecendo angustiado.

Leon e Sofia se aproximaram do grupo, sendo recebidos por uma mulher de pele negra e cabelos cacheados: Norah, a mãe de Leon. Ela se levantou no segundo em que avistou o filho, que não a viu de imediato, pois encarava, inquieto, a menina que chorava do outro lado do grupo.

— Vocês demoraram um pouco. Por onde andaram?

Norah entregou um copo de água para o filho, que aceitou, e o encarou com um sorriso doce, enfim capturando sua atenção.

— Levei a tia Soso pro outro lado do parque, o que tem o cordeirinho — Leon disse entre um gole e outro de água.

Suas duas mãos abraçavam o copinho de plástico verde e ele ainda encarava a menininha chorona com cara de dó.

— Beba água, querida, você parece cansada.

Norah deu água à cunhada, que fechou os olhos e acenou com a cabeça em concordância. As duas mulheres riram, e Leon puxou a barra do vestido da tia, ainda encarando o choro da criança.

— Hum…? — murmurou Sofia, olhando para baixo.

Leon subiu o olhar e chamou a tia com sua mãozinha. A garota se agachou ao lado do sobrinho. Largou o copo de forma desajeitada na toalha e o encarou. Norah apenas os fitou com um semblante curioso.

— Lembra as três regras que o papai disse pra gente? — Leon sussurrou no ouvido da tia, mas pôde ser ouvido por Norah, que arregalou os olhos.

Só pode ser brincadeira! Ele não se lembraria do discurso de Otto, um ano antes.

Sofia assentiu e sorriu, cética. O garotinho decorara três frases adultas demais para que até ela entendesse e tampouco conseguia imaginar o motivo de ele dizê-las naquele momento.

— Lembro. — A tia tocou a ponta do nariz de Leon com o dedo indicador e sorriu sem mostrar os dentes. — Você lembra?

Arqueou uma sobrancelha e seus olhos verdes ficaram mais intensos.

— Claro. — Balançou a cabeça em afirmação. — Console os que choram, partilhe com os que não têm e honre os que te acolhem.

— E sabe o que isso significa?

Sofia o encarou, desconfiada.

— Que eu preciso fazer a amiguinha sorrir.

Leon levantou o indicador na direção da garotinha, que ainda chorava no colo do pai, e as duas mulheres ficaram boquiabertas, estupefatas, enquanto encaravam a menina.

— E — a tia procurava palavras, mas não encontrava muitas — como você vai fazer isso?

— Hum… — Leon passou os olhos ao redor, encarou a mãe, que o questionou ao levantar as mãos em um gesto de dúvida. — Que tal rosas? Papai disse que mulheres gostam de rosas.

Norah e Sofia gargalharam, e a mais nova se levantou, oferecendo a mão para o pequeno. Caminharam até uma roseira lilás e o único som que bradou no breve caminho foi o som da risada da tia, que ainda não acreditava no que acabara de acontecer.

— Aqui está. — A jovem apontou para as rosas. — Vamos colher para ela. — A mão de Leon se esticou para tocar na rosa, mas a tia o interrompeu. — Cuidado, elas têm espinhos. Deixe que eu pego para você.

Sofia soltou a mão do sobrinho, que assentiu, encarando-a, curioso para saber como ela efetuaria o serviço. A moça abriu o zíper da bolsa e retirou de lá um estilete afiado; não se lembrava de tê-lo colocado ali, porém agradeceu ao seu eu do passado por isso. Com a ajuda do objeto afiado, retirou os espinhos do caule de uma rosa e a cortou, entregando-a para o sobrinho. Repetiu o gesto mais duas vezes, e então guardou o estilete, satisfeita.

— Agora faltam só os doces! — Leon disse, encarando as rosas nas mãos e as cheirando em seguida.

Sofia gargalhou.

— As rosas já não são o bastante?

— Papai sempre entrega doces junto.

Leon negou com a cabeça e saiu andando em disparada rumo à mãe.

— Espere, Leon! — a tia gritou, e os pés do garotinho pararam imediatamente, quase o fazendo derrapar.

Ele olhou para a moça, impaciente.

— Vamos logo, tia Soso! Você tá devagar hoje!

Puxou a mulher pela mão, arrastando-a de volta para o grupo.

— Vocês conseguiram mesmo as rosas?

Norah olhou com surpresa para as mãos do filho, que assentiu com um sorriso de orelha a orelha. Sofia, ofegante e vermelha, sentou-se na grama.

— Você tem docinhos na bolsa? — Leon perguntou para a mãe, que arqueou uma sobrancelha, desconfiada.

— Você também vai dar docinhos?

Sorriu de lado.

— Papai sempre entrega docinhos pra você.

— Justo.

Assentiu com a cabeça, esboçando um sorriso.

A mulher caminhou até a bolsa e retirou de lá três bombons trufados. Andou em direção ao filho, satisfeita; Leon era uma criança especial, não havia como negar. O garoto de apenas seis anos já possuía princípios, e ela era grata a Deus por ter escolhido um bom pai para ensiná-lo.

Deu mais alguns passos e estendeu os doces em sua direção. Ele assentiu e acomodou, de forma desengonçada, os doces e as flores em suas mãos pequenas. Norah repousou uma mão no ombro do marido, alertando-o para que ele se pusesse a encarar o filho.

Otto, que fitava o sobrinho de apenas dois anos adormecido, passou a olhar na direção do filho com a sobrancelha arqueada e sua feição se suavizou à medida que Leon se colocou a fazer o caminho em direção à garotinha. Otto sorriu largo e passou as mãos pelos cabelos loiros.

A menina estava aninhada no colo do pai, usando um vestido de princesa lilás e brilhante. Nos pés, calçava uma sapatilha prateada, combinando com a cor da coroa reluzente em seus cabelos.

Sofia ficou a postos com a câmera analógica em mãos, pronta para registrar o momento. Norah e Otto observavam atentos enquanto os demais componentes do grupo conversava entre si, alheios à situação.

Leon caminhou até o seu destino sem saber bem o que falaria para a princesa chorona. Olhou para trás buscando coragem e encarou os três membros mais velhos na família sorrindo de forma encorajadora para ele. Então o pequeno respirou fundo e chegou próximo à garotinha.

Pigarreou, e o pai dela lançou um sorriso para ele e a encorajou a sair de seus braços. Barhi levou os olhos em direção a Leon e o encarou por alguns segundos. Fungou, passando as mãozinhas pelo nariz, pôs-se de pé e organizou o vestido bagunçado e a coroa no cabelo antes de entrelaçar as mãozinhas na frente do corpo e encarar Leon com um semblante triste.

— Eu trouxe pra você.

O garotinho sorriu amarelo e estendeu as mãos na direção da princesa, que arregalou os olhos e abriu um sorriso genuíno. Não conseguia acreditar que estava recebendo rosas. Jaime, sua mãe, já recebera várias, no entanto lhe contara que isso era coisa de gente grande. A garota supôs que finalmente crescera. Seus quatro anos eram o suficiente.

— Pra mim? — Apontou para si. — Mas a mamãe disse que não sou grande pra receber rosas.

A princesinha recuou mordendo o lábio inferior.

— Você tava triste, então eu quis te fazer feliz. Pode pegar, é um presente.

— Eu…

Barhi queria chorar só de lembrar o motivo de sua tristeza.

— Você ainda quer chorar? — Leon se aproximou e a fez pegar as rosas e os bombons. Barhi fixou o olhar murcho no conteúdo em suas mãos e abriu um pequeno sorriso. — Qual o seu nome?

A perguntar não poderia ter vindo em pior momento — acabara de receber uma enxurrada de comentários maldosos sobre seu nome. E, também, qual de suas amigas se chamava Barhi? A

garotinha só conseguia pensar que sua mãe queria lhe fazer mal ao batizá-la com um nome tão diferente.

As suas colegas de classe zombavam dela. A origem vinha de seu pai, Briah: era um anagrama; ao mudar as letras de lugar, formava-se Barhi. Tinha certeza de que o garoto das flores também zombaria dela. A garota murchou outra vez e permaneceu em silêncio.

— Ei — Leon chamou a atenção da garota, que ergueu a cabeça. — Eu perguntei o seu nome.

Então aquele era o fim de uma amizade que nem sequer começara. Barhi respirou fundo e encarou o garoto.

— Barhi. Barhi Valentina — disse no tom mais baixo que conseguiu proferir e fechou os olhos, esperando as risadas.

O que veio em seguida a fez vibrar de alegria.

— Que nome lindo! Barhi Valentina… É nome de princesa.

A menina arregalou os olhos e abriu o maior sorriso que conseguiu.

— Você acha mesmo?

— Claro que sim! Você é uma princesa, né? Tá até de coroa!

Apontou para a cabeça da garotinha, que levou a mão até a coroa, deixando alguns bombons caírem. Um sorriso largo brotou no rosto dela ao constatar a coroa em sua cabeça, agora lhe dando a devida importância.

Barhi olhou para o garoto à sua frente e se lançou em seus braços sem se importar com as rosas, que caíam no chão. Ela queria ser sua amiga, queria brincar com ele todos os dias. Finalmente alguém entendeu o verdadeiro significado de seu nome. Barhi Valentina, nome de princesa. Não esquisito, não estranho, não feio, mas de princesa. E agora ela tinha um amigo que entendia isso.

Leon e Barhi passaram o restante da tarde brincando juntos no parque sob a supervisão de Sofia, que em dado momento buscou o filho para se juntar à dupla. Nathan era tão pequeno, que apenas se sentou na areia e se pôs a brincar sozinho. A mulher sentou atrás do bebê e declarava comandos para que os dois maiores não se machucassem.

— Não, não, Nathan! Sem colocar o brinquedinho na boca — a mãe advertiu com delicadeza. — Está sujo.

O bebê a encarou sem entender bem o que fora dito e ela sorriu.

A moça olhou ao redor; aquela praça guardava boas lembranças da sua infância junto ao irmão, que, apesar de mais velho, adorava lhe fazer companhia. Eles não moravam em São Francisco, embora visitassem o lugar com frequência, como era o caso daquela tarde — Leon e a família retornariam para Carmel no dia seguinte.

Sofia acenou para Norah e Otto, que estavam radiantes, nunca viram o filho brincar com alguém com tanta identificação. A única criança com quem Leon interagia era o primo, ainda muito pequeno. Jaime e Briah também mantinham os olhos nas duas crianças, agradecendo aos céus pela vida do pequeno Leon.

A pequenina não tinha amigos e sofrera muito com os comentários não apenas sobre seu nome, como também pelo cabelo ondulado e volumoso, e até as sardas, que decoravam suas bochechas. O casal estava comovido com a chegada de Leon na vida de Barhi e, mesmo que fosse passageiro, sabiam que aquele momento não seria esquecido pela garotinha, e não foi pelas semanas, meses e anos seguintes.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

Carmel, março de 2005

Norah e Otto preparavam o jantar na cozinha enquanto Nathan dormia tranquilo no quarto, e Leon e Sofia se encontravam estirados no tapete da sala, cada um lendo um livro diferente. O primeiro, mais um livro de fantasia; a segunda, um romance escrito pelo irmão. Não importava quantos livros a biblioteca da família tivesse, Sofia sempre escolhia os livros escritos por Otto.

Os cinco compunham uma família diferente das demais. Sofia era como uma filha mais velha para o casal desde que o pai morrera de tuberculose e a mãe fora assolada por uma depressão, que acabou a levando para junto do marido. Tudo acontecera quando a jovem tinha onze anos. Um ano depois, Leon chegou à família, seguido por Nathan, que nascera quatro anos após, fruto de um romance adolescente vivido por Sofia.

— Soso.

Leon fechou o livro, estupefato, e se levantou de súbito a fim de encarar a tia.

— Hum…? — murmurou, ainda com os olhos vidrados nas páginas escritas por Otto.

— Essa história já existe!

— É claro que existe, Leo, você está lendo.

A tia o encarou, deixando os ombros caírem e a face reverberar sua insatisfação pela leitura interrompida.

— Não é isso, Soso. Ela tá no livro de couro do papai! Escuta isso!

O menino voltou a tomar o livro entre as mãos e folheou até parar no início do capítulo que acabara de ler. Sofia bufou forte e se levantou, deixando o livro em cima do sofá. A garota engatinhou até o sobrinho, tomando o livro de suas mãos e recebendo um murmúrio de reprovação.

— Eu ia ler pra você!

Leon fez um bico grande e cruzou os braços.

A tia nada disse, apenas mergulhou nas páginas à sua frente e, entre caras e bocas, finalizou em cinco minutos a leitura do capítulo. Ao fechar o livro, observou o sobrinho encará-la com um meio-sorriso e a sobrancelha arqueada. Ele tinha razão, porém ela não fazia ideia de como explicaria aquilo para ele. Então apenas deu de ombros e devolveu o livro.

— Por que você não fala com Otto sobre isso? — sugeriu, voltando ao lugar que ocupava minutos antes e retomando a leitura.

Leon se levantou rápido, colocou o livro embaixo do braço e saiu em disparada para a cozinha. Ao avistar o filho, Otto abriu um largo sorriso enquanto enxugava as mãos com um pano de prato. Voltou a mexer a panela no fogo e esperou o filho iniciar a conversa. O garotinho passou os olhos pela cozinha, procurando a mãe, mas não a encontrou, por isso se acomodou no banco de madeira frente ao balcão e começou seu interrogatório.

— Pai.

O homem se virou em sua direção, debruçando-se no balcão em seguida.

— C. S. Lewis? Você não acha que é muito complexo para sua idade? — Otto tomou o livro da mão do filho e passou os olhos pela capa. — *As crônicas de Nárnia*. O que achou?

— Ele copiou! — acusou. — A tia Soso disse uma vez que copiar o trabalho do outro é feio. Ele contou a mesma história do seu livro de couro.

Otto inclinou a cabeça para o lado e piscou os olhos mais do que o normal. Estava maravilhado.

— Não é bem assim, Leo…

Antes mesmo que Otto pudesse começar a explicar, o filho se adiantou em pegar com gentileza o livro de suas mãos e abri-lo no capítulo que Sofia lera minutos antes.

— O leão foi morto pela feiticeira pra que o Ed fosse salvo, mas o Ed que fez besteira, e não o leãozinho. Essa não é a história do papai do céu?

Leon encarava o pai com o livro aberto em mãos e o semblante sereno.

— Tudo bem. — Otto deu a volta no balcão com um sorriso genuíno no rosto, puxou um banquinho e se sentou ao lado do filho. — Lembra que Jesus contou várias histórias para as pessoas, para que elas conhecessem ao Papai do Céu? — Leon assentiu com a cabeça, e Otto buscou as palavras para prosseguir. — Esse autor fez o mesmo. Ele não plagiou, ele está contando a história de Jesus para quem não conhece!

— E o que é *plagiuar*?

Otto gargalhou alto e afagou o cabelo do filho, que o encarava com uma seriedade assustadora para uma criança de oito anos.

— É o mesmo que copiar. Agora o papai quer falar algo para você guardar no coração.

— Igual as três regras?

Otto assentiu, e Leon apurou os ouvidos para o que o pai diria em seguida.

— Desde pequeno seu avô me ensinou a viver em verdade.

— Porque mentir é feio! — Leon se adiantou, e Otto sorriu em aprovação.

— Muito bem. E hoje o papai quer que você entenda que você precisa saber o motivo de estar aqui, Leo. — Leon uniu as sobrancelhas, e Otto mudou a tática de explicação. — Você acha que o papai é bom no que faz?

— O melhor!

O garotinho sorriu, estendendo o polegar para cima em direção ao pai.

Não era só ele que acreditava que Otto era o melhor, toda a mídia concordava ao que cartas e mais cartas chegavam até a casa da família com testemunhos de pessoas que foram do inferno ao céu com os livros que eram escritos através dele. Otto nunca pegou esse mérito para si.

— Pessoas competentes trabalham para grandes reis, Leon, não para gente de baixa patente. — Otto apertou as mãozinhas do filho com carinho e depositou um beijo em cada uma delas. — Você, meu bebê, não vai trabalhar para tornar as pessoas piores, e sim para apresentar para elas um caminho em que serão salvas, vivendo o hoje e pensando que amanhã terão para onde ir. — Leon inclinou a cabeça e fixou os olhos no chão. O pai soube que o filho não o entendera, mas de forma alguma estava disposto a recuar. — Três novos princípios para você — anunciou,

indicando o número três com os dedos da mão, e Leon levantou a cabeça com um sorriso animado. — Sei que você escreve como o papai, gostaria de fazer mais isso?

— Eu quero ser como você, papai!

Leon ergueu o indicador e apontou para o pai.

— Você será melhor, meu pequeno. — Otto levantou o indicador. — Primeiro: o papai não escreve sobre coisas erradas. Lembra que no livro de couro aprendemos que algumas coisas atraem coisas más para nossas vidas? — Leon afirmou com a cabeça. — Nunca escreva como se as coisas más fossem boas, certo?

— Tudo bem, papai.

— Ótimo. Segundo… — Otto fez um dois com os dedos. — Você não vai se tornar um bom escritor sozinho, precisará da ajuda de outras pessoas para isso. Tenha bons amigos. — O homem ergueu o terceiro dedo. — Sempre se lembre do livro de couro do papai. Esse livro que você está lendo fala sobre a história de Jesus, não é? — Otto levou o livro à altura no rosto, e Leon afirmou com a cabeça. — Sempre escreva sobre Ele.

— Não vou esquecer. Prometo! Também não vou *plagiuar* — Leon disse, estendendo o dedo mindinho, e o pai sorriu, deixando o livro na bancada.

— Antes de me prometer, tem mais uma coisa, que você não vai entender agora. — O homem se aproximou mais do filho e o encarou nos olhos. Leon mantinha a atenção no pai. — Se recuse a servir ao mundo. Promessa de dedinho?

Juntaram os mindinhos e selaram a promessa. Otto abraçou forte o filho e os olhos se encheram de água por um momento. Norah, que estava ao pé da porta que dividia o terraço da cozinha, enxugou o canto dos olhos com um grande sorriso no rosto.

Após o jantar, cada membro da família se recolheu para seu quarto, exceto Leon, que pedira ao pai para o colocar para dormir. Otto atendeu o pedido do filho sem hesitação e, quarenta minutos depois, entrou no próprio quarto e se deitou ao lado da esposa.

A noite caía tranquila, até que um forte estrondo reverberou pelo escuro, seguido pelos gritos de Norah. Sofia se levantou de supetão, indo em direção a Nathan. O menino dormia tranquilo em sua cama. A moça pôs a mão no coração, que batia acelerado, até que o choro da cunhada invadiu seu ouvido, fazendo-a arregalar os olhos e sair do quarto em disparada.

No quarto ao lado, Leon abriu os olhos com dificuldade e demorou um tempo para identificar os gritos da mãe, e saiu correndo até o quarto da mulher. Sofia já estava no corredor, com o semblante apavorado. Ela interceptou Leon, pegando em sua mão e seguindo aflita até o quarto do irmão.

Antes mesmo que os dois adentrassem o quarto, a porta entreaberta se escancarou, e Norah, descontrolada e suja de sangue, saiu do quarto. Sofia a encarou, horrorizada, e Leon arregalou os olhos com horror, abraçou a tia e afundou o rosto no moletom dela, que se virou para encarar a cunhada.

Norah se jogou aos pés de Sofia e pranteou alto. Uma onda de terror tomou conta da mulher, e seus olhos começaram a lagrimejar; estava pálida e gelada. Com Norah ainda chorando aos seus pés, ela recuou com delicadeza da cunhada e do sobrinho, que foi para junto da mãe e a abraçou.

Sofia seguiu em direção ao quarto e caiu no chão ao ver o irmão caído. Levou a mão até a boca, trêmula, e sentiu o coração se estilhaçar. Leon tentou se soltar da mãe, que o segurou firme, implorando para ele não sair de seu colo. O menino encarou a mãe aos prantos, e ela o abraçou mais forte.

Leon descansou a cabeça no ombro da mãe e apertou os olhos, fitando o escuro do quarto apenas para ver sua tia chacoalhar o pai. A cena se repetiria em sua mente por meses.

Mais tarde, a polícia verificava a casa toda, enquanto Norah se mantinha inócua no sofá da sala, com Leon dormindo em seu colo, vencido pelo cansaço. Sofia, que recebera os policiais, desceu as escadas devagar e caminhou até a cunhada, erguendo com dificuldade Leon nos braços.

— Tudo bem, Leo — acalentou o sobrinho, que ameaçou chorar de novo. — Nós vamos descansar.

Acariciou os cabelos dele e o sentiu amolecer.

Subiu as escadas e fechou os olhos com força ao passar pela porta do quarto do irmão. Deitou Leon em sua cama, desceu até Norah e abraçou a mulher. A mais velha fechou os olhos com força, sentindo um vazio grande dentro de si, como uma faca entrando em seu peito e tornando seu ar rarefeito.

— Nós estávamos dormindo quando um homem pulou a janela. — Norah abriu os olhos e fitou profundamente a TV desligada, abraçando a cunhada com força. — Otto percebeu primeiro e tentou interceptá-lo na saída do quarto, mas ele tinha uma arma.

Sofia passou a tremer. As lágrimas desciam agora como uma forte tempestade. Norah se afastou da cunhada, encarando-a com os olhos vermelhos e inchados.

— Ele disparou e pulou a janela.

Fechou os olhos com força.

Sofia levou a mão à boca e deixou o choro tomar conta de si. Caiu do sofá, tremendo, e se prostrou com o rosto no chão. Norah permanecia paralisada com as lágrimas quentes descendo por todo o rosto.

Os soluços de Sofia ficaram mais altos, e Norah se colocou no chão, erguendo a cabeça da mais nova. Ambas se encararam por um tempo, como se estivessem em frente a um espelho. A mais velha segurou o rosto da cunhada entre as mãos e espremeu os lábios em busca de um controle que já não existia mais.

— Ele se foi, Sofia!

A mais nova negou com a cabeça, e Norah assentiu.

— Entendemos o momento que estão passando, mas precisamos conversar com vocês.

Uma moça fardada se abaixou ao lado das duas mulheres, encarando-as com dor nos olhos. As duas assentiram, sem conseguir controlar as lágrimas, e se levantaram com a ajuda da policial.

Horas se passaram, e o sol demorou a chegar. Para as duas mulheres, ter de lidar com as crianças no dia seguinte foi assustador; mais aterrorizante foi ter que cumprimentar todos que participaram do velório, cada amigo íntimo e representante da mídia, porém nada poderia ser pior do que os paparazzi do lado de fora da casa.

Além disso, a polícia, não possuía respostas. Foi uma tentativa de assalto que acabou tirando a vida de um homem de Deus, acontecia todos os dias, foi o que disseram. A realidade se tornou um martírio. Elas sentiram na pele o peso da frase escrita, anos antes, pelo roteirista e escritor.

A vida não é ruim para aqueles que se vão, mas para os que ficam.

01

O ÁLBUM DE FOTOS

Nesta manhã, os fãs da roteirista Sofia Strove ganharam um baita presente ao receberem um post que nos dá esperança de uma nova roteirização. Na foto postada por Sofia, há um garotinho abastecido de doces e flores e uma princesinha surpresa por receber o presente. Na legenda: "Direto do meu álbum de fotos para as teclas do computador. Vem coisa boa por aí!"

A roteirista não somente nos animou com a suposição de um novo romance, como também despertou a curiosidade dos internautas, que estão movimentando as redes sociais para identificar quem são as crianças da foto e o que elas estão fazendo hoje. Será que encontraremos nossos protagonistas do próximo romance de Sofia, na vida real?

Sobre a foto não sabemos, mas depois de anos sem nenhuma roteirização, estamos ansiosos pelo retorno da nossa musa. Sofia entregou o cargo ao sobrinho, Leon Strove, nosso cristalzinho de Hollywood, em janeiro de 2021, e desde então nenhum trabalho seu foi realizado. Queremos esse roteiro para agora, porque estamos com saudades de você, Sofia!

Bom dia Hollywood, abril de 2023.

Leon passeou o indicador pela tela do celular com delicadeza, sem deixar fugir um comentário sequer do seu campo de visão. Havia uma hora que a tia postara uma foto sua, aos seis anos, acompanhado de uma garotinha um pouco menor, vestida de princesa, e, desde então, os internautas não paravam de compartilhar a publicação, a fim de chegar até a moça misteriosa.

Boa parte dos comentários ligavam Leon à garotinha, cujo nome ele nunca esquecera, Barhi, de forma positiva. Alguns até especulavam que Sofia havia postado a foto, pois os dois se reencontraram e já estavam vivendo seu próprio romance longe das câmeras. Até parece que ele conseguiria realizar esse grande feito.

— Isso não faz o menor sentido. Como eu poderia esconder dos tabloides um relacionamento?

Leon se levantou da poltrona e seguiu em direção ao assistente, que teclava freneticamente no celular.

— Um minuto. — Ches ergueu o dedo indicador. — Estou quase lá.

— Não sei o que está fazendo, mas espero que termine em quinze minutos, preciso que você

me ajude a publicar uma nota de esclarecimento sobre a foto, está tomando grandes proporções, e eu… — Ches pulou da poltrona e olhou para o chefe com um largo sorriso. Leon, que sabia bem o que aquilo significava, encaixou a ponte do nariz entre o polegar e o indicador e fechou os olhos com força. — E lá vamos nós. — Suspirou

— Eu achei! — O assessor levantou o celular e o estendeu para o chefe. — Achei a sua moça misteriosa e você não vai acreditar.

Sorriu largo.

Leon abriu os olhos e sentiu algo queimar por dentro, uma leve pontada em seu coração que o fez colocar a mão no peito e depois levá-la à boca. Não havia visto a garotinha mais que uma vez, mas a guardara em seu coração até seus dez anos, quando enfim aceitou que não a veria de novo, e agora o celular brilhava em sua direção, ilustrando o rosto da sua escritora de romance favorita, a mulher que acabara de contatar para roteirizar os romances que tanto amava.

— O nome dela é Barhi. Sinto muito, mas você não a encontrou.

Leon parecia ter despertado de um transe, deu as costas para o assessor e caminhou até o cabide que segurava seu paletó, a fim de recolocá-lo no corpo.

— Aí é que está o mistério, meu caro amigo! — Ches caminhou, maroto, em direção a Leon, que ainda estava de costas para ele, arrumando a barra do terno. — Barhi Valentina Partridge ou apenas Tina Partridge, você que escolhe.

Leon congelou por um instante e sua mente sussurrou, com uma voz meiga, o nome da garotinha uma vez mais: Barhi… Barhi Valentina. Esse era o nome da princesa de sua infância. Ele adoraria vê-la de novo, perguntar como ia a vida, se ela já tinha filhos e se eles também ostentavam nomes tão criativos quanto o dela, como ele queria. No entanto, nunca imaginou que sempre soube quem ela era. O tempo todo a sua princesa amiga de infância era Tina Partridge, a romancista que ele mais admirava. Porém, ele certamente não daria o braço a torcer.

— Acredito ser melhor para o nosso trabalho que ela não saiba dessa informação.

Virou-se de supetão, ficando de frente para o assessor, que o encarava, estupefato.

— Primeiro: ela já sabe. Ou você acha que ela não lembra de um momento como esse? — Ches proclamou em tom óbvio.

— Acredito mesmo que não lembra. Ela tinha o quê? Três anos?

— Quatro. E ela não só lembra, como também comentou um coração lilás na foto. Veja!

Chester apontou a tela do celular para o comentário de Tina, que Sofia fixara minutos antes, e Leon sentiu a perna falhar. Por que raios estaria reagindo assim? Talvez porque sempre nutrira uma admiração pela jovem e agora descobrira uma ligação entranha entre eles.

— E o que você quer que eu faça? Encaminhe uma nota de esclarecimento junto à dela?

— Você não entendeu, então vou desenhar. Acha que fiquei esse tempo todo procurando por ela por uma nota de esclarecimento? Faça-me o favor, Leon! — Ches revirou os olhos e encarou o chefe. — Unir a sua imagem à de Tina neste momento será excelente. Pense: vocês dois acabaram de fechar um contrato; se aparecerem como amigos de infância na mídia, vão atrair olhares.

— Não vou enganar a mídia apenas para atrair público. Isso é loucura!

— Você não vai enganar ninguém! Isso aqui não é um filme secular, Leon, não estou pedindo que finja um namoro com ela. Aqui é vida real, e na vida real existe algo que você conhece muito bem, e se chama *colab*. — Chester colocou o celular no bolso e contornou a mesa para ficar frente a frente com o chefe. — Vocês serão amigos!

— Não somos amigos, Ches! O que você está me pedindo é para aceitar uma amizade por conveniência. Isso não me parece certo.

— Por Deus, Leon Strove! — Suspirou pesado, colocando as mãos na cintura. — Estou pedindo para conhecer a moça. É claro que se vocês não chegarem a desenvolver uma amizade nós podemos parar. Mas essa aqui é uma oportunidade para que os trabalhos de ambos alcancem mais pessoas.

Chester posicionou as mãos no ombro do chefe, e Leon os relaxou.

— Me explique melhor o que você tem em mente.

Desvinculou-se do assessor, puxou a cadeira para se sentar e apontou para que o outro homem ocupasse a poltrona em sua frente.

— Essa é a melhor ideia que já tive em anos de profissão! — Chester esbanjou animação enquanto contornava a mesa. Tamanha era a empolgação que nem se deu ao trabalho de sentar. Apoiou as mãos espalmadas no vidro e iniciou: — Você e Tina podem sair juntos! — Leon abriu a boca em protesto. Chester levantou o dedo indicador em contraposição. — Primeiro eu falo. — Apontou para o próprio rosto. — Depois você fala. — E apontou para o chefe, que murchou os ombros e revirou os olhos amendoados. — Não são encontros, a princípio, mas se vocês dois acharem por bem deixar a amizade ficar intencional, esse não é o meu ponto de interesse, fiquem à vontade. — Ergueu as mãos em rendição e Leon riu seco. — O que estou propondo são momentos em que os dois possam aparecer para o público.

— Isso me parece uma amizade por interesse. Eu nem mesmo a conheço!

O assessor respirou fundo e caiu na cadeira, baixando a cabeça em negação.

— Deus me ajude — Ches suplicou, erguendo a cabeça e encarando o teto. — Leon, esses momentos serão intencionais, sim. Mas para a roteirização dos livros dela, apenas estou pedindo que tire uma foto, faça um vídeo e libere para a mídia, apenas isso. Vocês já iam fazer isso antes, agora só peço que grave.

— Eu não vou trabalhar nos roteiros da Tina, Chester. Não trabalho mais com roteirização, desde que assumi a Pansy, você sabe disso.

— Eu e Deus sabemos como você sente falta de roteirizar e bem sabemos que você escreve por detrás do que vemos aqui — Ches disse com um sorriso amável; ele sentia como se Leon fosse seu garoto prodígio. — Pegue esse trabalho com ela, Leon, eu sei o quanto isso vai ser bom para você.

— Não tenho tempo livre, Ches. Você mesmo me deu um ultimato para pausar as roteirizações, porque estava me sobrecarregando.

— Eu posso organizar a sua agenda!

— Não sei. Fora que isso pode despertar na mídia a ideia de que somos um casal, isso não vai ser bom.

— Isso vai acontecer com qualquer pessoa do sexo oposto que se aproxime de você ou dela, é natural. Você nunca teve problemas em lidar com isso.

— Mas dessa vez será intencional.

— Estou pedindo que avalie a possibilidade, certo? — Ches pediu unindo as mãos, e Leon mordeu o lábio inferior, bufando em seguida.

— Certo. Vou pensar sobre isso. E você não acha que vamos parecer malucos? Imagine só! — Leon se levantou da cadeira e pigarreou: — Oi, Tina, é que eu e meu assessor acreditamos que podemos trabalhar juntos nos seus roteiros e tirar fotos e vídeos de nós dois juntos, para que as pessoas acreditem que temos uma amizade e talvez um compromisso a mais! — Leon interpretou cruzando os braços em seguida e Chester gargalhou.

— Leon! O que as pessoas vão pensar não cabe a você ou a Tina escolher. Não estamos fazendo isso para enganar ninguém, jamais pediria isso. Você e Tina vão trabalhar juntos e

mostrar para os fãs o que estão fazendo, não porque querem que pensem em vocês como um casal, e sim como dois profissionais que estão desenvolvendo algo realmente muito bom.

Leon descansou as mãos nos bolsos e fechou os olhos em rendição. Chester tinha razão.

— Sim. Acredito mesmo que a maioria do público vai romantizar, mas há também uma parcela que vai enxergar dois profissionais espetaculares, que vão produzir um grande roteiro. Não podemos controlar o que vai acontecer, só podemos fazer a nossa parte.

— Você tem razão, eu pensei de forma rasa.

— Eu entendo. A maioria dos comentários foi criando uma história de amor para o elenco atual da foto. — O homem se ajeitou na cadeira e sorriu sem mostrar os dentes. — Mas vocês é que vão decidir o fim dessa história, Leon, não as pessoas! Nós vamos usar os holofotes que essa foto trouxe para vocês e vamos direcioná-los para a pessoa certa. É isso que fazemos.

— É isso que fazemos — Leon repetiu, indo em direção ao assessor. — Obrigado.

Os dois esboçaram sorrisos singelos. Depois Chester se levantou e deu um abraço apertado em seu garoto, que logo gargalhou e o empurrou. Leon nunca gostara de demonstrações de afeto.

— Agora que já finalizamos, eu preciso trabalhar e você também — Leon anunciou, pegando alguns papéis e o iPad, que estavam sobre a mesa, e caminhou em direção à porta.

— Vou organizar a sua agenda e colocar as reuniões com a equipe de roteiristas no seu cronograma — o mais velho avisou, olhando o chefe de rabo de olho, e Leon sorriu de lado.

— Eu não disse que aceitaria.

Encarou o assessor com a sobrancelha erguida.

— Você sabe que essa é uma oportunidade muito mais importante do que o seu medo de trabalhar com Tina.

Chester mantinha os olhos no telefone e Leon abriu a boca, estupefato.

— Não tenho medo de trabalhar com ela, apenas não acho que seja uma boa ideia criar laços de amizade no ambiente de trabalho.

Segurou os objetos com uma só mão e colocou a outra na cintura.

— Vou marcar uma data para podermos conversar com Tina! — Ches anunciou, e o chefe apenas assentiu, dando-se por vencido.

Voltou a caminhar e atravessou a porta, fechando-a.

Desde que Leon assumira a Pansy, muito novo, ainda que com uma maturidade acima da média, Chester o acompanhava de perto. Vira o rapaz errar e crescer, voar e retornar para o ninho, mas nunca o vira amar. Sabia que aquela era uma oportunidade de fazê-lo crescer ainda mais profissionalmente e que voltar a roteirizar traria um refrigério para o chefe, como também havia uma esperança de que seu garoto prodígio encontrasse o amor. Algo dentro de si dizia que ele o encontraria.

No exato momento em que Chester conheceu Tina, soube que ela era a mulher com quem Leon deveria se casar. Os dois possuíam personalidades parecidas, porém, de alguma forma, não se encaixavam por completo em suas ideias. A escritora parecia precisar de cuidado, ao passo que Leon era especialista em fazer isso. O roteirista necessitava desesperadamente de descanso, e a alma audaz de Tina o faria experimentar o que o tempo havia tirado.

Chester soltou um sorriso torto enquanto encarava a foto publicada por Sofia horas antes, e seus olhos brilharam, por um instante, devaneando se de fato acertara na escolha que acabara de fazer. Estava certo de algo, independentemente do desfecho da história: o objetivo seria alcançado, mais pessoas conheceriam o trabalho de ambos.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2017

Barhi abriu a porta do quarto e acendeu o abajur alocado ao lado da cama, jogou a bolsa em uma cadeira e espalmou as mãos na lombar, a fim de aliviar sua dor. Suas costas doíam, assim como as pernas e os pés, que latejavam de cansaço. A garota olhou para o relógio no pulso, já se passavam de 3h da manhã e ela não vira o carro do pai estacionado na garagem. Ele já deveria ter chegado.

— Deus, me tire essa dor — murmurou caminhando em direção ao banheiro.

Assim que adentrou o cômodo, retirou as roupas do corpo, indo em direção ao chuveiro. Desde que começara a trabalhar na lanchonete, essa era sua rotina. Escrevia pela manhã, estudava pela tarde e à noite carregava bandejas de um lado para o outro. Aquele era um dia no qual não pudera acompanhar o pai em uma viagem, porque preferira escrever. *Sacrifícios precisam ser feitos*, pensou.

A água quente começou a cair nas costas de Barhi e ela suspirou de alívio ao ter seu corpo anestesiado pelas gotas que escorriam pela pele. Fechou os olhos e esboçou um sorriso singelo — que alegria em saber que amanhã era domingo. Nada de aulas e, principalmente, nada de trabalho para o pai; poderia aproveitar sua presença, como não pudera naquela tarde.

Desde pequena, sempre acompanhava o pai em suas viagens de trabalho para mantê-lo acordado. Era muito comum médicos cansados dormirem ao volante, por isso ela tagarelava a viagem inteira. O pai, mesmo exaurido, nunca se mostrara ranzinza com as brincadeiras e comentários da menina. Sorriu com a lembrança.

Briah também estava engajado em ajudá-la com a publicação de seu livro, o que fez suas viagens aumentarem. Ele era médico e sua maior fonte de renda vinha dos atendimentos feitos em um asilo, em Sacramento, e os pacientes do pai amavam a companhia da menina. Assim que sua mão alcançou o sabonete líquido, seu telefone tocou na bolsa. Quem ligaria a essa hora da madrugada?

— Não consigo acreditar — murmurou pegando a toalha.

Seguiu em direção à cadeira em que colocara a bolsa. Abriu e enfiou a mão, guiando-se pelo vibrar do smartphone, que segundos depois já estava posicionado em sua orelha.

— Alô? — Atendeu sem ver de quem se tratava e teve um choque ao ouvir as palavras que saíram da boca da avó.

— Você precisa trazer ele de volta! — A mulher, já de idade avançada, estava com a voz embargada.

— Vó? Onde a senhora está?

O coração da garota batia na garganta.

— Ele morreu, Valentina! — Alguns segundos de silêncio. — Você tem que vir para o hospital. Eu disse para você ir com ele. Por que não foi com ele? — Os soluços da avó anunciavam a intensificação do choro. — Ele bateu o carro! Por que você não foi com ele? Ele não podia viajar sozinho à noite, você sabia disso! — a idosa gritou do outro lado da linha, e o coração de Barhi parou.

Ela não conseguia mais ouvir as palavras da avó, um zumbido agudo a fez gemer. O celular escorregou de sua mão, e as pernas não foram mais capazes de mantê-la de pé. Ali estava ela, enrolada em uma toalha branca, encolhida no chão, tremendo tanto que mal podia respirar.

O motivo era ela. O motivo do acidente que ceifara a vida de seu pai era ela. Ela que não tinha ido com ele para se certificar de que ele não dormiria ao volante. Ela que não fora a Sacramento e ignorara a ideia de que ele precisava dela. Ela, que sempre tinha a habilidade de machucar as pessoas.

As lágrimas começaram a rolar por todo o seu rosto, e, não conseguindo mais se sustentar, despencou por inteiro no chão, encolhendo-se o máximo que pôde. Os nós dos dedos estavam vermelhos do aperto excessivo na toalha e sua cabeça contra o chão frio latejava, porém o que mais lhe doía era o coração, que se partia em mil pedaços.

— Por que isso está acontecendo comigo? — Sua voz era como um fio, quase sem vida. — Por que você está fazendo isso? Eu não entendo!

A escritora rastejou até o closet; precisava ir ao hospital, necessitava ver com os próprios olhos para que se tornasse real. Mal chegou à metade de seu destino e o coração lhe apertou mais uma vez. Era muito mais do que dor, era raiva, era pura indignação. Ela merecia todo o mal do mundo, mas o pai?

— Isso não! Meu pai, não! Por favor, por favor! — Levou as mãos à cabeça e fechou os olhos com força. — Por que isso não acaba logo? Não aguento mais!

Os flashes de todas as emoções guardadas em sua mente vieram à tona. Lembrou-se do livro plagiado, da rotina cansativa, da falta de recursos e dos momentos com os quais não pôde estar com o pai. Ultimamente seus dias pareciam um castigo sem fim, todas as circunstâncias a engoliam sem cerimônia.

O choro agora era uma torrente frenética e, à medida que o coração apertava, ela batia os punhos fechados nos braços. A dor que sentia por fora era quase nada perto do que acontecia por dentro. Mais uma vez Deus a mostrara o quão inútil era servi-lo. O pai vivera uma vida entregue ao Senhor e ainda assim morrera daquela forma.

Ela mesma se dedicou a aceitar os propósitos do Senhor para sua vida e mais uma vez, nada! Tudo sempre dava errado. Seu primeiro livro fora plagiado, seu segundo não podia ser publicado por falta de dinheiro; ainda assim, mesmo com os sonhos pisoteados e a rotina pesada demais para que ela pudesse carregar, ela seguia em frente. Contudo, sem o pai, ela duvidava que poderia continuar a viver.

Barhi espalmou as mãos no chão tentando levantar, mas não teve forças, o choro e o aperto no coração lhe sugara tudo. Desistiu e se rendeu ao chão, onde permaneceu por quase quinze minutos no carpete, sem pensar em nada e ao mesmo tempo em tudo. Sua mente reproduzia culpa, morte e a dor que sentia no peito. Quando a mãe adentrou o quarto, uniu-se à garota, abraçando-a.

— Está tudo bem, Barhi. — Jaime abraçou Barhi, contendo o choro. — Tudo vai ficar bem.

Afagou os cabelos da filha.

A garota encarou a mãe, que esboçava um semblante estranhamente sereno. Jaime controlava as lágrimas, tentando não se abater diante da filha, no entanto, se apenas a encarasse com um pouco de sensibilidade, veria o quanto a mulher se sentia perdida naquele momento, o quanto as lágrimas presas pareciam um vulcão prestes a entrar em erupção.

— A culpa é minha… — Soluçou, ficando sem ar, e a mãe arregalou os olhos.

— A culpa não é sua!

Jaime ergueu o corpo de Barhi, que fez um esforço nítido para erguer a cabeça, pesada e latejante.

— Eu não fui com ele. — Levou as mãos à cabeça, sentindo-a espremer. — Eu sempre fui com ele! — Soluçou. — Por que não fui com ele…? — A pergunta saiu como um sopro por entre os lábios.

— Está me dizendo que gostaria de estar naquele carro?

As lágrimas de Jaime começaram a rolar sem cerimônia e as mãos da mulher passaram a tremer.

Barhi abraçou os joelhos e colocou a cabeça entre as pernas, suas forças lembravam uma bateria em alerta vermelho. Jaime não conseguia controlar a raiva crescente dentro de si, ela lutava com todas as forças, porém ver sua família desmoronar a fazia desejar nunca ter nascido.

— Nunca mais diga isso! — Jaime abraçou a filha, fechando os olhos com força em uma inútil tentativa de parar de tremer. — Tudo bem chorar agora, filha, mas nós também precisamos ser fortes.

Barhi levantou a cabeça devagar, alheia ao que estava acontecendo ao seu redor. A voz da mãe soava distante e sua visão girava ao passo que todo o corpo parecia adormecer. Na mente, as lembranças com o pai passavam como um filme lento, que perdia a cor a cada mudar de cena.

A culpa era dela, ficou explícito na fala da avó. Se ela estivesse no carro, teria o feito parar antes que dormisse ao volante, antes que o acidente acontecesse, no entanto ela não fora. Em todos aqueles anos, nunca deixara de acompanhar o pai, e na primeira dificuldade de estar com ele, ela cedeu.

— Não aguento mais… — sussurrou, rouca, e o coração de Jaime estilhaçou.

— Filha, está tudo bem! Nós vamos ficar bem! — O choro da mais velha, que parecia cansada demais para tentar fingir, agora era descontrolado à medida que a menina ia perdendo os sentidos.

Um amargo se instaurou na boca da escritora, seus olhos fecharam, e a mãe gritou seu nome em vão. O corpo de Barhi amoleceu nos braços de Jaime, que arregalou os olhos, em choque. A menina em seus braços lembrava alguém sem vida, exceto pelo rosto vermelho de tanto inchaço.

Jaime abraçou a filha, dando leve batidinhas em seu rosto, no entanto ela já não estava mais ali; tamanha torrente de emoções fez seu corpo parar. Barhi se sentia exaurida e uma sensação de vazio que se estenderam aos dias seguintes, até que ela não sentisse nada além da culpa.

02

O REENCONTRO

A dor mais devastadora que já senti na vida. Um aperto tão inexplicável que afeta todos os sentidos, como o completo fim em que, por um momento, tudo que eu mais precisava sumia.

Sinto-me amarrada a nós firmes em uma corda que paira sobre meu pescoço, tirando-me o ar. As pessoas se agitam ao meu redor, mas não consigo ver nada. As lágrimas me impedem de enxergar, meu coração não me permite mover um dedo.

Não sinto mais sua presença. A ficha está caindo. Grito por ajuda, porém não há som algum cortando o ar. Tento uma, duas, três vezes chamar seu nome, só que nada sai. As pessoas tentam me animar, contudo elas não entendem: não sinto mais nada além da sua insuportável ausência.

Leon fechou o livro e espremeu os olhos com força, respirando fundo, em seguida os abriu e encarou a obra à sua frente com a visão um pouco turva pelas gotas que se formavam em suas íris. Seu personagem favorito acabara de morrer, e ele só desejava que Tina tivesse um pouco de compaixão com seus leitores. A mais nova obra da escritora era um sofrimento sem fim.

— Me recuso a roteirizar a morte de Peter, eu amo esse cara. Não posso!

Colocou o livro sobre a mesa e se levantou rumo à janela. Precisava de um pouco de ar.

Passou as mãos pelos cabelos pretos e lisos e sentiu a garganta coçar. Estava com sede. Leon mergulhava fundo em suas leituras, parando apenas para respirar quando alguma cena tornava seu ar rarefeito; do contrário, horas e horas a fio eram dedicadas a concluir cada obra que o roteirista se pusera a ler.

Os livros não eram só o seu trabalho, como também o seu meio mais eficaz de diversão. Contudo, algumas vezes se envolvia demais com os personagens e passava dias remoendo os fins que não saíam como o planejado. Quando Leon começava a devanear sobre a narrativa que lera, seu telefone tocou, era Chester. O assessor marcara o encontro com Barhi, ou Tina, ou escritora maravilhosa, para dali a uma hora.

— Acabo de passar o endereço para você por mensagem. Não se atrase — Chester disse com verdadeira autoridade, e Leon girou os olhos.

— Não costumo me atrasar em reuniões.

— Eu sei, mas li em uma revista que Tina Partridge é extremamente pontual. Vamos evitar

primeiras impressões negativas.

— Não há como ser menos negativo quando tenho uma proposta confusa para apresentar.

— Chama-se trabalho colaborativo, parceria, mas, como você não entende, vou apenas desligar na sua cara. Adeus, chefe chato.

Leon gargalhou alto com o fim da ligação. Ele sempre conseguia tirar o pobre assessor do sério, os dois tinham a liberdade de ser quem eram; além do trabalho, amigos. O roteirista guardou o celular no bolso do paletó e cruzou os braços, pronto para voltar aos seus pensamentos quando a porta foi aberta por Nathan.

— Posso entrar? — Nathan se esgueirou, colocando apenas a cabeça por entre a porta, e Leon se virou assentindo. — Você tem um encontro com a sua escritora favorita hoje. Qual a chance de ela conhecer o Derwin Gray? — Sorriu, maroto. — Também quero um autógrafo.

— Não vou pedir um autógrafo para ela!

O mais velho seguiu em direção ao sofá, jogando-se no acolchoado sem cerimônias.

— Como não? Você tem todos os livros dela, vive falando de como a escrita dela é incrível, quase colocou nosso apartamento abaixo quando fechou um contrato com ela e agora está fingindo costume? Faça-me o favor!

Nathan jogou os braços para cima e esboçou a sua melhor cara de “me engana que eu gosto”.

— Nós temos uma relação de trabalho!

Fechou os olhos e cobriu o rosto com o braço.

— “Oi, meu nome é Leon e eu sou o cristalzinho de Hollywood, feito para ser perfeitamente chato! ”

— Você é mau.

Abriu um meio sorriso.

— E você vai ganhar uma carona. Chester disse que vocês vão se encontrar no café, eu estou indo para o treino, posso deixar você lá — ofereceu, maneando a cabeça para o lado e lançando um sorriso doce.

— Você não me engana, Nathanael. — Leon se levantou, pegando a carteira e a chave do carro em cima da mesinha de centro. — Você quer vê-la também, sei que leu todos os livros que estão na biblioteca.

— Ei! — protestou seguindo o primo, que já caminhava em direção à porta. — Não sou muito adepto a romances, mas ela escreve bem.

Leon gargalhou, abrindo a porta.

— Eu ouvi você chorando no banheiro semana passada. Você está lendo o último lançamento, não é?

Leo encarou o primo por cima do ombro com um sorrisinho, e Nathan deixou cair os ombros com um semblante triste.

Os dois passaram a caminhar pelo corredor rumo ao elevador, que em poucos minutos anunciou sua chegada, levando-os até o térreo.

— A morte do Peter foi demais para mim.

Nathan encarou o chão

— Eu sabia! — Gargalhou alto. — Eu peço um autógrafo para você, não se preocupe.

— Não acredito! — Nathan disse, pulando em cima do primo para um abraço.

— Sai, seu carrapato!

Leon o empurrou de leve.

— Se você não chegar em casa com o meu autógrafo, vai dormir na rua — ameaçou, e Leon apenas riu, negando com a cabeça. — Falo sério! — disse, vendo o primo se afastar para a

direção oposta de onde seu carro estava.

Os dois seguiram caminho em carros diferentes. Leon estava nervoso, sabia que o primo tinha razão. Ele era fã da garota. Leu todos os livros, e não conseguia se lembrar de ao menos uma cena maçante. Além disso, desde que descobrira que ela era a princesinha que conhecera na infância, não parava de pensar em como aquilo lhe soava bem. Ele finalmente reencontraria a princesa de nome único.



Atrasada. Detestava aquela palavra, porém, desde que a mudança começou, ela não conseguia mais organizar seus horários, estava rodeada de caixas e mais caixas, que se espalhavam pelo chão de seu mais novo apartamento. Após anos morando no mesmo apartamento pacato, decidira se mudar para um lugar mais próximo da movimentação da cidade. Sua escolha também era fruto de seu mais novo projeto: trabalhar com a Pansy Entreteniment. Mal podia acreditar!

Apenas Deus sabia o quanto esse trabalho era importante para ela. Roteirizar seus livros era bom demais. Roteirizar seus livros com Leon Strove, o maior roteirista de Hollywood, aquilo, sim, era um sonho. Um sonho que estava começando um pouco mal. Ela deveria ter chegado ao café havia quinze minutos, porém, sem encontrar um lugar para estacionar, teve de colocar o carro a duas ruas do local e agora tentava atravessar o mar de gente que circulava na rua estreita para chegar até seu destino.

Olhou para o relógio mais uma vez e choramingou. Tentou apressar o passo, no entanto os saltos de suas botas não a permitiam andar mais rápido do que já o fazia. Apertou o casaco contra o corpo e o segurou com firmeza. Assim que avistou a cafeteria, seus olhos brilharam e um sorriso tomou conta de seu rosto. Atravessou a rua, chegando em seu destino, e, quando abriu a porta, avistou Leon sentado a uma mesa no canto. As pernas de Tina falharam e o nervosismo veio à tona.

— Deus me ajude — murmurou, olhando para o céu, e se pôs a caminhar até a mesa.

— Senhorita Partridge. — O rapaz a avistou e, com um sorriso genuíno no rosto, levantou-se para cumprimentá-la. — Sou Leon Strove.

Estendeu a mão.

— Tina Partridge.

Apertou a mão do rapaz e se surpreendeu ao vê-lo puxar a cadeira para que ela se sentasse.

Estamos em um romance de época, afinal? Chá em uma butique, "senhorita", apertos de mãos e cadeiras sendo puxadas. Estou deveras encantada, pensou, rindo em seguida.

O rapaz se sentou na cadeira à frente e ela pôde analisar de perto suas feições. Ele era encantadoramente lindo, muito mais do que nas fotos. Os cabelos negros e lisos estavam penteados à perfeição; a pele em um tom mais escuro de caramelo realçava a cor dos olhos castanhos tão claros que ela os imaginou verdes quando expostos ao sol. O sorriso do rapaz era branco, e seus dentes, bem alinhados; além disso, ele ainda era um grande homem de Deus, evangelizador e escritor. Aquilo não parecia um bom sinal. Tina foi desperta por um pigarreio.

— Então… — Leon chamou a atenção da moça, que sorriu para o encorajar a prosseguir. — Acredito que sabe em partes o motivo pelo qual estamos aqui hoje — pressupôs com um nervosismo aparente na voz.

— Não sei se devo… — murmurou para si e para Deus, que, segundo ela, analisava suas falas para que não saísse mais asneiras do que o recomendado.

— Perdão, pode falar um pouco mais alto? Não consigo ouvir com o barulho que vem das outras mesas — Leon disse, rindo, sem graça, e arrastando um pouco a cadeira de encontro à

mesa.

— No nosso contrato estava explícito que eu trabalharia com outros roteiristas, mas minha assessora me disse que agora vou trabalhar com você.

Tina sorriu sem mostrar os dentes, e a garçonete foi na direção dos dois.

— Boa tarde, com licença. — A garota colocou o cardápio sobre a mesa, com as mãos um pouco trêmulas e um sorriso que ia de orelha a orelha, provavelmente por tê-los reconhecido. — Podem ficar à vontade, voltarei para colher os pedidos.

— Boa tarde. Muito obrigada — os dois falaram ao mesmo tempo e voltaram a atenção um para o outro, deixando os cardápios de lado.

— E o que você achou dessa mudança de contrato? — Leon questionou, receoso, e Tina abriu um sorriso tão largo quanto o da garçonete segundos antes.

— Eu achei fantástico. — Ele suspirou, aliviado, e sorriu de lado, arqueando a sobrancelha esquerda. — Meus livros vão ser roteirizados pelo melhor roteirista da Califórnia, e são os números que dizem.

Ergueu as mãos em rendição, e Leon concordou com um movimento de cabeça.

— Na verdade, senhorita Partridge — o rapaz desabotoou o relógio do pulso e o pôs na mesa —, eu não produzo roteiros de forma direta há dois anos.

— Devo acreditar que há um motivo para fazê-lo agora — Tina completou, espremendo os lábios até formarem uma linha fina.

— Sim — afirmou, olhando as mãos. Então ergueu o olhar, fixando-o no da moça. — É um enorme prazer reencontrá-la, princesa Barhi Valentina.

Leon sorriu amarelo.

A escritora arregalou os olhos e os lábios se entreabriram automaticamente. Ele se lembrava dela. Cobriu a boca com as duas mãos e encolheu os ombros, fechando os olhos. Suas bochechas estavam coradas e seu coração batia descompassado. Seu mais novo colega de trabalho era o garotinho que conhecera na infância, disso ela já sabia, entretanto o fato de ele lembrar tornava tudo real.

— Você lembra! Como você lembra? — Ela tirou as mãos da boca e abriu os olhos. — Você lembra pela foto — afirmou, e ele negou com a cabeça.

— Eu sempre me lembrei de você. Depois que Sofia publicou a foto, descobri que a princesinha da minha infância era uma escritora *best seller*.

A princesinha da minha infância? Fala sério!, pensou, sentindo o rosto corar.

— Tudo bem. — Tina balançou a cabeça, tentando organizar os pensamentos. — Então você descobriu que eu era a garotinha da foto e quis trabalhar comigo?

— Isso faz sentindo para você? — questionou, brincalhão, e ela negou com a cabeça. — Foi o que imaginei. — Soltou uma risadinha. — Meu assessor, Chester… Ele viu a foto e como você seria roteirizada pela Pansy, imaginou que poderíamos trabalhar juntos e atrelar a nossa imagem para conseguirmos alcançar mais pessoas. — A mente de Tina teve de se esforçar para compreender se aquilo de fato era real. — Sei que isso é uma loucura, mas, na prática, pode expandir o nosso trabalho, e, bom, nós temos um propósito.

Respirou fundo e Tina ficou inócua por alguns instantes.

— Não me sinto confortável em ter uma amizade por contrato. — Ele espremeu os olhos e lábios. — Mas acredito que a ideia é inteligente, podemos tentar — concluiu com um aceno de cabeça, e ele arregalou os olhos em surpresa.

— Você… — Tentou formular uma frase, em vão.

— Sim, sou eu — brincou, abrindo um sorriso traquina

— Você acha uma ideia inteligente? — questionou, encostando-se na cadeira.

— Acho. E também acho que vai ser muito bom trabalhar com você.

— Eu esperava mais dificuldade.

Leon afrouxou a gravata, aliviado.

— Nós somos amigos de infância, afinal. Por que não daria certo?

Tina sorriu sem mostrar os dentes, e Leon retribuiu.

A garçonete retornou para colher os pedidos e acabou por solicitar um autógrafo de cada um. Os dois foram amáveis e se dispuseram a tirar uma foto, pedindo para que ela só a publicasse depois que deixassem o local. Logo após a partida da moça, os dois começaram a conversar sobre trabalho.

Leon explicou para Barhi alguns princípios básicos e aprendeu muito com a mente criativa da mulher, estava admirado. Iniciaram um resumo do que a escritora gostaria de conservar na obra e se animaram com a possibilidade de ver a história fora dos livros. Em dado momento, o roteirista até se surpreendeu com as feições dos personagens de Tina, que ele imaginara serem diferentes.

— Fico muito aliviada em saber que consegui roteirizar com a Pansy — Barhi disse antes de colocar um biscoito amanteigado na boca.

— Então você sempre quis trabalhar com a gente? — Ela concordou com a cabeça, e ele sorriu. — Por quê?

— Eu não gostaria de vender as minhas obras ao mundo. Com certeza modificariam a essência da história para que vendesse mais. Além disso, não teria a autonomia de fiscalizar. Todos os contratos anteriores a esse me sugeriam não ter opinião ativa na elaboração do roteiro — concluiu, tomando um pouco de seu café americano.

— Você sempre escreveu livros cristãos? — indagou, receoso, e levou a xícara com café à boca.

— A minha primeira obra não, mas ela nunca chegou a ser publicada. — Deu de ombros. — A oportunidade de ser a Tina Partridge só veio após conhecer verdadeiramente a Jesus e trabalhar para Ele.

— Entendi. Preciso muito saber isso, me perdoe se estou sendo invasivo, mas por que não Barhi? Eu simplesmente amo esse nome!

O rapaz levantou as mãos em rendição e a moça sorriu, desconfortável, indicando que ele havia tocado em um assunto proibido.

— Tina pareceu melhor na hora de criar um codinome.

Seu tom soou como se suplicasse para que o rapaz não tocasse mais no assunto e ele assentiu com a cabeça.

— Acho que já terminamos por hoje — Leon disse, procurando o relógio na mesa, colocando-o no punho e conferindo a hora.

— Tudo bem. — Tina pegou o celular a fim de tirar uma foto do momento. — Pegue um biscoito e sorria — pediu, e Leon gargalhou, obedecendo.

A garota sorriu e tirou uma foto do roteirista, em seguida demorou alguns segundos até publicá-la em sua rede social. Sorriu satisfeita e guardou o celular, erguendo a cabeça para encarar o rapaz.

— Muito bom. — Sorriu e colocou o biscoito na boca antes de sacar o celular do bolso para tirar uma foto da moça. — Agora você.

— Não! Não gosto de fotos!

Tina escondeu o rosto com as mãos.

— Vamos lá! Eu preciso postar uma foto! — pediu com a câmera do celular a postos, e ela

sorriu sem mostrar os dentes, segurando um biscoitinho em cada mão. — Me dou por satisfeito. — Leon esboçou uma cara de aprovação e voltou seu olha para o celular, que vibrou, anunciando uma ligação de Chester. — Um minuto, é o Ches.

A escritora concordou e Leon se levantou, indo em direção ao caixa.

— Alô?

Colocou o celular no ouvido.

— Leon, imagino que esteja empolgado em trabalhar nesse projeto, mas você tem que trazer a Tina aqui! O show de talentos começa em quarenta minutos! — Chester lembrou, e Leon levou a mão à testa, fechando os olhos.

— Esqueci completamente! — assumiu.

— Isso eu já sabia! Agora venha logo e traga a Tina.

— Espere aí. Por que ela iria?

Esboçou um semblante confuso e parou em frente ao caixa.

— Porque agora ela faz parte da empresa? — Chester questionou. — Apenas venha até aqui e pare de me questionar.

— Tudo bem. — Cobriu o microfone do celular com a mão. — Boa tarde, gostaria de pagar a conta. — A moça assentiu, voltando-se para a tela à sua frente. — Eu não vou me apresentar, ouviu?

— Leon Strove, venha agora para a Pansy!

Após proferir o ultimato, o assessor encerrou a chamada, deixando o rapaz com cara de paisagem.

— Mas que falta de educação!

Encarou o celular, indignado, e depois o guardou no bolso. O rapaz pagou a conta, guardou a carteira no bolso e seguiu em direção à mesa. Ao se aproximar, viu Tina guardando seus pertences na bolsa e se pôs a ajudá-la.

— Algo importante? — Tina questionou.

— Depende. — Ele maneou com a cabeça. — Todos os anos realizamos um show de talentos na Pansy.

— Eu sei — disse, animada, parando o que estava fazendo a fim de encará-lo.

— Sabe?

Leon guardou o notebook e fechou o zíper da bolsa.

— Todo mundo acompanha ao vivo pelo canal de vocês. — Soou como se compartilhasse algo óbvio e o rapaz sorriu.

— Tudo bem. — Balançou as mãos no ar. — Você está convidada para assistir comigo hoje. O que acha?

O rapaz se calou e um silêncio sepulcral tomou conta do recinto. Tina o olhou, boquiaberta, sem acreditar no acabara de ouvir. Ela iria para o show de talentos da Pansy Entertainment. Todos os anos imaginando como seria trabalhar para uma empresa de roteirização cristã, todos os anos esperando o dia de ver as obras que Jesus escreveu através dela ganhando vida nas telinhas de forma a verdadeiramente honrar a Deus, e lá estava ela, recebendo bem mais do que merecia. *Obrigada, Jesus! Obrigada!,* pensou.

— Você não quer ir? — Leon questionou, pegando sua mochila e a bolsa da mulher. — Não precisa ir se não quiser.

— Você está brincando, não é? — ela disse, acompanhando-o até a saída. — Claro que eu vou!

Leon sorriu, aliviado.

— Você está com o seu carro? Pode ir comigo — ofereceu por cima do ombro.

— Meu carro está estacionado a duas ruas daqui. Posso pedir para Ella vir buscar. — Recebeu um olhar de dúvida, então completou: — Minha melhor amiga.

— Vamos?

— Sim — Tina respondeu com um sorrido genuíno.

Leon ofereceu o braço livre para que ela encaixasse o seu, porém a escritora negou com a cabeça.

— Obrigada, mas não precisa.

— Como quiser.

Os dois caminharam lado a lado até o carro, e Leon abriu a porta do passageiro para que Barhi pudesse entrar. Entregou a bolsa da garota para ela e colocou a mochila no banco de trás antes de tomar seu lugar ao volante e seguir até a empresa.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

São Francisco, 2006

O som alto invadiu o quarto de Leon, anunciando que a noite da mãe estava apenas começando. Desde a morte de Otto, a família se mudara para Sã Francisco e se distanciara da igreja. Sua mãe agora despendia seu tempo livre regado a vinhos e canções melancólicas, o choro ainda era uma constante presente.

Sofia mal conseguia lidar com tudo que precisava realizar durante o dia, dividindo-se entre cuidar de Nathan e de Leon, da casa, dos estudos e do trabalho. Era difícil para Leon ter o entendimento de que tudo estava fora do lugar à medida que não se podia fazer nada. Sentia-se abandonado.

Fitou o teto e decidiu sair no meio da noite em busca de qualquer lugar que não fosse tão barulhento quanto sua própria casa. Atravessou a janela do quarto, andou por cima do telhado até chegar a uma parede que possuía uma escada de acesso à caixa d'água, que o levou até a grama malcuidada do quintal.

Minutos depois, ele se encontrava na rua deserta que rodeava o condomínio no qual morava. Embora o caminho fosse vazio, era bem iluminado. Cruzou os braços a fim de amenizar o frio e caminhou devagar em direção à loja de conveniência que ficava ao fim da rua, em frente a um parque. O garoto se sentou em um banquinho e se pôs a recriar em sua mente as boas memórias que vivera ali, com o pai.

— Não deveria estar aqui sozinho. — Uma voz grossa chamou sua atenção, causando um pânico imediato. Os olhos do menino se arregalaram e as pernas começaram a tremer. — Não vou fazer mal a você. Sei que não pareço muito… — O homem pensou um instante e concluiu, revirando os olhos. — Não sou muito apresentável, mas não o farei mal.

— Você… — Leon queria dizer algo, porém o medo tentou calá-lo. — Vai embora! — bradou sem confiança.

— Olha, eu durmo aqui, então acredito que não poderei atender ao seu pedido.

O homem passou pelo menino e seguiu em direção a uma barraca, a qual chamava de casa, e ficou o observando de longe. Leon sentiu vontade de ir embora, mas algo dentro de si gritava para que fosse falar com o homem, que parecia ser um sem-teto.

— Ótimo, agora a voz absurda vai me dizer que preciso ir até um morador de rua — constatou com amargor, tenso demais para uma criança. — Todas as vezes que me impulsionou a falar com

a mamãe me serviram de nada, só piorou as coisas. Eu não vou!

Cruzou os braços em frente ao peito.

— Você quer ler um pouco comigo? — O homem se materializou na frente dele, fazendo-o erguer a cabeça e levar a mão ao peito. — Qual é? Tomei até banho hoje, não estou tão ruim assim.

— Minha mãe me disse pra não falar com estranhos. Sai daqui! — Seu tom de voz era autoritário, esbanjando uma coragem que escondia o acelerar de seu coração.

— Creio que ela também lhe disse para não sair de casa sozinho e, bom, você está aqui agora — constatou, e Leon o encarou, estupefato. — Eu me chamo Jasper. Não precisa me dizer o seu nome.

O rapaz se sentou ao lado do garoto.

— Tanto faz.

Apoiou o cotovelo no joelho para encaixar as mãos no queixo.

— Você já leu a Bíblia? — Jasper abriu o livro de couro, folheando-o, e Leon se empertigou, virando o rosto em sua direção, como se um fantasma estivesse à sua frente. — Parece que sim.

Sorriu amarelo, ignorando a feição do pequeno.

— O meu pai tinha uma.

Leon relaxou os ombros e encarou o parque.

— Entendo. Sinto muito — o homem disse, dando leves batidinhas nas costas do garoto. — Então acredito que você já deve saber de algumas coisas, mas hoje quero contar uma história presente nos evangelhos. — Continuou folheando a Bíblia até encontrar o livro de João. — Aqui está — constatou, levando a Bíblia em direção ao garoto. — Pode ler para mim?

Leon o fitou com raiva, no entanto a expressão gentil do homem o fez amolecer. Encarou o livro surrado nas mãos do outro e depois o fitou mais uma vez. Por fim, revirou os olhos e puxou o livro das mãos de Jasper, que sorriu, satisfeito. O mais velho cruzou as pernas e abriu os braços no encosto do banco enquanto o menino iniciava a leitura.

— Espere! Esqueci de um detalhe muito importante, como sou distraído!

Jasper levou a mão aberta à testa.

Leon fitou o homem com impaciência e o viu coçar a cabeça meio constrangido.

— O que foi agora?

— Vamos orar — disse, pegando a Bíblia e a colocando no banco, em seguida os dois deram as mãos, e Jasper ouviu Leon murmurar:

— Não acredito nisso.

O mais velho conduziu a oração, pedindo a Deus proteção e discernimento para que não distorcessem Seus ensinamentos e finalizou agradecendo pela vida e por aquele momento. Ao término, Leon o encarava com o rosto um tanto melancólico. Ainda assim, ele apenas pegou o livro e se pôs a ler.

O capítulo 19 do evangelho de João era devorado por Leon, que parecia ler uma história tão triste que sentia o coração se espremer no peito. Ao concluir os primeiros vinte e sete versículos, seu rosto já estava tomado pelas lágrimas. O garoto deixou o livro nas pernas e escondeu o rosto nas mãos.

— Calma, Ele vai ficar bem no fim de tudo.

Jasper arregalou os olhos, sem entender como lidaria com os sentimentos do garoto.

— Você não entende! — Leon soluçou.

— Então me explique — pediu, gentil, deferindo tapinhas de consolo nas costas do menino.

— Eu sei o fim dessa — ele limpou as lágrimas do rosto, o que não as impediu de continuar

transbordando — história. Uma vez o meu pai…

O garotinho voltou a esconder o rosto e começou a chorar, até perder a respiração.

Jasper o abraçou de lado e permaneceu em silêncio, com os olhos marejados. Ele podia sentir a dor do pequeno. Perder um pai, ele sabia bem como era aquela sensação, como também sabia a sensação de ganhar um.

— Calma, está tudo bem — Jasper disse apenas alguns minutos depois, quando o garoto começou a enxugar as lágrimas.

— Essa história me lembra o meu pai. — O garotinho de olhos amendoados fungou e passou as mãos pelo rosto, tentando impedir novas lágrimas. — Antes de ele… — puxou o ar com força, erguendo a cabeça e fechando os olhos — morrer. Antes de ele morrer — abriu os olhos e encarou Jasper —, ele me disse que precisava usar o meu dom de escrever pra que essa história ficasse conhecida, mas esqueci dela. Esqueci Dele!

Leon levantou o indicador, apontando para o céu.

— Ele não se esqueceu de você. — Jasper sorriu sem mostrar os dentes. — Você pode até ter se esquecido dessa história, ter ficado magoado pelo que aconteceu. Ele entende, pequeno. — Apontou para o céu. — Ele entende você. Veja… — Apontou para a Bíblia. — Como Ele não entenderia se também sofreu? Se também sentiu tanta dor, assim como você?

— Eu disse coisas feias pra Ele, Jasper. Ele me deixou sozinho, Ele levou o meu pai e me deixou aqui sozinho.

Leon começou a chorar de novo, dessa vez as lágrimas desciam silenciosas, e ele tentava as controlar respirando fundo.

— Ele estava com você quando seu pai morreu, quando você chorou, quando você teve que ver a sua mãe passando por tudo sozinha. Ele estava com você.

Leon ficou inócuo. Tudo ficou ainda pior. Como assim Ele viu tudo e não fez nada?

— Ele estava lá? E não fez nada?

— Sabe, Leon, quero ler algo para você. — Jasper folheou as páginas do livro e parou onde queria. Pigarreou e pôs-se a ler: — “Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” — O homem fechou a Bíblia e encarou o menino. — Sabe o que isso quer dizer?

Leon negou com a cabeça e seu coração começou a queimar. Ele sentia uma necessidade tremenda de chorar e chorar, até esvaziar tudo que havia ali dentro. Mesmo tão pequeno, carregava sentimentos profundos, que não cabiam mais dentro de si.

— Quer dizer que o que você leu — apontou para a Bíblia —, tudo que o seu pai ensinou, aconteceu de verdade. Jesus morreu de verdade e ressuscitou de verdade. Ele sofreu tudo isso, para que eu — apontou para si e depois para o garoto —, você e até o seu pai pudéssemos ter uma vida livre. Sabe onde seu pai está agora? Ele está esperando você. Um dia nós todos estaremos na vida eterna. — Jasper sorriu amarelo. — O fim dessa vida é só um começo, meu pequeno. Sei que dói não ter o seu pai, mas todos temos que ir um dia.

— E quanto a mim?

Leon apontou para si com o rosto inchado e os olhos lutando contra as lágrimas.

— Deus cuida de você. Seu pai se foi, mas olha só onde você está hoje. Estou aqui para o lembrar do Deus que você esqueceu. Você consegue perceber o quão bem cuidado você é? — Leon fungou, fechando rapidamente os olhos, para que as lágrimas descessem. — Não se pode definir todo o sabor da vida pelo amargo que vive no hoje.

— Não sei o que fazer agora — respondeu, sincero.

— Você tem uma dessas em casa? — Jasper levantou a Bíblia, e Leon confirmou com a

cabeça. — Se você quiser, pode vir aqui às vezes, só não garanto que sempre vou estar. No entanto, você pode ler esse livro em casa e orar a Deus. Lembra que oramos no começo?

— Lembro, mas eu disse coisas horríveis para Ele. Não acredito que mereço isso que você disse de vida doce e amor.

— Eu também não. Nem mesmo seu pai. Todos nascemos em pecado. Não merecemos. Deus faz porque é bom, e não porque somos bons. — Jasper pegou as mãos do garoto. — Peça desculpas a Ele, comece a conversar com Ele, deixe-O fazer parte da sua vida e não se esqueça disso aqui. — Levantou a Bíblia. — Agora vamos. Eu o acompanho até sua casa.

Os dois se levantaram, e Leon se apresentou para Jasper no caminho. O homem explicou para o garoto toda a narrativa de Gênesis 01, 02 e 03.

— Fomos criados e manchados pelo pecado quando Eva comeu do fruto. Era um lugar perfeito de comunhão com Deus, mas ela se deixou enganar pela serpente.

— Então a culpa é toda dela?

Leon arregalou os olhos e Jasper gargalhou.

— Ela e Adão nos representam, pequeno. Todos estamos no mesmo barco agora, e apenas Jesus, vindo em nosso favor, nos restituirá. Isso tudo faz parte do plano de Deus para nos dar vida eterna.

— Ele é muito bom.

Jasper concordou e eles enfim chegaram ao condomínio de Leon.

Assim que os dois se despediram, Jasper voltou para a praça com lágrimas nos olhos, louvando a Deus por ter sido ele a encontrar o garoto, e não alguém mal-intencionado. Leon era apenas uma criança que estava sendo mal direcionada, mas, pela graça, Deus o encontrou.

Naquela noite, através de um simples viajante, Deus redirecionou o caminho de Leon, e mesmo que Jasper não fosse viver para ver, sabia que aquela conversa faria de Leon um grande homem de Deus, e assim Deus o fez, um homem que foi usado como canal de salvação para a ação do Senhor na vida de muitos.

03

LIBERTANDO-SE

Enquanto Tina e Leon estavam a caminho da Pansy, a foto com a garçonete foi publicada e todas as pessoas ao redor pareciam saber disso. O burburinho era notável ao passo que os dois travessavam o pátio de mármore branco até os elevadores, nos quais entraram em silêncio, um tentando decifrar a opinião do outro, como se aquilo fosse muito mais fácil do que apenas perguntar.

Quando o visor anunciou que haviam chegado à cobertura, as portas se abriram e Leon deu passagem para que Tina saísse primeiro. Estava um tanto nervoso, o que se intensificou ao atravessar a porta e ver o mar de funcionários que ocupava o local.

— Nós temos lugares separados lá na frente, mas Ches me mandou uma mensagem pedindo para passarmos no camarim antes — Leon explicou próximo à lateral do rosto da mulher para que ela pudesse ouvir.

— Tudo bem.

A escritora assentiu e o seguiu.

Os elevadores ficavam nos fundos do teatro, então os dois atravessaram pelo corredor entre as cadeiras acolchoadas na cor marsala, até chegarem ao palco dourado, com cortinas do mesmo tom das cadeiras. Tina estava maravilhada com o lugar a ponto de Leon lhe tocar o ombro para despertá-la e conduzi-la até o camarim, à direita do palco.

— Ele deve estar no camarim do Nathan — Leon disse chamando a atenção da moça.

— Nathan Strove também escreve? — questionou com a voz esganiçada. — Pensei que ele fosse jogador de futebol.

— Ele é, o mais novo a passar no Drafit — Leon anunciou com orgulho. — A tia Sofia nunca gostou de muita exposição, mas como fundadora da Pansy acredita que deve participar na representação do Nathan. E, bom, ele não canta nada mal.

Ergueu os ombros.

— Já vi alguns vídeos dele cantando na igreja — Tina comentou.

Os dois seguiram até a porta branca, gravada com o nome Nathan Strove em dourado.

— Cada um de vocês tem um camarim? — Tina questionou, e Leon parou com a mão na maçaneta.

— Os nomes são modificados de acordo com quem se apresenta, não é como se fosse dele. São apenas salas que se localizam por trás do auditório e intitulamos de camarim — explicou por

cima do ombro e adentrou o cômodo. — Chegamos.

Nathan e Chester, que minutos antes estavam deitados cada um em um sofá, levantaram-se em um salto. Tina riu do susto dos dois, e Leon se jogou no sofá, encorajando-a a se sentar do lado dele. Os rapazes a cumprimentaram com um aperto de mão, e Tina teve a leve impressão de que Nathan estava passando mal de alegria por tê-la ali.

— Fico feliz de estar conosco, Tina — Chester disse, ocupando sofá em frente ao que ela acabara de se sentar. Nathan fez o mesmo, pondo-se ao lado do assessor. — Acredito que Leon explicou para você sobre a colaboração para engajar a imagem de vocês, certo?

A escritora apenas assentiu com a cabeça e Leon se empertigou no sofá.

— Tiramos algumas fotos hoje. — O roteirista entrou no diálogo

— Muito bom. Eu tenho planos para hoje, será a primeira aparição oficial de vocês como amigos de infância. — Ches sacou o celular do bolso, desbloqueando a tela e indo em busca de suas anotações nas notas do celular. — Achei! Vamos usar a foto publicada pela Sofia e um registro do show de talentos. Publicaremos em conjunto com uma legenda breve, que ressalte o fato de vocês estarem trabalhando juntos agora.

— Vamos tirar uma foto aqui?

Leon maneou a cabeça para o lado em confusão.

— Na verdade, não.

Ches encarou Nathan, que comprimiu os lábios.

— Hoje eu não vou me apresentar. — Nathan se levantou, erguendo as mãos para o alto. — E como a mamãe precisa de uma representação da família, penso que pode ser uma boa ideia você e Tina fazerem isso.

O jogador mal concluiu a frase, e Leon já gargalhava alto. Levantou-se do sofá e pôs a mão na cintura, ainda rindo. Tina, por sua vez, tinha os olhos brilhando em expectativa. Junto do assessor, Nathan analisava as feições antagônicas dos outros dois à espera de uma resposta, que veio rápida e confusa.

— Sim!

— Não!

Os escritores declararam aos mesmo tempo e se encarram, surpresos. Tina franziu o cenho, boquiaberta, e Leon fechou os olhos com força, posicionando o topo do nariz entre o polegar e o indicador.

— Como assim você está cogitando se apresentar para aquela multidão de funcionários sem nem mesmo saber o que faremos?

Leon voltou a encarar a moça, horrorizado com o que acabara de ouvir. Tina se manteve firme.

— Vai ser divertido. Pelo que já acompanhei nas outras edições, são momentos de descontração, não precisa de preparo. Vamos lá! — declarou um tanto frustrada pela negativa do rapaz.

A escritora assistira a todos os shows de talentos da Pansy, sempre imaginando o dia em que poderia estar ali também. Fazer parte de um propósito dentro de uma empresa era algo que a fazia se sentir em uma missão. Cada funcionário ali escrevia para um chefe em comum, e ele não era Leon, era Deus.

Os roteiros da Pansy alcançavam as pessoas que precisavam conhecer Jesus, e ela queria com tudo de si se sentir parte daquilo. Todos os anos aquele momento acontecia para aproximar os funcionários e aumentar a visibilidade da empresa. Apresentar-se com Leon seria uma enorme oportunidade de o mundo vê-los juntos, Chester estava certo e Tina sabia disso, mas seu amigo de infância parecia não entender.

— Não sou bom em público. Que ideia maluca foi essa? — Leon se dirigiu aos dois rapazes com ar de acusação. — Vocês sabem que não participo disso.

Negou como um menino birrento.

— Esse ano pode ser diferente e você não vai estar sozinho. — A voz de Nathan saiu mais baixa que o habitual, revelando seu receio em opinar.

— Além disso, vai ser perfeito, esse vídeo vai atrair olhares para o trabalho de vocês. — Chester se levantou e seguiu em direção ao chefe. — Pense bem, Leon. Isso aqui não é sobre você. Não estamos fazendo nada que fuja do padrão bíblico; sem enganações, serão vocês dois como são. E através disso mais pessoas conhecerão a Pansy e os livros da Tina.

— Eu não tenho talento além de escrever, Ches! Isso não vai dar certo! — choramingou.

— O que vamos apresentar? — Tina tomou a frente da conversa, e Nathan apontou o celular para ela com uma cena de *High school musical.*

— Meu Jesus, eu quero fazer isso! Eu quero mesmo fazer isso! — O sorriso da mulher não se cabia no rosto de tão largo. Ela caminhou em direção a Leon e apontou o celular. — Olha só, Leon, é a cena mais linda de *High school musical*: a audição do Troy e da Gabriella.

— Vou ter que cantar? — A voz de Leon saiu esganiçada e ele arregalou os olhos, abrindo a boca. — Eu não sei cantar!

— Você não é de todo ruim — Nathan afirmou e Ches concordou com a cabeça.

— Não vou fazer isso, está decidido!

Leon negou com a cabeça e seguiu em direção à porta com Tina em seu encalço.

— Escute, Leon! — Tina chamou sua atenção, fazendo-o parar. — Sei que não nos conhecemos muito bem, mas isso é muito importante para mim. Não só para que os livros alcancem mais pessoas, e sim porque é verdadeiramente importante para Barhi.

Quando o rapaz a ouviu dizer o próprio nome pela primeira vez desde que se conheceram, ele soube que faria aquilo. Leon a encarou, piedoso, e a mulher sustentou o olhar brilhante em sua direção. Havia outro meio de eles direcionarem mais olhares para seus trabalhos evangelísticos, ele sabia disso, por isso não aceitara o show; no entanto, aquela era sua única chance de mostrar à mulher que ela podia confiar nele.

Leon sempre acreditou que, ao compartilhar com alguém o que lhe era importante, a reação da pessoa mostrava a forma como ela faria parte de sua vida. Ao ouvir a escritora referir a si mesma como Barhi, ele soube que gostaria de ser quem a ajudaria a voltar a ser apenas Barhi Valentina, com nome de princesa. Encarando-a nos olhos, supôs que havia muito por trás de Tina Partridge que ele queria como nunca descobrir.

— Isso é mesmo importante para você? — questionou, amável, com os olhos brilhando.

— Sim — ela respondeu de pronto, confirmando com a cabeça.

Ele fechou os olhos com força, buscando dentro de si uma coragem que havia muito tempo julgava não existir mais.

— Então vamos fazer isso.

Leon abriu os olhos, e Tina os percebeu escurecer com o brilho que emanava deles.

A garota o fitou, surpresa, e em seguida esticou os lábios em um sorriso genuíno, que sussurram um agradecimento involuntário. Mais uma vez, Leon Strove a fizera se sentir importante para alguém. Tina retornou aos seus quatro anos, quando ainda era Barhi, e se sentiu uma vez mais amada pelo rapaz, que, embora não a conhecesse muito, parecia navegar nas mais profundas águas da sua alma.

Após muita insistência, os três conseguiram convencer Leon a colocar o figurino, que consistia em um uniforme branco com listras laterais em vermelho, calça e jaqueta, tal como Troy estivera vestido na cena que os dois interpretariam. Tina, por sua vez, trajava uma saia florida, uma blusa lilás por cima e o jaleco branco de Gabriella. Os dois aguardavam nas cadeiras na primeira fileira.

— Não acredito que vou fazer isso.

Leon puxava e soltava o ar em uma tentativa de relaxar, e Tina o encarou de rabo de olho.

— Vai ser divertido. É só olhar para mim, eu já assisti tantas vezes que sei tudo de cor — afirmou, gabando-se, e o rapaz sorriu de lado.

Após mais algumas apresentações um tanto engraçadas, Chester e Nathan apareceram para anunciar que era chegada a hora. Leon parecia prestes a desmaiar, havia perdido toda a cor e o suor frio descia por suas costas.

— Espere aí — Tina disse de repente. — Quem vai ser a Kelsi?

Nathan levantou a mão com um sorriso, e Barhi e Leon gargalharam alto; pelo menos o comentário servira para distrair o roteirista, que, depois, parou de súbito, encarando Nathan com os olhos semicerrados.

— Você não disse que não ia se apresentar?

— E não vou. — O primo negou com a cabeça. — As estrelas são vocês.

Sorriu e Leon negou com a cabeça.

— Genial! Adorei a adaptação! — Tina elogiou Nathan, que retribuiu com um sorriso gentil.

Os quatro se dividiram em duplas, Nathan e Leon foram a uma ponta da cortina, e Chester e Tina para a outra. A meia-luz amenizou o ambiente, tornando-o aconchegante e anunciando o início da apresentação. A plateia ficou em silêncio, e assim que a cortina abriu, um verdadeiro show começou.

Leon e Tina ocupavam o centro do palco, as mãos entrelaçadas, como no filme. O rapaz estava nervoso e o olhar apaixonado de Troy foi substituído por um de puro desespero. Tina o encarou com um sorriso sereno, que o acalentou um pouco.

— Só se diverte — sussurrou, lançando uma piscadela, e ele fechou os olhos, deixando-se levar pelas notas do piano.

Soltaram as mãos, e Leon começou a cantar:

— *We're soarin', flyin', there's not a star in heaven, that we can't reach.*

O rapaz manteve os olhos fechados.

— *If we're trying. So we're breaking free* — Tina cantou, e Leon abriu os olhos para contemplá-la.

Ao encarar a mulher à sua frente, Leon se sentiu voltar no tempo. As roupas da escritora o faziam se lembrar de sua época de colegial, quando evangelizava garotos e falava de Jesus para uma ou duas pessoas. Quando ainda não era Leon Strove, e sim apenas Leon.

Deixou-se mergulhar na melodia e na letra. Pegou a mão da mulher, olhou para a plateia cantando a estrofe seguinte, já não mais tomado pela timidez. Logo após, mais um trecho foi entoado por Tina, que o encarou nas duas primeiras frases, então os dois encerraram a estrofe, juntos, voltando-se para a plateia. Nesse momento a música mudou o seu curso, com a chegada da bateria.

— *We're breakin' fere.*

Leon segurou o microfone em uma das mãos e espalmou a outra no ar.

— *We're soarin, flying* — Tina cantou, repetindo o gesto do rapaz, em seguida repousou a mão em seu coração.

Os dois seguiram com a letra, a mulher gargalhou do rapaz e cantou com vontade, acompanhando-o. Ambos seguiram para lados opostos do palco e dançaram a sua versão do que lembravam do filme, passinhos de um lado para o outro e dedos estalando. O refrão foi finalizado, Tina se lembrou de ser a hora para retirar o jaleco e o jogou para o canto do palco.

— *Can you feel it building*. — Leon arriscou um *moonwalk*, que fez a plateia aplaudir com gritinhos de aprovação. — *Like a wave the ocean just can't control*.

Apontou para a escritora, que ainda gargalhava da cena.

— *Connected by a feeling, ohh in our very souls*.

Tina mexeu os ombros de um lado para o outro e apontou em direção ao rapaz, que se aproximou, cantando junto com ela o restante da estrofe.

Ao que o refrão chegou, Leon rodopiou ao redor da garota, e ela girou no ar com a mão livre para cima. Esboçavam sorrisos satisfeitos e já não se importavam mais com onde estavam ou se muita gente os assistia; naquele momento, só se sentiam jovens de novo, com tudo que ainda poderiam viver e fazer, escolher e colher.

Um momento mágico, no qual receberam o coração de uma criança, pulsando forte dentro do peito. Eles deslizavam pelo palco, rodopiando e se deixando levar pela música ao realizarem passos desengonçados e livres, com sorrisos largos e olhos brilhando.

— *More than chance, more than fate*.

Leon modificou a letra da música e Tina sorriu.

— *This is true, this is god*.

A escritora também improvisou e ambos se olharam, cúmplices.

O restante da música foi cantada de um para o outro, não de forma romântica, mas encorajadora. Eles contagiaram a plateia, que se levantou para dançar as últimas estrofes, como aconteceu no filme. Quando Tina e Leon se deram conta, todos já estavam vibrando no ritmo da música e por um segundo, quase no fim, Leon viu a garotinha de sua infância.

— *If we're trying, yeah! We're breaking free* — Leon e Barhi cantaram juntos, segurando forte o microfone, olhando fixamente um para o outro.

Suas feições eram de pura diversão e pertencimento.

Nas estrofes seguintes, Leon guiou Barhi a fazer alguns giros, que saíram um pouco desengonçados e os fizeram gargalhar; então declararam, juntos, o fim do refrão. Ao cantarem a última estrofe, a escritora descansou a cabeça no ombro de Leon, ambos fecharam os olhos e deixaram as palavras escaparem de seus lábios.

— *You know the world can see us, in a way that's diferente than who we are*.

A cortina fechou e eles voltaram para a realidade.

Leon respirou fundo, recuperando-se, enquanto Barhi parecia ter levado uma grande descarga elétrica. Seguiram lado a lado para um espaço aberto nos fundos do teatro, onde Leon costumava roteirizar quando ninguém mais estava trabalhando lá.

O pequeno espaço era composto por um sofá de pallet, que possuía dois lugares e um acolchoado de couro marrom, de frente para a cidade iluminada. Era um cantinho mais reservado, com a companhia apenas de alguns jarros de plantas.

— Não acredito no que fiz — Leon disse, atônito, jogando-se no sofá.

— Eu é que não acredito no que fiz. — Foi a vez de Barhi declarar com a voz esganiçada, sem conseguir conter os pulinhos de comemoração.

Se alguém os visse de longe, jamais acreditaria que, minutos antes, os dois viveram a mesma experiência. Leon riu da comemoração da moça e se lembrou do que ela dissera no camarim; embora ainda não tivesse entendido o motivo daquele momento ter sido importante, ele

acreditava ser uma perfeita oportunidade para descobrir.

— Sente-se, senhorita — Leon pediu, gentil, e se afastou para o lado, traçando uma distância razoável entre os dois. — Acha que somos amigos o suficiente para eu saber por que isso foi tão importante? — perguntou com o olhar fixo nos pontinhos de luz dos prédios de São Francisco.

— Era o sonho da Barhi adolescente. Sempre quis viver um momento como esse. Bom, acredito que por isso os escrevia.

Sentou-se ao lado do rapaz e passou a admirar a vista, sentindo o vento gelado bater no rosto.

— Agora está explicada a sua obsessão por sempre fazer os casais cantarem juntos em algum momento. — Leon a fitou, arrancando da mulher uma expressão surpresa. — Você não achou mesmo que eu iria roteirizar livros que nunca li, achou? — questionou, zombeteiro, e ela riu.

— Faz sentido. — Assentiu com a cabeça. — Gostou de Lê-los? — perguntou um tanto insegura, e ele afirmou com a cabeça. — Fico feliz. — Sorriu amarelo.

Permaneceram em silêncio por alguns segundos, cada um absorvendo o que o momento os fizera lembrar. A vida dos dois fora cheia de renúncias — usar os talentos que tinham em nome de Deus, e nada mais. Não era uma escolha fácil, ainda que fosse um privilégio.

A escritora se sentia em paz, como se enfim entendesse que chegar até ali era necessário, embora soubesse que poderia tê-lo feito com mais confiança em Deus, no que Ele poderia fazer através dela, e não no que ela poderia fazer para Ele.

— Nunca nem fui em um caraoquê. — Leon quebrou o silêncio e soltou um riso.

— Eu nunca fui no píer de Santa Mônica — confessou Tina, encarando-o em seguida. — Isso nos fez ser quem somos hoje.

Leon negou.

— Acho que tivemos tanta vontade de trabalhar para o reino de Deus, que acabamos nos esquecendo de Eclesiastes 3.

— Pulamos o tempo do descanso por vinte e seis anos. — Tina se assustou com a própria fala.

— Mas isso também é quem nós somos. Se tivesse ido ao píer, certamente teria encontrado alguém distante de Jesus e o convidaria a se aproximar.

Sorriu singelo e a mulher concordou com a cabeça.

— Ou estaria na roda-gigante do lado de uma pessoa precisando de uma palavra de encorajamento.

— Esses somos nós — falaram juntos e gargalharam em seguida.

— Acho que temos de aprender a descansar com o óleo necessário para as lamparinas — Tina verbalizou algo que vinha pensando semanas antes.

— Como assim? — Leon indagou, curioso e admirado.

— Sempre sonhei em conhecer esse lugar. — Apontou para si. — Sempre senti que a minha vida estava acontecendo em algum lugar distante, inacessível, e eu estava apenas tentando chegar lá.

— Lá onde?

Encarou-a, confuso.

— Em um lugar que o sol finalmente brilhasse para mim.

Ela sorriu um pouco amarga com a lembrança.

— E ele deixou de nascer algum dia?

— Na verdade, acho que eu que perdi a oportunidade de o contemplar. Sempre preocupada em trabalhar para publicar livros e um dia conseguir desfrutar disso.

Suspirou, encolhendo os ombros.

— Ele brilhou quando você publicou seu primeiro livro?

Uniu as sobrancelhas em desconfiança.

— Ele brilhou quando conheci Jesus. — Ambos esboçaram sorrisos genuínos. — Sabe, Leon, as cinco virgens que estavam com a lamparina acesa na chegada do noivo descansaram antes de Ele vir, a diferença é que estavam com o óleo.

Encarou os prédios.

— E o que isso significa? — incentivou a amiga a continuar.

— Não há problema em dormir, o problema está em não ser prudente. — Encarou o rapaz. — Poderíamos ter descansado um pouco desde que não nos permitíssemos nos acomodar.

— Ainda podemos fazer isso agora que entendemos.

Piscou.

— Em um show de talentos.

Gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Está dizendo que cantar HSM comigo em um show de talentos foi um descanso? — ironizou.

— Descanso da mente. Obrigada por isso.

— Você disse que era importante — constatou, olhando-a nos olhos.

— E foi motivo o bastante para você seguir com a ideia.

Retribuiu o olhar e o direcionou para a paisagem.

— Acho que é um bom começo para a nossa amizade.

Levantou-se, estendendo a mão para que ela fizesse o mesmo.

— Será melhor ainda se você me levar para comer em algum lugar de comida barata e estranha.

Tocou no estômago com uma feição pedinte.

— Um paladar um tanto refinado, eu diria.

Começou a caminhar.

— Espere só até ver o que eu cozinho!

Ela o seguiu.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco , 2018

A garota olhou para o espelho e encarou mais uma vez a maquiagem borrada e as olheiras profundas de alguém que não dormiu na noite anterior. Seu único desejo era encarar seu reflexo e enxergar alguém que valesse a pena ser, mas os sentimentos que rondavam sua mente estavam longe de a pintar como a princesinha que já fora um dia.

— Que maravilha é você, Barhi — desdenhou do reflexo no espelho. — Vamos lá, você consegue. Menos um dia.

Desde da morte do pai quase um ano antes, Barhi se esforçava para lidar com a situação. Tentara fazer terapia algumas vezes, no entanto não conseguira fazê-lo com a frequência ideal. A culpa crescia cada dia mais dentro de si, e ela vivia em meio ao medo de encarar tudo de novo. Havia seis meses não visitava a avó, que fazia questão de lembrá-la que era o motivo da morte do pai. E ainda que não a visse, sua mente repassava cada palavra dita pela senhora no dia do acidente.

Barhi saiu do banheiro e foi em direção ao armário, vestiu o uniforme do trabalho e penteou os cabelos ondulados, prendendo-os em um rabo de cavalo. Após checar os livros na bolsa, virou-se para o espelho e encarou as olheiras tão grandes que já encontravam as delicadas sardas de seu rosto. Tentou sorrir, em vão, então caminhou até a porta e desceu as escadas, encontrando a mãe à mesa da cozinha.

— Bom dia, princesa — Jamie saudou a filha, que a retribuiu com um beijo no topo da cabeça antes de seguir em direção à geladeira. — O que pretende fazer em sua sexta de folga? Poderíamos ir juntas à igreja — sugeriu, levando a xícara de café à boca sem tirar os olhos da Bíblia em suas mãos.

— Meia folga, você quer dizer. — Barhi pegou um pouco de suco e pôs no copo, devolvendo a jarra para a geladeira. — Vou trabalhar na Mara pela manhã e à noite vou à biblioteca da faculdade.

Tomou um gole de suco, e a mãe se levantou em um salto, andando em sua direção.

— Voltou a escrever?

Os olhos de Jaime brilharam em expectativa, mas tão rápido quanto se acenderam, trataram de murchar ao ver a filha negar com a cabeça.

— Vou estudar. Este semestre está muito difícil, e não posso reprovar em matéria alguma.

Bebeu o restante do conteúdo do copo e o apoiou no balcão à sua frente.

A mulher abraçou a garota e ambas fecharam os olhos, apreciando o momento. Barhi sabia que a mãe logo faria um de seus discursos cristocêntricos… Embora não tivesse nada contra Deus, não via motivos para ser tão religiosa.

— Sinto muito, princesinha. Sinto tanto — disse, apertando a filha com toda força, e uma lágrima escapou dos olhos de Barhi, mesmo que estivessem fechados.

A garota se surpreendeu ao constatar que a mãe não lhe passaria um sermão, então a abraçou e se permitiu sentir um pouco de afeto, mesmo acreditando que não o merecia. Às vezes um abraço ou até mesmo um carinho na mão lhe faziam falta, porém não pediria aquilo nem mesmo à mãe. Quem não sente o carinho também não vê a dor.

Mal constatara aquilo, e passou a viver. O abraço que trocava com a matriarca trazia lembranças que preferia esquecer. Suas barreiras, por mais bem construídas que fossem, não eram páreas para o afeto, e cederam sob o peso do fardo que tentava carregar sozinha.

— Eu sei, mamãe. Eu também sinto tanto. — Abraçou a mãe mais forte e ambas começaram a chorar sem cerimônias. — Sinto muito por ter tirado o papai de você, por você ter perdido o seu grande amor. Me desculpe — Barhi disse em meio aos soluços.

A mãe a encarou, estupefata.

— Você não tem culpa, Barhi. — Negou com veemência. — Não importa o que a sua avó disse, você não é a culpada pelo que aconteceu, minha filha! — A mãe segurou firme nas mãos da garota, que fechou os olhos com força. — Foi um acidente.

— Causado por mim!

Encarou a mãe ainda em seu abraço, e Jaime negou com a cabeça. Permaneceram abraçadas por um tempo, mas logo a jovem voltou a erguer as barreiras, enxugou o rosto, despediu-se da mãe e seguiu em direção à porta, deixando a mais velha com o coração apertado de preocupação. Barhi colocou os fones e depois pôs as mãos no bolso do casaco, andando até o fim da rua, onde dobrou a esquerda e chegou ao ponto de ônibus.

A menina se sentou no banco vazio e relaxou os ombros, deixou a música clássica invadi-la. Seu coração parecia acelerar ao ritmo de cada novo instrumento a se juntar à melodia ao que um misto de pensamentos voava sobre si. Ela começou a se sentir sufocada. Algumas lágrimas escaparam de seus olhos, e ela abraçou o próprio corpo.

— Está tudo bem. Não precisa ficar assim — consolou a si mesma, olhando de um lado para o outro à procura de seu ônibus.

Desejava com tudo de si voltar a escrever, voltar a frequentar a igreja. Desejava tanto querer viver, contudo não conseguia. Como poderia voltar a viver se acreditava que sua existência era um erro? Sua cabeça latejou, e ela fechou os olhos em busca de se concentrar, abrindo-os em seguida apenas para fitar o nada. Era por isso que não conseguia acreditar que poderia voltar a viver.

Era como se não pudesse, como se algo a envolvesse e não a soltasse. Como voltar a viver quando tirara a vida de alguém? Como conseguir ser feliz se era a responsável pelas noites infelizes da mãe? Como seguir a vida se a avó parecia presa naquela noite? Era injusto demais.

Fechou os olhos com força e respirou fundo, levantando-se. Secou as lágrimas, segurou firme a mão direita em uma tentativa de controlar os dedos que tremiam e passou a praticar a técnica de respiração que a psicóloga ensinara. Ao respirar, as palavras da mãe ecoavam em sua mente: “Eu clamo, e Ele me dará resposta, e na adversidade Ele estará comigo; Ele me livra e me cobre de honra. Vida longa, ô meu Senhor, dê-me e me mostre a sua salvação”.

O salmo que tanto recitara na infância ecoava em sua cabeça, e mesmo que ela não acreditasse

que merecia algo de Deus, Ele parecia aliviar as suas crises. Quando a tremedeira amenizou, Barhi viu o ônibus surgir em seu campo de visão. Assim que o veículo parou à sua frente, ela embarcou e encontrou apenas três passageiros. Seguiu até a última poltrona, sentando-se próximo à janela.

Por mais que a rotina de trabalhar para concluir a faculdade de inglês fosse cansativa, ela queria fazer aquilo pelo pai — queria voltar a escrever, queria que seus sonhos revivessem e que a morte dele não tivesse sido em vão.

Embora quisesse, não conseguia, mas mantinha a fagulha de esperança de que, algum dia, viveria um pouco melhor.

04

A PRINCESA BARHI E O CRISTALZINHO DE HOLLYWOOD

Nos dias que antecederam a segunda aparição deles, Leon e Tina trocaram algumas mensagens cordiais. Era certo que a produção dos roteiros dos livros de Tina seria iniciada nas semanas seguintes, no entanto era necessário que a amizade dos dois ficasse cada vez mais evidente.

Com esse pensamento, Chester avaliou as agendas deles e decidiu que o melhor momento para uma aparição pública era durante o piquenique infantil na igreja que Tina frequentava. Era por isso que os dois estavam juntos numa manhã de sábado.

— Então, o que terei de fazer? — Leon perguntou a caminho da congregação, as mãos firmes no volante e a feição ansiosa.

— Pode me ajudar a contar a história do nascimento de Jesus — Tina respondeu, abrindo o livro de couro branco em suas mãos. — No fim de semana passado, eles aprenderam sobre a criação do mundo e a entrada do pecado. Agora vamos estudar sobre o nascimento do nosso Redentor — concluiu com gestos animados, e recebeu um sorriso de lado em resposta.

— Lembro quando aprendi o plano redentor de Deus.

Virou a cabeça na direção da mulher por um breve segundo, voltando a atenção para a estrada à frente.

— Você ainda era criança?

Abraçou a Bíblia aberta na altura do coração e dedicou sua atenção ao homem.

— Sim, eu tinha nove anos. Quem me ensinou foi um grande homem de Deus, Jasper. — Leon encarou a pista, saudosista, e os olhos começaram a queimar. — Ele já está com Jesus por essas horas, mas só eu e Deus sabemos o quanto sua instrução salvou a minha família.

— Também aprendi na infância, mas meu coração não era um solo fértil. Só fui conhecer Deus de verdade aos vinte anos — lamentou. No entanto, logo sorriu e se voltou à Bíblia. — Quero que essas crianças saibam quem Ele é.

— É para isso que escrevemos, princesa Barhi, para que as pessoas saibam.

Piscou para a garota.

O apelido adentrou os ouvidos da mulher como uma música cuja letra parecia não concordar com a suavidade da melodia. Barhi lhe era um nome amargo de pronunciar, apenas a família ainda a chamava assim, como seu pai. Nunca foi reconhecida pelas pessoas como algo além de Tina Partridge. Era uma sensação estranha, ainda que um tanto reconfortante.

— Para que elas saibam como é diferente viver uma vida debaixo do amor de Deus — completou, ignorando o apelido.

O rapaz movimentou a cabeça para cima e para baixo em concordância.

— Ele está conosco nos dias felizes e nos consola nos tristes.

Inclinou a cabeça, fazendo um bico, e Tina sorriu.

— Ele nos perdoa e nos cerca de amor.

Olhou para a estrada e sentiu o coração aquecer.

— Ele é tudo que sempre procuramos.

Leon sentiu os olhos queimarem.

— E não há nada que se compare a chegar ao fim do dia entendendo que há alguém com quem contar para sempre.

Tina deixou lágrimas solitárias escorrerem pelo rosto.

O coração dos dois se encheu de gratidão, e um filme começou a passar em suas mentes: as noites em que oraram chorando; as pessoas que os ajudaram; as provações que viveram; as vezes que puderam ouvir testemunhos de pessoas que desfrutaram da transformação divina em suas vidas, assim como eles, através de suas histórias. Aquilo parecia não ter preço, porém foi pago em uma Cruz, e isso os comovia.

— Nunca amei tanto na vida como O amo. — Leon sorriu, emocionado.

— Eu também não consigo explicar o que sinto. — A mulher enxugou as lágrimas, rindo. — Só O amo com tudo de mim e é bom, recíproco e inexplicável.

Os dois gargalharam alto e enxugaram as lágrimas. John Mark Pantana cantava baixinho no som do carro, e os dois permaneceram em silêncio, até que a igreja surgiu no campo de visão de Leon, que logo estacionou o carro e o contornou, abrindo a porta para que Tina saísse.

— Obrigada.

A mulher aceitou a mão de Leon, que a ajudou a desembarcar.

— Agora é você quem guia o nosso caminho, princesa Barhi.

— Você está em boas mãos, cristalzinho de Hollywood. Não há com o que se preocupar. — O rapaz relaxou os ombros e a encarou com um esticar de lábios, negando com a cabeça. Aquele era um apelido adotado pelos fãs depois que um deles o chamara assim em um tuíte viral. Pelo jeito, sua nova amiga também decidira usá-lo. — Vamos falar com o pastor Owen primeiro.

Ela o puxou pela mão. Caminharam em direção à porta dupla de madeira, que se destacava na fachada branca. Ao entrarem, soltaram as mãos, e Leon sentiu como se estivesse alcançado o céu, mesmo estando na Terra.

As paredes eram brancas, adornadas por uma caligrafia impecável que destacava alguns provérbios e salmos. O pé-direito era alto, e o rapaz se surpreendeu ao ver um céu desenhado no teto, com luzes amarelas e brancas, que, em conjunto, conseguiam deixar a pintura mais linda ainda.

Separados por um corredor, havia dois conjuntos de bancos de madeira de cada lado, esticando-se até o primeiro degrau de mármore do pequeno púlpito. No fundo deste, os instrumentos estavam organizados em um palco de cinco centímetros de altura em frente a uma parede de vidro.

Leon parou de andar e, estupefato, contemplou a opulência da beleza que era a paisagem do outro lado da janela: um campo verde com uma cruz ao meio, cercado por muitas árvores, que embelezavam ainda mais a vista; pela grama, foram espalhadas várias toalhas para o piquenique e, em cada uma delas, havia inúmeros pratos de comida.

Tina o encarou com os olhos brilhantes e um sorriso genuíno. Ela também se sentira assim na

primeira vez que estivera ali.

— Gostou?

Cutucou o amigo com o cotovelo, e ele apenas afirmou com a cabeça antes de levar a mão à boca.

— Nunca estive em uma igreja tão linda na vida.

Os olhos claros do rapaz brilharam em um contraste perfeito com o tom escuro de sua pele.

A escritora gargalhou baixo, puxando-o igreja adentro. Já no fim do corredor, saíram por uma porta lateral que levava ao paraíso exposto pela parede de vidro. A paisagem se provou ainda mais bonita ali, completa por uma fonte branca à direta da cruz, fora da visão da janela.

— Nós que construímos — ela comentou, despertando-o de seus pensamentos.

— A fonte ou a cruz?

— Os dois. — A mulher riu. Um homem de quarenta e poucos anos se aproximou deles. — Bom dia, pastor Owen, esse aqui é o Leon, meu colega de trabalho — apresentou, e o homem o cumprimentou com um aperto de mão e um sorriso alegre.

— Como é bom ter você aqui, Leon! Tina me contou sobre seu trabalho. — Esboçou uma feição carregada de satisfação. — De qual comunidade você é membro? — perguntou sereno, e Leon colocou as mãos no bolso.

— Congregava na mesma igreja desde que nasci, fica em Carmel. Atualmente sou membro de uma igreja Batista, aqui em São Francisco.

— Muito bem! — Assentiu. — Sinta-se à vontade para nos visitar sempre que quiser. Se Tina o trouxe aqui, é porque é um grande homem de Deus.

O homem encarou a escritora, que assentiu.

— Pensei que ele poderia me ajudar com as crianças hoje, tudo bem?

Entrelaçou os dedos das mãos na altura do peito, encarando o pastor, que apenas assentiu.

— Então podemos começar. — Sorriu para o pastor e tirou a Bíblia debaixo do braço. — Com sua licença, pastor, temos que ir.

A escritora se virou para Leon, que abaixou um pouco a cabeça para o pastor e se despediu com um aceno, seguindo-a.

Os dois seguiram para perto das toalhas de piquenique, e Tina cumprimentou alguns irmãos no caminho até a maior árvore, onde uma grande toalha quadriculada fora esticada e cercada por várias almofadas. Os galhos, que faziam sombra, sustentavam lamparinas de madeira com luzes de LED, deixando o ambiente acolhedor. Tudo era muito caprichado e aconchegante.

— Vamos nos sentar aqui e esperar minha mãe trazer as crianças.

Tina conduziu Leon ao meio do círculo de almofadas e os dois se sentaram.

— Posso segurar a Bíblia para você.

Leon pegou a Bíblia da mão da moça.

— É claro que preparei tudo que vou falar, mas isso não quer dizer que não possa me ajudar a contar a história.

Sorriu, afável.

— Do nascimento de Jesus.

Ela aquiesceu, e Leon abriu a Bíblia no evangelho de João, pondo-se a ler em voz alta, até que alguns versículos depois Jaime chegou com uma fila de crianças agitadas, que foram instruídas a se sentarem nas almofadas.

— Vamos prestar atenção, a Barhi tem algo muito importante para contar para vocês hoje — a mais velha afirmou, como se contasse um segredo, e as crianças olharam para Tina.

— Você casou, Tininha? — perguntou uma menininha de feição angelical e cabelos crespos e

escuros.

— Não. — A mulher negou com a cabeça. — Esse aqui é o Leon, e ele vai me ajudar a contar um segredo muito bom para vocês hoje.

As crianças ficaram agitadas, os olhinhos brilhando em expectativa, antes de se juntarem aos adultos e rirem. Tina fez um gesto para que elas voltassem a atenção para Leon.

— Olá, crianças. Sou o Leon, amigo da Barhi! — o rapaz se apresentou.

As crianças o encaravam com sorrisos amistosos, que aqueceram seu coração.

— E o que vamos contar para vocês está lá na Bíblia. — A mulher pegou o livro das mãos de Leon e o levantou. — Quem aqui trouxe a Bíblia para ler comigo hoje?

— Eu! — gritaram a maioria das crianças, e Tina fez uma careta teatral para repreender a quantidade de barulho.

— Podem abrir no evangelho de Lucas, capítulo dois? — solicitou, e o som de folhas batendo umas nas outras cortou no ar.

Leon ajudou algumas crianças a acharem o capítulo antes de voltar a se sentar, dessa vez no meio de dois meninos, que dividiram as Bíblias com ele.

Tina pediu que ele ministrasse uma oração inicial; assim, as crianças fecharam os olhos e deram as mãozinhas umas para as outras. Depois, uma criança de doze anos passou a fazer a leitura das passagens.

— Aqui podemos ver que Maria e José tiveram de viajar para que José participasse de uma contagem da população. Imaginem só como eles devem ter ficado com medo ao ver que Jesus nasceria ali, longe de seus familiares e sem ter nem mesmo um local para o nascimento — Tina resumiu com uma entonação didática.

Leon acompanhava tudo, maravilhado.

— Eles devem ter ficado com medo — uma garotinha loira disse e outras concordaram, exceto o garoto que estava ao lado de Leon.

— Mas Maria tinha Deus dentro da barriga dela, como que ela ia ficar com medo?

A pergunta fez as crianças ficarem agitadas, e elas começaram a discutir sobre quem acreditava que a garotinha estava certa e quem, por sua vez, defendia a tese do garoto. A escritora chamou a atenção dos pequenos, porém não obteve sucesso.

Leon começou a falar e os pequenos se acalmaram.

— Na verdade, José e Maria eram humanos, e por isso sentiam medo; é natural. A Bíblia diz que na hora do medo devemos confiar no Senhor, no entanto isso não quer dizer que não o sentiremos. — Leon olhou para todas as crianças. — Quem aqui tem medo do escuro? — A maioria das crianças levantou a mão. — Mas Jesus está com vocês, assim como estava com Maria. Isso quer dizer que, mesmo com medo, devemos confiar na provisão de Deus.

— E essa provisão veio — Tina tomou a fala. — Deus preparou o local perfeito para o nascimento de Jesus na cidade de Belém, em uma simples manjedoura. As pessoas acreditavam que Ele viria como um homem rico, mas Isaías já profetizava que Ele seria rejeitado pelo povo.

— Como as pessoas não amaram Jesus se Ele era tão legal? — questionou uma garotinha ruiva, frustrada, e Tina levou o indicador ao queixo, esboçando um semblante pensativo.

— Somos malvados desde que Adão e Eva pecaram, lembra? — Tina recordou, e a garota assentiu.

— Era necessário que fosse assim para que o plano de Deus para nós se cumprisse. — Leon olhou para Tina, receoso, e ela o encorajou a prosseguir. — Deus é muito bom com a gente, não é? — Acenos de cabeça em concordância. — Deus é bondoso, mas é justo. Nós não fomos inocentados, fomos culpados e alguém pagou pela nossa liberdade.

— Jesus, lá na Cruz. — Um garoto de oito anos apontou para a cruz à esquerda.

— Sim, na Cruz. — Tina sorriu, orgulhosa. — Porque Ele nasceu para nos salvar. Escutem bem o que a Mary vai ler agora. — A mulher olhou para a garota. — Pode ler os próximos versículos, por favor, Mary?

A menina confirmou com a cabeça e se pôs a ler. À medida que a garota lia os versículos, as crianças fixavam os olhos nela, curiosas ao desfecho da história. Quando ela terminou, Tina se levantou e Leon, assim como as crianças, fez o mesmo.

— Os anjos anunciaram aos pastores que Jesus era o salvador. Ele realmente nasceu para nos libertar.

Tina se posicionou no centro da roda.

— E o preço dessa liberdade foi muito alto — Leon complementou a fala da mulher, que assentiu.

— Então todos nós somos culpados pelo sofrimento de Jesus? — questionou uma criança de apenas sete anos com os olhos marejados, e Tina sorriu, afável.

— Sim. *Porém*… — chamou a atenção da menininha, que baixava a cabeça, triste — Ele ressuscitou. E está vivo, e um dia retornará para nos buscar.

— E nós vamos morar com Ele no céu, em um reino justo e feliz. — Leon encorajou com um sorriso de orelha a orelha, que logo foi refletido no rostinho da garota.

A cena contagiou as crianças, que se agitaram, e os dois adultos riram dos pulinhos animados e gritinhos escandalosos. Uma moça com cerca de vinte dois anos se aproximou acompanhada de um rapaz que carregava um violão.

Ao que se aproximaram do grupo, algumas crianças correram ao encontro dos dois para abraçá-los.

— Calma, calma! — pediu a mulher ruiva e tentou administrar as crianças que a abraçavam ao mesmo tempo.

— Vamos fazer algo muito legal agora. Alguém sabe o que é? — O rapaz que a acompanhava levou a mão ao queixo em dúvida, e as crianças pularam, levantando a mão.

— Eu sei, seu sei! — gritavam em uníssono, fazendo os adultos rirem

— Vamos louvar ao Senhor! — ele mesmo respondeu com um sorriso, levantando o dedo indicador para o céu.

— E para louvar ao Senhor precisamos nos acalmar, certo, Kate?

Tina moveu as mãos e chamou as crianças de volta para a roda.

— Sim!

As crianças, orientadas por Leon e Tina, fizeram um círculo ao redor da dupla. Depois, ficaram do lado de fora do círculo, com uma visão privilegiada das crianças e dos cantores. Quando o rapaz começou a dedilhar o violão, a escritora sentiu uma paz alcançar o íntimo do seu ser; ali estava a música mais linda que já ouvira na vida, Isaías 53.

Kate cantou a primeira estrofe, e as crianças a acompanharam, como um lindo coral celeste. Leon fechou os olhos e se permitiu cantar também, mas a moça não conseguia proferir palavra alguma. Seu coração queimava e as lágrimas desciam devagar.

Ela O amava com tudo que havia em si e reconhecia o quão pecadora era na presença de seu Deus santo. Em certo ponto da canção, sua voz enfim passou a sair como um fio tímido e carregado de um misto indescritível de sensações.

— *And He was wounded* — cantou com as mãos no coração. — *Because of our sins*[1].

Quão distante ela já se encontrara de um Deus que tanto fizera para se manter perto. Não havia nada acima da bondade, justiça e misericórdia de Deus. Era nítido ao declararem a música o

quanto todos se encontravam imersos em uma atmosfera de arrependimento e graça. O encontro perfeito, o pecador arrependido com seu salvador.

— Isaías 53 vai nos mostrar como o nosso Deus é bondoso, crianças. — Tina foi até ao meio da roda. — Somos uma criação desobediente, nós O ferimos muito antes da cruz, quando decidimos escolher o fruto mau.

Os olhos da mulher estavam cheios de água, e as crianças permaneciam de olhos fechados, algumas já chorando.

Tina olhou para Leon com uma expressão encorajadora, e ele entendeu o que ela queria. Caminhou até a roda e se colocou entre duas crianças, que o encararam com sorrisos largos, antes de voltarem a baixar as cabeças e fechar os olhos.

— Ainda assim Ele nos quis, porque o próprio Deus desceu do seu lugar de glória e veio para lutar por nós. — Leon tomou a palavra. — Ele não enviou um anjo, Ele veio. Ele foi maltratado no nosso lugar. Ele tomou para si um fardo que era nosso e por isso hoje temos paz, somos curados.

— E o que começou no calvário deve continuar através de nós. Somos responsáveis por falar sobre Jesus para todas as pessoas — Tina concluiu, e o casal de cantores prosseguiu com o refrão da música.

Assim que a música terminou, Jaime foi até as crianças e as convidou a se acomodarem nas pequenas toalhas de piquenique para comerem. Tina e Leon, que se dispuseram a ajudar a alocar as crianças, logo se sentaram na companhia de Jaime, Kate e o marido dela, Justin, que cantara com ela minutos antes.

Pouco tempo depois, as crianças chamaram por Tina e Leon para brincar, e eles atenderam de pronto. A manhã estava amena, nada fora do clima comum de São Francisco. Leon jogou futebol com as crianças maiores, e Jaime pintou com um pequeno grupo embaixo de uma árvore, enquanto Tina se dispunha a contar histórias bíblicas.

Em meio a uma das histórias, Mary ergueu a mão em um pedido para ir ao banheiro. Tina pausou a narração para acompanhá-la, ouvindo as outras crianças começarem a conversar entre si.

As duas caminharam de mãos dadas até a entrada lateral da igreja. Em vez de seguir até o banheiro, Mary se sentou em um banco com os olhos marejados.

Tina ficou assustada e foi se acomodar ao lado da menina.

— Quer me contar o que aconteceu?

— Eu xinguei minha mãe antes de vir para cá. Eu não queria ter agido assim, Tina! — O choro aumentou. — Eu gritei com ela. Sinto muito!

— Você sabe que o Senhor nos ensina a honrarmos nossos pais, certo? — Mary aquiesceu, fungando. — E você acredita que o que fez alegrou a Deus? — Ela negou e fechou os olhos com força, chorando ainda mais. — O que Deus é para você, Mary?

Tina acariciou os cabelos da menina, que a encarou, surpresa.

— Eu… — Tentou formular uma frase, mas nada saiu. — Eu não seria nada sem Ele… Foi Ele que me deu tudo que tenho e eu O magoei.

Secou as lágrimas, que ainda insistiam em cair.

— E Deus é importante o bastante para você não querer magoá-lo? — A menina concordou. — Então fale isso para Ele. — Barhi foi se ajoelhar em frente à menina. — Diga para Ele que se arrepende, que não queria tê-lo magoado. A Bíblia nos diz que há perdão para aqueles que se arrependem de todo coração, que a oração do humilde é ouvida.

Sorriu sem mostrar os dentes, e a garota mordeu o lábio inferir, receosa.

— Falar com Ele?

— Sim. Vou esperá-la no começo da trilha, e você pode conversar com Ele. Deus conhece o seu coração. Se você se arrepender, ele a perdoará. E tem mais — a escritora sorriu, levantando o indicador —, você pode pedir para que Ele lhe dê graça para não fazer isso de novo. Não é pelas suas forças que você vai conseguir tratar melhor a sua mãe, mas pela graça de Deus agindo aqui. — Barhi apontou para o coração da garota. — Quando você chegar em casa, é importante pedir perdão a ela.

A mulher depositou um beijo no topo da cabeça da garota e a deixou no banco, caminhando até o começo da trilha. Pelo canto dos olhos, viu a menina ajoelhada com as mãos unidas e os olhos fechados. Deus a fez perceber que levar o evangelho a toda criatura também incluía as crianças, que elas também precisam de perdão e reconciliação.

Tina avistou Leon caminhando em sua direção e foi o encontrar no meio do caminho. Percebeu que, um tanto suado, ele havia dobrado as mangas da camisa branca até a altura dos cotovelos e mantinha as mãos escondidas no bolso da calça preta de alfaiataria. Ele parecia mais radiante do que o vira nos últimos dias, talvez pela interação com as crianças.

— Mais uma partida de futebol e eu vou desmaiar — dramatizou com uma careta e buscou fôlego.

— Você é muito mole. — Tina gargalhou, e ele semicerrou os olhos. — As crianças não entendem que você é o cristalzinho de Hollywood.

— E posso saber onde você encontrou esse apelido?

Cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado, encarando-a.

— No Twitter. — Ergueu as mãos. — Foram seus fãs que criaram. — E espremeu os lábios, contendo uma risada

— Vou aceitá-lo, então, princesa Barhi Valentina.

Ele a encarou com uma expressão pedante, deixando-a boquiaberta e estupefata.

— Nossa amizade está indo longe demais!

Ele riu, mas logo deu um tapa na própria testa.

— Esquecemos a foto.

— Podemos tirar agora. — Barhi sacou o celular e olhou ao redor. — Na fonte — sugeriu, apontando. — Mãe! — chamou.

A mulher mais velha não demorou a aparecer.

— Precisa de alguma coisa, querido? — Jaime tocou o ombro do rapaz com gentileza, olhando-o de forma amável.

Tina a encarou, estupefata.

— Mãe! — repetiu, indignada. — Sou eu que preciso de você, sua filha!

— Ora, deixe de ser dramática, Barhi! Estou aqui para você também. — Abraçou a filha, que sorriu e a encarou de lado. — É que Leon é nosso convidado.

— Estou ótimo, senhora Partridge, muito obrigado. — O tom do rapaz era amável. — Apenas precisamos tirar uma foto — explicou.

— Na fonte. — Tina apontou e a mãe a soltou, batendo palmas, empolgada.

— Venham, venham! — Caminhou à frente, chamando-os com a mão, e eles riram da cena. — Vai ficar linda!

Tina e Leon se sentaram lado a lado na borda da fonte, observando Jaime parecer travar uma batalha contra o celular, mandando-os trocar de pose e expressão.

— Outra pose. Se aproximem mais!

Jaime gesticulou para que a filha se aproximasse mais de Leon, e a mulher corou ao seguir o

conselho. Dando impulso com a mão, ela chegou bem próximo ao rapaz. Contudo, antes que pudesse fazer qualquer outra coisa, sentiu uma dor aguda na mão esquerda. Com o susto, ergueu-se por puro reflexo, perdendo o equilíbrio. Em uma tentativa de se manter em pé, segurou-se nos ombros do rapaz, que, pego de surpresa, não conseguiu ajudar.

O som dos corpos caindo na água chamou a atenção de todos, que se viraram para ver o que estava acontecendo, apenas para encontrar as pernas de Tina e Leon para fora da fonte, e riram.

Leon conseguiu se ajoelhar e ajudou a mulher a se sentar. Trocaram um olhar encabulado e começaram a rir. Jaime batia foto atrás de foto com um sorriso satisfeito. As crianças, por sua vez, correram em direção aos dois, prontas para pular, mas foram impedidas pelo pastor Owen, que ria da cena.

Por fim, Leon se conteve e saiu da fonte, ajudando a amiga a fazer o mesmo. Os dois batiam os queixos de frio, até que Kate surgiu com duas toalhas, envolvendo-os no tecido macio, ao que eles encaravam as pessoas com os olhos cheios de vergonha.

— Acho que a partir de agora podemos realizar os batismos aqui. O que acha, querida? — Owen se dirigiu à esposa, que estava ao seu lado com um sorriso no rosto.

— Excelente ideia. — Becky gargalhou, e as pessoas ao redor a acompanharam.

— Nos desculpem! Que confusão! — Leon fez uma careta de frustração.

O pastor riu.

— Não tem problema, vocês não foram os primeiros cair. — O pastor sorriu, amistoso, e Tina gargalhou com a lembrança.

— No primeiro culto nesta igreja, o pastor estava conversando comigo e com a Becky aqui, sentadinho na borda da fonte…

— Ele se desequilibrou e caiu com a Bíblia e tudo — Becky concluiu, arrancando mais risadas dos outros.

Alguns minutos depois, as pessoas se dispersaram. Já menos constrangidos, foram ao banheiro para se livrar do excesso de água e, então, eles se despediram dos adultos e trocaram abraços — ainda molhados — com as crianças.

Por fim, foram até o carro de Leon. Durante o trajeto até a casa de Tina, conversaram sobre a Bíblia e sobre histórias de romance, cantaram louvores e se divertiram com o incidente na fonte. Aquela amizade despertava algo novo e empolgante, ainda não descoberto por nenhum dos dois.

Depois de se despedir do rapaz e ao esperar o elevador, Tina aproveitou para ver as notificações em seu celular. A foto deles já estava por toda a internet, e os fãs atrelavam a cena ao clássico *Diário de uma princesa*.

Tina abriu um largo sorriso ao ver uma manchete sobre a foto dos dois.

Tina Partridge e Leon Strove estão mais próximos do que nunca.

Há quem afirme que os dois são o mais novo casal de Hollywood, com direito a uma cena digna de filme de comédia romântica.

Ainda tomou um tempo para analisar as fotos dos dois juntos que a mãe postara alguns minutos antes. Com um sorriso largo, bloqueou a tela do aparelho e o colocou no bolso.

Apesar de estar em um terreno desconhecido, Tina estava animada para descobrir o que mais viveria ao lado do amigo de infância.

. Em tradução livre: E Ele foi ferido pelos nossos pecados.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

São Francisco, 2010

A passos lentos, Leon foi casa adentro depois do horário combinado — acabara perdendo a noção de tempo na biblioteca da escola. Queria poder dizer que sentiu surpresa ao ver a tia adormecida no sofá, com os cabelos loiros espalhados pelas almofadas, enquanto a mulher estava encolhida, os fios arrepiados contra a pele branca denunciando o frio. Em frente a ela, na mesinha de centro, papéis estavam espalhados ao redor de um notebook aberto, e deduziu que a mulher usara o tempo livro para escrever.

Silencioso, atravessou a sala e subiu a escada. Ainda cauteloso, abriu a porta do quarto ao lado do seu a fim de saber se o primo estava bem. O garotinho dormia esparramado na cama, embalado pelo balançar das cortinas. Leon aproveitou para fechar a janela antes de ajeitar o cobertor sobre o primo e lhe dar um beijo na testa. Sem tirar a mochila das contas, acomodou-se na beirada do colchão, dedicando alguns minutos para contemplar a criança que devolvera a vida à tia.

Amava aquele menino como a mais ninguém.

Enfim, saiu do quarto com igual cuidado, fechando a porta atrás de si, e foi guardar a mochila no próprio. Com um suspiro, foi ao quarto da tia, organizando-o de forma a deixar a cama livre. Em seguida, configurou o despertador e voltou à sala, tocando o braço de Sofia e a ajudando a se levantar.

Sem abrir os olhos, ela se permitiu apoiar no garoto e subiu as escadas. Leon suspirou de alívio ao chegar ao topo, depois de ter carregado o peso da tia degraus acima. Colocou-a na cama, cobrindo-lhe e apagando o abajur.

— Boa noite, que Deus lhe dê bons sonhos — declarou e fechou a porta.

Ainda havia alguém naquela casa que o interessava: Norah, sua mãe. Leon nunca deixara de a amar, mas confessava que seu coração se partia um pouco mais a cada dia ao vê-la se entregar ao vício. Seguiu em direção ao quarto da mulher e a encontrou encarando a vitrola, que tocava uma melodia triste. Em sua mão, uma taça de vinho e, sobre a mesinha de cabeceira, Leon notou uma carteira de cigarro.

O garoto adentrou o quarto, soltando um suspiro cansado, que despertou o olhar da mãe. Os olhos claros da mulher estavam opacos e os cabelos cacheados agora formavam um emaranhado de fios rebeldes. Ela inclinou, lentamente, a cabeça para o lado, encarando-o de rabo de olho.

Leon acabou com a distância que os separava e colocou a mão sobre o ombro da mãe. Tudo dentro de si doía. Seu coração latejava e os olhos começavam a marejar, mas ele não se permitiria chorar naquelas circunstâncias; era o homem da casa, afinal.

— Como foi seu dia? — Norah sorriu, triste, com o olhar baixo e a voz quase inaudível.

— Vamos levantar daqui? — Leon acariciou o cabelo da mãe, e ela fechou os olhos, desfrutando do gesto. — Amanhã você precisa trabalhar cedinho.

O garoto sorriu sem mostrar os dentes e conteve as lágrimas que lutavam para cair.

— Sinto muito por ser assim… por não ser alguém para você, Leon. Eu sinto tanto…

Norah deixou algumas lágrimas escaparem de seus olhos vermelhos.

— Amanhã conversamos melhor.

Leon espremeu os lábios finos em busca de controle.

— Eu tento todos os dias. — A voz da mulher estava embargada, e Leon suspirou, fechando os olhos. — Mas é tão frustrante querer tanto uma coisa e não poder ter, tentar suprir essa dor. — Bateu forte no peito, e Leon teve de a impedir para que não se machucasse. — Eu não consigo ser mais forte, Leo.

Norah encarou o filho como se suplicasse por ajuda e então algumas lágrimas rolaram pelo rosto do garoto.

— Está tudo bem, mamãe. Nós vamos tentar.

Abraçou os ombros da mãe, que o envolveu pela cintura e passou a chorar freneticamente.

Essas eram as noites que marcavam a mente do rapaz. A mãe vivia uma vida triste. Ela se continha o dia todo, porém as noites eram difíceis. O choro era sempre presente e, em algumas luas, acompanhava o álcool. Leon e Sofia acreditavam na terapia, em uma clínica de reabilitação e na fé, contudo a mulher se recusava a tentar continuar.

— Podemos tentar ir na Dr. Grayce de novo.

A mulher se desprendeu do abraço do filho e enxugou as lágrimas antes de tentar se levantar, mas não conseguiu se manter de pé, sendo sustentada por Leon. A feição pálida da mãe indicava que ela estava tonta, então ele a direcionou até o banheiro.

Norah se ajoelhou em frente ao vaso e vomitou. Leon segurava os cabelos dela e sentia o coração estilhaçar em milhões de pedaços.

O garoto se ajoelhou, apoiou a mão livre nas costas da mulher e fez um carinho ali. Norah parou de vomitar e passou a chorar com tanta força que sua cabeça girava, parecendo prestes a explodir. O rapaz a abraçou e os dois, juntos, no chão do banheiro, deixaram a dor escapar.

— Eu amo você — Norah disse apertando o filho

— Eu também a amo. — Acariciou os cabelos da mãe. — Vamos superar isso. Deus dá graça, mamãe!

Ela assentiu e permaneceu ali por alguns segundos, até o garoto a ajudar a tomar banho e a colocar na cama.

Quando a mãe enfim adormeceu, Leon voltou ao próprio quarto e se prostrou no chão, suplicando ao que as lágrimas caíam sem nenhum controle:

— Por favor, a liberte. — Escondeu o rosto nos joelhos e chorou com mais intensidade. — Eu sei… — fechou os olhos com força, buscando a voz, reprimida pelas lágrimas — que não merecemos, mas, se for da sua vontade, se assim quiser, tenha misericórdia de mim, Pai. Não consigo vê-la assim.

Leon sentia o coração arder e um peso se formar em seus ombros. Não conseguia controlar as lágrimas, os lábios tremiam e sentia como se mãos invisíveis espremessem sua cabeça. O corpo do rapaz parecia vibrar e ele segurou a cabeça com as mãos trêmulas a fim controlar a dor.

Levantou a cabeça e uniu as mãos ao peito, apertando-as com toda a força que ainda lhe restava.

— Jesus, filho de Davi, tenha misericórdia de mim — suplicou, elevando os olhos para o céu. — Eu quero ver… — Soluçou. — Quero vê-la curada e sei que o Senhor tem o poder de fazê-lo com apenas um toque.

Por fim, inclinou o corpo até que o rosto estivesse apoiado no chão, permitindo-se chorar até a alma esvaziar. A dor que sentia era tão forte que mal podia continuar impassível. Não conseguia erguer a cabeça, não conseguia sair daquela posição. De todos os anos que convivera com a doença da mãe, aquele estava sendo o mais difícil.

— Eu suplico, porque sei que me ouve. Atende-me em tua vontade. — Enxugou as lágrimas e, com esforço, voltou a erguer a cabeça. — Obrigado por cuidar de nós — agradeceu com os olhos marejando. — Obrigado por nos proteger e nos manter em tua graça. — Leon se sentou no chão, com as pernas formigando. Abraçou os joelhos e fechou os olhos. — Louvado seja o Senhor por sua obra em nossas vidas. Eu o amo.

Vários minutos mais tarde, o rapaz se levantou e foi dar uma última olhada na mãe, depositando um beijo em seu rosto sem vida. Desligou o abajur e saiu de vez, fechando a porta atrás de si.

Foi ao banheiro, onde fez sua higiene, já sentindo o coração mais leve.

Por fim, sentou-se à escrivaninha em seu quarto e leu um capítulo da Bíblia, orou e, por fim, adormeceu com a esperança de que dias melhores estavam por vir. E, mesmo que não os alcançasse, ainda teria o Senhor, ainda que não fosse em vida terrena, ele um dia viveria em glória.

05

EU SINTO MUITO

— Passei anos acreditando que tudo que aconteceu foi culpa minha.

— E o que o fez pensar diferente?

— Alguém já havia pagado o preço pela minha culpa. — Eloi aprofundou o olhar no escuro da floresta. — E no fim eu entendi que não era culpado de algumas coisas, me tornei o meu próprio deus, concentrando tudo sobre mim. A morte do meu irmão… Pensei ser minha culpa e me odiava por isso. Odiava quem eu era, porque olhava demais para mim e me esquecia de que fui criado para viver para o outro.

Havia mais de duas horas que Tina e Leon estavam lendo o primeiro livro publicado pela escritora. Depois da repercussão do show de talentos e do incidente na fonte na semana anterior, era bom serem vistos juntos outra vez, em especial ao notarem que as vendas dos livros de Tina haviam triplicado ao passo que os maiores sucessos da Pansy voltaram a ocupar os *Trending Topics.*

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — Leon retirou os óculos e encarou Barhi, que apenas abaixou o livro e assentiu. — Quem é Eloi na sua vida?

A escritora ficou em silêncio por alguns segundos, um pouco surpresa com o questionamento. Ponderou se valeria a pena compartilhar algo tão íntimo e, por fim, preferiu ser vaga.

— É apenas um personagem.

Deu de ombros e o rapaz revirou os olhos.

— Princesa Barhi Valentina, eu sou escritor e você é minha amiga de infância — caçoou e ela riu, negando com a cabeça. — Você terá de ser um pouco mais convincente.

— Nem todos os personagens que escrevemos falam algo sobre nós.

Ela se levantou, seguindo em direção ao frigobar.

— Nem todos — concordou. — Mas esse tem muitas características suas. — Leon sorriu, maroto. — Ele não gosta do primeiro nome. — Ergueu o indicador. — Eloi ama escutar histórias e escrevê-las. — Ergueu mais um dedo, e Tina retornou à poltrona com um copo com água, levando-o à boca. — Por último, e eu julgo ser a maior evidência — arqueou uma sobrancelha —, ele tem o olhar em formato de meia-lua e sardas no rosto, tal qual alguém que eu conheço.

Barhi gargalhou alto e precisou se esforçar para não deixar a água cair. Colocou o copo sobre a

mesinha de centro e olhou para Leon, que a encarava, confiante. Ele era um bom observador, tinha de admitir, assim como também era intrometido, tal qual um escritor nato.

— Acho que a sua pergunta foi mal planejada, cristalzinho de Hollywood — desdenhou, e Leon levou a mão à testa, rindo.

— Vai mesmo usar esse apelido cruel? — choramingou.

— É claro que sim! É o que ganha por ficar me chamando de princesa Barhi Valentina quando sabe muito bem que ninguém conhece esse nome.

— A Bíblia diz para não pagar o mal com o mal — Leon afirmou, erguendo o indicador.

— Ela também diz para não praticar o mal. — Sorriu amarelo, e ele ergueu as mãos em rendição. — A pergunta certa seria: que culpa você carrega, visto que retratou a si mesma em seu personagem?

Bateu as mãos as entrelaçando em seguida, e Leon a encarou com os olhos semicerrados.

— Então, Barhi Valentina — Leon mudou para um tom amável —, quer me contar que culpa é essa?

— Fiz algumas escolhas erradas na vida e acreditei que elas definiam tudo. Não conhecia o perdão de Deus e fui tão egoísta, tão centrada em mim mesma que acreditei que tudo era culpa minha, quando, na verdade, nunca tive o poder de fazer nada sozinha. Nem todas as coisas estão centradas em mim.

— Acabei por ser o contrário — comentou, pensativo. — Acreditei que eu era responsável por fazer as coisas darem certo, por isso nunca tive tempo de descansar. Acreditava que tudo só aconteceria se eu estivesse engajado em fazer. Demorei a perceber que eu era apenas um canal para que fosse feito, e não o autor.

Suspirou, relaxando os ombros.

— Que bom que evoluímos em Jesus.

Barhi soltou uma risada anasalada.

— Muita leitura bíblica e aconselhamento. Saber ouvir também é bom. Eu costumava detestar os sermões da tia Soso, agora suplico para que ela os faça.

— Faço o mesmo com minha mãe.

— Por falar em família, tenho um lugar para a gente ir hoje, caso queira, é claro.

Leon se levantou, indo em direção à sua mesa para pegar o celular. Após um minuto de procura, encontrou o banner do jogo de Nathan, que aconteceria dali algumas horas.

— Nathan vai jogar hoje? Que legal! — Os olhos escuros de Barhi brilharam. — Nunca fui em um jogo de futebol — declarou, devolvendo o celular para o rapaz, que a encarou, estupefato.

— Você nunca assistiu a uma partida de futebol americano? — Leon a encarou, boquiaberto, e ela negou com a cabeça. — Então vamos mudar isso agora.

Guardou o celular no bolso e foi até a mesa, pegando o relógio e o colocando no pulso.

— Agora? — Barhi se levantou. — Não sei bem se estou vestida apropriadamente.

— Posso deixá-la em casa para que se troque enquanto vou até a minha fazer o mesmo e depois volto para buscá-la. Use uma calça jeans e um tênis, com uma blusa qualquer. Eu levo uma do time para você.

— Não vou usar a blusa de time. Nem mesmo torço para um time! — Tina constatou, como se fosse óbvio, e Leon caminhou em sua direção, colocando as mãos sobre seus ombros, delicado.

— Você não torcia para um time. — Encarou-a nos olhos. — Hoje você vai torcer para o *San Francisco 49ers*. — Sorriu, traquina, e ela revirou os olhos, esticando os lábios em um sorriso sem graça. — Hoje você é Barhi Valentina, a que tem nome de princesa e veste blusa de time. — A moça gargalhou, escondendo o rosto com as mãos, e ele a soltou, acompanhando seu riso. —

Agora precisamos ir. — Caminhou até a porta com a chave do carro em mãos, e a moça assentiu, seguindo-o. — Você me passa seu endereço?

Abriu a porta para ela.

— Estou de carro, posso encontrar com você por lá também — sugeriu, andando ao lado do roteirista, que negou com a cabeça.

— Eu passo para buscá-la.

A moça apenas deu de ombros e balançou a cabeça em concordância. Os dois caminharam até o elevador, que se localizava ao fim do corredor, e Leon apertou o botão para solicitá-lo.

— Vai ser divertido! — Leon garantiu por cima do ombro.

— Não sei, não! Acho que vários caras se empurrando por uma bola não será muito agradável.

O elevador chegou e Leon deixou que ela entrasse primeiro.

— Você sairá de lá com a mente transformada, eu creio no meu Deus.

O elevador chegou ao térreo, onde os dois se despediram e cada um seguiu uma direção. Tanto Barhi quanto Leon esboçavam sorrisos de satisfação por todo o caminho de volta para casa.

A escritora estacionou sem se importar se o fizera bem, e cruzou o estacionamento do prédio a passos rápidos até o elevador.

Ao chegar em casa, foi recebida por Polar, seu chihuahua branco. Pegou o animalzinho no colo e o cheirou, caminhando até a cozinha e abrindo o armário, retirando de lá um pacote de ração. Devolveu o cachorrinho ao chão e despejou a ração no pote, colocando-o ao alcance de Polar, que passou a comer.

Tina atravessou a sala repleta de móveis em madeira antiga e alcançou a porta de seu quarto. Não conseguia imaginar o que poderia acontecer nas próximas horas. Era fato que nunca fora a um jogo de futebol americano, contudo era um fato ainda maior nunca ter tido a menor vontade de ir.

— Só o Senhor sabe o quanto detesto violência. — A mulher iniciou um diálogo com seu Deus. — Sei que não é bem assim. Sim, eu sei que não é como se fosse algo planejado para machucar, mas ainda assim…

Sentiu um arrepio subir a espinha e balançou a cabeça em negação, indo em direção ao closet. Seguiria o conselho do amigo, decidindo vestir uma calça jeans, uma blusa qualquer e uma sandália branca de salto baixo. Certo, ele dissera tênis, só que ela não usava tênis para ir a lugar algum se não a academia. Pegou a roupa e a sandália e seguiu para o banheiro.

Após um longo banho, Tina secou o cabelo e se vestiu, fez uma maquiagem leve e calçou seu saltinho minúsculo. Olhou-se no espelho e sentiu falta de algo — uma bolsa! —, então pegou uma pequena bolsa de couro vermelho; acreditava já ter visto a camisa do time de Nathan e poderia jurar que era vermelha. Analisou-se em frente ao espelho mais uma vez e seu telefone tocou. Era Leon.

— Estou descendo.

Arrumou o cabelo volumoso e seguiu até a saída do apartamento.

— Tudo bem. Estacionei do outro lado da rua, cuidado ao atravessar.

Leon desligou e Tina arregalou os olhos. Nunca havia tido contato com alguém tão cuidadoso com ela. *Nada como um escritor de romance*, pensou e riu, negando com a cabeça. Em poucos minutos, a garota se encontrava na portaria do prédio, atravessando a rua movimentada com muito cuidado.

Leon a esperava do lado de fora do carro, vestido com uma calça jeans folgada e a blusa do *San Francisco 49ears*. O uniforme vermelho realçava o tom de pele marrom-avermelhado do rapaz e sua franja modelada se partia ao meio da cabeça, o que fez Barhi se lembrar do garotinho

de sua infância.

— Olá, princesa Barhi Valentina. Pronta para a melhor noite de todas?

O rapaz abriu um sorriso amarelo, sendo retribuído pela mulher.

— Então o cristalzinho de Hollywood veste calça jeans e blusa de time? — caçoou do rapaz, que costumava usar roupas sociais.

— Digamos que o Nathan me passaria um grande sermão se eu não aparecesse com a blusa da sorte dele no jogo.

Leon virou de costas, e Barhi pôde visualizar o nome de Nathan na camisa.

— Esse é o uniforme dele?

— Sim, e eu sempre assisto todos os jogos com ele.

Leon abriu a porta do passageiro e Barhi entrou.

— Obrigada. — O rapaz apenas sorriu e fechou a porta, contornando o carro. — Então você assiste todos os jogos do Nathan?

Leon afivelou o cinto e assentiu.

— Não perdi nenhum até agora. Independente da minha agenda, sempre estou lá, com o uniforme dele. — Sorriu, orgulhoso. — É a minha forma de dizer que o apoio, sempre.

— Isso é tão bonitinho.

Tina deu um pulinho de empolgação e o rapaz sorriu.

— Fofa — disse, olhando-a de rabo de olho. — Ali tem uma sacola. — Apontou com a cabeça para o banco de trás do carro. — Você pode se trocar no banheiro quando chegarmos.

— Essa também tem o nome do Nathan? — caçoou, e Leon riu afirmando com a cabeça. — Imaginei.

Pegou a sacola e a colou no colo.

Leon levou a mão ao som do carro e *I want it that way* começou a tocar, fazendo Barhi olhar para ele com os olhos arregalados e a boca aberta. Leon gargalhou com a empolgação da garota, que começou a cantarolar a música, estalando os dedos.

— Nós elevamos o nosso padrão de amizade neste momento, Leon! Backstreet Boys é o que nos une agora.

— E a escrita! — Inclinou a cabeça, rindo, e ela concordou com um múrmuro. — E Jesus!

— Sim! — declarou, inclinando a cabeça para cima, e o refrão da música chegou.

— *Tell me why, ain't nothin but a heartache* — cantaram juntos, e Leon aumentou o som pelo volante do carro. — *Tell me why ain't nothin' but a mistake!*

— Tell me why, I never wanna hear you say… — Barhi cantou sozinha, com a mão fechada para imitar um microfone.

Leon a encarou de rabo de olho.

— *I want it that way* — o roteirista cantou, finalizando o refrão, e baixou um pouco o volume.

— Acho que podemos cantar essa no próximo show de talentos — Barhi disse, e Leon soltou uma risada pelo nariz

— Nunca mais me peça para subir em um palco.

Virou-se para encará-la, e ela esboçou um sorriso traquina, encolhendo os ombros e voltando a cantar a música.

Tão logo a canção acabou, outros clássicos da banda soaram pelo carro, fazendo ambos cantarem e gargalharem de suas performances até chegarem ao estádio.

Leon estacionou e contornou o carro para abrir a porta para Tina, que agradeceu a gentileza com um aceno de cabeça.

— Chester e a tia Sofia devem estar no camarote nos esperando, lá tem um banheiro onde você pode trocar de blusa — explicou, pegando a sacola da mão dela e a guiando até a entrada. O lugar estava lotado, e Leon passou a mão na nuca em desconforto. — Você se incomodaria? — questionou, oferecendo o braço para ela entrelaçar o dela. — Está muito lotado, podemos nos perder.

— Tudo bem — disse, entrelaçando o braço no dele e sorrindo, singela.

— Vamos lá.

Leon conduziu Barhi pela multidão de pessoas.

No caminho até o camarote, foram inúmeras as vezes que Leon colocou o braço livre na frente de Barhi para que ninguém esbarrasse nela. A mulher sorria a cada gesto, sentindo-se em uma coletiva de imprensa, quando seus seguranças a protegiam.

— Estou me sentindo a própria Whitney em *O guarda-costas* — falou ao adentrarem o camarote, e Leon a encarou, confuso. — Você se esforçando para as pessoas não me tocarem, acho que vou o contratar como segurança.

O rapaz corou e deu um sorriso genuíno, que aqueceu o coração da moça.

— Vamos, o banheiro é por aqui.

Ele a guiou até os sanitários e segurou sua bolsa enquanto ela trocava de roupa.

Depois de dez minutos, a mulher estava na frente de Leon, com a blusa do time e um sorriso. Leon permaneceu alguns segundos a encarando e seus olhos brilharam, talvez fosse a luz do lugar. Barhi pegou a bolsa para guardar a blusa e depois Leon estendeu a mão, pegando o acessório de volta.

— Eu levo para você. Vamos?

Ela assentiu, e eles seguiram para as cadeiras do camarote reservadas para a família de Nathan.

— Minha tia vai amar conhecer você.

Apontou para Sofia, que registrava uma foto com Chester.

— Me conhecer? — questionou, surpresa, e Leon assentiu.

— Ela leu todos os seus livros — comentou a conduzindo até Sofia e Chester.

— Obrigada, Jesus.

Barhi fechou a mão e puxou o braço para baixo em um movimento de vitória. Leon sorriu.

— Até que enfim vocês chegaram.

Sofia andou em direção aos dois com um boné vermelho em cada mão, colocando-os delicadamente nas cabeças do sobrinho e da amiga.

— Tia Soso, que saudades de você!

Leon abraçou a tia, que retribuiu dando tapinhas em suas costas.

— Você que não vai mais em casa, sua mãe estava perguntando por você — repreendeu ela, e ele coçou o pescoço, em desconforto.

— Ela não vem?

— Ela precisou visitar uma irmã da igreja, mas disse para você ir lá e levar a nossa princesinha.

Sofia encarou Barhi com um sorriso simpático, e a escritora se encolheu com as bochechas coradas.

— Tia Sofia, essa é Tina Partridge! — Leon apontou para Barhi. — Tina, essa é Sofia Strove.

— É um prazer conhecê-la.

A moça estendeu a mão, que a roteirista aceitou de pronto.

— Você pode até ter estranhado o fato de Norah querer conhecê-la, mas é que todos nós lemos os seus livros e somos fãs do seu trabalho.

Tina escondeu o rosto com as mãos, envergonhada.

Barhi agradeceu a Deus por tê-la presenteado com aquele momento. Ouvir Sofia Strove elogiar os livros que o Senhor escrevera através dela era como ganhar um prêmio de escrita. Ela amava escrever, ouvir os depoimentos das pessoas impactadas, e saber que alguém com tamanha experiência gostava da sua escrita era como um bálsamo.

— Fico muito feliz com o que acabou de dizer.

Tina sorriu para a roteirista, que pegou na mão dela, fazendo um carinho.

— Não há de quê!

— Senhoritas — Leon chamou a atenção das duas —, o jogo já vai começar.

O adversário do *San Francisco 49ers* era o *Seattle Seahawks*. Os atletas adentraram o campo e, após a abertura, o jogo começou.

Ao ver os jogadores tão próximos uns dos outros, Barhi se sentiu perdida, sem conseguir identificar nem mesmo Nathan. Esforçava-se para ler o nome no uniforme, mas ainda não havia conseguido achá-lo.

— Onde está o Nathan?

Barhi se aproximou de Leon, que estava concentrado.

— Ele é o número 7. Quando ele tocar na bola você vai saber!

O rapaz abriu um sorriso maroto sem desviar os olhos do campo.

A garota deu de ombros e começou a procurar o camisa 7 entre os muitos jogadores que corriam e se amontoavam uns nos outros pelo campo. Foi só quando a bola encontrou Nathan que ela entendeu o que Leon quisera dizer. A torcida vibrou em uma só voz, todos gritavam pelo jogador.

Os três que a acompanhava ficaram em pé e, em menos de um minuto, ele havia feito algo que ela leu no telão como *touchdown*. A comemoração foi grande entre os torcedores vermelhos, e Leon a encarou com os braços erguidos e um sorriso genuíno no rosto.

— Agora o Robbie vai chutar para o gol.

Leon cutucou Barhi com o cotovelo, e ela forçou os olhos para identificar quem era o homem e onde estava a bola. Por Deus, estava perdia!

— Isso parece bom — disse cruzando os braços, e Leon riu.

— É ótimo, princesa Barhi. — Encarou a mulher por um segundo antes de voltar o olhar para o campo. — Caso ele acerte, teremos mais um ponto.

Após alguns segundos, a bola foi chutada e passou pela trave em formato de Y, fazendo a torcida toda vibrar. Barhi jogou os braços para cima, gritando de empolgação, movida pelo sentimento de saber que algo bom acontecera, mesmo não entendendo bem como ou o quê.

Leon gargalhou da mulher e ajeitou seu boné na cabeça. Os primeiros quinze minutos haviam se passado e o primeiro intervalo começou.

Tina e Leon estavam sentados, cada um com uma garrafinha de água em mãos, enquanto Sofia e Chester conversavam, empolgados, sobre algum assunto desconhecido pelos mais novos.

— Como está sendo sua primeira experiência?

Leon levou a garrafa até a boca e encarou Barhi, que encolheu os ombros.

— Eu não estou entendendo nada — confessou, frustrada, e o rapaz riu.

— Vou explicar. — Ele se empertigou na cadeira, e o semblante da moça se iluminou. — Vamos pelo básico, porque não temos muito tempo de intervalo. — A mulher assentiu. — O passe que vale a maior quantidade de pontos é o *touchdown*, seis pontos.

— Tudo bem.

— Quando o time consegue o *touchdown*, ele tem algumas opções, mas costumam optar pelo

chute ao gol, que vale um ponto.

— Foi o que aconteceu — concluiu, receosa.

— Exatamente! — Lançou um sorriso amistoso para a moça. — Para marcar o *touchdown*, o jogador precisa atravessar as dez jardas do campo adversário.

— Foi o que o Nathan fez? — Barhi deduziu, e Leon riu, concordando com a cabeça.

— Isso mesmo, minha cara amiga Barhi. É isso — disse, pousando a mão no ar, e ela habilmente a tocou em um *high five*.

O jogo foi retomado e, pelos quinze minutos seguintes, Leon sentiu um completo misto de emoções positivas. Barhi torcia como se entendesse todo o jogo, e ele a achava adorável por isso. Vez ou outra a encarava de rabo de olho e via a mulher concentrada no campo. Os dois pulavam, se frustravam com as pontuações do time adversário e gritavam tantas vezes o nome de Nathan, que estavam quase sem voz.

Nathan marcou mais uma pontuação máxima, e Barhi e Leon já estavam ao lado de Sofia e Chester, pulando em conjunto. As duas mulheres se encontravam lado a lado, e vez ou outra Sofia comentava algo no ouvido de Barhi, e assim se seguiram os últimos minutos de jogo.

No fim, a vitória foi do *San Francisco 49ers*, em um placar de 41 a 23.

Nenhum dos quatro viu Nathan após o jogo. Sofia e Chester tinham um compromisso, e Leon e Barhi estavam morrendo de fome, então decidiram por bem fazerem um lanche rápido antes de irem para casa. No caminho até o carro, Leon carregou a bolsa de Barhi e a guiou por entre as pessoas com cuidado, abrindo a porta do veículo para que ela adentrasse.

— Foi incrível!

Barhi sorriu animada para Leon, que acabava de se sentar no banco do motorista.

— Eu falei que você ia gostar. — Sorriu de lado, dando partida. — Muito bem, agora vamos à procura de uma comida simples, que não sabemos como é feita, mas que tem um gosto excelente.

Leon encarou Barhi com um sorriso e a mulher gargalhou.

— Você realmente sabe ser um bom amigo, cristalzinho de Hollywood.

— É uma conexão de infância. — Esboçou um sorriso zombeteiro. — Você sabe, princesa Barhi.

Piscou e ela sorriu.

Os dois seguiram caminho até a Union Square, no coração da cidade, onde encontraram um restaurante ao ar livre, com cadeiras de metal e ombrelones azuis. Leon puxou uma cadeira para Barhi, sentando-se em frente à mulher. Após analisarem o cardápio, Leon se dirigiu até o balcão e fez o pedido, retornado em poucos minutos com sanduíches e chás gelados, uma combinação estranha que o fazia feliz.

— Qual a possibilidade de você escrever uma história de romance entre um jogador de futebol e uma cantora?

Leon deu uma mordida no sanduíche e Barhi tomou um gole de chá.

— Nula. — Gargalhou da cara frustrada do escritor. — Sei que você consegue pensar em algo melhor.

— Uma pianista!

Estalou os dedos, sorrindo, e Barhi o acompanhou.

— Muito bom — afirmou. — Ele vai a um concerto dela.

— Porque a mãe o obrigou a ir — completou ele, tocando o indicador na mesa, e Tina balançou a cabeça em concordância.

— Ela estava se apresentando em um evento da igreja.

Abocanhou o sanduíche e teve de esperar Leon engolir o que havia colocado na boca antes de ouvir sua resposta.

— Ele também vai ser cristão?

Leon sorriu de lado.

— Claro. Ele vai usar a influência dele para que as pessoas conheçam o evangelho.

— Como o Nathan — Leon concluiu com a boca cheia, e Barhi riu.

— Temos uma história.

A escritora escorou as costas na cadeira, cruzando as pernas e mordendo o sanduíche ainda pela metade.

— Por que você escreve romances?

Leon encarou Barhi, que apenas deu de ombros.

— Não sei. — Sorriu sem mostrar os dentes. — Nunca tive uma boa experiência, na verdade. As ideias surgem e eu as escrevo.

— Nunca teve boas experiências… Quer dizer que teve más?

O rapaz sentiu um arrepio gelado percorrer a espinha, e a escritora balançou lentamente a cabeça em confirmação.

— Uma experiência ruim. Podemos classificá-la como péssima, talvez.

Soltou uma risada seca, mas Leon permaneceu sério.

— Alguém partiu seu coração, princesa Barhi?

Leon sentia o próprio coração batendo na garganta, não conseguia nem mesmo continuar a comer.

— Digamos que ele já estava partido antes. — Lançou um sorriso triste, colocando a comida sobre a mesa, e esfregou as mãos. Alguns minutos de silêncio, e Leon incentivou Barhi a continuar. — Eu era muito nova. Sentia culpa pela morte do meu pai e acabei conhecendo o West na faculdade. O decorrer é uma história feia. — Tina olhou para o chão e depois para frente, sem encarar Leon, que sentia a indignação crescer dentro de si.

— Não precisa contar se não quiser. — Leon se levantou em um impulso e se abaixou em frente à cadeira da mulher. — Não faço ideia do que ele fez para você, mas sinto muito.

Tocou nas mãos geladas de Barhi e lançou um sorriso singelo, que foi retribuído.

— Está tudo bem. — Tina encarava as mãos unidas. — Obrigada.

Leon a fitou por mais alguns segundos, com uma feição comovida ao olhar para a amiga e enxergar uma mulher um tanto ferida pela vida. Barhi, por sua vez, experimentava uma sensação nova, a de se sentir cuidada.

Havia muito tempo a escritora não conhecia alguém que se importasse de verdade. Poderia ser sincera consigo mesma e admitir que não era fácil para fazer amigos, porém Leon parecia querer mudar isso — e ele parecia já ter mudado.

O rapaz retornou ao seu lugar e ambos terminaram seus lanches, adentrando em assuntos mais amenos. A lua estava um pouco mais visível quando se puseram a caminhar em direção ao carro, permanecendo em um silêncio que não os parecia incomodar.

Leon sentia o prazer de estar ao lado da amiga enquanto ela ainda não se permitia sentir algo além de um grande embolo de emoções desconhecidas. Os dois, juntos, formavam um paradoxo de partes perfeitas, que se encaixavam uma na outra depois de um longo tempo ansiando completude.



MEMÓRIAS DE BARHI

São Francisco, 2018

Tina abriu os olhos, sentindo o peso do mundo todo em suas têmporas, e encarou o relógio na mesa de cabeceira. Uniu os cílios mais uma vez, respirando fundo. Ainda podia desfrutar de algumas horas antes de ir ao estágio, e de fato precisaria de cada minuto para conseguir chegar até lá e fingir estar tudo bem.

Fez um esforço descomunal para se levantar da cama. Todo o corpo doía. A sensação era de que suas pernas estavam inflamadas, e seus braços e costas pareciam quebrar a cada movimento que fazia. Deixou escapar lágrimas solitárias de dor e conseguiu se sentar na cama. Respirou fundo outra vez e soltou o ar pela boca, levantando-se e seguindo em direção ao banheiro a passos lentos.

— Você consegue, Tina. Você consegue — murmurou para si mesma enquanto seguia segurando nos móveis.

Ao atravessar a porta branca de madeira, acendeu a luz e deu de cara com seu reflexo no espelho. Os braços estavam cobertos de hematomas, e o rosto, com um pequeno corte na lateral na boca, frutos do último fim de semana. West saíra mais uma vez com os amigos e voltara completamente transtornado, implacável e irado com ela, sem nem mesmo ter dado um motivo sequer.

Tirou a roupa, evitando olhar no espelho e gemeu de dor quando precisou se abaixar para tirar a calça de moletom. Entrou no box do banheiro e encarou a água caindo. Fechou os olhos e ergueu o nariz, buscando dentro de si forças, que já estavam aos restos. Precisava das últimas gotas de coragem para entrar debaixo daquelas chicotadas impiedosas, que faziam seu corpo doer ainda mais.

O banho não durou mais de dois minutos, terminando com a mulher em lágrimas por não conseguir sequer espalhar o sabonete pelo corpo. Enxugou-se sem pressa e escovou os dentes. Saiu do quarto, indo em direção ao closet, que estava revirado de cabeça para baixo — West deixava tudo uma completa bagunça. Procurou uma blusa de mangas compridas e uma calça de alfaiataria e as vestiu, calçando um salto pequeno.

Encarou o namorado adormecido na cama e sentiu ainda mais nojo do que na noite anterior. Ela poderia até suportar que ele lhe batesse, mas jamais aceitaria que ele a violasse, por isso nunca sequer dormira com ele, nunca fora além de beijos, que nos últimos meses já não

aconteciam com frequência. Tina Partridge era a namorada perfeita de West, como um troféu a ser exposto, e nada além disso.

Ao sair do quarto, bateu a porta com força atrás de si a fim de acordá-lo e seguiu até a porta da casa, passando por ela e caminhando até a garagem. Havia três meses que morava naquela rua tranquila, e seis que namorava West. Haviam se conhecido na faculdade, contudo só se aproximaram durante um jantar da editora em que Tina estagiava. Após algumas conversas e charme, Tina e West decidiram morar juntos e firmar um namoro, que nos últimos meses estava a estilhaçando; sentia-se um prédio antigo, que a cada dia desmoronava um pouco mais.

— Tudo bem. Eu mereço isso. — Entrou no carro e colocou a bolsa no banco do passageiro. — Existe um propósito para tudo que estou passando. Estou pagando pelo que fiz. — Encarou os olhos no retrovisor, vendo-os se encherem de água. — Por que você sempre faz péssimas escolhas?

Dirigiu por cinco minutos, até começar a sentir a cabeça latejar sob os raios de sol, que a fazia querer gritar de dor. Parou o carro em um acostamento e retirou um analgésico da bolsa, consumindo-o sem água. O gosto de remédio sempre estava em sua boca, era amargo e a lembrava das escolhas que fizera. A cabeça latejava e os braços doíam a cada movimento que faziam para mover o carro.

— Mas que dor insuportável!

Bateu a palma da mão no volante, com força.

Após quinze minutos, que mais pareceram uma eternidade, enfim estacionou no prédio da editora, pegou a bolsa e desceu do carro devagar. Precisou se apoiar no conversível para não cair. Estava tonta e enjoada. Os hematomas doíam tanto, que o corpo já estava em estado de dormência.

Tina caminhou até o banheiro do estacionamento, que ninguém costumava usar, e, ao adentrar no cômodo, colocou a bolsa sobre a bancada de mármore e se segurou nela, respirando fundo para não ceder à vontade de desmaiar. Encarou o chão em uma contagem mental para se concentrar em não sentir.

Então levantou a cabeça e passou as mãos pelo cabelo, retirou a blusa com cuidado e abriu a bolsa, apanhando uma pomada para hematomas. Ao que abriu a tampa do tubo, foi surpreendida com a porta sendo aberta. Encarou a entrada do banheiro e viu uma figura pequena e loira, parada, perplexa. Ella fechou a porta atrás de si, passando a chave, o que Tina não se lembrara de fazer, e seguiu em direção à amiga.

— Esse cara vai matar você, Tina! Pelo amor de Deus, me escute!

Ella diminuiu a distância entre as duas e colocou a bolsa ao lado da que ali já estava.

— Não acontece sempre.

Tina segurou na bancada com firmeza e espremeu os olhos, a dor de cabeça tão intensa que parecia que ia fazê-la explodir.

— O que importa é que acontece, Tina! Olhe para você! — A amiga a encarou, transtornada. — Por favor, minha amiga, termine com ele. Eu imploro!

Ella não conseguia encarar o corpo de Tina, coberto de manchas arroxeadas e vermelhas, e alguns arranhões.

— Gabriela, eu estou bem — Tina proferiu entre dentes.

Ela se aproximou e a envolveu em um abraço delicado. O corpo pequeno e frágil de Tina agora era como uma taça de cristal; Ella temia apertá-la demais e fazê-la sentir dor. As lágrimas começaram a cair dos olhos das mulheres, e Ella acariciou os cabelos castanhos da amiga, que a apertou ainda mais, gemendo de dor em seguida.

— Sinto muito — Gabriella disse com a voz trêmula. — Sinto muito por tudo que você passou, sinto tanto! Queria tanto poder fazer algo!

— Obrigada por estar aqui — Tina disse baixinho, e Ella fechou os olhos com força, deixando as lágrimas fluírem.

Na primeira vez que presenciara uma briga entre Tina e West, Gabriella quisera chamar a polícia. Na segunda vez, vira apenas os hematomas resultantes do desentendimento e ameaçara contar à mãe dela se Tina não desse um basta no relacionamento. Ali, contudo, ficava claro que o problema era muito mais grave do que achara ser, e sua amiga se afundava cada vez mais. Já tinha tentado de tudo para ajudar Tina, até mesmo tentara ter uma conversa com West, mas no fim a decisão não era sua.

— Você não merece passar por isso, Tina. Por favor, vamos acabar com isso!

Valentina ergueu a cabeça para encarar a amiga, os olhos em formato de meia-lua quase fechados, a boca, pálida e o rosto, inchado. Encarou a amiga nos olhos e negou com a cabeça.

— É o meu castigo, Ella. — Mordeu o lábio inferior, segurando o choro. — Eu escolhi não ir naquela viagem com meu pai, eu escolhi me afastar de Deus e eu escolhi namorar West.

Fechou os olhos e algumas lágrimas escorreram por seu rosto.

Ella a encarou com uma expressão apavorada, sentindo o coração ser esmagado e sua visão, prejudicada pelas lágrimas. A mente da loira navegou para o dia em que se conheceram, quando Barhi chorara pela forma como as pessoas caçoavam de seu nome. Aquela à sua frente aparentava ser a mesma Barhi, contudo com a bateria de vida se esgotando um pouco mais a cada dia.

— Não mereço um amor de contos de fadas, porque fui responsável por tirar o amor da vida da minha mãe. Isso aqui — se desvinculou da amiga, apontando para os hematomas — é o que eu mereço, é o preço das minhas escolhas erradas.

— Jaime não culpa você pela morte do Briah — repreendeu, negando com a cabeça.

— Eu deveria ter ido naquela viagem! — insistiu. — Se eu tivesse ido, ele não teria dormido ao volante, ele não teria morrido! — Escondeu o rosto nas mãos, chorando de forma copiosa. — Eu não deveria ter ido naquela festa da faculdade e conhecido West, não deveria tê-lo beijado, não deveria ter aceitado seu pedido.

— E você não deveria aceitar que ele faça isso com você, Tina. — Ela voltou a se aproximar da amiga e tocou em seus ombros de forma gentil, com cuidado para não a machucar. — Você pode escolher algo diferente agora.

— Eu já tentei me afastar do West, ele não vai me deixar ir assim. É melhor aceitar as coisas como elas são, Ella. Tudo acontece como deve ser, e é essa a minha vida agora.

— Tina, por favor! — a amiga suplicou.

Antes que pudesse continuar a argumentar, a amiga cambaleou à sua frente, precisando se apoiar na bancada para não cair. Segurando-a pelo braço, guiou a revisora até o vestiário, onde a acomodou em um banco antes de se abaixar na frente dela.

— Estou com dor de cabeça. Só vamos parar de falar disso.

Tina fechou os olhos e apoiou a cabeça na parede. Ella se levantou e secou as lágrimas, que não paravam de descer. Deus! Como queria tirar a amiga daquela situação.

As duas passaram mais vinte minutos no vestiário. Ella cuidou dos hematomas de Tina e a alimentou, com um pouco de dificuldade. Depois, as duas subiram para suas respectivas salas.

Tina ainda teria que revisar um original para entregar no dia seguinte, mas sua cabeça latejava mais e mais.

Ao fim do expediente, a revisora foi para casa e torceu para que West não aparecesse. Talvez

ele a deixasse em paz, pelo menos naquele dia. No fundo, a mulher queria terminar com West, porém sentia como se, a cada golpe, a culpa saísse um pouco de si. Sentia como se a culpa amenizasse.

Aquele era o seu castigo e ela já havia o aceitado.

06

PELA PRIMEIRA VEZ

Na semana seguinte, Leon e Tina trocaram mensagens, até se encontrarem na empresa, para a reunião com a equipe de roteiristas, na qual tratariam da adaptação do primeiro livro da autora — o tão sonhado sucesso de 2024, de acordo com Chester.

Na mídia, a união dos dois era um verdadeiro sucesso — chamavam cada vez mais atenção do público, que testemunhavam sobre os impactos que os livros e os filmes tiveram em suas vidas espirituais. Além disso, aquela amizade era um bálsamo para a alma — estar na presença um do outro fazia parecer que seus corações voltaram a ser infantis e imaculados.

Eram esses os pensamentos que vagavam pela mente de Leon enquanto ele e Nathan estavam deitados no sofá, de ponta-cabeça, com as pernas para cima do encosto. Logo a viagem mental foi interrompida por uma figura feminina surgindo no campo de visão dos garotos.

— Eu me aposentei para passar mais tempo com vocês — Sofia colocou as mãos na cintura, e os dois se entreolharam, sorrindo —, mas o Leon só sabe trabalhar e Nathan não tem um fim de semana de folga com tantos treinos e jogos.

— Nós estamos aqui agora — Leon disse, sentando-se com as pernas cruzadas embaixo do corpo.

— Por isso mesmo que estou aqui. — Encarou os dois com um sorriso burlesco. — Vamos fazer um programa em família.

Deu pulinhos de empolgação e os garotos riram da cena.

— O que você sugere?

Nathan ficou de pé e alongou as costas.

— Santa Mônica.

Sofia sorriu de orelha a orelha, e os garotos a encararam, estupefatos.

— Santa Mônica?

Nathan gargalhou.

— Isso fica a cinco horas de viagem daqui, tia Soso. — Leon se levantou e foi segurar os ombros da tia, que revirou os olhos. — Podemos ir em um parque mais perto — sugeriu, como ela fazia com ele quando era criança, e gargalhou da cara da tia.

Os ombros de Sofia murcharam.

A mulher tentara dar o melhor de si para os dois, no entanto reconhecia que, por muitos anos, o trabalho tomara o lugar das crianças — algo que deseja ser capaz de mudar. O tempo passava

muito rápido; ainda assim, gostaria de fazer o seu melhor com os dois homens, mesmo que não o fosse suficiente. Sua alma auspiciosa gritava que seria no mínimo especial.

— Vocês sempre pediram para ir.

A mulher se jogou no sofá, e Nathan foi se abaixar em frente à mãe, como se consolasse uma criança após o sorvete cair no chão.

— Isso é uma grande loucura. — Leon se sentou ao lado da tia e olhou para o primo, que levou a mão à testa. — Uma loucura que eu quero muito fazer.

A mulher abriu um largo sorriso e puxou os dois para um abraço coletivo. Os três riram e aproveitaram, sem pressa, o gesto tão significativo. Os rapazes entendiam o esforço que a mulher havia feito para criá-los — mesmo com Norah, as coisas não foram nada fáceis.

— Você pode convidar a Tina — Sofia sugeriu, e Nathan encarou o primo com um sorriso presunçoso.

— É, Leon, convida a Tina.

O jogador cutucou o primo, que estreitou os olhos na direção do rapaz em desaprovação.

— Por que eu a convidaria para um programa em família? — indagou, erguendo as mãos em dúvida.

— Vocês precisam de fotos juntos, não? — Sofia encarou o sobrinho, que assentiu. — Fora que são amigos de infância. Não vejo problema em convidá-la.

— Estranho seria se fossem apenas os dois — Nathan entrou no diálogo.

— Ia acabar parecendo um encontro.

Sofia se virou para o filho, assentindo.

Leon coçou a nuca, desconfortável sob o olhar analítico dos outros dois. Mãe e filho se entreolharam, e então:

— Você gosta dela! — Sofia constatou, empolgada, levando as mãos à boca.

— Eu não disse isso. — Leon os encarou, boquiaberto, e fechou os olhos, apertando a ponte do nariz entre o polegar e o indicador. — Não há como se apaixonar por alguém em poucos dias.

Nathan gargalhou.

— Você gosta dela desde o primeiro dia que a viu, Leo. — Nathan deu um tapa na cabeça do primo, que massageou o local dolorido. — Cantou uma música diante de todos os seus funcionários só porque ela disse que era importante.

— Ah, que lindo!

Sofia fez um coração com as mãos, e Leon a fitou por trás de olhos semicerrados, negando com a cabeça.

— Vocês dois podem parar? A Barhi é uma amiga.

— Uma mulher de Deus — Sofia disse, cutucando Nathan com o cotovelo

— Que tem um chamado parecido com o seu!

Leon deixou o corpo cair contra o encosto do sofá e massageou a testa, como se o gesto renovasse sua paciência.

— Uma mulher que teme ao Senhor e é conhecedora da palavra.

Sofia se levantou, virando de frente para o sobrinho.

— E que ama crianças!

Nathan se pôs ao lado da mãe.

— Como vocês sabem de tudo isso?

Leon ergueu a cabeça e cruzou os braços com uma expressão de dúvida no rosto.

— Você.

Nathan apontou para o primo.

— Nesta semana só falou de como a Barhi é isto e aquilo.

Sofia segurou as mãos do filho e sorriu, sugestiva, recebendo dele um aceno de cabeça em aprovação.

— O Leon está apaixonado! — Nathan e Sofia se puseram a cantar, de mãos dadas, dançando pela sala, como se fossem duas crianças em uma ciranda.

Leon jogou a cabeça para trás e gargalhou da cena tão conhecida em sua adolescência. Alguns costumes realmente não se esvaíam com o tempo, e esse era um deles. O rapaz negou com a cabeça, rindo, e levantou-se, passando pelos dois, indo para seu quarto.

— A convide, filho! — a tia gritou, e o rapaz continuou subindo as escadas. — Sairemos em uma hora.

Ele apenas assentiu. Havia dois dias que Sofia estava hospedada no apartamento e já o questionara inúmeras vezes se pretendia assumir algum compromisso com Barhi — alguém que conhecia havia pouco mais de um mês. Sua primeira reação fora rir da sugestão, como se fosse a melhor piada já contada, no entanto, com o passar das horas, pegou-se contemplando a possibilidade e, de olhos arregalados, percebeu a grande e assustadora verdade.

E era que não fazia ideia. Gostava da companhia da mulher, que era cristã, escritora e possuía muito em comum com ele, além de ser cheia de graça.

Leon se jogou na cama e cobriu o rosto com as mãos.

— O que estou fazendo, meu Deus? — murmurou, a voz saindo abafada.

Era fato que suas últimas orações envolveram a mulher, mas eram amigos. Ele queria ajudá-la a crescer na fé, transformar seus livros incríveis em filmes, tratá-la como uma irmã em Cristo, com todo o respeito que ela merecia e, se assim ela desejasse, ele poderia ser alguém com quem ela contaria nos dias complicados. Não analisava a situação como algo além de uma relação amigável.

— Sei que devo escolher se ligo ou não para ela, mas isso não me impede de rogar por uma decisão sábia.

Levantou-se da cama, ajoelhando-se no chão, e orou.

Pediu por sabedoria, discernimento de escolha; orou pela futura esposa, fosse ela quem fosse; orou por Barhi e pelo coração dela; e, após alguns minutos, respirou fundo, seguindo em direção ao banheiro.

Um tempo depois, saiu do cômodo enrolado em uma toalha e pegou o celular. Desbloqueou o aparelho e passou o dedo pela lista de contatos, até encontrar o dela — Princesa Barhi. Limpou a garganta e ligou.

— Cristalzinho de Hollywood. — A voz da mulher o fez abrir um sorriso involuntário. — A que devo a honra de sua ligação?

— Você disse uma vez que nunca foi à Santa Mônica.

Fechou os olhos, buscando as palavras, que pareciam ter evaporado de sua mente.

— Sim — confirmou a mulher, ficando em silêncio à espera do que mais ele teria a dizer.

— Eu… — Espremeu os lábios finos e fechou a mão livre. — Você gostaria de ir? — perguntou de uma vez antes de apenas negar com a cabeça. — Não é isso — disse, rápido, e a mulher riu, confusa. — A Sofia e o Nathan também vão.

Cobriu o rosto com a mão e fechou os olhos, esperando a resposta.

— É um pouco longe — disse, receosa. — Que horas seria?

— Passo por aí dentro de uma hora.

Mordeu o lábio inferior.

— Tudo bem.

— Tudo bem… Quer dizer que você vai? — indagou, surpreso.

— Sim, é isso mesmo que quer dizer isso. — Riu.

— Então… — Tentou pensar em algo, mas não tinha nada a dizer.

— Até daqui a pouco.

— Até.

E encerrou a chamada, apertando o celular entre os dedos.

Leon deixou o corpo amolecer e cair na cama. Sempre escrevera sobre tais sentimentos, contudo nunca precisava lidar com eles. Era bom, ainda que assustador. Desde muito novo, orava para encontrar a mulher que Deus lhe destinara, mas nunca cogitara Barhi para o cargo. Negou com a cabeça, a fim de afastar os pensamentos. Respirou fundo e encarou o teto por alguns minutos, levantando-se em seguida.

Caminhou até o closet e demorou um pouco mais do que o normal para escolher uma roupa. Optou por uma blusa de linho branca e uma calça de sarja preta — um tanto mais justa do que costumava utilizar. Nos pés, calçou um tênis preto antes de caminhar até uma gaveta repleta de óculos, puxando o primeiro que viu. Seguiu em direção ao espelho e ficou contente com o resultado.

O rapaz encarou o relógio na parede e, enfim, partiu em direção à porta. Ao chegar no corredor, deu de cara com Nathan, que usava uma roupa igual à sua. Segundos de silêncio, e então Leon gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Você pode ter se apoderado do meu estilo, mas eu continuo sendo o mais bonito!

Nathan girou, abrindo os braços, e o primo negou com a cabeça, fechando a porta atrás de si.

— Cadê a tia Sofia?

Leon tirou os óculos da cabeça e os colocou sobre os olhos.

— Esperando no carro.

Os dois desceram as escadas e seguiram em direção ao elevador. Poucos minutos depois, já estavam no estacionamento, adentrando o carro de Sofia. Leon se acomodou no banco de trás ao que Nathan sentou ao lado da mãe, que mantinha as mãos no volante. Depois de pesquisarem o endereço de Tina no GPS, os três passaram a conversar sobre tudo e nada ao mesmo tempo.

Em questão de quinze minutos, avistaram a fachada do prédio da escritora.

Leon desceu do carro e foi de encontro à moça, que esboçou um sorriso genuíno. A visão que tinha dela era como uma figura radiante, um tanto egoísta por roubar toda a luz do ambiente para si. Ele, contudo, manteve a concentração nas frases que logo diria, sem querer passar vergonha.

— Não acredito que vamos mesmo dirigir por cinco horas para ir a um parque de diversões — ela comentou assim que o viu.

Tina sorriu, contente, e o homem amoleceu um pouco mais ao vê-la animada.

— Não é qualquer parque de diversões, você sabe. — Levou as mãos ao bolso da calça. — Ele deve ter aparecido em no mínimo cinquenta por cento dos filmes que você assistiu. — Comemorou internamente por ter conseguido dizer algo que fizesse sentido, e ela assentiu.

— Devo admitir que sim.

O roteirista abriu a porta do carro para a escritora, que foi muito bem recebida pelos outros dois integrantes da viagem. Após o homem entrar no carro, Sofia seguiu o caminho até Santa Mônica, e eles se dispuseram a conversar sobre filmes e livros. Falaram a respeito de Deus e de histórias bíblicas que poderiam se tornar livros, exemplificaram citando Francine Rivers. Em dado momento, comentaram até sobre futebol e como estava sendo a temporada para o *San Francisco 49ers*.

Mais algumas horas se passaram, e eles contemplaram a paisagem impecável do Oceano Pacífico em meio às estradas que ligavam São Francisco a Santa Mônica. Estavam tão envolvidos em suas conversas, que ficaram surpresos ao vislumbrarem a placa que anunciava o nome da cidade.

Alguns minutos depois, Sofia adentrou o estacionamento do Pacific Park. Os dois rapazes desceram primeiro e se encarregaram de abrir as portas para que as mulheres saíssem.

— Finalmente consegui trazê-los aqui!

Sofia colocou os óculos de sol no nariz, e a mão, na cintura.

— Depois de mais de quinze anos suplicando — Nathan brincou, e a mãe deu um leve tapa em seu braço. — Ai!

— Precisamos comprar os bilhetes para as atrações.

— Eu passo qualquer brinquedo muito alto! — Leon disse, já suando frio.

— Concordo. — Nathan abraçou o primo. — Vamos no carrossel — sugeriu, encarando o primo, que assentiu.

As mulheres gargalharam.

— Por favor, me diga que você vai na montanha-russa de mais de quarenta metros de altura comigo. — Sofia se virou para a escritora e suplicou, unindo as mãos. — Ela rodeia o parque todinho!

— Será um enorme prazer — disse ela, entrelaçando o braço no da mais velha.

Juntas, saíram andando, deixando os dois rapazes para trás.

— O que acha das atrações culinárias? — Leon questionou e Nathan assentiu.

— Vamos nessa!

Os primos caminharam em direção aos vendedores de lanches rápidos. Nathan se acomodou a uma das muitas mesinhas espalhadas pelo local, colocou os óculos de sol em cima da cabeça e analisou o cardápio. Leon, que sumira de sua vista minutos antes, agora voltava com duas garrafinhas de água mineral.

— A comida parece ser muito boa. — Nathan tirou os olhos do cardápio apenas para aceitar a água das mãos do primo. — Obrigado. — Levantou a garrafa e depois a abriu, levando-a à boca. — Vou pedir esse aqui, ele tem os ingredientes de todos os outros lanches — decidiu sorrindo, satisfeito, e o mais velho riu, negando com a cabeça.

— Nada de carrossel para você depois! — advertiu, apontando o indicador para o rosto do primo.

— Escolhe o seu. — Nathan entregou o cardápio para Leon e passou a encarar o parque movimentado. Alguns segundos depois, Leon decidiu o que comeria, e Nathan se dispôs a ir até o balcão fazer o pedido, retornando vinte minutos depois como tudo em mãos. — A fila nem estava tão grande — o jogador afirmou, e Leon guardou o celular no bolso. — O que será que as duas estão fazendo?

Leon deu de ombros e pegou seu lanche da bandeja, abrindo-o.

— A tia Sofia já deve ter levado Tina em todos os brinquedos mais insanos que o parque oferece.

Nathan concordou com uma risada e levou um pouco de batata à boca.

— Por que você aceitou a proposta do Ches?

O mais novo engoliu um bocado de comida com a ajuda do refrigerante e se aproximou, apoiando os cotovelos na mesa.

— Não entendi. — Leon esboçou um semblante confuso.

— Nós moramos juntos a vida inteira, compartilhamos até os pijamas. — Nathan sorriu de

lado, e Leon fez uma careta. — Você — apontou para o primo — definitivamente não gosta de trabalhar com pessoas, além de não gostar de sair de casa. Gosta menos ainda de apresentar pessoas do trabalho para sua família, e o mais enlouquecedor: você não teria ido naquele show de talentos.

— Não foi bem assim.

— Não acredito que seja possível se apaixonar por alguém nos primeiros dez minutos de conversa. — Negou com a cabeça, e Leon riu pelo nariz. — O que você sabe que eu não sei? Me conte!

O roteirista sorriu amarelo e o primo gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— No começo aceitei porque ele me mostrou que isso seria bom para o alcance da Pansy, e você sabe que levamos isso a sério. É nosso compromisso mostrar o evangelho e dar espaço para o Espírito Santo agir.

— E agora? — Nathan encorajou.

Leon ficou em silêncio por um tempo.

— Eu queria muito trabalhar com a mente criativa que escreveu os livros. Você sabe que são muito bons. Queria aprender com ela.

Nathan concordou com a cabeça e o primo se pôs a comer.

— Existe mais um motivo, Leon, e eu quero saber.

Sorriu torto e o primo ponderou.

— E ele surgiu quando conversei com ela depois do show de talentos. — Nathan se endireitou na cadeira e abriu mais os olhos em atenção. — Eu me identifiquei com ela, temos coisas em comum.

— E além disso? — Nathan movimentou as mãos, encorajando-o a falar.

— Eu quis de verdade construir uma amizade com ela.

— Gostei. — Encostou-se na cadeira. — Acho que você deve continuar sendo amigo dela. É só que, se você não estiver interessado em se casar com ela…

— Não devo instigá-la a pensar que sim — completou, e o primo assentiu. — Sei disso, não se preocupe.

— Mas se quer minha opinião, eu acho que você quer sim.

O mais novo movimentou a cabeça para cima e para baixo, e Leon coçou a nuca.

— Não sei. Ainda estou a conhecendo. Nem sei se ela pensa o mesmo.

— Se você vai descobrir agora, não sei, mas vou perguntar a mamãe assim que chegarmos em casa, porque certamente ela vai questionar a Tina hoje. — Nathan se levantou, recolhendo o lixo da mesa, e Leon o encarou, estupefato. — Que a graça de Deus o acompanhe para lidar com isso, irmãozinho. Você vai conseguir.

Sorriu e seguiu em direção à lata de lixo.

— Você está invadindo a minha privacidade! — Leon aumentou o tom de voz, ainda assim soando divertido, e o jogador imitou uma boca falante com os dedos da mão livre.

Os dois passaram a caminhar pelo lugar à procura de brinquedos que não envolvessem grandes alturas.



Do outro lado do parque, as duas mulheres já haviam ido na montanha-russa e na roda-gigante, que proporcionava uma vista incrível do parque e do oceano. Sofia e Tina se sentiam confortáveis na companhia uma da outra, tanto que conversavam intimamente enquanto aguardavam na fila para encararem o Frog Hopper.

— Não vivi muitos romances para falar a verdade. — Sofia colocou as mãos no bolso do short branco de linho. — Conheci o pai do Nathan, e não deu muito certo. Não foi uma fase muito boa, como você pôde perceber.

— Eu entendo. — Tina espremeu os lábios. — Eu também não tive boas experiências, mas aqui estamos nós, duas referências no gênero romance. — Riu.

— Evangelizando pessoas através de histórias. — A mais velha encarou o mar por trás das grades. — Antes mesmo de começar a escrever, eu queria ser missionária.

— Viajar o mundo levando Jesus para as pessoas me parece uma ideia incrível.

— Sim. — Encarou a garota com o semblante saudosista. — Mas então meu irmão morreu e eu acabei me perdendo no caminho. Quando o encontrei novamente, descobri esse talento e só lutei com tudo de mim para não o deixar ir. — Sofia sentiu os olhos queimarem. — Escrever é a minha forma de não o deixar.

— Sinto muito.

Os olhos de Tina também arderam ao se lembrar do pai e ela fez um carinho leve no ombro da roteirista.

— Ah, querida, não sinta. — Sorriu largo. — Otto me ensinou que devo dedicar minha vida a espalhar o evangelho, e foi por isso que me esforcei tanto pela Pansy. Essa empresa era um sonho dele, sabe?

— Ele ficaria orgulhoso.

Abriu um sorriso meigo e a mais velha assentiu.

— Meu irmão me ensinou que, embora esta vida seja passageira, temos algo eterno esperando por nós, então devemos viver bem, mesmo que seja difícil — afirmou. — Que devemos trabalhar para nosso Senhor e desfrutar das bênçãos que Ele nos fornece.

— Seu irmão me faz lembrar do meu pai. — A mais nova abraçou o próprio corpo e as duas andaram junto com a fila. — Ele sempre me encorajou a ser o que Deus me criou para ser, mas acabei me perdendo no caminho — lamentou.

— Mas vejo que voltou atrás e seguiu pelo caminho certo.

— Sim. Foi difícil. Eu me culpei, chorei, errei, tentei e tentei. — Sofia se aproximou, dando-lhe um abraço de lado. — E consegui. Deus me deu graça!

— Nós conseguimos. — Encarou a jovem com um sorriso no rosto e a abraçou novamente. — Me conte mais sobre você. Contei sobre o pai do Nathan, e não foi muito bom, mas tudo bem.

Soltou-se da garota, ficando de frente para ela

— A minha história também não foi muito legal. — Fez uma careta. — Mas creio que viverei uma melhor.

— Viverá, sim.

Sorriu sem mostrar os dentes.

As duas acompanharam o andar da fila, até que chegou a hora de entrarem no brinquedo. Animadas, trocaram um olhar e se sentaram, deixando o instrutor do parque ajudá-las com a trava de segurança e, minutos depois, já estavam nas alturas.

Aquele dia estava sendo um presente para Barhi. Ela se sentiu amada e acolhida pela roteirista, por quem agora nascera dentro dela um carinho genuíno.



Uma hora depois, as duas se encontraram com os rapazes. O pôr do sol já se aproximava, e Nathan e Sofia foram até o carro pegar a câmera da mãe, que ela havia esquecido, enquanto Tina e Leon seguiam até a praia. Os dois caminharam lado a lado, em silêncio, até chegarem a um

ponto em que podiam ver o píer ao longe. As luzes dos brinquedos começavam a brilhar em meio ao céu, que aos poucos escurecia.

— E então, princesa Barhi Valentina — Leon chamou a atenção da moça, que sorriu largo ao ouvir o apelido, no entanto permaneceu encarando o mar —, como foi a sua primeira vez em um parque de diversões?

— Digamos que encontrei uma boa guia.

Sorriu sem mostrar os dentes, e Leon gargalhou.

— A tia Sofia ama aventuras.

Voltou o rosto para a vista e colocou as mãos no bolso da calça.

— E eu embarquei em todas elas hoje.

Levantou o indicador, orgulhosa.

— Muito bem. — Assentiu com a cabeça. — Fico feliz em vê-la feliz.

— O que você quer fazer daqui a alguns anos? — A voz de Barhi saiu baixa, em contraste com o vento, e Leon franziu o cenho, soltando um suspiro pensativo.

— Continuar a escrever sobre o evangelho, casar, ter filhos, morar em um bom lugar e glorificar a Deus com coisas simples, como limpar a casa.

Virou o rosto para fitar a garota, que o encarava, sorrindo.

— Acho justo.

Movimentou a cabeça de forma mecânica, em anuência.

— E você?

Tirou as mãos do bolso, apoiando o cotovelo no braço e o queixo nas mãos, como se tentasse desvendar um grande mistério e de fato era assim como ele a via.

— Eu quero ser a Barhi.

Respirou fundo, virando-se em direção ao oceano, e fechou os olhos.

Por algum motivo ainda muito novo para ser identificado, Leon se encheu de alegria ao ouvir aquela frase. Ele gostava da Barhi. Conhecera muito sobre Tina em revistas, entrevistas e até através de seus livros, mas Barhi… Esta era uma personagem nova. O roteirista ansiava por descobrir mais sobre ela — sua história, seus planos, suas frustrações e sonhos e, principalmente, ele era tomado por uma curiosidade involuntária de compreender quais eram os sentimentos da mulher a respeito de si.

— E a Tina Partridge? — Sua língua o surpreendeu ao agir na velocidade de seus pensamentos.

— Ela vai continuar existindo. — Ela o encarou. Ele permaneceu atento. — A Barhi também é a Tina, mas ela quer ser feliz.

Encolheu os ombros

— E a Tina não quer?

— Às vezes ela ainda acha que não pode

— Então quero muito ver a Barhi mostrar para a Tina que pode ser feliz

— Ela vai. — Sorriu, afável, e os olhos claros do rapaz ficaram mais intensos, fazendo o coração de Barhi palpitar.

Eles se encararam por alguns segundos, sentindo ondas elétricas por todo o corpo. Os corações deles batiam em um ritmo acelerado, e sorrisos genuínos brotaram em seus lábios. Leon se aproximou de Barhi e passou a encarar o oceano; a mulher fez o mesmo, e ambos fecharam os olhos.

— Posso? — Leon pediu a mão da escritora, que assentiu.

Os movimentos dele não condiziam com o lado racional que havia dentro de si, e talvez em alguns minutos ele se atentasse ao fato de que não deveria ter pedido para segurar a mão da

garota, mas naquele momento parecera certo. Ele se sentia coberto de certeza do que gostaria e deveria fazer, aproveitar o ensejo para se aproximar ainda mais da mulher que ele queria manter por perto, talvez perto demais para resistir se apaixonar por ela.

Os momentos seguintes faziam parte de um roteiro perfeito, escrito pelas mãos de um escritor inigualável. O sol se punha e o vento fresco soprava ao que eles mantinham os olhos na visão utópica do oceano. A sensação das mãos unidas os fazia pensar que dedilhavam as nuvens que os rodeavam.

Então, como uma cena ensaiada, os dois passaram a orar em seus pensamentos.

Leon e Barhi fecharam os olhos, desligando-se do mundo para se conectarem com o celestial. Oraram a Deus, um pelo outro — não pelos dois juntos, mas por suas vidas separadas, pelas dores e desafios, pelas conquistas e pelas bênçãos; oraram por seus ministérios e pela igreja. Naquele momento, eles se puseram diante da presença de Deus, de mãos dadas ao pôr do sol.



Ao longe, Nathan e Sofia se deslumbravam com a visão que os dois proporcionavam.

O garoto abriu um largo sorriso, certo de que aquele momento provava as suspeitas que tinha em relação aos sentimentos do primo. A mulher, por sua vez, viu-se pega nas lembranças da época em que seus meninos ainda eram crianças pequenas demais para entender o mundo.

Sofia posicionou a câmera na altura do rosto, como fizera havia mais de duas décadas, e sorriu com os olhos marejados ao se lembrar do dia em que presenciara uma cena como aquela pela primeira vez.

Ao terminar de bater a foto, pendurou a alça da câmera no pescoço, chamando a atenção de Nathan. Com um sorriso, envolveu a cintura do filho ao que os dois contemplavam o sol dar espaço para a lua.



MEMÓRIAS DE LEON

São Francisco, 2018

O quarto ano do curso de administração consumia todo o fôlego de vida de Leon, que mal conseguia respirar com tantas atividades extracurriculares e provas. Sua situação ficava ainda pior quando colocava o trabalho de meio período na balança, além do pouco tempo de descanso que acabava dedicando à família.

Era triste, mas, mesmo após tantos anos, Norah ainda não se recuperara. Além disso, a tia suplicava para que a ajudasse com Nathan, também, para que ela pudesse focar na Pansy, a empresa de roteirização que ela inaugurara — embora recém-aberta, era o sustento deles.

Dentro de todo esse cenário, Leo se esquecera de concluir o trabalho de finanças, por isso caminhava a passos largos pelos corredores da faculdade, a fim de conseguir alcançar a biblioteca o mais rápido possível. Venceu o corredor que o separava do seu lugar favorito do campus e adentrou o cômodo praticamente vazio. Cumprimentou o bibliotecário com um aceno de cabeça e seguiu para o andar superior.

Leon costumava estudar no andar inferior, contudo o trabalho demandaria toda a concentração que rogava para conseguir alcançar, então optou pelo andar menos movimentado, pelo canto mais esquecido. Colocou a mochila em cima da mesa e puxou a cadeira para se sentar, mas foi impedido por um corpo pequeno debaixo da mesa.

Com os olhos arregalados, o rapaz colocou a cadeira de volta no lugar, pegou a mochila de cima da mesa e a colocou nas costas, virando-se para procurar outro lugar.

Não deve ser nada de mais. Você tem um trabalho para fazer, tentou se convencer a prosseguir, sem sucesso. Respirou fundo e se abaixou, grudando as costas ao pé da mesa, encarando uma estante cheia de livros.

— Está tudo bem? — questionou com o tom de voz baixo e recebeu alguns minutos de silêncio como resposta.

— Sim… — A voz saiu como um sopro choroso.

— Não parece estar bem. É normal não se sentir bem às vezes. — A única resposta que recebeu foi um fungar e o som da pessoa se mexendo embaixo da mesa. Fechou olhos e suspirou. — Meus dias também não têm sido fáceis. Não posso garantir que vou entender o que você está passando, mas posso tentar. Se você quiser falar sobre isso, é claro.

A pessoa debaixo da mesa sentiu o coração faiscar minimamente.

— Sinto muito pelos seus dias — a voz feminina ecoou baixa e rouca.

— Eu também sinto muito pelos seus.

Espremeu os lábios finos, fazendo um biquinho em seguida.

— Está tudo bem. Pode ir embora.

A mulher não identificada fungou mais uma vez, e Leon percebeu de rabo de olho que ela havia deitado embaixo da mesa com a mão sobre o rosto — uma mão machucada e uma boca cortada no canto.

O rapaz estremeceu como se um choque corresse por seu corpo. Não havia a menor possibilidade de ela estar bem. Ele ficou de lado para ver melhor, porém ela escondeu o rosto com a outra mão, que, para sua surpresa, estava mais machucada do que a primeira.

Leon engoliu seco.

— Vá embora! — bradou, nervosa.

Leon abriu a boca para responder — o quê, não sabia —, mas nenhum som saiu.

Levantou-se, deixando a mochila sobre a mesa, e desceu as escadas da biblioteca. Ela não estava bem, precisava de ajuda. Rogou a Deus por sabedoria e continuou a caminhar em direção à farmácia na esquina da faculdade.

Poucos minutos depois, comprou algodão, soro fisiológico, pomada para hematomas e curativos adesivos. Saiu a passos largos, ainda orando para que Deus direcionasse suas palavras. Sua vontade era de levá-la para Sofia e implorar para que a tia o ajudasse a acolher a moça, mas nem sequer sabia pelo que a mulher havia passado.

O rapaz adentrou a biblioteca torcendo para que a garota ainda estivesse debaixo da mesa e grande foi o seu alívio ao constatar que ela permanecia no mesmo lugar. Caminhou até ela e se sentou, mais uma vez encostando as costas no pé da mesa. Ouviu a garota respirar fundo e soube que não era bem-vindo ali, no entanto não se importou.

— Por favor, vá embora. — A voz embargada fez o coração de Leon doer como nas noites em que via a mãe embriagada.

— Sei que não me quer aqui. — Fechou os olhos com força, tentando controlar as emoções. — Não precisa falar nada se não quiser, só me ouça. — Respirou fundo e ergueu a cabeça, tentando não chorar. — Sinto muito. Sinto muito por tudo que tem passado. — A mulher passou a chorar baixinho e isso o fez querer abraçá-la. — Quero que saiba que o Senhor não define sua vida por um momento — disse, fechando os olhos com força

Sentiu a garota se movimentar por baixo da mesa e viu de rabo de olho que ela havia se encolhido. A cena partia seu coração em mil pedaços e uma empatia descomunal tomou conta do seu ser. Cerrou os punhos, buscando controle.

— Não sei se já conhece Jesus, mas saiba que… — Antes que Leon pudesse começar a evangelizá-la, a garota fungou com força e espremeu os olhos.

— Eu o conheço. Pode pular essa parte — cuspiu com empáfia.

— Então, se você já o conhece e acredita nele, lembre-se de Efésios 02:08, “porque vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus.” — Leon olhou para a sacola em suas mãos e depois para o teto. Respirou fundo. — Você precisa de graça, moça. — Estalou a língua no céu da boca. — E entenda: a forma como você suporta a sua dor a faz superar ou a fere ainda mais.

Entregou a sacola à garota, que segurou sua mão antes que pudesse puxá-la de volta. O ar se perdeu a caminho de seus pulmões. Sentiu os dedos gelados dela, e fechou os olhos em uma tentativa de acalmar seu coração disparado. Um arrepio correu por sua espinha, e ele acariciou a mão da moça.

— Espero que isso a ajude a se cuidar. Não se afaste mais de Deus, Ele não deseja isso. Se quer mesmo vencer o que está passando, peça graça. Não será por suas forças. Enfrente a sua dor da forma certa ou ela a consumirá. Nada funciona sem o Senhor.

Depois de um minuto de silêncio, a garota enfim soltou a mão de Leon, que se levantou devagar e pegou a mochila antes de ir para o andar inferior da biblioteca, a fim de se concentrar para concluir o trabalho.

Depois de um esforço divino, um trabalho que levaria uma hora para concluir foi finalizado em duas, mas ele o fez e o enviou para o professor responsável pela matéria.

07

ENCONTRO EM FAMÍLIA

Barhi estava na cozinha de seu apartamento, indo de um lado para o outro com Polar em seu encalço, enquanto Ella esboçava caras e bocas lendo um livro de romance de época na sala. Desde que a amiga se mudara para o apartamento ao lado do seu, Ella preferia passar as manhãs na casa da mais velha. As duas haviam aprendido a apreciar a companhia uma da outra sem necessariamente fazer algo juntas.

Barhi permanecera na cozinha desde o dejejum, tendo decidido fazer um bolo para os trabalhadores do prédio e seus vizinhos de andar. Ao que terminava de bater alguns ingredientes, escutou os gritinhos da melhor amiga e sorriu, caminhando até o armário, à espera dos passos da mais nova. Gabriella fechou o livro com um gesto brusco e o jogou no sofá, caminhando até a cozinha.

— Não quero mais ler romances — choramingou indo até a amiga e apoiando o queixo no ombro dela, a fim de ver o que Barhi fazia.

— Qual o problema com os romances?

A mais velha inclinou a cabeça para encará-la.

— Não quero mais ler esses romances, eles me dão vontade de casar.

Foi se apoiar no balcão em que a escritora misturava os últimos ingredientes.

— Isso não é algo bom? — Riu, colocando uma medida de leite na massa.

— Não quando não se tem um noivo.

Ella lavou as mãos e as enxugou em um pano de prato.

— Não faz sentido. — Negou com a cabeça. — E o Elijah?

Parou de mexer a massa, vendo a amiga tomar a frente da receita, e apenas recuou, indo untar a fôrma.

— Não sei. Quanto mais me aproximo de Deus, mais me afasto dele.

Ella encarou Barhi.

— Fico feliz que já tenha descoberto isso. — Gabriella relaxou os ombros, a amiga tinha razão. — Eu sempre disse a você que tentar evangelizar um namorado não era uma boa ideia.

— Julgo desigual, eu sei!

Levou a massa até Barhi.

— Eu entendo. — Assentiu. — Não literalmente, porque só tive o West. — Fizeram uma

careta. — Mas entendo que seja difícil.

— Vou conversar com ele.

Suspirou, encarando a fôrma untada que a amiga lhe entregou.

— Sim. Faça isso!

Barhi seguiu em direção à pia, lavando as mãos.

— E se nós três nos aproximássemos, eu, ele e Deus? — choramingou.

— É uma opção, ainda que pouco provável. Eli não parece querer muito essa proximidade. — Barhi pegou a fôrma da mão da amiga e a colocou no forno preaquecido. — Um dia, se assim for para ser, ele encontrará o caminho.

Tina se voltou para o armário de suprimentos em busca dos ingredientes para a calda do bolo, e Ella se sentou à mesa, onde estava o livro de receitas de Barhi. Passou a folheá-lo e encontrou um papel solto, tão surrado quanto o livro, e forçou a vista para ler a frase já apagada pelo tempo.

— A forma como você suporta… — Espremeu os olhos e Barhi se virou bruscamente, caminhando até ela. — Você consegue ler?

Ella encarou a amiga por cima do ombro e Barhi sorriu amarelo.

— A forma como você suporta a sua dor faz você a superar ou a fere ainda mais. — Barhi virou as costas e retornou ao que estava fazendo. — Um rapaz me disse isso uma vez, no primeiro ano da universidade. Nunca esqueci.

— O ano mais triste das nossas vidas, eu diria. Muitas coisas aconteceram. — Ella guardou o bilhete no meio do livro e o fechou. — Você nunca mais o viu?

Tina negou com a cabeça.

— West me procurou algumas vezes, mas eu tinha uma ordem judicial e isso pareceu segurar um pouco as coisas. Depois que mudei de universidade, não o vi mais.

— Lembro o dia em que você me disse que não queria mais continuar com aquilo.

— Você achou que era brincadeira e, depois que viu que era sério, chorou sem parar por uns trinta minutos.

Barhi riu com a lembrança, e a amiga fez uma careta.

— Lembro que fomos pegar as suas coisas na casa dele cheias de uma coragem que não tínhamos.

— E acabamos correndo até a porta com as malas na mão, gritando.

Tina gargalhou e a amiga a acompanhou.

— E no fim era só o gato.

Ella colocou a mão na boca, tentando conter o riso.

Em meio às gargalhadas, algumas lágrimas espaçaram de seus olhos. Apesar dos momentos difíceis, elas sentiam saudades da vida universitária; dos amigos, das noites fazendo trabalhos, sonhando alto e conquistando aos poucos o seu lugar ao sol.

— Estamos bem diferentes do que queríamos — a loira soprou as palavras.

— E ainda assim muito melhores do que imaginamos. — Ella concordou com a cabeça e se levantou, indo em direção à porta.

— Aonde você vai?

— Para meu apartamento. Vou almoçar com Eli. Volto no fim da tarde para ajudar a entregar os seus bolinhos.

— Com mensagens bíblicas.

Piscou para a amiga, que riu.

— Com mensagens bíblicas — concordou, jogando um beijo no ar e sumindo pelo corredor.

Tina passou os minutos seguintes finalizando a calda e o bolo. Depois de tudo pronto, puxou o avental e caminhou rumo ao quarto, a fim de tomar um banho para almoçar com a mãe. Jaime partiria em missões através de uma ONG missionária, que a igreja ajudava a custear, e ficaria alguns meses longe, então as duas teriam um momento juntas antes da partida da mais velha.



Leon, por sua vez, estava na sala do apartamento novo de Ches, tentando raciocinar como aquele amontoado de caixas poderia, um dia, virar um apartamento organizado e limpo. Desde cedo, ele, Nathan e Norah estavam no local ajudando Chester a organizar.

— Filho, pegue aquela caixa verde e traga até aqui — Norah pediu de cima do banquinho que usava para alcançar o armário da cozinha.

— Um minuto, mãe.

Leone caminhou em busca da tal caixa verde.

— Tia Norah — Nathan chamou pela mulher, que virou a cabeça para lhe dar atenção. — Estou cansado.

Apoiou a cabeça na barriga da tia, que riu.

— Vamos acabar rapidinho. — Acariciou o cabelo do sobrinho. — Além do mais, João diz: "Se alguém declarar: 'Eu amo a Deus!', porém odiar a seu irmão, é mentiroso, porquanto quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não enxerga."

— Isso quer dizer que cuidar do Ches é amá-lo. E amar o Ches é glorifica a Deus.

— Olha que bonitinho — Leon caçoou com a caixa em mãos —, nosso bebê vivendo o evangelho.

Fez um biquinho e Nathan desencostou da tia, revirando os olhos.

— Voltem a trabalhar. — A mulher sorriu, descendo do banquinho e pegando a caixa da mão de Leon. — O Chester cuida dos dois há anos, não consigo nem imaginar o que seria de vocês sem ele.

— O Leon não sairia de casa nunca.

Nathan deu leves batidinhas no ombro do primo, que o fitou de rabo de olho.

— E Nathan passaria o dia inteiro na academia. — Leon se virou para o primo, bagunçando o cabelo dele com um sorriso zombeteiro.

— Estão vendo? Graças a Deus que o Senhor nos chama a viver em comunidade, encorajando e amando-nos uns aos outros.

Norah riu, negando com a cabeça, e subiu no banco com alguns utensílios.

— Gosto tanto de glorificar a Deus quando jogo futebol — Nathan comentou, pegando mais utensílios da caixa e os entregando à tia.

— Isso é ótimo, mas glorificamos a Deus em tudo que fazemos. — Norah pegou dois copos das mãos do sobrinho, guardando-os no armário. — Inclusive ao ajudar um amigo, lavar a louça e servir na igreja.

Leon deixou os dois sozinhos e seguiu pelo apartamento, levando algumas caixas para o escritório de Chester, que estava no andar de cima, organizando o quarto. Os quatro passaram o dia inteiro desempacotando caixas e colocando utensílios no lugar, então o mar de papelão aos poucos foi se dissipando.

Vez ou outra, Leon se lembrava de Barhi e das orações que fizera nos últimos dias. A escritora era a protagonista de todos os seus pensamentos — ele estava completamente apaixonado por ela, desde muito antes de tê-la à sua frente. Já a admirara quando apenas lera os seus livros. Depois de conhecê-la, de passar a desfrutar de minutos em sua companhia, ele sentiu a

necessidade intrínseca de tê-la por perto.

Mas sabia que era algo perigoso. Além disso, entrar em um relacionamento por impulso não era parte dos planos, por isso seguiu o conselho da família de se manter afastado por alguns dias, para que pudesse organizar os sentimentos.

E seus sentimentos lhe diziam para levá-la a um encontro, conhecê-la melhor. Faltava-lhe apenas a coragem para fazer o convite.



Já se passava das 17h quando Ella e Barhi terminaram de escrever os bilhetinhos com versículos bíblicos e encorajamentos. Cada uma pegou uma cestinha, cheia de bolinhos, e saíram do apartamento, seguindo em direção à portaria. As mulheres entregaram o bolo, cortado e embalado com cuidado, para cada um dos porteiros presentes naquele dia e depois seguiram para os seguranças, zeladores e, quando viram, restava apenas um pedaço na cesta de Ella.

— Podemos entregar para o vizinho novo — a revisora sugeriu, e Tina deu de ombros.

Seguiram para dentro do elevador, e Ella apertou o seu andar, dois acima do apartamento de Barhi. Assim que as portas se abriram, a escritora ouviu a voz de Leon e sentiu seu coração pulsar, frenético. De olhos arregalados, abriu a boca, apertando, amiúde, o botão para que a porta fechasse sem que houvesse tempo para os dois entrarem.

Ella, por sua vez, viu Nathan, que encarou as duas com um sorriso no rosto. Ella acenou com a mãe, mas, para o alívio de Tina, a porta se fechou antes que qualquer um deles pudesse proferir algo.

— Não me diga que você conhece o jogador metido que acabamos de ver.

Ella franziu o rosto e Barhi estapeou seu ombro.

— Ele é o primo do Leon, sua tonta!

O elevador parou no andar que ficava entre o das duas mulheres, e Tina a puxou para as escadas de emergência.

— Não acredito. Eles moram aqui?

Encarou a amiga, estupefata.

— Não. — Barhi negou com a cabeça. — Quer dizer, agora não sei. Meu Deus!

— E por que não vamos lá falar com eles? — Ella franziu o cenho. — Você os conhece.

Barhi pensou por um momento e negou com a cabeça. Não queria lidar com Leon naquele momento — passara os últimos dias pensando, orando e pensando de novo no rapaz. Não queria ter que olhar para ele, não com uma blusa branca com o desenho do Stitch e a palavra “Ohana”.

— Olhe para nós.

Apontou para as duas, que, além de estarem com uma roupa surrada, possuíam o cabelo emaranhado devido ao vento presente na área externa do prédio.

— Isso para mim não é problema. — Ella negou com a cabeça. — O jogador e eu nos encontramos quando fui jogar o lixo. Ele inclusive ficou horrorizado quando me viu matar uma barata. — Cruzou os braços e Barhi cobriu a boca com a mão. — O que foi? Ela veio na minha direção, eu tive que matá-la!

A porta que ligava o corredor dos apartamentos às escadas se abriu e vozes indicaram a proximidade de pessoas. As mulheres se encaram com os olhos arregalados e desceram as escadas o mais rápido que puderam, mas se atrapalharam na hora de passar pela porta corta-fogo.

— Tina — Nathan a chamou. Ela espremeu os olhos e os lábios, respirando fundo antes de se virar para encará-lo. — Você mora neste prédio?

O rapaz desceu os últimos degraus que os separavam.

— Sim. — Aquiesceu. — Essa é Gabriella Zanotelli, minha melhor amiga. — Apontou para a loira, que subiu e desceu os ombros com um sorriso sem mostrar os dentes.

— Nós nos conhecemos. — Nathan a encarou sem jeito. — Mas é um prazer conhecê-la de novo.

Estendeu a mão, que a garota prontamente aceitou.

— Fico feliz que seja em melhores circunstâncias.

Ella apertou a mão do rapaz e sorriu, envergonhada.

— Nós vamos assar carne no terraço e a tia Norah fez tacos de peixe. — Ele sorriu, amigável, e Ella arregalou os olhos e abriu a boca o máximo que pôde, levando os olhos do rapaz para Barhi. — A sua amiga parece querer ir — comentou com uma risada, as mãos no bolso, e Ella concordou várias vezes com a cabeça.

— Nós íamos sair para jantar.

Barhi encarou a amiga com os olhos arregalados.

— Ele tem tacos de peixe, Barhi, não tente me convencer do contrário — disse, sacudindo de leve o braço da amiga.

— Podemos passar em casa antes?

Tina encarou Nathan, que assentiu.

— Vou com você — Ella disse encarando o jogador, que ficou surpreso. — Nós vamos para o mesmo andar — explicou e ele assentiu.

— Vejo vocês dois daqui a pouco.

Tina sorriu, pegou a cesta da mão de Ella e deu as costas para os dois. Passou pela porta vermelha e, depois, correu para seu apartamento, como se fosse o Taz-Mania. Com o coração acelerado, levou uma mão ao peito para conferir que ele ainda estava ali. Estava apavorada depois de ter levado Leon à igreja, os dois terem caído em uma fonte e terem ido à Santa Mônica, onde chorara com a tia dele.

Leon era um escritor cristão temente a Deus, dono do mesmo desejo que pulsava nela por evangelizar jovens através da escrita e, também, desejava construir uma família. Além de tudo, ele era muito lindo — não fazia tanto assim desde as duas vezes que perdera as palavras só de olhar para o rosto dele.

— Deus do céu — murmurou, andando pelo apartamento. — Devo esperar que ele fale algo? Será que *eu* devo falar algo? Ou talvez seja melhor me afastar dele, e não me afundar mais nessa amizade? — Analisava as possibilidades. — Espero que ele tome o controle da situação e faça algo — concluiu, balançando a cabeça de um lado para o outro e seguindo até o fim do corredor.

Tomou um banho rápido regado a muitos pensamentos acelerados, que vagavam por sua mente. Seu subconsciente deixava claro o quanto estar na companhia de Leon era agradável, mas apenas isso não bastava. Era necessário conhecê-lo melhor, saber quais eram seus planos para o futuro e se eles poderiam inclui-la.

— Que Deus me ajude — choramingou e saiu do banheiro, esfregando o rosto na tentativa de expulsar os pensamentos. — Por que você não para quieto um minutinho? — A mulher colocou a mão sobre o coração, suplicando em vão que ele retornasse as batidas convencionais. — Escrevi a vida inteira sobre isso, mas jamais imaginei que seria assim, tão… — buscou palavras para verbalizar — intenso.

Caminhou até o closet e vestiu um largo suéter branco de tricô, uma meia-calça e uma saia marrom, que quase chegava aos joelho, calçando uma bota marrom de cano baixo e sem salto. Encarou-se no espelho e ajeitou os cabelos castanhos ondulados, que caíam até quatro dedos abaixo dos ombros.

Pegou o celular e saiu do quarto, indo em direção à porta, onde foi interceptada por Polar, que latiu, lembrando-a que estava na hora de ele comer. Barhi foi até o armário da cozinha e pegou alguns petiscos, despejando um pouco no pote do animalzinho. Guardou a comida e lavou as mãos, seguindo em direção à porta. Assim que a abriu, deu de cara com Leon, que tinha as mãos nos bolsos da calça de alfaiataria preta.

Os lábios de Tina se afastaram de forma quase imperceptível ao encarar o roteirista trajado em uma camiseta branca, que deixava o seu tom de pele ainda mais evidente.

— Eu bati, mas acho que você não ouviu.

Leon subiu e desceu os ombros, sorrindo sem mostrar os dentes.

— Desculpe, eu não ouvi mesmo.

Sorriu e o rapaz abriu espaço para que ela passasse. Tina fechou a porta atrás de si, já partindo em direção ao elevador.

— Não vai trancar?

Apontou para a porta e Barhi negou com a cabeça.

— Vamos apenas ao terraço.

Leon andou lado a lado com a mulher em silêncio, até que entraram no elevador. Barhi apertou o botão do último andar.

— Vocês se mudaram para o andar de cima?

A mulher abraçou o próprio corpo, e Leon negou com a cabeça.

— Quem se mudou foi o Chester, nós só o ajudamos. — Cruzou os braços e encostou a lateral do corpo no espelho do elevador, encarando a mulher. — A tia Sofia não pôde vir, então a mamãe veio ajudar.

Barhi tremeu. Estava prestes a conhecer a mãe do cara com quem *talvez* estivesse planejando se casar, mesmo que ele ainda não soubesse de seus planos — e talvez ele não concordasse, o que era um pouco assustador.

Seus pés pareciam ter criado raízes, mantendo-a no lugar, quando a porta se abriu. Leon passou por ela, colocando a mão sobre o sensor para mantê-la aberta para a escritora. Por fim, ainda sentindo as pernas um tanto tensas, Barhi agradeceu com um aceno de cabeça e saiu, permitindo-se ser guiada por Leon até o terraço.

Os ventos cruéis de outono não estavam tão presentes naquela noite, que, ainda assim, estava fria — Tina agradeceu a Deus pelo tricô. O roteirista a guiou até a outra extremidade do terraço, onde Norah terminava de montar os tacos de peixe e abriu um largo sorriso ao ver a escritora, que o retribuiu, sorrindo com as bochechas coradas.

— Norah Strove — ele apontou para a mãe e então para a amiga —, e essa é Tina Partridge.

— É muito bom conhecê-la, senhorita Partridge.

Abraçou a jovem de forma calorosa. Tina retribuiu com igual intensidade, sentindo a mesma proteção que encontrava nos braços da mãe.

— Pode me chamar de Barhi — falou para a mulher, que a encarou com confusão, e depois arregalou os olhos, boquiaberta.

— Você é a princesinha de vestido lilás do parque… — Sorriu largo, e Barhi riu, assentindo. — Leon passou o ano todo falando de você depois que voltamos para Carmel. — Barhi encarou o rapaz, que coçava a nuca com as bochechas vermelhas. — Depois acabamos nos mudamos para São Francisco, mas nunca tivemos o prazer de revê-la. Que bom tê-la aqui!

— Fico feliz também. A senhora precisa de ajuda? — ofereceu, e Norah concordou, puxando-a para o balcão de comidas.

Chester, que assava a carne do outro lado, acenou para a moça, que retribuiu o gesto. Pouco

tempo depois, Nathan e Ella adentraram o local — sob o olhar da melhor amiga, a revisora se apressou a explicar que o rapaz a esperara do lado de fora do apartamento.

Leon, por sua vez, arrastou o primo para ajudá-lo a montar a mesa enquanto Ella se juntou às outras duas mulheres para finalizar os acompanhamentos.

Depois de um tempo, todos se sentaram à mesa e fizeram uma oração de agradecimento pelo dia, pela casa nova de Chester e pela comida. Ella ficou tão apaixonada ao comer os tacos, que pediu a receita, e Norah a cedeu de imediato, antes de passar o resto da noite conversando com Barhi — até pareciam amigas de longa data. Leon não via a mãe tão empolgada desde a morte do pai.

Com o passar das horas, o frio começou a incomodar, e Nathan e Chester foram buscar cobertas. Norah passou a ter uma conversa animada com Ella sobre filmes dos anos 1980, e Barhi acabou sentada ao lado de Leon, como no dia em que se reencontraram.

A vista era mais iluminada pelas luzes dos prédios vizinhos do que pelas poucas estrelas que pontilhavam o céu escuro, mas, ainda assim, havia um quê um tanto mágico no ar.

— Como foram os últimos dias? — Barhi perguntou e Leon fez uma careta.

— Cansativos, tive muitas coisas para fazer com o Ches além da mudança. — Barhi assentiu e tomou um gole de suco. — E os seus dias, princesa Barhi?

— Pensativos, tranquilos, criativos.

Sorriu para Leon, que estreitou os olhos.

— Então você tem escrito — deduziu, e ela assentiu, surpresa. — Estou ansioso para ler. Posso ser um leitor beta?

— Não sei se devo concordar.

Cruzou os braços e fingiu pensar.

— Por que não?

Arqueou uma sobrancelha.

— Dizem que não se pode confiar na leitura beta de um fã. — E sorriu, traquina.

O rapaz gargalhou.

— Tem razão. — Assentiu, sério. Então, apoiando o rosto na mão e o cotovelo na mesa, pediu: — Aceite ir a um encontro comigo. — Barhi o fitou, surpresa, com a boca entreaberta. Os dois ficaram se encarando, Leon com o estômago se revirando de expectativa, e Barhi com o coração batendo na garganta de felicidade. Ao que o silêncio se estendeu por mais tempo do que era confortável, Leon se endireitou na cadeira e ficou de frente para a garota. — Não sei se você sente o mesmo, mas quero muito conhecê-la melhor. Quero saber a melhor forma de amá-la, de cuidar de você e de protegê-la. Sinceramente, imagino uma vida ao seu lado.

Leon a encarou com firmeza, e Barhi sentiu o corpo todo amolecer, como se afundasse em um banho quentinho.

— Quero ir em um encontro com você — a mulher disse sem nem mesmo saber como as palavras saíram de sua boca.

Leon a encarou, surpreso, e depois esboçou um sorriso genuíno.

— Eu a buscarei em sua casa no sábado às 19h.

Os lábios finos se repuxaram em um sorriso meigo.

— Estarei esperando.

Abriu um sorriso largo, e Leon retribuiu com os olhos brilhantes.

Chester e Nathan escolheram aquele momento para voltar com os cobertores. Uma vez acomodados sob os tecidos, o grupo se pôs a conversar a respeito do dia a dia. Chester comentou sobre o novo apartamento, e Tina e Ella ofereceram dicas para a boa convivência no condomínio.

As horas passaram tranquilas, preenchidas por uma conversa leve, cheia de aprendizados e das lembranças de momentos que geraram bons testemunhos.

Já se passava das 23h quando decidiram encerrar a festa e voltarem para os respectivos apartamentos. Barhi e Ella se despediram com um agradecimento pelo convite e se dispuseram a organizar o próximo jantar. Norah aproveitou para convidá-las a se juntar ao grupo na viagem a Carmel dali duas semanas, e as garotas se comprometeram a pensar no assunto.

Depois das despedidas, as meninas foram para o apartamento de Barhi e não demoraram a cair na cama, onde dormiram até o dia seguinte.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2019

Barhi tentou se levantar do chão, mas o sétimo chute da noite a impediu. Já não sentia mais o corpo, os músculos entorpecidos pela dor. West chegara em casa havia meia hora, parecendo dominado por algum espírito maligno que estava ali para acusá-la, castigá-la e matá-la.

Ela não conseguia ouvir as palavras ditas pelo namorado sob o zumbido em seu ouvido — e talvez fosse o resultado do tapa que levara minutos antes, não sabia. O gosto de ferro dominava a sua língua, e a mulher não entendia se ele havia se afastado ou se era tomada pela dormência da morte.

Depois do que pareceu uma eternidade — mas na verdade foram apenas três minutos —, ela encontrou forças para abrir os olhos inchados. Não havia ninguém ali. Sua cabeça girava, e não conseguia mover o corpo. Com esforço, espalmou as mãos no chão, tentando em vão pegar impulso para se levantar. Quando isso não funcionou, mudou de tática. Ficou de lado e gemeu de dor.

— Até quando minha vida será assim?

Olhou para cima e se permitiu alguns segundos de descanso.

Com um suspiro, virou-se de barriga para o chão. O corpo, antes anestesiado, agora doía de forma quase insuportável. O gosto de sangue não saía da boca, e os lábios se recusavam a se mexer.

Um, dois, três…, pensou.

Juntando o pouco de força que lhe restava, Tina se sentou. As lágrimas começaram a cair — não conseguiu aguentar dessa vez. Estava tão fraca que acreditava que, se ele voltasse, seria capaz de acabar com o que restara de si.

Por fim, conseguiu se colocar em pé e se arrastou até o banheiro, onde se olhou no espelho. A mulher que a encarou de volta tinha os cabelos bagunçados; a pele, coberta de manchas roxas e vermelhas. Do canto dos lábios, um fio de sangue escorria.

Concluiu, então, nunca ter se perdido no caminho — simplesmente nunca estivera nele. Deus não a reconheceria, por isso pedir a ajuda d'Ele não era uma opção, ainda mais quando não pertencia a Ele havia tanto tempo.

Desde a morte do pai, Tina tentava encontrar alguma coisa, *qualquer coisa*, que levasse a culpa embora. Álcool não havia funcionado, assim como se perder nas baladas amontoadas de gente

também não funcionara.

Sob a culpa, reconhecia a sede inesgotável por uma sensação que nem sequer tinha certeza de qual era. Bebia do poço da vida todos os dias, nunca de fato saciando sua sede.

Piscou e se viu de volta ao presente. Tentou abrir a torneira, mas estava atordoada demais para se manter equilibrada usando apenas uma mão como apoio.

Precisava ir embora antes que West voltasse. Sempre que estava na presença do namorado, sentia que Deus se afastava ainda mais dela. Talvez o namorado fosse seu carrasco, e ele estava ali para fazê-la pagar por todas as suas escolhas erradas, desde ser a responsável pela morte do pai até os homens que escolhera relacionar. Toda vez, ela se convencia de que aquela vez seria diferente, que aquele cara a amaria e a protegeria.

A verdade, contudo, era bastante simples: era impossível amá-la. Ninguém era capaz de sustentar um sentimento tão puro por ela — nenhum namorado, nem a própria Tina, tampouco Deus.

E, embora não sentisse nada além de desprezo por West, ele era o que ela merecia. Merecia cada chute, cada tapa, por toda a vergonha que parecia engoli-la. Talvez Deus fosse de fato capaz de odiar, e ela era a criação que Ele mais detestava; aquela que era tão defeituosa que não havia a menor esperança de ser salva.

Com um gemido, encontrou seu equilíbrio e abriu a torneira, lavando o rosto e se permitindo distrair com a ardência dos machucados. Assim que ficou satisfeita, tirou a toalha do gancho e a passou com cuidado pelo rosto.

A voz em sua cabeça a lembrou que precisava sair logo dali. Largou a toalha de qualquer jeito e conseguiu ir até a porta do banheiro, apagando a luz. Sentiu a tontura se sobrepor à necessidade de fugir no mesmo instante em que ouviu passos na escada.

Sem pensar muito, voltou a acender a luz, saindo do banheiro e fechando a porta atrás de si. Escondeu-se atrás da porta do quarto, tirando a chave da fechadura e a segurando na mão trêmula.

West entrou no quarto cambaleando e foi para o banheiro. Ela aproveitou para sair para o corredor e trancar a porta, descendo as escadas o mais rápido que seu corpo debilitado permitiu. Instantes depois, ouviu West bater na porta do quarto, gritando para deixá-lo sair.

As lágrimas escorreram quentes por seu rosto, e soluçou alto.

Com um esforço descomunal, ela enfim alcançou o lado de fora da casa e, ainda com lágrimas nos olhos, passou a andar a esmo o mais rápido que pôde; queria apenas ir para o mais longe possível do namorado e de tudo que ele representava. Estava cansada da culpa, cansada de carregar o peso dos próprios erros — era insuportável.

A rua estava tão vazia e gelada quanto um deserto à noite, e foi só naquele momento que se deu conta de que usava apenas uma blusa de manga curta e um short de linho. Sentia frio e medo. Mesmo assim, persistiu na caminhada com lágrimas nos olhos. As casas pareciam estar todas vazias, exceto por uma, que tinha a porta da garagem aberta e iluminada. Lá de dentro vinham as vozes de um coral. Aliviada, usou o pouco de força que lhe restava nas pernas para ir até a casa.

Por um momento pensou estar alucinando.

Caiu em frente à garagem, soltando um gemido assim que o joelho roxo se chocou contra o chão. Demorou alguns segundos para recuperar o ar e se levantar. E, então, seu corpo foi tomado por uma queimação, e ela teve certeza: aquele era o fim da vida miserável que vinha vivendo. Com um ofego, descansou o peso do corpo contra a parede da garagem e, de repente, seus ouvidos voltaram à vida.

O coral cantava Isaías 53.

Cada palavra, cada estrofe, parecia trazer um sopro de vida ao seu ser — e, então, uma chama ardente a rasgou e ressignificou sua vida. Pela primeira vez em anos foi capaz de sentir paz — intensa, verdadeira, irresistível. Caiu de joelhos, ouvindo as pessoas ao seu redor clamarem:

— Senhor, liberte!

— Jesus, cure!

— A tua presença nos é suficiente, Deus!

Tina chorava e sorria ao mesmo tempo; era um paradoxo inexplicável de emoções. Ao se voltar para a passagem cantada, lembrou-se do que uma amiga de Briah dissera a ele quando era vivo.

Fechou os olhos.

A mulher ruiva havia dito que Briah era inteligente demais para ser cristão, mas Tina só pensava no quanto fora burra por não enxergar Cristo. Agora que finalmente o conhecia, tudo estava claro: ela era Barhi. Aquela criada por Deus, aquela que pecara contra Ele. Era a Barhi que fora perdoada.

Não conseguiu acreditar que havia sido perdoada.

— Perdão… — balbuciou, tomada pela emoção.

Sentiu-se ser transportada para outro lugar ao que as dores sumiam. Não conseguia se mover sob o peso de toda a paz que passou a reinar em seu peito. A presença d'Ele era palpável — sentiu o momento em que ele tocou em sua cabeça e o ouvir sussurrar:

— Não a condeno. Vá e não peque mais.

Desde a morte do pai, aquela era a primeira vez que seu coração parecia grande demais para o peito.

Ainda em meio a risadas e choro, continuou a implorar pelo perdão de Deus ao que as vozes ao seu redor ficavam mais altas. Sentiu o corpo leve, enfim liberta da condenação. Ninguém mais lhe bateria, ninguém mais lhe machucaria o coração, porque alguém já havia sofrido por todos os seus erros.

Minutos antes, achara estar morrendo e percebeu que de fato acontecera. Quem morrera foi a Tina Partridge criada por West, que detestava seu nome de batismo. Quem morrera foi a Tina Partridge que ela mesma criara por não conseguir aguentar a lembrança da Barhi que fora a princesinha de seu pai. Voltou a simplesmente ser a Barhi que adorava a Jesus, que o ouvia clamar por seu nome.

Trêmula, foi tomada por uma felicidade sem tamanho quando enfim sua sede foi saciada pela graça de Deus.

Ali, prostrada no chão de uma garagem, decidiu que jamais alcançaria a perfeição que fora Jesus, mas, ainda assim, seria um prazer morrer tentando ser como Ele, porque ela o amava, e Ele a amava de verdade. Nunca se permitira acreditar que alguém poderia amá-la.

E ela viveria o resto de seus dias para a glória d'Ele.

08

PARABÉNS PARA VOCÊ

Barhi sorriu ao se lembrar do convite de Leon quando entrou no closet, onde alcançou uma sandália branca de salto médio e a pôs nos pés. Então, pegou uma bolsa prata e um relógio de pulso, que indicava a chegada do rapaz nos próximos cinco minutos.

Convencida de que pegara tudo o que precisava, parou na frente do espelho, analisando o vestido lilás que escolhera para seu primeiro encontro.

Gostou do que viu.

O celular começou a tocar, e seu estômago se revirou, o coração acelerou e, de forma involuntária, sorriu largo. Aquele era seu primeiro aniversário longe da mãe, que estava em missões. Havia sido acordada com um café na cama feito por Ella e uma videochamada de Jaime. Sentira-se tão amada e grata. E, para finalizar seu dia, estava prestes a ter um encontro com um homem de Deus que ela admirara de longe por anos.

— Alô? — atendeu sem olhar o identificador de chamadas, certa de quem estava do outro lado.

— Estou esperando por você aqui embaixo, princesa Barhi Valentina.

Barhi estremeceu com o apelido e gargalhou, nervosa.

— Ah, não! — caçoou. — Vou deixar o cristalzinho de Hollywood esperando, que indelicadeza!

Foi a vez dele rir, despertando as borboletas em seu estômago.

— Não vou suportar por muito tempo.

Barhi desligou com uma risada e levou o celular ao peito, respirando fundo para acalmar o coração. Um minuto depois, já saía do apartamento.

Lá fora, não encontrou o carro de Leon, e olhou ao redor, arqueando as sobrancelhas, mas logo abriu a boca, estupefata, ao vê-lo encostado em um Pontiac Catalina vermelho. A mulher gargalhou alto, encarando-o como se aquilo fosse impossível.

Leon se desencostou do carro, embora tenha continuado com as mãos no bolso, sorrindo amarelo.

— Luvas Brancas, capítulo 10, o encontro de Rowan e Liz.

— Sua ideia para um encontro é recriar a cena do meu livro? — perguntou, incrédula. Leon apenas assentiu, aproximando-se. — Você não existe, Leon Strove.

— Uma vez você me disse que eles são o seu casal favorito, por isso pensei que seria um encontro legal para comemorar seu aniversário.

— Como você sabe que é meu aniversário? — Ela o encarou, estupefata.

— Por que eu não saberia? — A garota não soube o que falar. Leon apenas esticou os lábios em um sorriso compreensível. — Peço licença para dizer que mudei algumas coisas do encontro do livro, preciso ser inovador.

— Essa — apontou para o carro — foi sem dúvidas a coisa mais inovadora que eu já vi na vida! — Leon pegou a mão de Barhi e a conduziu até o carro, abrindo a porta para que a mulher entrasse. Ela ainda não parecia acreditar no que estava acontecendo. O rapaz deu a volta no carro e se sentou no banco do motorista. — Você vai me levar para dançar em alguma discoteca dos anos 1960? — Tina sorriu, traquina, e Leon negou com a cabeça.

— Talvez na próxima. — Piscou para ela e deu partida no carro. — Hoje vamos escrever o nosso próprio capítulo. — Sorriu, e Barhi o encarou com os olhos brilhando. — Você sabe — a olhou de canto de olho — que Deus sempre será um escritor melhor.

A mulher assentiu e olhou para o céu, que, por algum motivo, estava livre da neblina habitual daquela época do ano, exibindo algumas estrelas. Fechou os olhos e agradeceu a Deus por aquele momento. Nunca seria capaz de agradecer o suficiente por todas as mudanças que Ele trouxera para sua vida, porém sabia que passaria o resto de seus dias demonstrando o quanto o amava.

Em poucos minutos, chegaram em um restaurante bastante arborizado, cujas árvores tinham sido decoradas com pequenas luzes amarelas. A porta era encabeçada por um arco de madeira. Lá dentro, depararam-se com uma pista de dança de madeira cercada por várias mesas.

Com um sorriso, a recepcionista os guiou até uma mesa reservada em um canto mais afastado.

— Obrigado — Leon agradeceu, e a mulher voltou para o balcão. Ele, então, puxou a cadeira para que Barhi se sentasse antes de ir se acomodar do outro lado da mesa. — O que achou do lugar?

— É muito lindo. — Passou os olhos pelo local e sorriu, encantada. — Preciso contar para as meninas do clube do livro que o mocinho me levou a um encontro em um Pontiac Catalina, anos 1960.

Leon gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Elas vão gostar muito de ouvir o restante.

Levantou as mãos com ar de mistério.

— Estou ansiosa. — Sorriu de lado.

— A propósito, seu vestido me lembra do dia em que nos conhecemos. — Apontou para a roupa de Barhi, que encarou o vestido e sorriu. — Barhi Valentina e seu nome de princesa. Está linda.

— Obrigada, garotinho das flores.

— Esse era meu nome antes de me conhecer? — A mulher sorriu e assentiu. — Antes de tudo, eu gostaria de agradecer pela sua vida.

Leon assumiu uma postura séria, e Barhi o encarou, surpresa. Ele iniciou uma breve oração de agradecimento a Deus por aquele momento e pela vida da mulher. Pediu que o Senhor direcionasse a amizade dos dois e finalizou agradecendo por sua vida e pelo talento que ambos haviam recebido, pedindo que sempre o usassem para a glória de Deus.

— Obrigada.

Barhi limpou o canto dos olhos, e Leon sorriu, meigo.

— Como foi o seu dia hoje, princesa Barhi? — E a encarou atento.

— Muito agradável. E, aliás, o pastor Owen me disse que você falou com ele.

— Eu e Nathan faremos o processo de membresia.

Barhi arregalou levemente os olhos.

— E a sua antiga igreja?

— Há um tempo estamos procurando por outra igreja, e a do pastor Owen adota a doutrina em que gostaríamos de estar inseridos.

— Entendo. — Assentiu. — Como está sua tia?

Os dois passaram alguns minutos conversando sobre trivialidades, até que o jantar foi servido. A conversa seguiu entre uma garfada e outra, surpreendendo-os com as muitas coisas que tinham em comum, além de se se divertirem com as diferenças nítidas. Era inegável que os dois se sentiam confortáveis na presença um do outro e que, mesmo com as peculiaridades que cada um possuía, de alguma forma meio maluca, eles conseguiam se entender.

— Sabe, você nunca me disse como conheceu o evangelho.

Leon levou o copo de suco à boca e Barhi fez uma careta.

— Foi um dia difícil. Eu não estava em uma boa fase.

Deixou o talher no prato e limpou a boca com um guardanapo.

— Acho que é assim com a maioria de nós.

— A culpa que eu sentia pela morte de meu pai acabou me afastando de Deus. Acredito que as orações da minha mãe foram atendidas naquela noite. — Espremeu os lábios e os olhos arderam. — Encontrei uma garagem, que depois descobri ser a casa do pastor Owen. — Sorriu de leve, e Leon a encarou, fascinado. — Eles estavam realizando um culto quando passei pela garagem e acabei entrando. E aí tive um encontro com Jesus. O resto você já deve imaginar.

— Irresistível e fascinante — concluiu, e ela assentiu. — Eu também estava em uma noite difícil. Já conhecia Deus, mas também me afastei depois da morte do meu pai, e aí, em uma noite em que saí de casa sem avisar, um morador de rua me apresentou o evangelho.

— Você me permite escrever isso em um livro?

Barhi o encarou, estupefata, e ele assentiu, rindo.

— Na verdade, o Jasper foi um grande homem de Deus e tenho certeza de que o evangelho alcançou muitas pessoas através dele. Ele já se foi, mas o que Deus fez em mim quando o conheci foi um grande legado — concluiu, saudosista.

— Sinto muito por sua perda.

— Está tudo bem. — Abriu um largo sorriso ao avistar a garçonete se aproximar. — Acho que chegou um momento muito importante.

Barhi o encarou com confusão e abriu a boca para questioná-lo instantes antes de seus olhos pousarem no bolo de chantininho branco, coberto por velas coloridas, ser colocado à sua frente na mesa.

Junto à moça, um rapaz entregou uma caixa lilás para Leon, que agradeceu aos dois. Quando eles partiram, Barhi encarou Leon com os olhos brilhantes e um enorme sorriso no rosto, que foi retribuído por outro igualmente grande.

— Estou sem palavras. — Barhi tocou as bochechas com as mãos, e Leon não soube lidar bem com a fofura da mulher. — Obrigada!

— Ainda falta uma coisa muito importante para que eu possa tirar uma foto linda e registrar o momento. Por favor, não apague as velas.

A mulher sentiu as bochechas queimarem com o anúncio de mais uma surpresa.

Leon se levantou com a caixa lilás em mãos e foi se abaixar ao pé da cadeira da mulher, que o encarou, rendida. Ele abriu a caixa e retirou de dentro um diadema. Barhi o encarou, tão perplexa que o rapaz gargalhou. Tina levou uma mão ao coração e outra para a testa, sem acreditar.

— Isso é uma coroa de verdade? — Leon assentiu, e Barhi piscou o olho diversas vezes, incrédula. — Você comprou uma coroa de verdade? — Seu tom era estupefato. — Para mim?

— Sim. — Sorriu. — Agora vamos lá.

Leon ficou de pé, retirou o diadema da caixa e mostrou para Barhi que, na parte de dentro, duas frases foram gravadas. Em uma ponta, dizia: *Consagrado para o Senhor*. Na outra, seu nome.

Tina o encarou em choque. Seu corpo todo tremia e o coração batia descompassado. Leon colocou a coroa na cabeça dela e depois tocou sua mão com delicadeza.

— Êxodo 28:36: "Faça um diadema de ouro puro e grave nele como se grava um selo: Consagrado ao Senhor". — Sorriu ao ver que Barhi chorava. — Você, Barhi Valentina Partridge, é consagrada para o Senhor, alguém escolhido para trabalhar para a glória d'Ele, e sou profundamente grato pelo privilégio de tê-la conhecido.

O rosto da escritora era lavado pelas lágrimas, que se misturavam ao largo sorriso em seus lábios, criando um contraste lindo de emoções. Vê-la com os olhos brilhantes e a coroa na cabeça foi o bastante para que ele se perdesse em pensamentos por um momento.

Leon pigarreou, recompondo-se.

— Desejo que este presente sempre a lembre de que você é uma princesa com um nome lindo, de que você é uma mulher sábia e talentosa, consagrada para o Senhor. Feliz aniversário, princesa Barhi.

Leon depositou um beijo leve na mão da mulher, que tentava controlar as lágrimas.

— Eu nunca… — Tentou dizer, sendo interrompida pelo choro. Leon achou a cena muito mais fofa do que podia suportar. — Nunca na minha vida conseguiria imaginar algo tão perfeito. Muito obrigada, Deus! — Barhi encarou o céu, e Leon riu. — Obrigada pelo melhor jantar de aniversário que já tive.

Encarou Leon, que apenas sorriu.

— Agora vamos tirar uma foto!

O rapaz usou o celular para capturar a imagem da moça em frente ao bolo antes de ela enfim apagar as velas. Em seguida, notou a movimentação na pista de dança e se levantou a fim de chamá-la para dançar.

— Está na hora de seguir o roteiro do capítulo dez. — E piscou para ela, sorrindo de lado.

— Você, Leon Strove, é mesmo um cristalzinho de Hollywood.

O rapaz riu, colocando uma mão no bolso e oferecendo a outra para a mulher.

— Me concede a honra de uma dança, princesa Barhi?

Ela assentiu e ambos foram para a pista de madeira.

Os dois mantiveram uma distância adequada um do outro, mas ainda assim se divertiram em meio a rodopios e passos desencontrados. Havia poucos casais ao redor, porém todos pareciam profundamente apaixonados.

— Nunca perguntei o dignificado do seu nome.

Leon a encarou, curioso.

— Não há um significado para o meu nome.

A mulher deu de ombros.

— Fala sério.

— Pode pesquisar na internet. Não tem. — Ela assentiu. — Minha mãe criou. Ele é um anagrama do nome do meu pai, Briah. — Leon girou a mulher. — Não tenho um significado.

— Agora você tem, não está claro? — Leon sorriu de lado, e Barhi fez uma careta, negando com a cabeça. — Eis aqui o seu significado: Barhi é nome de princesa, e princesa significa filha de um rei, e filha do rei significa mulher cheia de virtudes, única, amada e cheia de graça.

Tina sorriu, e Leon parou de dançar, segurando as mãos dela, que o encarava, atenta. Os olhos de ambos brilhavam e seus corações batiam fora do ritmo habitual.

— As pessoas podem até ter feito você se esquecer de quem é de verdade, do que você significa, mas chegou a hora de você voltar para a verdade, Barhi, a verdade sobre você. — Acariciou-lhe as mãos. — Não tenha vergonha do seu nome, ele é quem você é, e você é você. Não há elogio maior, princesa Barhi Valentina Partridge.

Ali, naquele restaurante pacato, Barhi enfim entendeu que nunca ficara sem respostas. Todas as suas orações pedindo por um relacionamento saudável, todas as vezes que saíra da terapia e fora orar a Deus para que lhe desse graça para superar cada momento em que se sentira sozinha, todas as noites em que escrevera sobre casais imaginando quando seria a sua vez, tudo isso fora observado por Deus.

A verdade era que Barhi nunca havia orado por alguém como Leon; ainda assim, sentia-se grata pela misericórdia de Deus. Ela jamais conseguiria escrever um roteiro tão perfeito como aquele. Seu aniversário nunca foi tão especial. Deus estivera com ela nos momentos mais difíceis de sua vida, mas provara que, além disso, haviam bênçãos, dádivas tão preciosas que ela só sabia agradecer por tê-las, mesmo não merecendo.

— Você é muito além da conta, Leon. — Barhi sorriu, negando com a cabeça. — Obrigada por gostar da Barhi.

— Eu verdadeiramente quero vê-la mostrar para a Tina que ainda podemos ser felizes.

Acariciou as mãos da mulher e ela concordou.

— Acho que ela já está fazendo isso.

— Fico feliz por fazer parte disso.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

Carmel, 2019

Leon dirigia pelas ruas de Carmel em direção à clínica de reabilitação que se tornara o novo lar de Norah nos últimos seis meses. Estava nervoso. Embora tenha visitado a mãe em todos os fins de semana que ficara livre das aulas na universidade, aquele era diferente.

Estava ali para levá-la à sua nova casa.

Quando o pai de Leon morrera, a família se mudara para São Francisco, deixando a vida que tiveram em Carmel para trás. Contudo, assim que decidira se internar, Norah pedira que fosse na cidade que tanto os fizera sofrer em outros tempos. Leon não gostara da escolha da mãe, preocupara-se com as lembranças que a cidade poderia trazer à tona. Contudo, para sua surpresa, fora em Carmel que Norah conseguira se restabelecer e, agora, decidiu morar.

Assim que adentrou a clínica, foi recebido pelo porteiro, que o informou que a mãe estava no pavilhão. Ao chegar no local, Leon viu uma grande festa de despedida para a mulher. Seus olhos arderam — ele era tão grato por cada uma daquelas pessoas. A clínica não só ajudara a sua mãe a superar o vício, como também a reaproximara de Deus. Um dos motivos para Norah querer continuar na cidade era a igreja local, que promovia os cultos na clínica. Ela se apegara aos membros.

Assim que a mulher de cabelos pretos cacheados avistou o filho, abriu um largo sorriso, chamando-o com a mão. Leon se aproximou do grupo e foi muito bem recebido com abraços e apertos de mãos.

— Queremos saber se você também vai ficar por aqui — questionou a enfermeira de idade avançada, enlaçando o jovem em um abraço apertado.

— Embora Carmel tenha uma força sobrenatural que nos faz querer morar aqui, preciso voltar para São Francisco, Noemi.

O rapaz sorriu ao que a mulher torceu o nariz em reprovação.

— Agitado e nublado!

A senhora negou com a cabeça e Leon sorriu, concordando.

— Mas estarei sempre por perto, para ajudar você com as caixas de remédios.

Deu uma piscadela para a mulher.

— Não prometa o que não pode cumprir, garoto — advertiu, e Leon coçou a nuca.

— Posso prometer um café quentinho. — Norah entrou na conversa, abraçando Noemi. —

Você vai me visitar sempre que puder? — pediu, e a velha senhora assentiu.

— Prometo ir até quando não puder. — Sorriu. — Agora que estou a um passo da aposentadoria, terei muito tempo.

— Nós temos que ir, Noemi, mas quero agradecê-la por tudo que fez por nós durante esses seis meses.

Os olhos de Leon lacrimejaram e a enfermeira abriu um sorriso largo, abraçando-o.

— Eu que agradeço pelo privilégio que foi ver a sua mãe se aproximar de Deus — falou baixinho no ouvido do rapaz, que sorriu e a abraçou mais forte.

Após mais uma série de despedidas, Leon e Norah saíram da clínica em direção à casa que Sofia havia alugado para que a cunhada pudesse recomeçar — a casa em que Leon crescera seria vendida, uma vez que ele e a tia acreditavam que viver no espaço em que tanta coisa acontecera não seria o melhor para Norah.



Quando o carro fez a última curva e parou em frente a uma casa com estilo vitoriano, Leon desceu do veículo, abrindo a porta para que a mãe fizesse o mesmo. Os dois, então, entraram na casa, e Norah esboçou um sorriso largo ao passear por cada cômodo da casa recém-reformada. Sentiu como se aquela fosse sua nova chance.

— Ficarei com você pelo primeiro mês, já que estou de férias da faculdade.

Leon caminhou até a mãe.

— É linda. — Norah seguiu em direção à janela da sala, que apontava para a rua. — Muito obrigada por tudo que fizeram por mim nesses últimos anos. Eu sinto muito — disse com os olhos marejados.

Leon negou com a cabeça.

— Está tudo bem. Estamos felizes que você está bem. A tia Sofia disse que não vê a hora de vir morar aqui também. — Sorriu, traquina. — Ela disse que vai se aposentar e vir morar com você.

— A empresa mal começou a dar certo e ela já está assim? — questionou, zombeteira. — Ela ainda tem muito o que fazer, a minha garotinha. Estou orgulhosa!

— É bom tê-la de volta, mamãe. Senti sua falta.

Leon a encarou, deixando as lágrimas escaparem, e a mulher o abraçou.

— Posso imaginar o quanto foi difícil para você me ver no estado em que eu estava. Peço perdão, filho.

Apertou o rapaz com mais força, e ele chorou com voracidade.

— Eu orei tanto. — Soluçou. — Estou tão feliz!

— Obrigada por ter insistido em mim, meu filho. — Norah se separou do rapaz e acariciou suas bochechas, secando algumas lágrimas. — Falhei em ser sua mãe durante todo esse tempo, me perdoe.

Leon negou com a cabeça, fungando, a fim de conter as lágrimas, que insistiam em rolar por seu rosto.

— Entendo o quanto foi difícil para você perder o papai. — Encarou a mãe nos olhos. — Para mim também foi. Eu sinto tanta falta dele.

— Eu também, filho. — Norah assentiu. — Eu também.

— Mas agora estamos aqui e podemos viver de um jeito diferente.

Passou a mão delicadamente pelos cabelos da mãe.

— Hoje entendo que todo sofrimento nos molda e edifica, filho, para algo eterno. Não se

esqueça disso.

— Não esquecerei.

Beijou a testa da mãe.

— Quero viver de um jeito diferente agora!

— Nós viveremos, mamãe.

Leon voltou a abraçar Norah. Os dois ficaram envoltos naquele abraço por um tempo. O rapaz era extremamente grato por enfim viver aquilo por que tanto pedira, mesmo sabendo que não merecia. Norah, por sua vez, encontrava-se em um novo mundo, vivendo dia após dia, como se jamais tivesse vivido a vida da forma correta, como se agora tivesse encontrado o que sempre procurou.

09

DIZER “NÃO” TAMBÉM É DIZER “SIM”

Na semana seguinte, Leon e Tina não se viram pessoalmente. Ele viajara para se reunir com parceiros da Pansy enquanto Tina estava imersa na escrita do livro novo.

No entanto, Norah fez questão de ligar para eles a semana toda, cobrando a presença dos dois em Carmel naquele fim de semana. O rapaz conversara com Jaime por telefone, e ela o aconselhara e deixara muito claro o quanto havia gostado da forma como o vira tratar a filha.

Leon saiu do escritório e caminhou o longo percurso até o carro. Assim que adentrou o veículo, ligou para a amiga. Girou a chave na ignição, deu partida e tamborilou os dedos no volante conforme saía do estacionamento. Sempre ficava nervoso quando falava com a escritora, era costumeiro a barriga revirar e o coração sair do curso.

— Cristalzinho de Hollywood — Barhi saudou, rindo, e Leon sorriu, bobo.

Era impressionante como ela conseguira ressignificar o apelido que ele detestava.

— Posso acreditar que você está fazendo as malas para ir a Carmel comigo daqui a algumas horas?

Leon parou no sinal e encostou a cabeça no banco, fechando os olhos e rogando por uma resposta positiva.

— Estou indo para a intercessão na casa de uma irmã da igreja.

Leon murchou os ombros e olhou para a frente.

— Ah…

— Porque arrumei minha mala mais cedo — terminou, sorrindo, e Leon alargou os lábios, aliviado.

— Você vai amar a cidade. Eu diria para convidar Ella, mas você comentou que ela vai estar com o namorado, né?

— Sim. Dessa vez ela não pode ir.

— Então teremos próximas?

A voz soou presunçosa.

— Talvez. — Barhi sorriu do outro lado da linha. — Agora me deixe ir.

— Buscarei você às 18h.

— Tudo bem.

A chamada foi encerrada, e Leon comemorou com uma dancinha esquisita e um sorriso de

orelha a orelha. Ele nunca havia se permitido se sentir assim — ou talvez nunca encontrara alguém que o fizesse querer ser sentir. Mas agora tinha Barhi Valentina e seu nome de princesa.

Se alguém lhe dissesse que precisaria esperar dezenove anos para encontrar a princesa da sua infância ainda mais perfeita do que ele imaginara em suas utopias infantis, ele não acreditaria.



Mais tarde, Leon estacionou em frente ao prédio de Barhi, Nathan adormecido no banco de trás. Desceu do carro e notou a amiga parada próximo à portaria. A passos apressados, aproximou-se dela e a cumprimentou com um beijo nas costas da mão antes de ajudá-la a colocar a bagagem no porta-malas.

Por fim, abriu a porta do passageiro para ela e, depois, deu a volta no carro e se acomodou atrás do volante.

— Tive de deixar meu Pontiac Catalina em Carmel na semana passada — lamentou-se ele, colocando o cinto de segurança.

— Isso quer dizer que vamos fazer um passeio ao estilo dos anos 1960?

Barhi sorriu de canto

— Você vai usar um vestido de poá?

Estreitou os olhos em direção à mulher.

— Só se você colocar uma jaqueta de couro e passar gel no cabelo.

Piscou, fazendo o homem abrir um sorriso de orelha a orelha.

Os dois colocaram a mão na boca para conter o riso e olharam para trás, garantindo-se de que não acordaram Nathan.

Já mais calmo e controlado, Leon deu partida no carro.

— Ele teve treino hoje — explicou. — A rotina dele é muito puxada, não sei como ele aguenta.

— Jogador de futebol americano… Nunca imaginei que alguém pudesse glorificar a Deus dessa forma, admito. — Barhi levantou as mãos em rendição. — Mas assisti algumas entrevistas do Nathan e o achei admirável. Ele leva o evangelho para milhares de pessoas através do futebol. Como Deus é incrível.

As palavras de Tina eram como um abraço forte e aconchegante. As pessoas não costumavam entender a profissão do primo como algo verdadeiramente cristão; pelo contrário, tudo que saía dos cinco ministérios descritos em Efésios era visto como secular.

Contudo, a grande verdade era que muitos jogadores viviam uma vida de retidão, aposentavam-se e seguiam para o pastoreio, enquanto outros evangelizavam, apoiavam missões, mas, ainda assim, o futebol era visto como um esporte mundano.

— Eu fico sinceramente aliviado de ouvir isso.

— Que o Nathan é um cara admirável?

Barhi franziu o cenho, e Leon concordou.

— Como foi o seu dia hoje? — Mudou de assunto.

Apertou as mãos no volante e o movimentou para fazer uma pequena curva.

— Muito adorável. Escrevi bastante, desfrutei de uma tarde agradável com as irmãs da igreja e precisei usar toda a minha mansidão para não gritar com Ella.

Tina descansou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos.

— Gabriella Zanotelli, certo? — Ela anuiu. — Me lembro de Ches ter falado sobre como ela é uma ótima revisora. Ele leu alguns dos roteiros amadores dela, ela é boa.

Leon continuou com o olhar atento a pista.

— Muito boa — Barhi concordou. — Ela escreve muito bem, mas prefere ficar na revisão.

Hoje ela quase colocou fogo na minha cozinha tentando fazer algo no forno e deixou o meu apartamento uma bagunça. Apesar de tudo, eu a amo. — Sorriu.

— Nathan disse que ela matou uma barata na frente dele.

Leon riu em um tom mais alto, e Tina conteve uma gargalhada.

Os dois seguiram a viagem conversando sobre os últimos dias, sobre os planos para as semanas seguintes e sobre o que gostariam de fazer no fim de semana em Carmel. Estavam desfrutando a presença um do outro, conhecendo suas peculiaridades — adoráveis ou não —, além de planejarem coisas futuras juntos.

Esses momentos com Leon faziam Barhi refletir sobre o relacionamento que tivera com West. Ele sempre deixara bastante claro que não imaginava um futuro com ela e queria, menos ainda, os filhos que ela tanto desejava. Na época, pareceram detalhes que podiam ser ignorados, mas agora sabia a importância que eles tinham.

Tina foi acometida por uma sensação de estar em um filme assim que entraram na cidade. As casas, as pracinhas e até as pessoas pareciam ter saído de uma comédia romântica. Para Leon, a cidade trazia boas lembranças. Apesar de ter vivido momentos muito difíceis ali, ele se recordava com carinho da infância e também da vida adulta que passara em Carmel.

Afastando-se um pouco do centro da cidade, Leon dirigiu por mais alguns minutos, até estacionar em frente à mesma casa de estilo vitoriano em que deixara a mãe anos antes para voltar a estudar em São Francisco. O lugar agora abrigava as duas mulheres mais importantes de sua vida, Sofia e Norah Strove.

Leon soltou o cinto, saiu do carro e abriu a porta para Barhi, que aceitou sua mão como apoio para ficar de pé. Em seguida, o rapaz abriu a porta de trás e acordou Nathan, que apenas pegou a chave da mão do primo e voltou a dormir.

Os outros dois riram e caminharam juntos até a entrada da casa, trocando um olhar singelo. Leon bateu na porta, e os dois foram recepcionados por Norah, que deu um abraço demorado em Barhi e depois se virou para Leon, que a encarava com os olhos semicerrados.

— Você eu já vejo até demais. — A mulher uniu as mãos próximo ao rosto, entrelaçando os dedos, e Leon a encarou, boquiaberto. — Venha aqui. — Norah abriu um largo sorriso e abraçou o filho, apertando-o com força, fazendo o coração de Barhi aquecer ao olhar a cena. — Cadê o meu reizinho?

Norah olhou confusa para o filho.

— Tia Nono!

Nathan travou o carro, colocou a chave no bolso da calça e andou sonolento na direção da tia, que cruzou os braços.

— Você está dormindo no centro de treinamento de novo, Nathanael?

Norah o encarou, severa.

— Eu não durmo lá, tia, só saio tarde e volto cedo.

Sorriu amarelo e recebeu um olhar de reprovação.

— Você vai dormir por no mínimo doze horas, ouviu? E quero você jantando direitinho!

— Sim, senhora! — Ele bateu continência. — Seu desejo é uma ordem que muito me alegra.

Passou pelos os outros dois jovens, piscando para ambos, e abraçou a tia de lado, conduzindo-a casa adentro.

— Meus meninos chegaram!

Sofia desceu as escadas com pressa.

— Sim. Olha como nosso reizinho está fraco!

Norah apontou para Nathan, que coçou a cabeça.

— Que olheiras são essas, Nathanael Strove? — A mulher caminhou ao encontro do filho, boquiaberta. — Você não tem dormido?

— Posso contar a verdade? — Leon entrou na história, conduzindo Barhi para mais perto da família.

— Claro — Sofia e Norah responderam.

Nathan revirou os olhos, rindo.

— Alguém aqui está no caminho para ser o melhor jogador da temporada e disputar o seu primeiro *Super Bowl*.

As duas mulheres pularam em cima do mais novo, animadas, e ele riu, tentando se equilibrar.

— Vocês já sabiam disso!

Nathan sorriu de lado.

— É, mas quando o Leon diz é porque vai acontecer. Sejamos sinceros, filho — Sofia encarou Norah —, entendemos o jogo e amamos ver você jogar, mas o que acontece fora do *San Francisco 49ers* não é do nosso conhecimento.

— Pois afirmo que o melhor time da temporada é o do reizinho de vocês. — Leon se aproximou do trio com um sorriso no rosto e as mulheres ficaram ainda mais animadas. — E agora vamos tratar bem a visita!

As duas olharam para Barhi, estupefatas.

— Querida, nos perdoe! — Sofia começou, indo de encontro à moça.

— Nós nos empolgamos — Norah explicou, abraçando a escritora de lado.

— Estamos felizes de tê-la aqui. Vamos fazer um lanche.

Sofia entrelaçou o braço no de Barhi, vendo a cunhada fazer o mesmo do outro lado.

As três saíram rumo à cozinha e, em questão de minutos, já conversavam amistosamente enquanto os dois rapazes se esparramaram no sofá e se puseram a pensar em tudo, cada um em seu mundo. Leon fechou os olhos e se permitiu descansar por alguns segundos, até Nathan comentar sobre o treino do dia.

Como não havia sentindo desbravarem a pequena cidade tão tarde da noite, ainda mais cansados, os três visitantes foram alimentados e alocados cada um em um quarto da grande casa.



— Barhi — Norah chamou assim que a mulher acabou de concluir o laço em volta da pequena caixa de doces em suas mãos. — Como vão as caixinhas?

Norah atravessou o corredor que as separava, e a mais nova a encarou com um sorriso.

— Todas prontas. A que horas precisamos estar lá?

Levantou-se com uma caixinha em mãos, entregando-a para que a mulher a analisasse.

— Ficou linda, querida. Você tem talento. — Sorriu, fazendo um carinho no cabelo da moça. — Sairemos em uma hora.

Naquela manhã aconteceria um evento promovido pela igreja em que Norah e a família frequentavam em Carmel. Era uma igreja pequena e charmosa, de poucos e comprometidos integrantes. As duas mulheres informaram a Barhi que aquele era um evento anual, realizado para que a comunidade conhecesse Jesus através das barraquinhas, que vendiam de comidas a adereços.

— Você pode ficar na barraquinha comigo e a Sofia. Estamos animadas de ter uma nova integrante. — Sorriu e conteve um pulinho. — O intuito principal é evangelizar no pequeno tempo de diálogo que temos com os visitantes. Será mais fácil se estivermos em grande quantidade.

— Fora que todo o lucro deste ano será doado para a clínica de reabilitação aqui de Carmel. A igreja faz um trabalho evangelístico lá também.

— Eu me sinto grata por poder fazer parte disso. — Barhi abraçou o próprio corpo e sorriu, singela. — A nossa igreja em São Francisco também promove eventos para a comunidade.

— Nathan me disse que é incrível.

— Estávamos orando por uma nova igreja em que os dois pudessem congregar — Norah explicou, preocupada.

— O pastor Owen me falou que em breve eles poderão passar pelo processo de membresia.

— Estamos orando para que eles fiquem.

Norah uniu as mãos.

— Gosto de igrejas pequenas — Sofia comentou e encarou Norah. — Amamos! — concluíram juntas.

— Nenhum lugar é perfeito e quando as comunidades são menores, as coisas fluem ainda mais intimistas e muitas vezes as desavenças acontecem, mas o mais importante é a disciplina eclesiástica e o encorajamento — Barhi comentou, guardando as caixinhas dentro de um baú de madeira.

— Estando todos em uma mesma visão, os membros comprometidos em desenvolver e serem desenvolvidos vão sustentando uns aos outros.

Sofia concordou com a cabeça e auxiliou a moça. Logo todas as caixinhas foram estocadas.

— Isso. — Norah sorriu. — Somos gratas por você, Barhi.

— Eu sou muito grata pelo acolhimento, me sinto em casa.

— Pode vir sempre que precisar de um colo.

Norah a abraçou de lado.

— Ou de um conselho… — Sofia completou, juntando-se ao abraço.

Aquele momento foi importante para Barhi. As três mulheres se conectaram em pouco tempo — a escritora contou a respeito de sua vida e ouviu as histórias marcantes das duas mulheres, que precisaram criar duas crianças sem uma figura paterna. Além de tudo, sentia-se em casa, porque via Deus em cada uma das pessoas daquela família. Mais uma, vez o Senhor se mostrou ser muito mais do que ela merecia.

O restante da manhã passou tranquila, cada um deles desempenhando sua função na feirinha organizada pela igreja. Muitas famílias transitaram pelo local, e Barhi teve o privilégio de fazer aquilo que mais amava no mundo, ouvir a história das pessoas. Cada um que passara pela barraquinha e mantivera uma conexão com a mulher fora ouvido, aconselhado e evangelizado.

— Nunca vou me acostumar com a forma simples que o evangelismo acontece — Barhi comentou mais tarde, sentando-se em uma cadeira ao lado da barraquinha vazia.

Leon a encarou, permanecendo em pé.

— Eu sempre acreditei que necessitava viver uma vida extraordinária se quisesse mesmo viver uma vida para Deus.

Leon cruzou os braços e se encostou na barraca de madeira.

— E foi isso que fez.

A mulher sorriu e o rapaz assentiu.

— Percebi que poderia também ter ficado por aqui e feito como Norah. — Apontou para a mulher de pele preta e cabelos enrolados que mantinha uma conversa amistosa com uma velha senhora. — Ela trabalha em uma escola local e leva o evangelho consigo. Não precisou ser missionária ou estar em frente a uma grande multidão. Apenas vive para glória de Deus.

— É uma vida simples e feliz. — A mulher sorriu — Mas, no seu caso, viver assim seria jogar

o seu talento fora, não?

Cruzou os braços e franziu o cenho.

— Que tal um escritor anônimo?

Sorriu de lado e piscou.

— Você tem um ponto.

Barhi assentiu com a cabeça.

— Mas não há nada de errado na vida extraordinária.

— Ela é igualmente genuína — a mulher completou, e o rapaz assentiu.

— Quero levar você para conhecer o centrinho hoje à noite. O que me diz?

Aproximou-se dela, agachando-se ao pé de sua cadeira.

— É um encontro, cristalzinho de Hollywood?

Sorriu de lado.

— Você aceitaria, princesa Barhi?

Apoiou o queixo nas mãos entrelaçadas.

— Posso pensar. — Fingiu dúvida. — O que tem de bom por lá?

— Beleza e a minha companhia, claro!

Levantou-se e deu um giro, piscando em seguida.

— Acho que pode valer a pena — riu.

— Vou fazer valer.

Sorriu, presunçoso, e estendeu o braço para que ela entrelaçasse o dela. E assim a mulher o fez.



Depois de passar a tarde observando a dinâmica daquela família amorosa em meio a uma partida de bingo, Tina subiu até o quarto e se arrumou para o passeio que faria com Leon.

Passar aquele tempo com o rapaz e sua família a fez se lembrar de tudo que um dia acreditara nunca poder viver. Quando estava com West, tinha certeza de estar sentindo o máximo que poderia de um amor, mas a Barhi de dezoito anos ficaria surpresa em descobrir que Leon sempre existiu no mundo, esperando pacientemente o momento de encontrá-la.

Quando a mulher desceu as escadas, as duas matriarcas desviaram os olhos dos livros que liam para encará-la. Ambas sorriram e trocaram um olhar cúmplice, fazendo Barhi corar ao caminhar até elas com um sorriso tímido. As mais velhas acompanharam a mais nova com o olhar, até que ela se sentou entre as duas.

— Um encontro?

Norah fechou o livro e encarou a moça.

— Acho que sim.

— Como você se sente?

Sofia segurou a mão da garota.

— Nervosa.

— Boa resposta — a roteirista elogiou. — Um conselho? — Barhi assentiu. — Embora seja importante, só o amor não basta, precisamos nos basear naquilo que cremos.

— O casamento é sentir que está se unindo a alguém para trabalhar para Deus de um jeito que não seria possível fazer sozinha.

Norah olhou de Barhi para Sofia.

— O relacionamento tem que aproximá-la de Deus, afinal, é a pessoa com quem você escolheu dividir a vida — Sofia completou.

— Essa parte entendo bem. — Tina espremeu os lábios. — Sei bem o que é viver um relacionamento que nos afasta de Deus.

— É por isso que às vezes precisamos dizer não.

— Quando você diz não para alguém que não convém, está dizendo sim para o seu futuro marido — Norah refletiu, maneando a cabeça de um lado para o outro. — Aquele que vai caminhar ao seu lado para a glória de Deus, que vai amá-la, protegê-la e respeitá-la.

— Aquele para quem você vai olhar e pensar que jamais conseguiria se apaixonar assim por qualquer outra pessoa. — Sofia sorriu largo e os olhos de Norah marejaram ao se lembrar do ex-marido. — Passar a vida ao lado de quem vale a pena é como assinar um contrato para nunca estarem sozinhos, o que é bom, embora nem sempre seja o caso. São nesses momentos que você precisa se lembrar dos motivos que a fizeram se casar.

— Encontre o motivo que a fará escolher se casar com Leon.

Norah tocou a mão de Tina, que sorriu.

— Ou com outra pessoa.

Sofia repreendeu Norah com o olhar.

— Muito obrigada por isso — Barhi respondeu com os olhos marejados. — Sempre imaginei que escolheria errado… Foi o que acabei fazendo com West.

— E agora você tem um cara legal. — Norah acariciou os cabelos dela. — E, como o Leon, vão existir vários. Você precisa entender que aquele a quem você deve escolher terá um diferencial.

Olhou para Sofia, que complementou:

— E o diferencial será que você dirá não para todos os outros por ele.

As duas apertaram a escritora em um abraço. Era impressionante a cumplicidade simples e natural entre elas. Barhi, a seu modo, havia conquistado as duas mulheres e acabou virando uma grande amiga, colocando-as em um lugar de respeito em sua vida.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2019

Aquela manhã foi completamente diferente para Barhi.

Depois de duas semanas sem ver West, ela estava a caminho do primeiro dia de estágio após o recesso e mal podia acreditar que sua cabeça não doía, que não estava com o corpo mole nem dolorido. Restavam apenas alguns hematomas e uma dor incômoda aqui e ali.

Colocou um louvor para tocar e partiu com o carro em direção ao prédio da editora. O caminho foi agitado, com muito trânsito e pessoas caminhando de um lado para o outro.

Depois de vinte minutos, Barhi entrou no estacionamento da empresa.

A garota tirou a chave da ignição e pegou a bolsa no banco do passageiro, abriu a porta e, assim que a fechou, seu coração parou com o que os olhos viram. West estava encostado em seu carro preto, estacionado do outro lado do estacionamento, com as mãos nos bolsos e uma expressão angustiada.

— Tina! — chamou, atravessando a distância entre eles, e a garota passou a tremer. — Você não me atende. O que está acontecendo? — Tina permaneceu paralisada, não conseguia falar ou correr. A garganta estava seca e o corpo, formigando. — Você precisa voltar para casa. — West levantou o braço para tocá-la, mas a garota deu um passo para trás, que a fez cair no chão. O pânico se apoderou de Tina e seus olhos começaram a lacrimejar. Ela só conseguia pensar que aquele castigo não tinha fim. West a encarou, assustado, e se abaixou próximo à garota, que se encolhia cada vez mais. — Você não está nada bem. — Negou com a cabeça. — Precisa voltar para casa.

Tina fechou os olhos com força e rogou, com tudo de si, para que Deus lhe confiasse um pouco de coragem. *Me atenda, me atenda, me atenda*, pensou, tentando se manter no presente, pois àquela altura a voz de West era como um eco distante.

— Vamos, Tina — falou com um quê de impaciência. — Não podemos ficar aqui no chão. Levante-se!

Foi apenas isso que Tina conseguiu ouvir, um comando. Levantar-se, era isso que precisava fazer. *Levante-se, Barhi. Precisamos sair daqui.*

— Não vou a lugar algum com você. — A voz de Barhi saiu trêmula, mas seu olhar era ameaçador. — Nós não existimos mais, West!

Esforçou-se para se levantar e, quando ficou em pé, encarou o homem, cujos olhos pareciam

pegar fogo.

— Você vai para casa comigo — disse ele entre dentes. — Agora, Valentina!

— Não vou! — Tina sentiu o estômago revirar e pediu aos céus para que alguém chegasse. — Não sou mais a sua namoradinha troféu.

— Vai, sim, senhora!

Assim que a mão de West alcançou o pulso de Barhi, a mulher a afastou de forma brusca.

— Você acha que me bateu esse tempo todo porque era mais forte? — Aproximou-se do ouvido do rapaz. — Eu só não acreditava que possuía força o suficiente. — Tina engoliu seco e pressionou a caneta que achara, por um milagre, no bolso da calça, contra as costelas do rapaz. — Mas você não vai querer saber o quanto eu sou forte, West. É melhor você sumir daqui e ir procurar outra pessoa.

— Você é bem engraçadinha. — West riu, seco. — Foi você que escolheu ficar comigo, querida, e até duas semanas atrás, você gostava disso. — Chegou próximo ao pescoço da garota, que sentiu náuseas. — Eu vou esperar com paciência pelo dia em que você vai se tocar que sou o cara certo para você. No fundo, você sabe disso, Tina. Não tente ser alguém que não é. Assuma de vez a sua realidade.

O homem piscou para a garota, que tremia ainda mais, e caminhou em direção ao carro, arrancando minutos depois.

Barhi voltou para o próprio carro. A cabeça girava, os olhos já despejavam lágrimas, o corpo inteiro formigava e uma tremedeira sem fim a possuía.

West tinha razão. Quem ela era, final? Uma garota que havia feito péssimas escolhas, que não tinha como voltar atrás. Uma garota cujos sonhos eram altos demais, e a realidade, um carrasco que a lembrava de que não podia ir muito longe. Uma garota que havia encontrado um propósito de vida em uma garagem na madrugada em que quase morrera. Estivera vivendo fora de sua realidade.

— O que vou fazer? — Abraçou o corpo e se pôs a chorar de forma ainda mais descontrolada. O toque do celular a trouxe de volta ao presente, e ela viu o nome de Gabriella no visor. — Alô?

— Onde você está? — A amiga parecia aflita. — Vi o carro do West saindo. Ele foi até você, não foi? Aquele crápula! — Ella respirou fundo. — Onde você está, Tina?

— No estacionamento.

Tina apertou o aparelho com força, fazendo os nós dos dedos doerem e a mão ficar branca. As lágrimas eram compulsivas e o coração batia em um acelerado tremendo enquanto o corpo todo parecia ser amassado em meio à sensação sufocante de ter roupas demais no corpo. Estava a ponto de desmaiar quando Ella bateu no vidro da janela do motorista.

— Ele bateu em você? — A loira abriu a porta do motorista e analisou a amiga, horrorizada. — Meu Deus do céu! — Abraçou Barhi, que pareceu derreter em seus braços. Gabriella se manteve firme, acariciando os cabelos da garota e a abraçando. Por dentro, a raiva dominava a razão e um fogo a fazia querer quebrar tudo que havia em sua frente. Só Deus sabia o quanto estava se controlando. — Está tudo bem, Barhi — chamou-a pelo nome que ela não gostava muito, mas que sabia ser o que a acalmava.

— Eu não vou conseguir ficar livre dele, vou?

Barhi encarou Ella com os olhos vermelhos e o rosto inchado. A mais nova sentiu o coração ficar pequeno no peito.

— Vai, sim! Vai ficar tudo bem!

Secou as lágrimas da escritora.

— Ele nunca vai me deixar em paz! Isso não vai acabar, Ella. Eu escolhi assim!

— Não! Não vou deixar você fazer isso de novo! — Negou com a cabeça e fechou os olhos com força. — Nós vamos conseguir. — Encarou a amiga, que voltou a chorar. — Você vai começar as sessões de terapia e nós vamos abrir uma ordem judicial.

Barhi se encolheu no colo da amiga, que lhe tapinhas reconfortantes nas costas.

— Você precisa lutar contra isso, Tina. Você não nasceu para viver assim, e você sabe disso, sei que sabe! É por isso que nós vamos tratar disso juntas. — Abriu um sorriso triste. — Tudo que aconteceu foi forte demais, levará tempo para se curar, mas Deus já germinou uma sementinha dentro de você.

Levou o indicador em direção ao coração da mais velha.

— Eu sei. E como sou grata.

Barhi fechou os olhos com força e respirou fundo.

— Agora você precisa ser forte e lutar contra isso. Deus não a criou para viver dominada por suas emoções, por medos ou pelo passado. É difícil, é péssimo e incontrolável, mas vamos aprender a lidar com essas mágoas, até que tudo fique bem de novo.

— Obrigada.

— Amo você, sua garotinha incrível. — Sorriu e viu a amiga se iluminar minimamente. — Vou levar você em todas as sessões e nos cultos também. Se você quiser, até a bíblia vamos estudar juntas. Só não quero ver você voltar a ser quem não é.

— O West me disse isso hoje.

— O West é um idiota, Barhi! — bradou com um revirar de olhos. — Você é a Barhi, a garotinha que conheci no ensino fundamental. É a garotinha do tio Briah — falou, receosa, e a amiga a encarou com os olhos marejados. — Eu também sinto falta dele.

Elas se abraçaram e, por um instante, o momento pareceu ficar congelado, como uma foto.

Ella amava Barhi e vê-la naquela situação fazia parecer que seu coração se rasgava dentro do peito. Nunca imaginara ser capaz de sentir tanto a dor alheia quanto naquele momento.

10

O AR DE CARMEL

Barhi parecia uma criança abrindo os presentes na noite do aniversário, com os olhos brilhantes e a feição de quem vive algo incrível pela primeira vez. Leon a encarava com uma expressão igualmente concentrada, contudo o que o impressionava era a forma como a escritora conseguira ficar ainda mais linda quando estava animada.

— Sabe do que eu me lembrei agora?

Leon encarou Barhi, que o olhou com um sorriso genuíno.

— Não, mas você vai me contar.

Ele riu.

— Do dia que você me fez interpretar o Troy em um show de talentos para milhares de pessoas assistirem.

A garota gargalhou e ele a puxou para mais perto para que ela não esbarrasse na mulher que caminhava em direção aos dois.

— Nunca tinha cantado em um show de talentos e nunca vim até aqui.

— Então essa é a sua cara quando faz algo pela primeira vez? — Ela assentiu, encarando as lojinhas. — Gosto dela.

Sorriu com os olhos brilhando.

— Vamos entrar naquela! — Barhi apontou para uma lojinha pitoresca, puxando Leon consigo.

Ao entrarem no pequeno local, Barhi ficou ainda mais deslumbrada. Leon sorria da feição fascinada da garota ao se deparar com lustres, rosas e móveis de madeira antiga espalhados pelo local. A mulher parecia se sentir em um livro, o que fez Leon parar e apenas apreciá-la por quanto tempo ela desejasse ficar ali.

— Muito fofa — sussurrou, unindo as mãos e as entrelaçando com força.

Barhi se aventurou loja adentro à procura de souvenires para levar para Jaime e Ella. Leon foi ajudá-la a escolher enquanto contava algumas histórias sobre os objetos que estavam ali. Depois de Barhi decidir levar mais do que o esperado, eles foram até o caixa, pagaram pelas compras e seguiram em direção à saída.

— O que você quer fazer agora? — Barhi perguntou.

Leon lhe ofereceu o braço.

— Você gosta de rosas? — Tina assentiu. — Ótimo!

Caminharam por entre as lojinhas, todas muito bem decoradas com flores e luzes, e logo chegaram ao Pontiac Catalina vermelho, que pertencera ao avô dos garotos. Barhi entrou no carro com a ajuda de Leon, que abriu a porta para ela, seguindo em direção ao outro lado do veículo.

— Você vai usar esse carro em todos os nossos encontros? — ela questionou, animada, e Leon sorriu de canto, ligando o carro.

— Que tal um Porsche 911 s 1976? — Barhi o encarou, boquiaberta, e ele jogou a cabeça levemente para trás, rindo. — Meu avô tinha alguns carros legais. — Concentrou-se na pista. — Meu pai não quis vendê-los, então ficaram aqui, na nossa antiga casa.

— Ele colecionava carros? — Tina questionou.

— Ele tinha essa belezinha aqui, o Porsche preto, e o terceiro vou deixar você imaginar. Será uma surpresa legal quando eu o usar. Você sabe que gosto de surpreender.

Ela riu.

— Consigo imaginar o seu avô com uma jaqueta de couro preta e óculos de sol estilo aviador.

— Depois eu mostro uma foto.

— Há uma enorme probabilidade de eu escrever um novo romance cristão ambientado na década de 1960.

Tina sorriu, olhando a paisagem pela janela.

— Eu gosto disso, acho que as fotos do meu avô vão ajudá-la a se inspirar.

Leon manobrou o carro, estacionando, e Tina se espantou com o fato de terem chegado tão rápido. Ele tirou o cinto, ofereceu-lhe uma piscadela, e logo foi abrir a porta para ela.

Os dois caminharam de braços dados pelas ruas decoradas da cidade e chegaram até uma pracinha repleta de flores. Barhi estava encantada com a vista, e Leon, com a mulher. Passearam pela praça, provando quase todas as comidas das barraquinhas que ali estavam, enquanto conversavam das coisas mais banais até as mais importantes, como fé e propósito.

Duas horas depois, decidiram se sentar para apreciar o pouco movimento que restava.

— Como foi crescer em um lugar como este?

Barhi virou um pouco o corpo para o lado a fim de encarar Leon.

— São as melhores memórias que eu tenho. — Sorriu. — Só nos mudamos quando meu pai morreu e aí a vida ficou um pouco mais difícil. Seria injusto comparar.

— Sinto muito. — Encarou as mãos e depois subiu o olhar. — E você só voltou já mais velho?

— Não. — Negou com a cabeça. — Minha mãe decidiu voltar, reconstruir a vida. Há algo de diferente no ar de Carmel. — Tina assentiu. — Eu passava as férias aqui e, depois que assumi a Pansy, passo alguns fins de semana esporádicos.

— Parece uma vida agitada.

Ela se virou para encarar o movimento lento das árvores.

— Eu gosto de vivê-la. — Levantou a cabeça, tentando ver no céu por entre as folhas. — Confesso que gosto da vida simples que tenho quando estou aqui, mas também é bom ser parado na rua e ouvir as pessoas falarem sobre como o filme que você roteirizou foi uma porta para Deus entrar.

— Sei bem como é.

Ela sorriu, abraçando o corpo; mesmo com o casaco grosso, ainda sentia frio.

— Você quer me contar o que aconteceu com a princesa Barhi Valentina que a fez virar a Tina Partridge? — Leon a encarou, amável, e ela sentiu uma fisgada forte no coração, que já não doeu tanto sob o olhar do rapaz. — Não precisa se não quiser.

— Eu quero. — Observou a praça e suspirou, relaxando os ombros. — Meu pai costumava me

chamar de Barhi, ele amava esse nome. — Encontrou os olhos amendoados de Leon. — Depois que ele morreu, as pessoas passaram a me chamar de Tina. E aí conhecei o West, que detestava o meu nome.

— Sinto que não vou gostar desse West.

Leon espremeu os lábios finos, franzindo o cenho, e Barhi riu fraco.

— West foi o meu escape para não pensar tanto na morte do papai. Ele era a única pessoa que não me pressionava a voltar a escrever. — Leon arqueou uma sobrancelha. — Era difícil escrever — disse apenas.

Barhi encarou o chão, e Leon se virou de lado, apoiando o cotovelo no encosto do banco e a cabeça inclinada sobre a mão. A mulher voltou a encará-lo e sorriu fraco.

— Então decidi ir morar com o West, já que era mais perto da faculdade. Eu e ele nunca fomos além, sabe? Muito porque ele sempre respeitou essa escolha. A Ella disse que eu era uma namorada troféu. — Espremeu os lábios, e Leon permaneceu atento em cada palavra. — Mas aí ele começou a beber demais e usar uns remédios ilícitos.

Engoliu seco e escondeu o rosto nas mãos.

— Está tudo bem se não quiser compartilhar isso comigo.

Leon se aproximou da mulher, tocando em seu ombro, e ela ergueu a cabeça, encarando-o nos olhos.

— Ele passou a me bater com frequência, e eu aceitava porque acreditava que merecia.

Leon empalideceu. Foi como tomar um soco no estômago. Seu coração perdeu algumas batidas e o ar não parecia capaz de chegar aos seus pulmões. E então veio uma chama quente, correndo por todo corpo. Era raiva, e era incontrolável. Desejou poder fazer qualquer coisa para se livrar desse sentimento.

— Sei que não devia ter aguentado por tanto tempo. — Barhi mordeu a parte interna da bochecha. — Eu só atrelei o nosso relacionamento à morte do meu pai. Acreditei que merecia aquilo.

Ela voltou a encarar Leon, que enxugou os cantos dos olhos. Ele parecia profundamente machucado com a confissão da garota, como se tivessem arrancado algo precioso de suas mãos, e ele sentisse mágoa e sede de justiça.

— Tenho certeza de que você não merecia, mas, mesmo que acreditasse nisso, a culpa não foi sua. — Leon fechou os olhos com força e depois os abriu, olhando para a mulher, que abaixou a cabeça. — Sinto muito. — Levou a mão ao queixo dela, erguendo-o. — Me desculpe por ter demorado tanto para encontrá-la.

Barhi abriu um sorriso pequeno e suas bochechas coraram. Leon se aproximou ainda mais, pedindo licença com os olhos, e Barhi a concedeu. Ele subiu um pouco a touca de tricô da mulher e depositou um beijo em sua testa, em seguida enxugou algumas lágrimas e se afastou, pegando nas mãos de Barhi e a encarando profunda e carinhosamente.

— Sinto muito pelo West. — Acariciou as mãos da moça com o polegar. — E, caso você me escolha, assumo um compromisso com você: passarei o resto da vida tentando ser alguém melhor para você. — Abriu um sorriso largo, e Barhi retribuiu. — Proteger, amar, aconselhar e aproximar você de Deus. Cuidar de você em todas as noites e ser alguém com quem você poderá contar.

— Passei a vida me preparando para o momento em que eu encontraria alguém para viver a vida comigo. — Barhi espremeu os lábios e fechou os olhos, abrindo-os depois de um suspiro. — Não sei se consigo receber o amor de alguém, Leon.

— Quero muito tentar ser essa pessoa para você, Barhi, de verdade. Quanto mais eu a conheço,

mais a admiro, mais me inspiro em servir a Deus, mais imagino uma vida com você.

— Não posso dizer a você, com exatidão, o que estou sentindo agora.

— Está tudo bem. O casamento não é uma decisão que deve ser tomada de forma insensata. Você pode orar sobre isso, e eu também. Se no fim a nossa decisão for um não, está tudo bem. Só quero que saiba que, se você quiser me escolher como seu futuro marido, estarei disposto a aprender, junto com você, a amar e ser amado.

Barhi e Leon se encaram por um momento e apenas sentiram a presença um do outro. A mulher possuía uma visão privilegiada do rosto de traços finos do rapaz enquanto ele se perdia nas sardas perfeitamente pintadas da escritora. Os dois sentiam um misto de sentimentos bons e amedrontadores. Uma certeza que assustava e alegrava ao mesmo tempo. Não conseguiam compreender, mas pareciam tentar, apenas com o olhar, decifrar o que estavam sentindo.

— Você quer me contar algo importante?

Barhi olhou para as mãos dos dois, que continuavam unidas, e depois encarou o rapaz, que assentiu.

— Digamos que tive os meus momentos de dor. — Sorriu, seco, e a mulher o encarou ainda mais atenta. — Minha mãe não lidou muito bem com a morte do meu pai, era ele quem mantinha a família de pé. Pouco antes disso, a minha tia, ainda muito nova, acabou encontrando alívio em coisas terrenas.

— Ela me contou um pouco sobre a breve história do pai do Nathan.

Barhi tinha os olhos de dó, e Leon apenas assentiu, buscando forças para se controlar.

Minutos antes, o rapaz tentara lutar contra a vontade de procurar por todos os caras chamados West em São Francisco até encontrar o ex-namorado de Barhi e fazê-lo entender o tamanho da raiva que sentia, e, agora, queria fazer o mesmo com o pai de Nathan. Como cristão, entendia que a violência não era o caminho; ainda assim, isso não anulava o fato de que sentia.

— Graças a Deus, minha tia conseguiu se encontrar, muito pelo nascimento de Nathan. — Sorriu ao se lembrar do primo. — Mas a minha mãe passou a beber muito… — Suspirou, e Barhi fez um carinho leve em sua mão. — Passamos anos tendo que lidar com o alcoolismo, até que ela decidiu tentar a clínica de reabilitação. Graças ao trabalho da igreja que você conheceu hoje, ela foi evangelizada.

— Sinto muito pelo que passou.

— Está tudo bem. Hoje entendo que era muito mais sobre a minha mãe e sua vida eterna do que sobre mim. Deus foi bom.

— Quero sugerir um encontro.

Barhi soltou as mãos de Leon e se levantou.

— Agora?

Sorriu, franzindo o cenho.

— Não. — Baixou os ombros e fez um bico. — Em São Francisco. Proponho que passemos uma semana orando sobre nós.

— E depois um encontro — ele terminou.

A mulher lhe estendeu a mão para que ele se levantasse, e assim ele o fez.

— Depois podemos orar juntos, se quiser.

— Gostei. Estou ansioso para saber onde você vai me levar.

— Será surpreendente!

Piscou, puxando-o em direção ao carro, e Leon gargalhou.

Seguiram caminho juntos e, na volta para casa, cantaram um louvor suave, que preenchia o carro de paz. No fundo, era exatamente aquilo que desejavam viver, pareciam se encaixar,

restava saber se conseguiriam organizar tudo o que estavam sentindo.

Amar era tão fácil quanto respirar, no entanto receber amor não era tão simples assim.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

São Francisco, 2018

Leon colocou o boné preto na cabeça e começou a correr entre as casas do condomínio em que morava com a tia e o primo. Escrevera seu quinto roteiro. Passara noites sem dormir, dias e dias imerso em pesquisas, para não mencionar os anos de cursos e especializações para que o roteiro fosse construído. Mesmo assim, as coisas não saíram como planejado.

Ele não foi aprovado. Sofia não aprovara o roteiro e lhe passara uma lista de modificações que precisavam ser feitas. Sua cabeça estava a ponto de explodir, parecia que todo o seu esforço havia escorrido pelo ralo.

Quando as pernas começaram a ceder e a garganta acionou um pedido de socorro por água, o homem parou de correr, colocando as mãos sobre os joelhos. Sentou-se no meio-fio e colocou a cabeça entre as pernas.

— Está tudo bem. Deus seja louvado.

Limpou o suor da testa e encarou o asfalto por um tempo.

Seus pensamentos o sabotavam. Seu primeiro livro não vendera como o esperado e roteirizar também não parecia ser certo. Era cada vez mais inevitável questionar se aquele era mesmo um dom entregue por Deus. Os olhos do rapaz começaram a marejar, e se ele levantou, colocando as mãos na cintura.

Sentia-se cansado, com raiva e derrotado. Será que havia feito algo que desagradara a Deus? Muitos de seus colegas de trabalho na Pansy roteirizavam e originavam filmes campeões de bilheteria, mas ele simplesmente não conseguia apresentar um roteiro que fosse aprovado pela tia.

Livros que não vendiam e roteiros reprovados… Era como um soco no estômago.

— Leo — Nathan o chamou de longe.

Leon se virou na direção do primo, que corria para alcançá-lo mais rápido.

— Você não deveria estar no colégio?

O mais velho arqueou uma sobrancelha, e o mais novo revirou os olhos.

— Já passou do horário de saída. Quero que venha comigo até uma livraria.

Nathan ajeitou a mochila nas costas, ofegante.

— Você quer comprar um livro?

— Não qualquer livro, quero o seu. — Apontou para o primo. — Vou presentear uma amiga.

— Amiga?

Franziu o cenho e passou a encarar o primo, como se tudo fosse uma grande loucura.

— Sim. Tenho certeza de que a sua história pode ajudá-la. E fora que ela ama romances, e o seu é o melhor que já li — explicou, impaciente, vendo o rosto do primo relaxar.

Leon sentiu o rosto esquentar e os olhos formigarem. Nathan Strove era motivo de continuar acreditando que possuía talento. Encarou o primo em silêncio, e o mais novo cruzou os braços, impaciente. O garoto não entenderia. Era como se Deus estivesse na frente do mais velho, dizendo-lhe para refazer o roteiro, para escrever um livro novo, para não desistir do que lhe fora confiado.

O primo sempre era o primeiro a comprar seus livros e ficava animado com todas as histórias que Leon escrevia, contando para todo mundo que o primo era escritor. Ele se encarregava de preparar chá para Leon nas madrugadas de escrita, comprava adesivos para aliviar a dor nas costas, preparava lanche para Leon e o encorajava a escrever mais um capítulo, mesmo quando Leon chegava cansado do trabalho. Aquele era seu primo, que aparecia nos momentos mais difíceis de sua vida para lhe fazer lembrar do Deus a quem serviam.

— Ficou sabendo que a tia Sofia não aprovou o meu roteiro? — Leon questionou com a voz embargada.

— Sinto muito, cara.

Tocou no ombro do primo.

— Está tudo bem. — Leon limpou uma lágrima solitária.

— Uma vez, eu vi a tia Norah brigar com a mamãe e comecei a chorar. Quando você me achou, você disse: a vida continua e se você deixar os seus pensamentos e sentimentos o dominarem, você será engolido.

— Continuo pensando assim.

— Então você vai entrar no seu quarto e vai refazer o roteiro, porque a sua vida continua. Você pode até estar se comparando, pensando que isso não é para você, mas é sim! — Nathan encarou Leon nos olhos e sorriu. — Eu sou seu leitor beta, lembra? — Leon assentiu, deixando as lágrimas rolarem pelo rosto. — Então você vai reescrever esse roteiro e vai me deixar ler de novo.

— E, de novo, você vai dizer que está perfeito.

— Sim, porque sou seu fã, Leo. Porque, mesmo que você ainda não seja o melhor roteirista da Califórnia, sei que será um dia. — Sorriu singelo. — E sei porque cresci ouvindo suas histórias, porque cresci vendo você passar noites sem dormir estudando, e é por isso que continuo treinando futebol, mesmo que me digam que não sou tão bom, porque você continua.

— Você é o melhor jogador! — Leon advertiu o rapaz, que deu um sorriso maroto, fazendo o primo rir em meio ao choro. — Entendi.

— Você me acha o melhor, porque sabe que um dia posso ser. Há o tempo de plantar e o tempo de colher. — Abriu os braços. — Vou sempre ajudar você a plantar e vou ser seu maior fã na hora de presenciar a sua colheita, porque é isso que os irmãos fazem, eles amam.

Leon abraçou Nathan com força e os dois choraram por alguns minutos. Aquele era o momento que Leon identificava como a graça de Deus, para ajudá-lo a suportar as situações. O Senhor permanecia sendo bom e fiel, mesmo quando ele estava prestes a ser um servo infiel, que enterra o talento e não o permite se multiplicar.

— Eu amo você, pirralho.

Leon se afastou de Nathan e o encarou.

— Você é meloso.

O adolescente torceu o nariz, e o mais velho gargalhou, secando as lágrimas.

— Você vai me fazer um chá? — questionou, tirando a mochila das costas do primo e passando o braço pelos ombros dele.

— Eu posso fazer uma massagem também quando você ficar com dor nas costas.

— Vai me dar uma opinião sincera sobre o roteiro?

Arqueou uma sobrancelha, e Nathan assentiu.

— Mesmo que ela não importe muito para o resultado.

— Ela importa para mim. — Apontou para si mesmo. — Você é meu leitor beta, afinal.

— Mamãe quer que você seja o melhor, Leon. — Nathan virou o rosto para frente, e o primo permaneceu o encarando. — Seu roteiro não foi um desastre, e não é a aprovação da Sofia Strove que você precisa, e sim da aprovação de Deus.

— Sei disso. É difícil, mas eu sei. — Suspirou. — Pensei ter a aprovação de Deus no livro, e não vendeu bem.

— Quando eu disse que queria comprá-lo não foi por pena. — Nathan parou de andar e o primo franziu o cenho. — Eu li tudo, Leo. O livro é um canal de salvação, e eu creio, sim, que ele pode ajudar a minha amiga.

— Se apenas ela for alcançada, para mim já valeu a pena.

— Esse é o Leon que eu conheço!

Voltaram a caminhar.

— Como um pirralho como você pode ser tão sábio?

— Eu leio a Bíblia!

— Está insinuando que *eu* não leio?

Leon se fez de ofendido e bagunçou o cabelo do primo.

Voltaram para casa, e Nathan cumpriu com o que combinara, cuidando de tudo para que Leon passasse as noites seguintes escrevendo confortavelmente.

Depois de muitas semanas de trabalho, Sofia examinou o roteiro e exigiu algumas mudanças, mas o aprovou para ser analisado pela Pansy. Aquilo não significava que viraria um filme, apenas que Leon estava no caminho e ele sabia que, com a graça, chegaria lá.

Não para ele, mas para Deus.

11

NA SAÚDE E NA DOENÇA

Barhi estava deitada em posição fetal no sofá, com um cobertor gigante envolvendo todo o corpo. Ainda assim, ela se contorcia de frio embaixo do poliéster, sua cabeça latejava e os olhos ardiam tanto que não conseguia abri-los.

Tudo começara na manhã anterior, com uma dor na barriga, que depois foi seguida por uma tontura e dor de cabeça. Encolheu-se ainda mais, passando a língua pelos lábios secos, sentindo a garganta coçar. Queria se levantar e tomar um pouco de água, quem sabe um remédio, mas não tinha forças.

Sua cabeça latejava de uma forma quase insuportável.

Lembrou-se de Carmel e da semana seguinte à viagem. Ela e Leon não interagiram mais do que uma troca de mensagens pela manhã, desmarcando o compromisso da noite. Tina orara durante os dias propostos e planejara um encontro, que, devido à sua condição, não aconteceu.

Disposta a pôr um fim em sua dor, a escritora decidiu procurar o remédio que tomara horas antes. Abriu os olhos lentamente e ficou de pé, apoiando-se no sofá. Um vento gelado a fez se arrepiar, contudo, não conseguindo suportar o peso do cobertor sobre si, apenas seguiu em direção à cozinha, batendo o queixo. Caminhou a passos lentos pelo carpete, até chegar ao balcão, onde se apoiou.

Em cima da superfície de mármore, estava uma cestinha de remédios. Com esforço, Barhi conseguiu encontrar o que lhe interessava. Abriu o frasco e colocou o comprimido na boca, engolindo a seco, o que a fez tossir. Massageou o pescoço com as mãos e respirou fundo, seguindo em direção ao sofá.

Depois de muito custo, enfim conseguiu se acomodar novamente. Estava quase pegando no sono quando escutou a campainha tocar. Imaginou estar delirando ou que algum visitante perdido acabou em sua porta. Ella havia viajado com Elijah, e a mãe ainda estava em missão, por isso decidiu que o esforço não valia a pena… E, então, seu celular vibrou algumas vezes. Às cegas, tateou o tapete até encontrar o aparelho.

— Alô? — atendeu com a voz fraca, sem se dar ao trabalho de olhar para a tela do celular.

— Eu trouxe algo para você. — O tom de Leon era preocupado. — Ches pediu que eu ficasse com a filha dele, Rebecca, hoje, então decidi trazer um remédio para você. Está tudo bem?

— É você que está na minha porta?

Barhi abriu os olhos de repente e levou a mão à boca.

— Sim.

— Estou indo.

Soltando um gemido resignado, sentou-se e, por um momento, imaginou qual devia ser sua aparência. Não importava, não quando parecia que estava às portas da morte. Por isso, deu impulso com as mãos contra o assento do sofá, contudo quase caiu ao que uma tontura a fez perder a noção do espaço à sua volta.

Respirou fundo, foi até a porta e a abriu.

Leon parecia ter visto um fantasma, e Barhi sentiu as bochechas corarem, embora nem mesmo a leve mancha vermelha disfarçasse a palidez. O rapaz a encarou com pena: ela tinha os lábios secos; os olhos, inchados; e mal conseguia mantê-los abertos ao que o corpo tremia.

— Você não está nada bem.

Atravessou a porta, passando a mão no ombro da mulher e a guiando até o sofá com cuidado. Com a ajuda dele, acomodou-se mais uma vez no sofá. Quando enfim abriu os olhos, deparou-se com Leon abaixado à sua frente com um termômetro em mãos.

Foi então que, ao piscar, Barhi identificou uma garotinha com cerca de oito anos. Os cabelos dela eram cacheados, sua pele, morena e os olhos, cor de mel.

— Olá… — Barhi sorriu fraco em direção à garotinha, que a olhava com dó.

— Aqui. — Leon a ajudou ao ajeitar o termômetro sob a língua. — Tomou remédio? — Ela assentiu e encarou a criança. — Essa é a Rebecca, a filha do Ches.

— Oi, princesa Barhi — Rebecca disse, meiga, sentando-se ao lado da mulher. — O tio Leon disse que você tem uma coroa, mas que você está dodói, então outro dia você me mostra, certo?

Barhi sorriu o máximo que suas forças lhe permitiram e assentiu, o que fez sua cabeça doer. Leon riu da menininha e pegou a sacola que trouxera consigo, retirando de lá um pacote de adesivos de resfriamento. O termômetro apitou, e a garota o retirou da boca de Barhi, entregando-o para Leon, que o pegou negando com a cabeça.

— Sua febre está alta. — Encarou a mulher, preocupado. — Coloque isso, por favor.

Entregou um adesivo de gel, e a escritora o colocou na testa, apoiando a cabeça no encosto do sofá.

— Eu estou bem. — Fechou os olhos. — Só preciso deitar um pouco. — Suspirou.

— Você comeu? — Arqueou uma sobrancelha, e Barhi o encarou de rabo de olho, negando. — Então vai comer agora. — Levantou-se, puxando o cobertor de cima da garota, que choramingou de frio. — Você precisa diminuir a temperatura do seu corpo, nada de cobertores.

— Eu vou morrer de frio! — Ela o encarou, boquiaberta, e ele fez um biquinho triste.

— Não vai, não. A Becca vai ficar com você enquanto eu vou preparar algo.

— Não precisa, eu estou bem.

Barhi segurou a mão do homem, que estremeceu com o gesto.

— Você está doente. — Negou com a cabeça. — Volto já. Cuide dela! — dirigiu-se a Rebecca, que assentiu, veemente.

Rebecca permaneceu sentada, encarando as mãos sobre o vestido verde-água, enquanto Barhi respirava fundo, tentando acalmar o corpo e todas as suas reações. O remédio que tomara alguns minutos antes parecia começar a fazer efeito e o adesivo preso em sua testa lhe deu um pouco de alívio. Abriu os olhos devagar e depois se endireitou, encarando a menina.

— Então você gosta de princesas? — A voz de Barhi saiu rouca, e a menina levantou o rosto, esboçando um sorriso iluminado.

— Sim. — Assentiu com a cabeça. — Minha favorita é a Tiana.

— A que beijou um sapo? — Barhi torceu o nariz e a menina fez o mesmo, assentindo. — Eu

também gosto dela. — Sorriu de lado e os olhinhos pequenos de Rebecca se iluminaram.

— Sério? — Barhi assentiu. — Sabia que o tio Leon me levou para comprar vestidos hoje e eu comprei esse porque é parecido com o dela?

— Se levante para que eu possa ver — Barhi pediu com o olhar cansado, e a garotinha obedeceu, rodopiando com um sorriso de orelha a orelha. — Ficou lindo! Uma princesa!

— Você vai me mostrar a sua coroa?

Rebecca pôs as mãos para trás e balançou o corpo de um lado para o outro, fazendo a mulher sorrir fraco.

— Vou, sim. Posso deixar você a usar se quiser.

A garotinha deu pulinhos de alegria e soltou um gritinho, que fez Barhi se animar a ponto de sua cabeça latejar um pouco. A menininha se sentou ao lado de Tina novamente e conteve um bocejo. Ambas ficaram em silêncio por um instante e a mais velha se ofereceu para contar uma história para a garota, já que não havia nada que passasse melhor o tempo.

— Você pode inventar uma história legal, como o tio Leo?

Rebecca se deitou no colo da mulher, que se surpreendeu com o gesto, mas o julgou como adorável.

— Sim. Só não sei se ficará tão bom como as que ele conta.

Fez um bico de tristeza e a garotinha colocou a mão no queixo, franzindo a testa.

— Você pode tentar. — Abriu um sorriso de lado.

Barhi riu e pôs-se a pensar por um minuto.

— Era uma vez uma família composta por sete princesas — iniciou o conto, e Rebecca permaneceu com os olhos fixos na mulher. — Cada uma tinha um talento diferente e…

Depois de quinze minutos, a história chegava ao seu clímax, mas Rebecca já havia dormido com o cafuné oferecido pela mais velha, que mantinha os olhos fechados e a cabeça repousada no encosto do sofá. Barhi se sentia melhor, porém tinha a impressão de estar derretendo em suor, precisava de um banho.

Abriu os olhos para anunciar o fim da história e deu de cara com Leon, que surgira na sala, minutos antes, com uma bandeja em mãos. A escritora olhou para o colo e arregalou os olhos ao ver a garotinha dormindo.

— Você é uma ótima contadora de histórias.

Sorriu de lado, deixando a bandeja na mesinha de centro e caminhando até o sofá.

— Sou tão maçante que a fiz dormir.

Leon parou à sua frente com as mãos na cintura.

— Foi tão bem que a fez imaginá-las a ponto de sonhar com elas.

Piscou, e o coração de Barhi acelerou um pouco.

O rapaz levantou a cabeça de Rebecca com cuidado para que Barhi se levantasse, e assim ela o fez. Em seguida, encaixou uma almofada embaixo da cabeça da menina e encarou Barhi, ajudando-a a sentar na poltrona. Pegou a tigela e pôs um pano embaixo, entregando primeiro a colher nas mãos da mulher.

— Você precisa comer tudo — Leon advertiu.

— Não gosto de sopa — choramingou, relaxando os ombros.

— Você nem mesmo provou.

Leon se sentou no tapete aos pés da mulher e, com olhos pidões, a encorajou a comer.

Ela olhou para a tigela em suas mãos, sentindo o cheiro da sopa. Arregalou os olhos ao entender que, o que tinha em mãos, não era uma daquelas sopas sem gosto que costumava tomar, e sim a de queijo canadense, sua favorita.

— Você não fez isso… — Barhi sorriu, estupefata. — Eu amo sopa canadense!

— Você disse que não gostava de sopa — desdenhou, e a mulher espremeu os lábios. — A parte boa de você ser uma figura pública é que pesquisei no Google e encontrei um tuíte em que você dizia o quanto amava sopa de queijo quando criança.

— Você é — espremeu os olhos, franzindo a testa — surpreendente.

Sorriu sem mostrar os dentes e se pôs a tomar a sopa.

— O que me diz?

Leon mordeu o interior da bochecha, e Barhi fechou os olhos, apreciando o sabor.

— Perfeita.

Abriu os olhos, encarando-o com um sorriso genuíno, que fez o coração de Leon disparar, seguido pelas bochechas coradas.

A mulher precisou de exatos dez minutos para ingerir todo o líquido pastoso, e Leon teve de se conter para não levar a mão à boca quando a viu levar a tigela até os lábios, bebendo o que não conseguira mais alcançar com a colher. Assim que Barhi terminou, respirou fundo e encarou Leon, estendendo a tigela em sua direção.

— Muito obrigada.

Sorriu, e Leon pegou o objeto das mãos da mulher, satisfeito.

— Não há de quê, princesa Barhi.

Levantou-se, seguindo em direção à cozinha, e voltou minutos depois com um copo de água em mãos.

— Acho que a febre baixou — a escritora comentou, bebendo um gole de água. — Preciso tomar banho, muito suor. — Leon assentiu. — Volto em um instante.

Enquanto Barhi tomava banho, Leon foi lavar a louça e organizar tudo que havia tirado do lugar. Minutos depois, ele já estava na sala. Deixou o remédio de Barhi em cima da mesinha de centro e um copo com água ao lado. Observou Rebecca dormindo no sofá e conferiu a hora no relógio, precisava levá-la para casa.

— Voltei. — Barhi estava com uma aparência mais saudável e um sorriso no rosto.

Leon agradeceu a Deus e pegou mais um adesivo de resfriamento, indo até a garota. Colocou uma mecha do cabelo da mulher atrás da orelha, despertando correntes elétricas no corpo da escritora. Passou o polegar sobre a testa dela, fazendo-a fechar os olhos, e colou o adesivo.

— Prontinho.

Sorriu, singelo, sendo retribuído por Barhi.

— Obrigada, cristalzinho de Hollywood.

— Sempre que precisar, princesa Barhi.

Piscou.

— O encontro que planejei não era bem assim. — Ela sorriu, sem graça.

— Podemos remarcar. Acho que tenho muito para falar com você.

Encarou-a, sério, e Barhi mordeu o interior da bochecha.

— Eu também. Espero que esse encontro aconteça muito em breve. — A mulher colocou as mãos no bolso do moletom. — Então, quer dizer que você sai para comprar vestidos com garotinhas nas tardes de folga? — caçoou, e Leon lançou a cabeça para trás, rindo.

— É um prazer assentir com a cabeça para todos os vestidos por acreditar que é impossível Rebecca ficar feia em algum deles.

Sorriu, colocando as mãos no bolso da calça jeans.

— Cuidando de moças doentes, ajudando crianças a escolherem seus vestidos e roteirizando o evangelho para todo o mundo. Posso colocar você como o protagonista da minha próxima

história?

— Imaginei que você estivesse escrevendo sobre mim todo esse tempo que ficamos sem nos ver. Me sinto enganado! — Fingiu desapontamento e Barhi conteve uma gargalhada.

— Então suponho que estava escrevendo sobre mim!

Barhi arqueou uma sobrancelha e o rapaz corou.

— Talvez. — Deu uma piscadela, e a mulher o encarou com os olhos arregalados. — Não tem como saber. — Sorriu e se virou para o sofá. — Agora preciso devolver essa moça para o pai dela. — Virou-se para Tina, que caminhava atrás dele. — Você pode me ligar se precisar ou se apenas quiser.

Segurou a mão da mulher e depositou um beijo delicado nela, sorrindo e sendo retribuído.

Leon pegou Rebecca no colo, e Barhi seguiu à frente dos dois para abrir a porta, agradecendo com um sussurro, que foi correspondido apenas com um sorriso casto. Ao fechar a porta, a garota caminhou até o sofá, jogando-se nele, escondendo o rosto nas mãos a fim de conter um gritinho histérico. Suspirou, anestesiada pela presença do rapaz e seus olhos lacrimejaram.

— Nunca imaginei que viveria algo assim. — Encarou o teto e fechou os olhos. — Quem diria que esse tempo todo alguém estava esperando por mim.

Abriu um sorriso largo.

Barhi se lembrou dos momentos em que imaginara como seria ter um homem ao seu lado ou se perguntara o que seu futuro marido estaria fazendo. Lembrou-se das cartas que escrevera e de como, às vezes, sentia que jamais encontraria alguém que a fizesse querer encarar uma vida a dois. Ela era tão leiga e ingênua.

Os últimos meses a fizeram entender que sua vida estivera bastante agitada nos últimos anos, com o trabalho, a dedicação à obra, tudo a prendia a uma rotina meio louca e, às vezes, ela desejava ter alguém com quem contar no fim do dia, mesmo que Jesus sempre estivesse ali. Então ela fechava os olhos e pensava que, em algum lugar do mundo, havia um homem que passava por coisas parecidas e que um dia eles estariam juntos. Mas jamais imaginaria que seria Leon, o roteirista a quem ela admirava havia anos, o garotinho da sua infância.

Sofia tinha razão, ela havia encontrado alguém que a fazia sentir como se jamais fosse ser capaz de se apaixonar por outra pessoa.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2020

Finalmente parecia que as coisas estavam dando certo na vida de Barhi. Havia se tornado Tina Partridge, uma das autoras mais lidas em 2020. Depois de tanto tempo com medo de voltar a escrever apenas para ter mais decepções, ela enfim permitiu que Jesus a curasse.

Ella a convencera a fazer terapia, e não via West desde aquele dia no estacionamento da editora. Voltara a morar com a mãe e a frequentar a igreja. No começo, foi complicado, mas ali estava ela, com mais de um milhão de leituras, e isso não era o que mais alegrava seu coração, e sim o fato de que as pessoas enviavam e-mail diários, com testemunhos. O livro que Deus escrevera através dela havia sido um canal de abertura para Jesus em muitas vidas.

Barhi se olhou no espelho e passou a mão pelo vestido preto. Era a noite do lançamento do primeiro livro físico que ela publicaria. Contava com milhares de leitores na plataforma on-line, claro, porém finalmente veria seu livro exposto em uma livraria.

Uma batida na porta chamou a sua atenção e a mãe adentrou o pequeno quarto.

— Você está tão linda.

Jaime caminhou em direção à filha.

— Você também.

Barhi sorriu, encarando a mãe, que se sentou à beira da cama.

— Tenho algo para você. — Tina levou os olhos em direção à caixa preta que Jaime segurava. — Sente-se — pediu, e a mulher atendeu, sentando-se ao lado da mãe. — Quando você me disse que havia parado de escrever, uma parte de mim parecia ter se quebrado.

Os olhos da mulher se encheram de lágrimas e Barhi sentiu o rosto quente.

— Sinto muito — a filha disse com pesar, e Jaime negou com a cabeça.

— Eu que sinto, querida. Deus sabe como eu e seu pai acreditávamos em você. Desde sempre víamos um propósito na sua vida, sabíamos que seria uma flecha certeira. — Sorriu, limpando o canto dos olhos com uma mão e erguendo a caixa com a outra. — Isso aqui foi o Briah que me pediu para comprar, mas não o fiz antes que ele fosse embora.

Jaime ergueu a cabeça buscando ar para não desabar em lágrimas, e Barhi segurou a mão livre da mãe e a encarou com um sorriso singelo, que contrastava com seu rosto em lágrimas.

— Quando eu a vi ir embora com o West, sentia que havia falhado. Mas sabe de uma coisa, minha filha? — Jaime apertou a mão da mais nova. — Não há nada que o Oleiro não possa

restaurar. — Abriu a caixinha, e de tirou de lá um colar com o pingente de um vaso. — Nós sabíamos que seu primeiro livro falava sobre isso.

Sorriu e Barhi a encarou, boquiaberta.

Os lábios da mais nova tremiam e as lágrimas quentes desciam de seus olhos. A mãe retirou a joia da caixa e a colocou no pescoço da filha, abraçando-a em seguida.

— Fico feliz que ele a tenha restaurado, meu amor. — Jaime se afastou do abraço para encarar a filha. — A culpa não foi sua. — Limpou o rosto de Barhi. — Tudo acontece com a permissão de Deus, não cabia a você escolher se seu pai iria ou ficaria aqui. — A escritora assentiu, chorando. — Sei que me viu sofrer muito, e confesso que amo seu pai com tudo de mim. Ele se foi e vai continuar sendo meu grande amor, mas isso não a impede de viver o seu.

— É tão difícil, mamãe.

Barhi chorou ainda mais e a mãe a abraçou, afagando seus cabelos volumosos.

— Um dia você vai encontrar alguém que faça parecer mais fácil. Você terá sabedoria para se casar com alguém que seja para você muito melhor do que seu pai foi para mim. — Afastou-se e secou as lágrimas da filha. — A vida realmente é mais difícil para quem fica. Nós sofremos a dor da ausência e foi isso que vivi, mas eu viveria de novo só para ter o prazer de desfrutar os anos que tive ao lado do seu pai.

— Deve ter doído tanto.

Barhi chorou mais forte e Jaime a acalentou.

— Não existe um Deus do tempo bom e um do ruim, é sempre o mesmo Senhor, e Ele conhece o que é melhor para nós, ainda que não nos pareça. Viver a vida com o seu pai foi incrível e eu sinto falta dele, mesmo. — Fechou os olhos. — Nós temos que aceitar o tempo das coisas, meu amor. Houve o tempo de estarmos juntos, e então o de nos separarmos.

— Estou tão feliz, mãe. Nunca imaginei que seria feliz de novo.

— Eu orei tanto por esse dia, meu amor.

Jaime sorriu de orelha a orelha, deixando as lágrimas escorrerem por seu rosto.

— Obrigada por ter insistido em mim.

— Minha filha escritora! — A duas riram. — Senti tanto medo de vê-la com o West, não consigo imaginar o quão horrível foi para você.

— E eu para você.

— Mas agora você está aqui, linda, saudável e feliz.

Abriu um largo sorriso e Tina assentiu.

— Feliz apesar de tudo.

— Apesar da morte, apesar da humilhação, apesar dos pecados. Você está aqui!

Acariciou a bochecha da filha.

— Porque alguém venceu tudo isso por mim primeiro. Eu o amo tanto, mãe!

— Eu também o amo, querida. — Sorriu, limpando o canto dos olhos. — Agora precisamos dar um jeito nessa maquiagem borrada ou vamos nos atrasar.

— Perdi a noção do tempo.

Barhi levou a mão à testa.

Foram ao banheiro retocar a maquiagem, terminando a tempo de Ella chegar para acompanhá-las até o evento. Barhi mal podia conter a chama que ardia em seu peito, tudo que escrevera naquele livro fazia parte do evangelho. A forma como a protagonista se quebrou e se reconstruíra. O sofrimento e a prosperidade, o pecado e a graça, tudo era Jesus.

Ao ver a fila de pessoas que estavam esperando por seu autógrafo, um filme passou por sua cabeça: todas as noites em claro, todas as frustrações com as histórias não lidas, todas as editoras

que a recusaram.

Ella e Jaime seguravam as mãos de Barhi, que fechou os olhos e agradeceu a Deus por aquele momento. Então encarou as duas mulheres ao seu lado e sorriu ao ver que compartilhavam do mesmo sentimento que ela. Como era feliz em saber que tinha com quem contar.

— Obrigada — sussurrou, e partiu em direção ao mar de gente que estava na livraria.

Foram duas horas de autógrafos e, depois, todos foram direcionados para o auditório da livraria. Lá, Barhi fez uma oração sincera antes de subir no pequeno palco, sendo convidada pela Relações Públicas de sua nova casa editorial. As pessoas a aplaudiram, e Barhi pegou o microfone, agradecendo à moça que a apresentou.

— Boa noite. Estou imensamente feliz de tê-los aqui. Muito obrigada. — Sorriu com os olhos marejando e um burburinho percorreu a plateia. — Como vocês já sabem, sou Tina Partridge.

Os presentes soltaram risadinhas.

Barhi foi até uma mesinha de madeira e pegou um exemplar de seu livro de cima e o encarou, depois o ergueu, mostrando para a plateia.

— Quero contar para vocês a história deste livro. Antes de ser a Tina Partridge que vocês estão vendo aqui, eu passei por um período em que as circunstâncias me quebraram. — Respirou fundo, contendo a emoção. — Mas então encontrei um cara, o meu príncipe do cavalo branco. — Sorriu sem mostrar os dentes. — Ele entrou em uma cidade montado em um jumentinho há mais de dois mil anos, e eu fui salva por ele.

— Aleluia! — alguém gritou do meio da plateia, e Tina sorriu.

— Este livro me rendeu muitas lágrimas, sim, porém ele também me rendeu a alegria, o privilégio de fazer parte da obra que esse cara, que me restaurou, fez na vida de milhares de jovens que o leram.

Limpou o canto dos olhos.

Tina caminhou pelo palco, olhou para cima e depois para a plateia, então pensou por um momento e retornou a falar:

— Recebi tantos e-mails, ainda não li todos — confessou e a plateia riu —, de pessoas que conheceram o verdadeiro príncipe da paz e tiveram suas vidas transformadas.

Colocou o livro sobre a bancada e segurou o microfone com as duas mãos.

— Sabe… Há uma cena neste livro, prometo que não contarei *spoiler*. — Sorriu, singela. — Nessa cena, há uma personagem que está à beira da morte, e ela rasteja até um vilarejo e lá conhece o príncipe. — Barhi limpou o rosto já dominado por lagrimas. — Essa sou eu! — Colocou umas das mãos no peito. — E Cristo, o Cristo do dia de Ação de Graças, é o príncipe que me fez entender quem eu era.

Mordeu o interior da bochecha, tentando conter um choro compulsivo, e soltou o ar pela boca. Sorriu largo e recebeu olhares de incentivo da plateia.

— Passamos a vida procurando nosso príncipe encantado quando, na verdade, Ele sempre esteve conosco. — Assentiu. — Porque as pessoas podiam detestar o meu nome, podiam não gostar das minhas histórias. As circunstâncias poderiam não me deixar publicar um livro, tirar o meu pai de mim e até me fazer ter uma rotina cansativa demais.

Barhi fechou os olhos e respirou fundo, olhando para a última fileira da sala, onde viu sua mãe e Ella sorrindo com lágrimas nos olhos.

— Mas quando encontrei meu príncipe no jumentinho — ela riu e seus olhos brilharam —, ele não me prometeu uma vida sem problemas, e sim me disse que, apesar deles, eu estaria aqui.

A escritora foi em direção à mesa e pegou novamente seu livro em mãos, em seguida se sentou na beirada do palco e respirou fundo.

— Hoje quero que você leia este livro. — Levantou seu exemplar. — E entenda que *apesar de* tudo — fez uma pausa, para enfatizar o advérbio —, a sua vida continua. Apesar da morte, apesar da doença, apesar das pessoas. Há um Deus que morreu por você. Nós pecamos! Quem aqui nunca tomou uma escolha errada? Quem aqui é bom o bastante? Ninguém!

As pessoas da plateia permaneciam em um silêncio sepulcral, a maioria lacrimejava e alguns poucos esboçavam feições rígidas, porém todos permaneciam atentos.

— Você pode até pensar que o outro é melhor que você, que ele não pecou tanto quanto você, mas todos nós pecamos contra Deus. Ainda assim, o nosso príncipe no cavalo branco veio nos salvar montado em um jumentinho e pregado em uma cruz. Este livro é sobre a história de alguém que foi quebrado, mas refeito. Ele nasceu dos dedos de uma garota, que o escreveu apesar das circunstâncias, de um Deus lindo que merece toda a glória por Ele. Espero que você seja imensamente abençoado.

A plateia ficou de pé, ovacionando-a. De longe, Barhi avistou a mãe e a melhor amiga chorando abraçadas, e aquilo a fez chorar também. Então, depois de alguns minutos para que os presentes pudessem se recompor, a escritora abriu espaço para as perguntas.

Tina contou sobre o processo de escrita do livro, de onde surgiu a ideia para escrevê-lo, se havia uma inspiração para os personagens e também como fora seu processo de conversão. Ela não entrou em detalhes, devido ao tempo, mas atendeu a todas as pessoas que quiseram fazer perguntas.

Quando o evento acabou, a mulher estava extasiada. Para ela era um algo irreal. Imaginou que tudo daria certo, no entanto, depois de tantos “errados”, não acreditava mais que poderia fazer. Esse foi seu erro.

Ela realmente nunca fez nada, sempre foi Deus, e aquele momento era a prova disso.

12

EU QUERO SABER O QUE É O AMOR

Leon não via Barhi desde a noite em que cuidara dela. Embora algumas reuniões tivessem sido marcadas na Pansy para resolver os detalhes legais da roteirização do livro dela, Leon não a vira. Chegara até mesmo a ir ao culto do último fim de semana, mas ela também não aparecera — o pastor, contudo, garantiu que algumas das irmãs a visitaram e afirmaram que ela estava melhorando.

O que o deixara ansioso foi a ligação que recebera dela na sexta-feira, remarcando o encontro para o dia seguinte. Com a semana adicional para orar e colocar seus sentimentos em ordem, Leon ficou ainda mais certo do que queria.

E, ainda assim, ali estava ele, congelado na garagem do prédio em que morava com o primo, encarando o veículo que decidira usar.

Talvez aquilo fosse uma loucura.



Leon percorreu o caminho até a casa de Barhi na metade do tempo que levaria com seu carro. Apesar de ser uma relíquia de quatro décadas, a Kawasaki GPZ900R que o avô deixara de herança para ele e o primo se encontrava em excelentes condições. Ele mal podia esperar para ver a cara de Barhi.

Assim que Leon parou a moto em frente ao condomínio de Barhi, pôde ver pela roupa que ela usava que havia acertado no veículo. A mulher estava linda, com uma blusa de mangas compridas em um tricô marrom e uma calça jeans boca de sino.

— Leon Strove!

Barhi o encarou, boquiaberta, quando ele tirou o capacete.

— Princesa Barhi Valentina.

Sorriu ao apoiar o capacete na moto e ajeitar o cabelo liso.

— Eu estava preparada para todos os automóveis possíveis. — Ela parou próximo à moto. — Mas nunca passaria pela minha cabeça que seu o avô era dono da moto do mesmo modelo usado por Tom Cruise em *Top gun*.

— Pode admitir, os encontros comigo já se garantem só na carona.

— Você está usando uma jaqueta de couro. — Sorriu, levando a mão à boca. — Você não para de surpreender nem mesmo quando eu fico responsável pela noite.

— Já que tocou no assunto, aonde vamos? — questionou, puxando-a para perto de si. — Com a sua licença. — Beijou a mão da mulher e colocou o capacete em sua cabeça.

— Obrigada. — Sorriu com as bochechas coradas. — Eu ia dirigir…

Deixou os ombros caírem.

— Você sabe dirigir uma moto? — Leon questionou, colocando o capacete, e ela assentiu.

O homem deslizou um pouco para trás, abrindo espaço para a mulher, que o encarou com a boca aberta. Ele a encorajou a subir na moto, mas teve de descer para que a sua tarefa fosse mais fácil. Barhi subiu animada, com um sorriso de orelha a orelha, que fez o estômago de Leon sentir ondas elétricas inexplicavelmente boas.

Ele subiu na moto em seguida.

— Prometo que vou dirigir direitinho. Mas confesso que faz um tempo que não piloto — ela avisou, ligando a moto.

— Estou bem atrás de você — Leon falou próximo do rosto da garota, que tremeu com o contato, embora estivessem distantes e com o capacete. — E confio em você, princesa Barhi.

A mulher sorriu e arrancou com a moto, fazendo Leon segurar nos joelhos. O caminho foi mais longo do que o rapaz esperava. Barhi sentia o vento frio batendo em seu rosto. Havia tempo não sentia a adrenalina de pilotar uma moto. Era incrível como Leon sempre a surpreendia.

Quando Barhi estacionou, ele desceu, tirando o capacete e balançando a cabeça para organizar o cabelo. A escritora fez o mesmo e então desceu da moto.

— Um caraoquê! — Leon sorriu de orelha a orelha. — Eu não sei cantar — completou com um biquinho.

— Você é o cristalzinho de Hollywood, é claro que sabe cantar.

Desceu da moto com a ajuda do rapaz.

— Achei criativo, nunca fui a um caraoquê.

— Ponto para mim.

Piscou e Leon jogou a cabeça para trás, sentindo o coração aquecer.

— Ponto para você.

Sorriu, meigo, e abriu passagem para que a mulher entrasse primeiro.

Na recepção, alugaram uma sala pelas próximas duas horas, preferindo uma de tamanho médio. Ao adentrarem, viram um grande telão e três microfones, além de um globo de luz colorido.

— Vou escolher uma lista dos anos 1980.

Barhi foi em direção ao computador e Leon sorriu com a animação da garota.

— Eu quero é saber o que você tem a me dizer.

Leon apoiou os cotovelos em uma pequena bancada atrás de si, e Barhi estremeceu com a visão.

— Devo falar primeiro? — Leon assentiu e a mulher seguiu em sua direção. — Há um tempo, eu imaginei biblicamente como meu futuro marido deveria ser. — Ela cruzou os braços. — Então li 1 Timóteo 06:11 e encontrei algumas características de um homem de Deus. — Sorriu, singela, e Leon franziu o cenho. — Justo, piedoso, amável, paciente, manso e cheio de fé.

— E assumo que as encontrou.

Leon sorriu, nervoso, e Barhi jogou a cabeça para trás, rindo.

— Quando conversamos no carro a caminho da igreja, percebi o quanto você ama Jesus. E percebi também que vivo uma vida acreditando que nasci para fazer o mesmo que você. — Sorriu e o homem lançou um sorriso bobo. — Sofia e Norah me disseram que eu deveria me casar para glorificar a Deus, de modo a encontrar alguém que possa trabalhar para o reino

comigo de uma forma que eu não conseguiria fazer sozinha.

— Você vê isso em mim? — perguntou, olhando para baixo, e ela riu.

— Sim, vejo.

O sorriso do homem se alargou.

— Eu também vejo isso em você. — Aproximou-se, segurando a mão dela. — Você é uma mulher de Deus a quem eu admiro e com quem imagino passar a vida servindo a Deus e trabalhando para Sua glória.

Os dois se encararam por alguns minutos, até que Barhi sorriu e se virou para colocar a primeira música da noite. Leon tinha um sorriso largo no rosto e o coração palpitava, o que não o diferenciava de Barhi. A mulher pegou dois microfones, estendendo um a Leon, que já havia tirado a jaqueta de couro, ficando com a camiseta branca e a calça jeans de lavagem clara.

— Às vezes acho essas músicas bastantes melancólicas — Leon confessou.

— Eu entendo, mas todo mundo tem sentimentos. — Sorriu, ouvindo o som instrumental inicial de *Everytime you go away*. — A diferença é que uns sentem com Jesus, aprendendo a lidar, e outros não.

O homem assentiu ao que as letras amarelas no telão foram ficando roxas à medida que o instrumental avançava, fazendo Barhi cantar a primeira estrofe da música sozinha. A mulher cantou olhando para Leon, que gargalhou e seguiu cantando a segunda estrofe.

— *Everytime you go away* — Leon cantou, desafinado, com a mão no bolso, e Barhi achou fofo — *you take a piece of me with you*.

— *Everytime you go away* — Barhi passou a cantar junto — *you take a piece of me with you.*

A música seguiu e, em meio a risadas e tons desafinados, os dois terminaram a canção tendo uma crise de risos, pois, em cada estrofe, havia um erro de tom e até mesmo na letra.

Leon agora estava sentado no sofá enquanto Barhi pegava uma garrafinha de água no frigobar.

— Para a primeira, até que fomos bem.

Barhi bebeu um pouco de água, encarando a pontuação dourada no telão.

— Acho que 70% não é nada mal.

— Podemos melhor.

Barhi riu.

— Eu não sei cantar!

Leon levou a mão ao rosto, escondendo-se.

— Você foi ótimo.

Caminhou até o rapaz e estendeu a mão, encorajando-o a se levantar para mais uma rodada.

Três músicas depois, e os dois estavam com as costelas doloridas de tanto gargalhar. Até um louvor haviam cantado. O companheirismo entre eles crescia a cada música, para as quais passaram a inventar coreografias.

Depois de descansarem por vinte minutos, Leon decidiu que estava na hora de reiniciar a lista dos anos 1980. Um arrepio correu por Barhi quando as primeiras notas de *I want to know what love is* ecoaram pela sala.

— *I gotta take a little time* — Leon cantou um pouco mais afinado, e Barhi o encarou. — *A little time to think things over*. — O homem caminhou até a mulher. — *I better read between the lines*. — Estendeu a mão e a mulher a aceitou, levantando-se. — *In case I need it when I'm older*.[2]

Leon puxou a escritora para o meio da sala, debaixo do globo de luz, e soltou sua mão em seguida. Os dois ficaram frente a frente, como no dia do show de talentos. Seus olhos pareciam lantejoulas de tão brilhantes.

— *Now, this mountain I must climb* — Leon continuou. — *Feels like the world upon my shoulders.* — O rapaz fechou os olhos, e Barhi permaneceu hipnotizada. — *Through the clouds, I see love shine*. — Ele abriu os olhos e um sorriso bobo. — *It keeps me warm as life grows colder*.[3]

— *In my life* — Barhi cantou encarando os olhos de Leon, que apenas a observava. — *There's been heartache and pain*. — O homem fechou os olhos e os abriu, respirando fundo. — *I don't know If I can face it again.*[4]

Barhi fechou os olhos ao completar a estrofe.

Antes do refrão, Leon pegou delicadamente a mão de Barhi, que abriu os olhos, encarando-o, cantando para ele, como se aquilo fizesse sentido para os dois. E talvez fizesse.

— *I wanna know what love is* — ela continuou a cantar, e Leon abriu um sorriso de canto ao vê-la corar. — *I want you to show me*.[5]

Perderam-se nos olhos um do outro, permitindo que o instrumental seguisse sem eles, os microfones esquecidos no sofá.

— Eu quero mostrar para você se me permitir.

Leon segurou as mãos de Barhi e as beijou com delicadeza.

— Para mim, o amor sempre foi como a cena de um filme. — Barhi encarou Leon, que a olhava atento. — Porém, ao contrário do que todos pensam, não me refiro à cena de Jake e Rose de braços abertos na ponta do barco, mas ao momento em que o navio começou a afundar. Todas aquelas pessoas tentando sobreviver à água tremendamente congelante.

Leon a encarou com um olhar piedoso. Lembrou-se de tudo que ela havia passado, como vivera até chegar ali, e sentiu um gosto amargo na boca ao se lembrar de West.

— Não estou acostumada a receber amor assim, Leon. — Balançou a cabeça. — Não estou acostumada a ser amada desse jeito. — Sorriu sem mostrar os dentes. — Não sei como lidar quando você me chama de princesa nem quando coloca as mãos nas minhas costas a fim de me mostrar o caminho. Não sei o que fazer quando você se dispõe a me ouvir e me aconselha com tanta generosidade.

O rapaz ergueu as mãos da mulher na altura da boca e depositou mais um beijo delicado em cada uma, encarando-a nos olhos para encorajá-la a concluir.

— Nunca passei por isso na vida e é assustador. Tenho medo de não fazer nada certo e, mesmo tendo conversado tanto com Deus e com a mamãe sobre isso, mesmo que me pareça certo, ainda há algo aqui dentro que me faz ser um gatinho ferido, com medo de que lhe batam novamente.

Leon fechou os olhos com força. Como queria ter chegado na vida da garota antes de ela ter vivido toda a dor do relacionamento anterior. O coração do rapaz doía num aperto sufocante. Ele só queria poder amá-la até que ela esquecesse tudo o que vivera.

— E sei que você jamais faria isso comigo. É só que nunca fui amada e protegida de verdade, não sei bem como é. — Barhi mordeu o interior da bochecha, e Leon abriu os olhos. — Não sei se você está disposto a me ensinar o que é o amor e ser paciente o suficiente quando eu não entender.

— Acha que, se eu a amar pelo resto das nossas vidas, você consegue aprender?

Ele colocou uma madeixa rebelde atrás da orelha da moça.

Barhi piscou algumas vezes, boquiaberta, e Leon esboçou um sorriso largo. Ele apenas abriu os braços, e ela o abraçou. Foi um toque casto e delicado para fornecer alguns segundos reconfortantes, um refrigério para os dois corações.

— Vou amar você todos os dias, cuidar de você e protegê-la. — Leon se afastou da mulher e encarou seus olhos. — Não posso prometer que não vou lhe magoar nunca, porque não somos

perfeitos, teremos momentos difíceis. Mas posso prometer tentar sempre ser alguém que você ame.

— Acho que você já é — Barhi disse baixinho.

Leon arregalou os olhos, com o coração batendo forte no peito.

— Você me ama?

Tocou os ombros da garota em expectativa e ela riu, jogando a cabeça para trás.

— Não era isso que você queria ouvir?

Barhi sorriu de lado, e ele piscou algumas vezes, estupefato.

— Não era o que eu esperava hoje — confessou. — Mas isso me deixa muito feliz, porque eu amo você.

Um sorriso genuíno, instantâneo, brotou no rosto dos dois, e eles permaneceram um tempo em silêncio antes de fecharem os olhos e, em uma prece silenciosa e nada ensaiada, oraram em agradecimento e pediram uma bênção do céu. A Barhi e o Leon de anos atrás não acreditariam se soubessem que não só se reencontrariam, como se apaixonariam um pelo outro.

Deus definitivamente tem um roteiro perfeito para cada um de nós.

. Em tradução livre: preciso de um pouco de tempo / um tempo para pensar nas coisas / é melhor eu ler nas entrelinhas / para o caso de eu precisar quando for mais velho.
. Em tradução livre: agora devo escalar esta montanha / parece que o mundo está nos meus ombros / através das nuvens eu vejo o amor brilhar / é o que me mantém aquecido quando a vida esfria.
. Em tradução livre: na minha vida / houve tanta mágoa e dor / eu não sei se consigo passar por isso de novo.
. Em tradução livre: quero saber o que é o amor / quero que você me mostre.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

São Francisco, 2020

Aos vinte e três anos, Leon Strove assume a presidência da maior empresa de roteirização da Califórnia.

A roteirista Sofia Strove moveu o mercado hollywoodiano nos últimos anos, tornando a Pansy Entreteniment um oásis dos roteiros bem-sucedidos. Grande parte dos filmes campeões de bilheteria nasceram nas salas do prédio gerido pela mulher.

No entanto, esta manhã fomos surpreendidos com o anúncio de sua aposentadoria. Aos trinta e cinco anos, a mulher declarou uma pausa nas roteirizações e a ascensão de Leon Strove, seu sobrinho, para o cargo.

Bom dia São Francisco, 10 de janeiro de 2020

Leon estava sentado de frente para sua mais nova mesa de trabalho. Quando era apenas um garoto tentando se formar na faculdade, produzindo livros e roteiros que não deram certo, ele jamais imaginara que estaria a minutos da cerimônia oficial para assumir a direção da maior empresa de roteiros do estado da Califórnia.

A tia o preparara o tempo todo, desde a escolha da faculdade de administração até os inúmeros cursos. Além disso, o curso de cinema que iniciara em NY fora uma sugestão de Sofia, tudo para que aquele dia chegasse sem peso para ambos.

— Você pode, por favor, voltar para a Terra?

Nathan estalou os dedos na frente do rosto de Leon, chamando sua atenção.

— Não entendi.

Piscou algumas vezes, virando a cabeça para encarar o primo.

— No que está pensando?

— É uma responsabilidade muito grande.

Leon suspirou, e o primo assentiu.

— Sim, mas você vai conseguir, Leon. A mamãe não poderia confiar a empresa a alguém melhor.

Sorriu, tocando o ombro do primo.

— Era o sonho do papai.

Leon se jogou contra o encosto do sofá, acomodando a cabeça em direção ao teto.

— Às vezes eu me sinto excluído por não ter o talento da família.

Nathan sorriu e Leon virou a cabeça em sua direção.

— Você é jogador de futebol.

— Mas não sou escritor. — Deu de ombros. — Olha só a grande diferença entre ficar sentado escrevendo e correr um campo inteiro com vários caras atrás de você.

Sorriu de lado.

— Você é incrível!

— Meninos — Chester abriu a porta, adentrando a sala —, está na hora de irmos.

Os dois se entreolharam e Nathan segurou a mão de Leon, encorajando-o. Os primos se levantaram e seguiram o assessor, nervosos.

Sofia já os aguardava no auditório da Pansy, onde aconteceria a coletiva de imprensa. Nathan adentrou o espaço e se sentou na primeira fileira enquanto Leon seguiu Chester até a lateral do palco.

Ansioso, o roteirista colocou as mãos suadas no bolso da calça social e respirou fundo. Sofia iniciou seu discurso, e, a cada palavra emocionada dela, Leon sentia a garganta secar mais. Seus lábios já estavam secos, a perna não parava de tremer e seu cérebro estava sendo espremido. Era muita responsabilidade.

— E se eu não conseguir?

Leon se virou para Chester com os olhos arregalados, e o assessor sorriu, afável.

— Leon, quando o conheci, você era apenas um garoto que escrevia histórias que não davam certo. Hoje você é autor de livros campeões de vendas. Não é você quem vai conseguir, será Deus no tempo d'Ele. Está tudo bem.

Afagou o ombro do rapaz, que ainda esboçava nervosismo.

Assim que Sofia terminou seu discurso, virou-se para Leon com um sorriso genuíno e lágrimas nos olhos. Chester o guiou até o palco, e Sofia apontou para o sobrinho, fazendo a plateia de jornalistas aplaudirem. A mulher se despediu com um aceno de mão e deixou Leon no palco, encarando cada um daqueles jornalistas.

— Não tenho tanto assim a dizer. — Sorriu, amigável, ao que os jornalistas se acalmaram. — Todos conhecemos o nome Sofia Strove e sabemos a responsabilidade que é ter um roteiro assinado por ela. Eu tentarei ter uma assinatura assim. — Encarou a plateia, que sorria para ele. — Tudo que fazemos aqui na Pansy tem um propósito, e ele será preservado.

Olhou para o papel escondido no púlpito e respirou fundo antes de prosseguir com o restante do pequeno discurso.

— Agradeço a todos os funcionários que me desejaram o melhor para este cargo, e quero dizer que os respeito e farei tudo que puder para levar a Pansy para além do que é hoje.

Em seguida, Chester abriu espaço para as perguntas da mídia. Leon ainda nervoso ao responder a primeiras, contudo, foi ficando mais confortável com o passar do tempo ao falar sobre sua carreira e o que aquela nova etapa representava em sua vida.



— Você foi muito bem — Ches disse mais tarde, adentrando o camarim com Nathan em seu encalço.

— Eu quase morri de nervosismo.

Leon fechou os olhos com força, afundando-se no sofá.

— Nem deu para perceber. — Nathan se sentou ao lado do primo. — Seu discurso foi breve e satisfatório.

— E respondeu todas as perguntas muito bem, até as mais inconvenientes.

Ches assentiu, cruzando os braços.

— Obrigado.

Leon sorriu sem mostrar os dentes.

— A mamãe está vindo conversar com você.

Nathan coçou a nuca e Leon o encarou de olhos arregalados.

— Chester!

— Ela é sua tia! — Ele ergueu as mãos. — E o pior já passou.

— Preferia outra coletiva de imprensa — Leon resmungou, e Nathan concordou.

— Pois aqui estou eu! — Sofia entrou no camarim com um sorriso no rosto. — E sua mãe chegará logo mais, então temos que ser rápidos. Meninos, nos dão licença?

A mulher nem precisou terminar a frase para Nathan e Chester se levantarem e caminharem até a porta. Sofia se sentou ao lado do sobrinho no sofá. O rapaz se endireitou para encará-la.

— Estou orgulhosa de você, Leon. Meu menino! — Sofia segurou a mão dele, que sorriu sem mostrar os dentes. — Prometo que não estou aqui para ter uma conversa difícil. — Sorriu e Leon coçou a nuca, constrangido. — Sei que cobro muito de você, mas é para que entenda que o compromisso que você assume aqui na Pansy não é comigo ou com o Otto, e sim com Deus. Trabalhamos aqui para a glória de Deus, cada roteiro que sai daqui deve ser uma flecha, não pode cessar nem errar o alvo.

— Eu entendo. É muita responsabilidade — choramingou.

Ela assentiu.

— É uma responsabilidade que você carrega desde que começou a escrever. — Ela sorriu, singela, e ele a encarou, surpreso. — Todos os seus roteiros e livros… Nunca o vi escrever nada que não glorificasse a Deus. Eu não o escolhi porque é o meu sobrinho, mas porque você tem chamado, comprometimento e temor a Deus.

“O que começou no calvário continua todos os dias a partir de nós.” Apertou a mão do sobrinho. “Esteja disposto a ser usado por Deus, Leon. Não é você que vai produzir bons roteiros, mas Ele através das suas mãos. Não é você!”

— Papai estaria orgulhoso de você, tia Soso.

— De você também, meu amor.

— E do Nathan, meu jogador de futebol. — Leon sorriu de orelha a orelha ao mencionar o primo.

— Sua mãe está tão bem, Leo. Estou tão feliz de ir fazer companhia para ela. Seu pai também estaria orgulhoso de ver que ela superou.

— Nós superamos, afinal. Estamos aqui, Sofia Strove.

— Leon Strove, nunca se esqueça de que somos feitos para a glória de Deus e é isso que fazemos neste mundo.

A mulher acariciou a bochecha do sobrinho.

Sofia secou os cantos dos olhos e Leon manteve um sorriso largo no rosto.

Norah escolheu aquele momento para bater na porta, e os dois se levantaram, seguindo na direção da mulher, que abraçou o filho, orgulhosa. Algumas lágrimas depois, Nathan adentrou o pequeno espaço e a família se reuniu em um abraço em grupo.

Apesar de todas as circunstâncias, permaneceram de pé e unidos. Cada um vivendo suas vidas completamente diferentes, mas com a certeza de que poderiam contar uns com os outros.

Os quatro se permitiram viver o aconchego daquele abraço, que passou a sensação de cura para todas as dores que guardavam em si.

13

ESTAR APAIXONADO

Leon não conseguia parar de pensar na noite anterior, e o sorriso em seu rosto se alargava com a lembrança de cada momento vivido no caraoquê. Ele a amava de verdade. Tudo que escrevera sobre o amor até aquele momento parecia uma farsa comparado ao que de fato era senti-lo.

Desceu do carro e partiu em direção à casa de Norah. Como a mãe de Barhi ainda estava viajando, ambos marcaram um encontro à distância para a tão famigerada conversa em que pediria a permissão da matriarca para casar com a amiga.

— Fique calmo — disse Nathan, ao seu lado.

O mais novo precisara implorar ao treinador para poder faltar ao treino daquela tarde, pois tinha medo de que Leon tivesse uma síncope no meio do caminho.

— Estou calmo.

— Eu ouvir você sussurrar orações um zilhão de vezes só no caminho até aqui.

— Justo.

— Vai dar tudo certo.

— Na única vez que a vi, caí dentro de uma fonte com a filha dela.

— E ainda assim ela amou você, eu aposto. — Sorriu, sincero. — Não tem como não gostar de você. Não é à toa que o chamam de cristalzinho de Hollywood — caçoou, gargalhando, e Leon lhe deu um tapa na cabeça.

— Vamos entrar!

Leon caminhou na frente, abrindo a porta da casa.

— Finalmente vocês chegaram! Alguém precisa dar um jeito na Sofia, porque ela já tem até uma data para o casamento.

— E você já sabe o local e a decoração — caçoou de Norah, que espremeu os lábios.

— Pobre Tina!

Nathan se jogou no sofá.

— Pobre de mim, isso sim.

Leon se sentou ao lado do primo e repousou a cabeça no encosto do estofado, fechando os olhos.

— Estamos pensando em fazer a festa de casamento em Carmel.

Norah mantinha os óculos de grau sobre os cabelos cacheados e os olhos fixos no smartphone

em mãos.

— É melhor para despistar a mídia — Sofia concordou, olhando por cima do ombro da cunhada.

— Claro que eles vão estar presentes, mas podemos tentar algo reservado.

A mais velha direcionou o olhar para Leon, que mantinha os olhos fechados.

— Deus o abençoe, irmãozinho — Nathan sussurrou no ouvido do primo, que apertou o início do nariz levemente achatado e sorriu.

Depois de meia hora ouvindo todos os detalhes de como seria seu casamento, Leon recebeu uma mensagem da futura sogra avisando estar livre para conversar naquele momento. O homem gelou. Nathan gargalhou da cara de nervosismo do primo e levou um tapa da mãe. Norah e Sofia foram para a mesa da cozinha, arrastando Leon.

Depois de algumas tentativas, enfim a internet de Jaime parecia ter funcionado. O coração de Leon batia a mil por hora enquanto ele passava as mãos suadas pela calça jeans.

— Oi, Leon. Como vai?

A mulher, que parecia uma versão mais velha de Barhi, o encarou com um sorriso amistoso, que fez os ombros de Leon relaxarem.

— Muito bem, obrigado. E como está sendo sua primeira missão?

— Tenho aprendido muito, mas confesso que a impotência é algo que me entristece — respondeu, sincera, levando uma xícara de chá à boca.

— Eu entendo. Nathan e eu participamos de uma missão aqui mesmo, na Califórnia, e encaramos a mesma perspectiva.

— Deus dá graça. — Sorriu. — Vejo que você tem companhia.

— Sim. Esta é minha mãe, Norah. — Leon virou a câmera para mostrar a mãe, que acenou com a mão. — E esta é a minha tia Sofia. — O celular foi em direção à tia, e ela sorriu, simpática.

— É um prazer conhecê-las, mesmo que de longe.

— Espero que possa vir a Carmel quando retornar.

Norah sorriu e a mulher do outro lado da tela assentiu.

— Irei, sim. Imagino que nos veremos com frequência agora.

Lançou um sorriso presunçoso para Leon, que sentiu as bochechas queimarem e a garganta secar.

— Sobre isso, senhora Partridge… — Respirou fundo. Nathan apareceu na porta da cozinha, dando-lhe um sorriso encorajador. — Conversei com o pastor Owen e…

— Desculpe interrompê-lo, mas já iniciou o processo de membresia?

Jaime encarou o homem com um olhar amigável, e ele assentiu.

— Sim. Leva um tempo, mas já o iniciei. — A mulher sorriu, satisfeita. — Conversei também com minha família e, é claro, com a sua filha, e agora gostaria de pedir a sua permissão para assumir um compromisso com a Barhi.

Todos ficaram em silêncio, apreensivos. Leon não conseguia respirar direito e a garganta parecia tão seca quanto o deserto. Os outros aguardavam em expectativa, e Jaime encarava um ponto fixo, longe da câmera do celular, até que por fim voltou a olhar para Leon.

— Acredito que a Barhi deve ter contado para você sobre a vida dela, o que ela já passou, como superou, o papel de Deus em sua vida, que é soberano — ela disse devagar. Ele assentiu. — Acredito que casamento é algo muito sério, creio que você também. Pedir a minha filha em compromisso é assumir algo além de palavras. Se você se comprometer em dar a sua vida por ela, como diz que deve ser feito, eu não me oponho. — Sorriu, singela. — Gosto de você, rapaz.

— Eu me comprometo. Eu a amo de verdade.

Jaime sorriu, e Norah e Sofia sentiram os olhos se inundarem de lágrimas enquanto Nathan continha pulinhos de alegria na porta do cômodo.

— Fico feliz em ouvir isso. — Jaime sorriu de orelha a orelha. — Eu o aprovei assim que os vi juntos pela primeira vez. Já li seus livros, Leon.

O rapaz arregalou os olhos.

— Me sinto honrado. — Sorriu, surpreso.

— E também vi como você cuidou das crianças na igreja, como orou por elas. Eu também conversei com o pastor Owen antes desta ligação, e não preciso lhe dizer que conversei com a Barhi, porque certamente já sabe o posicionamento dela.

Leon corou e levou a mão ao rosto, cobrindo-o.

A conversa se estendeu por mais alguns minutos, e dessa vez Norah e Sofia conversaram com Jaime. O clima era amistoso, e isso fez com que risadas e também Jesus se fizesse presente. Encerraram o momento com uma oração e, assim que a mãe de Barhi encerrou a chamada, Leon ficou sem reação por um tempo. Os outros três esperaram por um sinal, mas Leon não disse nada.

— Você quer se casar com ela?

Nathan encarou Leon, que assentiu.

— Por quê? — Sofia o fitou, séria.

— Como assim, por quê? Ela é uma mulher de Deus, planejamos uma vida juntos que se encaixa, glorificaremos a Deus, e eu estou apaixonado por ela.

— Descompassadamente apaixonado — Nathan corrigiu o primo, que assentiu.

— Você pode ter tudo isso com qualquer mulher no mundo — Norah advertiu, e Leon a encarou, confuso. — Uma mulher de Deus? Na sua igreja existem várias, inclusive que glorificam a Deus e possuem um chamado, como o seu. Paixão? Só ela não basta. — Negou com a cabeça.

— E o que mais precisamos ter, tia Norah? — Nathan colocou a mão na cintura, confuso.

— Você só precisa fazer a sua escolha e honrar o compromisso que vai assumir com Deus. — Norah deu de ombros. — Mas a minha opinião é que a pessoa que escolhemos deve ser alguém a quem amamos antes de nos apaixonarmos. É por isso que a amizade é importante.

— Lembra quando me entrevistaram uma vez e eu fiz aquele discurso que ficou famoso sobre a minha futura esposa? — Leon chamou a atenção de todos para si. — É ela. Não apenas porque sinto que a amo tanto a ponto de morrer por ela, como também porque estar com ela me faz não querer estar com mais ninguém.

— Esse é o meu menino!

Norah e Sofia se entreolharam, satisfeitas.

Os quatro passaram o restante da tarde conversando e foram a noite adentro.

Leon contou sobre seus planos para o próximo encontro que teria com Barhi, agora que tinha a permissão da mãe dela. Nathan comentou sobre a temporada do *San Francisco 49ers*, e as duas mulheres sobre alguns eventos interessantes que a igreja promoveria dali uns dias.

Leon sorriu e apreciou o momento, imaginando o dia em que Barhi estaria ali, no meio deles, fazendo parte da família.



Mais tarde, quando foi para a varanda da casa da mãe a fim de observar o movimento quase inexistente da rua, seus pensamentos vagaram para Barhi. Ele sempre pensara que a mulher ideal

o esperava em algum lugar do mundo.

Desde o dia em que fora entrevistado sobre a mulher ideal, ele guardou no coração a própria mensagem: em algum lugar do mundo existia alguém a quem amaria e protegeria. Ele ficara feliz por escolher Barhi, por ela ser esse alguém para ele, e como queria ser alguém para ela. Sacou o telefone do bolso e se pôs a ligar para a mulher.

— Cristalzinho de Hollywood. — Ouvir a voz da mulher o fez abrir um sorriso largo. — Como está a vida em Carmel?

— Minha mãe sentiu sua falta. — Sua voz soou decepcionada.

— Eu também quero vê-la em breve.

— A tia Sofia e o Nathan também.

Fechou os olhos sentindo vento frio tocar suas bochechas e abriu um sorriso.

— Também senti a sua falta. — A voz de Barhi era tímida.

Todo o corpo de Leon pareceu ser atingido por uma descarga elétrica, que o fez flutuar por alguns segundos.

— Parece que muitas coisas no meu dia não são mais tão legais de serem feitas sem você.

— É isso que significa estar apaixonada? — caçoou dele, e o rapaz sorriu de lado.

— Conte-me você como é — desafiou, ajustando o celular contra a orelha.

— Quero pegar o meu carro agora e dirigir por mais de duas horas apenas para estar com alguém que disse sentir minha falta.

— Então acho que estamos profundamente apaixonados, porque sinto o mesmo. — Sorriu, e a mulher suspirou do outro lado da linha. — Vamos a um encontro?

— Mais um?

— Espero que muitos mais!

Sorriu, mordendo o lábio inferior.

— O que pretende fazer dessa vez? Virá me buscar de avião? — Gargalhou.

— Olha, até que não é uma má ideia. Mas fica para a próxima, já tenho algo planejado — completou, misterioso.

— Quando?

— Amanhã.

— Você não vai passar o fim de semana em Carmel?

— Como eu disse, existem coisas que não têm graça sem você. — Mordeu o lábio inferior. — Hoje eu estava imaginando como seria se estivesse aqui com a gente.

— Eu adoraria! — Barhi declarou, sorrindo. — A minha mãe contou que falou com ela.

— Sim. Fiquei nervoso.

Suspirou.

Os dois passaram alguns minutos conversando, até que se encontraram exaustos. Leon se despediu e adentrou a casa da mãe, subindo as escadas com cuidado, e seguiu o caminho até o quarto.

Seu coração estava acelerado e um sorriso não saía de seu rosto por nada. Enfim ele sabia como era estar apaixonado, e amava cada minuto disso.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2022

Barhi preparava um bolo para o aniversário da melhor amiga. A TV ligada na sala estava em um volume acima da média para que pudesse ouvir quando chegasse a sua vez de aparecer no programa da Shonda. O especial havia sido gravado em sua casa, e ela contara um pouco sobre seus processos de escrita.

Despejou os ingredientes do bolo dentro da batedeira, um por vez, e colocou para bater, indo em direção ao forno, deixando-o preaquecer. Aproveitou para colocar comida para Polar e então seguiu em direção à batedeira, desligando-a. Pegou a fôrma para untar e apurou os ouvidos a fim de entender o que se passava na TV.

— A mulher ideal? — A voz de um homem ecoou pela casa.

— Você escreve tantos romances, imaginamos que queira viver um.

A mulher sorriu e Barhi revirou os olhos.

— Fala sério! A mulher ideal? — Balançou a cabeça enquanto untava a fôrma. — Mais um idiota exigindo de alguém o que nem ele consegue ser.

— Acredito que a mulher ideal será aquela que encontrará sentido em viver a vida comigo, seguir meus planos, assim como seguirei os delas. Ela me fará sentir que jamais encontrarei um amor tão bom quanto o dela.

Barhi parou de untar a fôrma, caminhou até a pia e lavou as mãos, aguçando os ouvidos para entender o que o homem falava.

— E se me permitem fazer uma prece silenciosa, peço que ela me reconheça no momento em que nos conhecermos, que algo seja despertado em nós. A mulher ideal será a responsável por me fazer reconhecer alguém em meio à multidão.

— Isso é muito fofo. Agora não são apenas seus personagens que elevam os padrões.

Os dois riram e Barhi pegou o celular, abrindo o aplicativo de notas. Era algo interessante a se anotar, poderia utilizar em seus livros.

— Quer complementar? — a repórter questionou. — Alguma característica física?

Barhi arqueou a sobrancelha e soltou um sorriso presunçoso. Essa era a parte em que eles sempre se enrolavam. Ela acreditava que devia sentir atração por seu marido, mas a beleza deveria ser secundária.

— Minha mulher ideal não tem rosto ainda, mas gostaria que ela soubesse que, embora tudo

esteja uma loucura, estou torcendo por ela, que eu gostaria de estar com ela agora e, Deus, como eu queria!

A risada do rapaz fez Barhi estremecer da cabeça aos pés.

— Talvez ela esteja assistindo você agora! — a repórter brincou, e ele gargalhou de novo.

— Se você estiver assistindo, saiba que um dia a protegerei de tudo e a abraçarei para dizer que vai ficar tudo bem. — A voz do homem era mansa, e Barhi não conseguia anotar nada, estava atenta a cada palavra que ele dizia. Aquilo mexeu com ela, porque era assim que se sentia. Escrevera diversas cartas ao futuro marido, em sua grande maioria lhe dizia o quanto gostaria de estar com ele, porém entendia que tudo havia seu tempo. O homem da TV voltou a falar. — Por ora, só quero que saiba, mulher ideal, que estamos vivendo no mesmo planeta. Nenhuma distância é longe demais para que um propósito se cumpra, e nós temos um propósito. E, embora não estejamos juntos, uma parte do meu coração está aqui por você e por isso tenha certeza de que em algum lugar do mundo existe alguém que torce todos os dias para que você acorde bem e siga em frente, até que em um desses muitos dias possamos nos encontrar. De todo o meu coração, para a minha mulher mais que ideal.

O forno apitou assim que o homem terminou de falar. Barhi levou a mão à boca, emocionada. Como queria ter a oportunidade de dizer isso ao futuro marido.

— Será que você também ora por mim? Torce para que eu esteja bem? Me ama tanto quanto eu o amo, mesmo sem o conhecer? — questionou, fechando os olhos.

Correu até a sala para saber de quem era uma das falas mais românticas que já ouvira na vida, mas não conseguiu, pois o intervalo já havia começado.

Então a mulher retornou para a cozinha e terminou de untar a fôrma, juntou o fermento aos ingredientes e pôs a massa na fôrma.

Ainda pensando em tudo que ouvira, abriu o forno e colocou o bolo para assar.

Quando puxou o celular do bolso da frente do avental, as notas estavam abertas, mostrando a única frase que conseguira anotar. “Saiba que um dia a protegerei de tudo e a abraçarei para dizer que vai ficar tudo bem.”

Barhi sorriu e guardou aquilo não apenas para seu livro, como também para si.

14

CASA COMIGO?

Tina estava atrasada e, a julgar pela falta de mensagens, Leon também estava.

Ela parou pelo tempo necessário para checar a aparência no espelho, arrumar um pouco o cabelo e sair correndo, apressada, quase esbarrando em Polar.

Assim que passou pela portaria do prédio e alcançou a calçada, seu coração parou de bater, a boca ficou seca e os olhos se arregalaram, apavorados.

— West… — Barhi sussurrou, paralisada; não conseguia mover um músculo sequer.

— Tina — o rapaz a chamou com tanta delicadeza que nem mesmo parecia ser o seu ex-namorado.

O jovem de anos atrás agora era um homem. Seu rosto, antes rude demais, estava suave, e seus olhos frios pareciam culpados. Tina franziu o cenho, tentando encontrar West no meio de toda aquela mudança radical em seu exterior. As roupas continuavam as mesmas, mas ele não estava igual.

Sua mente gritava para seus pés saírem do lugar. Uma batalha acontecia dentro de si, entre um medo ainda tímido e a curiosidade de saber o que acontecera nos últimos anos.

— Me desculpe não avisar que viria. Sei que deve estar com medo, e com toda a razão. — Fechou os olhos com força e respirou fundo. — Eu só quero falar com você por um momento.

— Eu não… — Barhi balançou a cabeça, andando para trás. — Não sei se é uma boa ideia.

Receosa, cruzou os braços e manteve o rosto sério.

— Eu entendo. — Ele colocou a mão no peito e assentiu. — Só queria pedir perdão.

Tina arregalou os olhos, e seu coração voltou à vida, contudo em um ritmo maior que o recomendado. Os olhos de West estavam cheios de lágrimas, e a moça sentiu uma fisgada no peito. Queria mandá-lo embora, porém sentiu pena.

Arregalou mais ainda os olhos, impulsionando o corpo para trás, quando ele se ajoelhou e passou a chorar compulsivamente.

— Me perdoe! — O homem curvou a cabeça. — Sinto muito, sinto tanto! Eu me arrependo tanto, Tina.

Barhi encarava a figura vulnerável à sua frente. Pela primeira vez não era ela que estava no chão, não era ela quem chorava de joelhos; pela primeira vez, ela estava em cima e a sensação era horrível. O medo que antes estivera em seu coração foi substituído por uma compaixão que lhe ardia a alma.

— Eu vim pedir perdão e agradecer. — O rosto dele permanecia virado para o chão. — Obrigado por ter sido o exemplo que eu precisava. — Assentiu. — Hoje consigo ver, Tina. Acredito de todo o meu coração no meu Deus, e Ele me fez ver. — Ergueu a cabeça por um segundo, encarando-a com sinceridade. — Sinto muito pelo que a fiz passar. Me perdoe.

A escritora não sabia como reagir. Quando terminara o relacionamento, imaginara esse momento como um ensejo para uma doce vingança, que agora soava amarga demais. O mesmo Deus que a encontrara na garagem de uma casa qualquer dos Estados Unidos havia restaurado o homem que mais a fizera sofrer, e por mais insano que parecesse, ela sorriu. Apenas olhou para a figura do homem vulnerável e se alegrou por ele.

— Já usei drogas, vivi noites agitadas e tudo mais que o mundo tem a oferecer. Mas não há nada que satisfaça mais a minha alma — ele bateu no peito com um sorriso genuíno em meio às lágrimas — do que Jesus. Nada é maior e mais satisfatório do que a sensação de ter o reino de Deus fluindo dentro de você.

Aquele momento fez a mulher se desarmar por completo. Ela se abaixou, ficando na altura de West, que levantou a cabeça para encará-la. Seus olhos estavam vermelhos e as lágrimas inundavam seu rosto. Barhi o abraçou, e West chorou ainda mais. A mulher também já chorava como se não houvesse amanhã.



Ao entrar na rua de Barhi e ver a cena que se desenrolava na calçada, Leon estacionou o carro de qualquer jeito e desceu com o coração na garganta, correndo em direção aos dois.

— Eu perdoo você, porque eu sei, Wes. O que Ele fez em você também fez em mim.

A escritora sorriu entre as lágrimas.

— Não sou mais aquele cara, Tina. Eu sinto tanto! Todos os dias! — Soluçou.

— Eu sei que não é. — Assentiu. — Eu também não sou mais aquela Tina.

— Eu queria dizer que a culpa nunca foi sua. — Afastou-se da mulher, encarando-a. — Quero que saiba que você sempre foi uma escritora extraordinária, e eu sinto muito por ter diminuído você. — Fungou, limpando as lágrimas. — Li seus livros. — Sorriu em meio ao choro. — Obrigado! Sei que não posso apagar o que aconteceu, mas sou sincero em dizer que me arrependo.

— Está tudo bem, Wes. — Barhi sorriu para ele, abraçando-o de novo. O homem chorou ainda mais, suas mãos tremiam. — Eu o perdoo.

Tina sentiu o poder do Espírito Santo de Deus. Fechou os olhos com força e chorou, deixando o Senhor lavar toda a sua alma, como um sangue vermelho escarlate percorrendo por suas vestes sujas e as deixando tão limpas quanto o bronze polido. Dois pecadores, arrependidos e completamente rendidos ao poder do altíssimo Senhor.

— Durante todo esse tempo eu ensaiei vir até aqui. — West a encarou. Ela mantinha as mãos em seus ombros trêmulos. — Imaginei que não me ouviria. — Tina negou com a cabeça. — Imaginei que não precisava vir até aqui, porque o Senhor já me perdoara em oração, mas este momento — limpou o canto dos olhos — libertou uma forte corrente que me prendia.

— Eu também precisava disso, West.

A escritora deixou as lágrimas correrem e um soluço escapou por entre seus lábios.

O peso que saiu das costas de West também foi retirado de Barhi, que declarou em alto som o perdão que o rapaz precisava ouvir. Os dois nunca experimentaram algo tão forte quanto a sensação de pedir e liberar perdão. Era algo tão difícil de se iniciar, e ainda mais de finalizar, pois era tão inexplicavelmente bom que nenhum dos dois queria sair dali.

Leon virou as costas para a cena sentindo um fogo queimar em seu coração. Não conseguia pensar em nada além de bater no cara à sua frente. Precisou fazer um esforço tremendo para fazer o caminho de volta, em direção ao carro. Aquele momento não era seu, e ele admirava ainda mais Barhi, mas não conseguia parar de pensar em tudo que West fizera a ela. Escorou-se no carro e ficou atento a cada gesto do homem.

Barhi e o homem se levantaram.

Ela sorria entre lágrimas. De fato, aquela era a mulher que ele amava e admirava dia após dia. West também chorava, porém Leon rogava em silêncio para que Deus o fizesse piedoso, como a futura noiva, porque só queria avançar naquele cara e o fazer sofrer pelo menos o dobro do que Barhi sofrera.

Fechou as mãos com força e respirou fundo, recompondo-se.

Voltou a fitar a cena. Conhecia bem o poder de restauração de Deus. West não era mais pecador do que ele próprio, sabia disso, contudo isso não o impedia de sentir. Respirou fundo e passou a analisar a feição da mulher: os olhos cheios de piedade revelavam o verdadeiro evangelho de Cristo. Ele sorriu e ergueu a cabeça, comprimindo os lábios. Cada dia mais a via como exemplo de amor e compaixão.

Do outro lado da calçada, os dois se despediram, e Barhi levou um tempo secando as lágrimas, até avistar Leon e correr em sua direção, abraçando-o. O homem fechou os olhos com força, envolvendo-a com delicadeza.

— Está tudo bem. Eu estava aqui o tempo todo. — A mulher ergueu a cabeça e o encarou com os olhos vermelhos. Ele depositou um beijo em sua testa. — Estou aqui, com você, princesa Barhi.

Ela encostou a cabeça no peito do rapaz e ele a abraçou mais forte.

— Eu senti tanto medo — Barhi sussurrou, e Leon fechou os olhos com força, tamanha era a dor que cortava seu peito. — Mas foi tão bom vê-lo curado.

— Eu achei péssimo vê-lo.

Leon afagou os cabelos da garota e ela apertou mais o abraço, rindo.

— Ele agora é outro. Que cristã seria eu se não acreditasse no poder de restauração do meu Deus?

— Ou no fato de as pessoas não serem perfeitas — complementou, beijando o topo da cabeça da mulher e apoiando o queixo nela.

— Senti como se um peso fosse retirado de mim. Acho que precisava desse momento tanto quanto ele.

— Por favor, não precise novamente — Leon choramingou e a mulher riu, afastando-se dele.

— Você viu tudo?

Ela o encarou, e o rapaz assentiu, colocando o cabelo da mulher atrás da orelha.

— Eu a admiro ainda mais por tê-lo perdoado, mas preciso dizer que você vai se decepcionar em saber que precisei de uma tempestade de graça para me controlar e não ir até lá bater nele. — Tina sorriu de lado. — Eu também fico feliz em vê-lo curado, de verdade.

— Obrigada.

Sorriu de orelha a orelha.

— Pretendo cumprir cada promessa que fiz a você, princesa Barhi. Cuidar de você, a proteger e a fazer se sentir amada todos os dias.

— Todos os dias mesmo?

Ela o abraçou mais uma vez.

— Até a eternidade. — Movimentou a cabeça de cima para baixo.

— Isso é bom.

— Me abraçar ou viver comigo todos os dias até a eternidade?

Arqueou uma sobrancelha em dúvida.

— Os dois — a escritora murmurou e o coração do roteirista quase saiu pela boca, fazendo um sorriso involuntário brotar em seus lábios finos.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, até enfim se soltarem para que pudessem seguir com os planos da noite.

— Você não trouxe um carro antigo hoje. — Barhi fez um biquinho.

— Me perdoe, princesa Barhi, mas hoje tenho um plano diferente para nós.

— Que envolve uma picape? — Franziu o cenho.

— Acredito que sua mente de escritora não terá problemas em imaginar o que faremos.

— Acho que, no que diz respeito a encontros, a minha mente de escritora não funciona tão bem quanto a sua.

Sorriu sem mostrar os dentes.

Leon piscou para a mulher e abriu a porta para ela. Depois de afivelar o cinto, o rapaz ligou o som em uma rádio que tocava músicas românticas dos anos 1980 e 1990. Barhi gargalhou ao ouvir *I wanna know what love is* tocando, o que fez Leon abrir um sorriso de lado.

No começo, o rapaz mal conseguia dirigir com as mãos suadas de nervoso no volante, porém a presença de Barhi cantando músicas e fazendo comentários aleatórios ao seu lado o fez relaxar até chegarem ao destino.

— Estamos na praia?

Os olhos de Barhi brilharam de animação. Leon apenas assentiu, e o rapaz dirigiu pela costa até encontrar um lugar próximo a um restaurante à beira do oceano.

— Agora me espere aqui um minutinho — Leon pediu, afável, depositando um beijo na mão da moça.

Ele desceu do carro, indo para a traseira do mesmo, de onde retirou a lona preta, revelando a sua surpresa da noite. Depois de organizar alguns detalhes que acabaram por sair do lugar no caminho, ele olhou satisfeito para o que ele e Nathan fizeram horas antes e esboçou um largo sorriso. Caminhou até a porta do passageiro, abrindo-a e estendeu a mão para Barhi.

Ao alcançarem a traseira do carro, ela ficou boquiaberta, com os olhos arregalados.

— Meu Deus do céu!

A mulher levou a mão à boca, e Leon quase caiu para trás com o sorriso que ela abriu. Lá, na carroceria, havia um colchão de casal com almofadas em dois tons de marrom e tamanhos diversos. Ao redor do carro, luzes amarelas foram ligadas por um fio. Havia ainda cobertores nas cores das almofadas, uma caixinha de som pequena, acompanhada do notebook e uma cesta de comida.

— Venha.

Leon subiu com destreza e estendeu a mão para a mulher, que a pegou e logo foi impulsionada para cima do carro.

Os dois se acomodaram no colchão, usando as cobertas para espantar o frio. Em seguida, Leon abriu o notebook e, depois de alguns minutos, uma música baixa começou a soar na caixinha de som. Os dois se encararam por um momento antes de Leon se virar para o céu.

— Uma vez me perguntaram qual era minha mulher ideal. — Leon fechou os olhos e sorriu. — Eu só conseguia imaginar que, independente de como fosse, a minha futura esposa estava em algum lugar do mundo, esperando por mim, e um dia eu estaria com ela.

Respirou lentamente e Barhi sorriu, emocionada.

Ela olhou para o céu e se lembrou das tardes que passara procurando pela entrevista, que parecia não querer ser encontrada. Imaginou que algum cantor de rock cristão fosse o responsável pelas palavras que escutara na televisão. Anos depois, descobriu que o homem que proferira palavras tão bonitas era ninguém menos que seu futuro marido.

— Um casamento para a glória de Deus. — Barhi encarou Leon, que passou a olhá-la com atenção. — Sempre foi o meu objetivo: me casar para levar o nome de Deus ainda mais longe.

— E acha que podemos fazer isso juntos? — Os olhos de Barhi brilharam e Leon a encarou com devoção. — Acredita que vamos escrever, ter filhos e sermos felizes em nossas vidas ordinárias, para a glória de Deus?

— Acredito na salvação de pessoas como o West. — Duas lágrimas sorrateiras emolduraram o rosto da escritora. — Acredito que devemos servi-las, até que elas estejam de volta nos braços do Ábba, como um dia aconteceu conosco. — Barhi segurou a mão de Leon. — E acredito que quero viver isso com você. — Sorriu, afável.

— Há tantos anos que oro por você. — Os olhos de Leon se encheram de água, e ele sorriu, fazendo a mulher à sua frente corar. — Que peço para que você esteja sendo cuidada, amada e cheia da graça de Deus. — Apertou a mão de Barhi, fazendo um carinho com o polegar. — Há tanto tempo que oro para que, quando o momento chegasse, eu soubesse fazer uma boa escolha.

Leon colocou a mão no bolso e retirou uma caixinha preta dele. Barhi o encarou com atenção, todo o seu corpo respondida com ondas de um calor incontrolável. Ela sentia o coração bater na boca e o estômago vibrar.

— Barhi Valentina Partridge. — Leon mantinha os olhos firmes na mulher, que já deixava algumas lágrimas escaparem. — Minha princesa Barhi Valentina — limpou os cantos dos olhos da mulher —, você aceita se casar comigo e viver glorificando a Deus, juntos, para o resto de nossas vidas?

Abriu a caixinha preta, revelando um anel de noivado brilhante.

— Sim — Barhi disse como um sussurro.

Leon colocou a aliança no dedo da mulher, mesmo com as mãos trêmulas, e depositou um beijo em cada uma das mãos da moça. Barhi o encarava com um sorriso largo no rosto e lágrimas nos olhos. Os dois se contemplaram por alguns minutos, então Leon entrelaçou sua mão à da moça, respirando fundo, com um sorriso de alívio.

— Por um momento achei que você diria não.

Ela o encarou com o cenho franzido.

— Por que eu diria não?

— Porque nos conhecemos há apenas alguns meses. Para a grande maioria, isso seria loucura.

— A verdade é que nunca vamos nos conhecer bem o suficiente. — Barhi deu de ombros. — Ainda mais quando não moramos juntos. A vida de casado é cheia de surpresas. — Ele concordou. — O medidor das nossas escolhas é a palavra de Deus, aconselhamentos e uma certeza de nós mesmos.

— A minha família foi muito cuidadosa quanto a casamento, sabe? — Leon afastou uma mecha de cabelo do rosto de Barhi. — Defraudação emocional sempre foi uma pauta dentro de casa, nunca fazer alguém pensar que você vai oferecer além daquilo que realmente está disposto a oferecer.

— A sua tia conversou comigo sobre isso em Santa Mônica.

Barhi sorriu e Leon retribuiu antes de encarar o mar.

— Eu amo você, princesa Barhi. Escolhi me casar com você, porque imagino uma vida com você. — Voltou a encarar a moça. — Acordar ao seu lado, cuidar de você, me deixar ser

cuidado, ter filhos com você e evangelizar pessoas.

— Quero receber pessoas na nossa casa. Ouvir suas histórias e compartilhar sobre Jesus.

— Quero morar na cidade.

Leon torceu o nariz, e Barhi riu, concordando.

— Apesar de amar a natureza, prefiro a agitação de São Francisco.

Espremeu os lábios, formando uma linha fina.

— Sempre imaginei você acordando cedo para dar comida para as galinhas. — Ele sorriu, traquina.

Barhi jogou a cabeça para trás, gargalhando, e ele se pôs para frente, alcançando a cesta de comidas e a abrindo.

— Eu gosto de escrever em cafeterias agitadas ou praças cheias de pessoas e suas vivências.

— Ver as situações acontecendo ao seu redor faz você imaginar melhor as cenas?

Leon passou um pouco de patê em uma tortinha e entregou para a moça.

— Obrigada — agradeceu, levando a tortinha à boca. — Também. — Assentiu. — Gosto de imaginar as histórias das pessoas ao meu redor.

— É assim que nascem as suas histórias? — Arqueou uma sobrancelha, surpreso, e ela assentiu. Decidiu continuar a conversa: — Dois filhos.

Leon levantou os dedos das mãos.

— Três. — Barhi o encarou com um olhar fofo que o fazia acatar todas as decisões dela.

— Podemos negociar.

A conversa fluiu por algum tempo, eles comeram e sonharam com o futuro. Em dado momento, fizeram uma oração, seguida da leitura de um capítulo bíblico, que Leon havia preparado para o momento. Fora ensinado pela tia que um relacionamento que glorifica a Deus, tem Deus. Fazer leituras bíblicas, orações, jejum e servir na casa de Deus eram coisas a se fazer juntos. O homem desejava viver assim e era imensamente grato por Barhi também o querer.

— Eu não encarava a escrita como um chamado de Deus, até entender que evangelizar possui suas nuances, e eu conseguia fazer isso escrevendo. Nunca tive jeito para o púlpito. — Leon levou um copo com água a boca.

— Eu sempre acreditei no glorificar a Deus na vida cotidiana. — Barhi prendeu o cabelo em um coque. — Servir as pessoas do condomínio, da igreja, do trabalho, da rua ou de onde quer que eu estivesse, me disponibilizando para cuidar delas e ouvi-las.

— Foi assim que conheci verdadeiramente a Jesus, sabia? — Leon passou a guardar o conteúdo que retiraram da cesta. — Eu estava em uma pracinha e um homem apresentou Jesus para mim. Me ouviu e me ensinou o evangelho puro.

— Eu sempre pensei que poderia fazer missões também.

Barhi ajudou Leon e os dois fecharam a cesta.

— Podemos fazer isso juntos.

Sorriu, singelo, e ela retribuiu.

— É muito bom e ao mesmo tempo muito estranho começar a encarar a vida como se não fosse mais apenas eu.

Barhi se levantou e Leon também se pôs de pé, quase se desequilibrando.

— E não é. — Piscou para ela, e uma música de Elvis saiu da caixinha de som. — *Wise men say…* — Leon cantarolou, puxando Barhi para fora do carro.

— Nós somos um casal meio retrô, não acha? — ela comentou.

Ele a segurou pela cintura.

— Você gosta de coisas retrô.

E a puxou para uma dança lenta.

— E você descobriu isso pesquisando no Twitter?

— Eu li todos os seus livros.

Ele a girou no ar.

— Justo. — Riu.

— A protagonista sempre dança e viaja nos carros mais enigmáticos do século passado.

Os dois continuaram a dançar de um lado para o outro e, em dado momento, fecharam os olhos, desfrutando do som da música se misturando com o quebrar das ondas do mar.

— Gostou mesmo das histórias? — A pergunta de Tina saiu em um sussurro.

— Sempre fui seu fã. Desde o primeiro livro que lançou — Leon respondeu com um sorriso sincero no rosto.

— Eu preciso lhe dar um autógrafo! — Sorriu, traquina, e parou de se movimentar, encarando-o.

— Você vai se casar comigo. — Sorriu de canto. — Acredito que esse seja o ponto máximo para um fã.

Barhi assentiu, rindo.

— Eu nem acredito que vou me casar com o homem que viu dar uma entrevista um ano atrás.

— Você viu? — Ele a encarou, boquiaberto. — Aquela pergunta foi totalmente fora da curva.

— Eu não sabia que era você. Não até você comentar, alguns minutos antes.

— No ano passado eu orava muito pela minha esposa. Não estava tendo uma fase fácil na Pansy e imaginei que talvez ela também não estivesse, e eu queria estar com ela, mesmo não a conhecendo.

— Eu passei a orar especificamente pelo meu marido depois da sua entrevista. Confesso que a minha oração era por direcionamento.

— Sim, a minha também. Mas entendendo a soberania de Deus, percebemos que Ele já sabe com quem vamos nos casar, embora não seja Ele que venha a escolher por nós. Então orar para que Ele proteja e cuide do nosso futuro conjugue faz todo sentido.

— Eu chorei de emoção naquele dia.

— E a apresentadora ainda me disse para mandar uma mensagem para a minha futura esposa, pois ela estaria assistindo.

— Parece que estava mesmo.

Sorriu, meiga, e ele fez um biquinho.

— Foi essa entrevista que me fez ser o cristalzinho de Hollywood — Leon reclamou com um revirar de olhos.

— Faz todo o sentido. Você elevou o padrão de metade da população feminina dos Estados Unidos.

— Não mais do que você em seus livros.

Ergueu as mãos em rendição.

— Fico feliz por sermos responsáveis por disseminar a cultura de relacionamento do reino de Deus.

— Orar pelo seu marido, desejar ter alguém com princípios cristãos, temente ao Senhor é o básico para se ter um relacionamento direcionado por Deus.

Leon voltou a segurar as mãos de Barhi e fez um carinho com o polegar.

— Ainda assim não temos certeza.

— Mas podemos tentar, todos os dias, mesmo nos mais difíceis, ser alguém para o outro e

honrar a nossa escolha.

Os dois sorriram, e Barhi encarou a aliança em seu dedo, o que fez Leon puxar a sua mão dar um beijo delicado nela.

Eles se abraçaram por alguns instantes e então se puseram a fechar o carro e dirigir de volta até a casa, pois a manhã seguinte seria cheia de emoções, ainda mais depois que Ches anunciasse o noivado dos dois para o mundo.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

São Francisco, alguns meses antes

— A Pansy acaba de fechar um contrato de roteirização dos livros da Tina Partridge — Chester anunciou.

Leon ergueu a cabeça, encarando-o sem reação.

— Você está brincando! — Leon deixou a caneta e os papéis sobre a mesa e caminhou até Chester. — Nós conseguimos?

— Sim! — Assentiu.

— Eu sempre quis roteirizar esses livros. — Leon fechou os olhos, unindo as mãos em frente ao rosto.

— Mas você fez questão de dizer que não os roteirizaria. Delegou essa função para Samantha. Eu lembro.

Chester analisava as unhas com cara de paisagem.

— Eu quis dizer que nós, como empresa, roteirizaremos.

Caminhou até a mesa, voltando a se sentar, e Ches revirou os olhos.

— Por que você não pega esse trabalho? — O assessor se sentou na cadeira acolchoada em frente à mesa. — Desde que a Sofia entregou o cargo, você parou a roteirização.

— Tenho muito o que fazer aqui e a equipe de roteirização é impecável, eu só analiso antes de enviar.

— Mas você é fã da autora! Posso reorganizar a sua agenda para que pegue o trabalho.

— Muito obrigado, mas não quero. — Negou com a cabeça, encarando o papel. — Aliás, admiro o trabalho dela, isso não quer dizer que queira roteirizá-lo.

— Quer dizer, sim! Você chorou em quase todos os livros, surtou em cada página. — Chester o encarou, cansado. — Lembro do dia em que você gritou e saiu correndo pela casa porque o personagem fez uma besteira tão grande que nem mesmo você poderia imaginar escrever aquilo.

— Ele não podia ter entregado aqueles arquivos, isso fez todo o reino entrar em colapso.

Leon o encarou, indignado, e Chester sorriu, maroto.

— Você quer trabalhar com ela e entender como funciona sua mente de escritora. Por que está se negando a oportunidade?

— Eu não quero. Agora me deixe em paz, porque não consigo revisar este contrato com você

cacarejando por aqui.

— Tudo bem. Antes de sair, eu vou cacarejar a minha opinião! — Chester se levantou, indo em direção ao rapaz, que fechou os olhos com força e aperto a ponte do nariz. — Você acha que ela vai surpreender você demais, a ponto de se apaixonar por ela.

— Você só pode estar brincando!

— Leon Strove, eu conheci você como um adolescente de ensino médio. Eu o conheço bem demais.

— Claro. E o que isso tem a ver com Tina?

— Você foge de todas as pretendentes que aparecem, e olha que eu me esforço.

Chester deixou os ombros caírem.

— Então você fechou um contrato só para eu me apaixonar? — Leon gargalhou alto e Chester revirou os olhos. — Espera só até a tia Sofia ficar sabendo disso.

— Você sabe que não foi por isso que fechei o contrato. — Chester o encarou com os olhos semicerrados e negou com a cabeça. — Afinal, foi você que me implorou para consegui-lo. — E sorriu, traquina.

— Não quero roteirizar os livros dela. Vou ficar feliz em apenas assistir aos filmes.

— E vai chorar e sair gritando em todas as cenas! — zombou ao caminhar em direção à porta. — Vou até solicitar que você não esteja na estreia, porque vai ser uma confusão.

Leon se levantou da cadeira, indo em direção a Chester, que caminhou mais rápido para a porta. O assessor gargalhou e fechou a porta antes de Leon alcançá-lo. O roteirista a trancou e voltou para sua poltrona.

Por um lado, ele queria, sim, entender o que se passava na cabeça da mulher, aprender com ela, escutar a sua história e como Deus a mudara. Por outro lado, não queria se envolver demais.

Chester estivera certo ao dizer que ele admirava a moça, e isso poderia interferir no trabalho, assim como sua admiração poderia ser confundida com algo mais.

— Não farei roteiro nenhum — murmurou, negando com a cabeça e se voltou aos papéis.

15

QUASE FELIZES PARA SEMPRE

Os últimos dois meses da vida de Leon e Barhi consistiram nos preparativos para o casamento. Durante o período, os únicos momentos em que os dois estavam juntos se resumiam ao curso de noivos e as manhãs destinadas aos cultos e eventos na igreja.

Além disso, ainda havia a pressão que a mídia passara a exercer depois de Chester ter anunciado o noivado em parceria com a assessora de Tina. Aonde quer que fossem, lá estavam os paparazzi, sedentos por imagens do casal que causava burburinho na internet: nas provas de vestido, possíveis salões e até no apartamento de Tina.

Essa movimentação nas redes sociais causou um aumento significativo nas vendas dos livros de Tina, como também nos contratos com a Pansy. A união dos dois nem mesmo se concretizara, mas gerava frutos positivos na evangelização que ambos promoviam em seus trabalhos.

— Você tem que provar esse brigadeiro belga.

Ella segurava a caixa de doces que sobraram da prova das sobremesas.

— Pode ficar à vontade para escolher quais serão os doces da festa.

Barhi endireitou o retrovisor e encarou a pista movimentada.

— A noiva aqui é você! Nem vem, depois eu escolho e você não gosta.

A loira levou mais um brigadeiro à boca e fechou os olhos, a fim de realçar o incrível sabor.

— Dizem que a festa de casamento é para convidados, não para os noivos.

— Nesse caso terei que concordar. Você nunca quis fazer uma festa grande.

A boca de Ella estava cheia de chocolate, o que fez Tina torcer o nariz, e a mais nova se desculpou com os olhos.

— Precisamos de uma festa grande. — Suspirou, cansada. — Ser uma figura pública exige algumas coisas de nós.

— Você ainda pode fazer apenas uma cerimônia íntima e depois uma festa.

Pegou uma garrafinha térmica com água.

— Não queremos fazer dois eventos. Mesmo que a cerimônia seja íntima, a mídia encontrará um meio de estar lá.

— Sinto muito.

— Não sinta. Estou feliz em me casar!

Sorriu sem mostrar os dentes e a loira a retribuiu.

— Nunca imaginaria ver você se casando com Leon Strove. — Balançou a cabeça, engolindo mais uma golada de água. — Qual a chance?

— Lembro quando nós escrevemos uma matéria para o blog da editora, falando sobre os roteiros dele, e ficamos imaginando como deveria ser trabalhar para a Pansy e ver Sofia Strove.

— Em pensar que agora ela participa de chás da tarde conosco. — Ella encarou o semáforo, que logo anunciou a permissão que Barhi precisava para avançar, e assim ela o fez. — A vida não é mesmo uma surpresa?

Barhi sorriu, concordando com a cabeça.

— Falando em surpresas, você não me contou sobre Elijah.

Tina encarou a amiga de rabo de olho, que, ao ouvir o nome do namorado, soltou um suspiro pesado.

— Não achei que deveria. — Ella fechou a caixa de brigadeiros e a colocou em uma sacola de kraft. — Você tem tanto do casamento para resolver.

— Mas eu quero ouvir. Desembucha!

Barhi encarou rapidamente a loira, que mordeu o interior da bochecha.

— Acho que ele vai me pedir em casamento. — Tina arregalou os olhos e pisou no freio do carro, desencadeando uma montanha de buzinas em seus ouvidos.

— Está falando sério? — Voltou a dirigir ao que a revisora assentiu. — Não era para isso ser algo bom?

— Não sei. — Gabriella encarou a cidade pela janela do carro. — Antes eu queria muito evangelizá-lo e você bem sabe que não consegui.

— Mas ele acabou encontrando o caminho.

— Sim, e não foi através de mim. — Suspirou, cansada. — Passamos um ano separados, Barhi.

— E ele se arrependeu nesse tempo e passou a viver uma vida com Cristo. O que há de errado agora? — questionou com um sorriso de canto.

Ela bem sabia a resposta.

— Não sinto que estou apaixonada por ele. Foi como se este ano me mostrasse que nunca senti algo genuíno.

Ella passou os dedos nos fios loiros.

— E o que mais? — Tina a encorajou, encarando-a de sobrancelhas arqueadas.

— E eu não me vejo casando com o Eli. — Cruzou os braços, cabisbaixa. — Chorei quando vi as alianças no carro dele ontem, mas foi de pânico. Não era para ser de alegria?

— Você contou para ele que quer voltar para a Itália por um tempo?

A escritora parou o carro no acostamento e pegou a mão da melhor amiga.

— Ainda não.

Apertou a mão de Tina.

— Você precisa contar.

— Eu sei. — Ergueu a cabeça para encarar a pista com um olhar vazio. — Ainda não falei com meus pais sobre voltar para lá.

— Mas você vai. É uma oportunidade profissional incrível, fora que você já está morrendo de amores pela ideia.

Sorriu, e o rosto de Ella se iluminou.

— Decido isso depois do seu casamento. — Ergueu as mãos em rendição e encarou a mais velha. — Como estão as coisas com o Leon?

— Não o tenho o visto muito. Estamos nos encontrando no curso de noivos, que concluiremos daqui a duas semanas, e nos cultos pela manhã.

Largou a mão da amiga e colocou o carro em movimento.

— Nada de encontros ao estilo anos 1980?

Gabriella fez um biquinho e Barhi sorriu de canto, revirando os olhos.

— Nadinha. — Negou com a cabeça. — Leon está atarefado até o pescoço com os roteiros da Pansy, e eu não aguento mais provar vestido e escolher convites e detalhes, além de escrever.

— Ele não está participando das escolhas?

Arqueou uma sobrancelha em desaprovação.

— Coitadinho. — Barhi riu. — Ele está escolhendo tudo e me mandando as opções.

— Um homem que sabe conquistar uma mulher.

Lançou uma piscadela e a mais velha jogou a cabeça para trás, rindo.

— Ele sabe que tenho um prazo curto para terminar o terceiro volume da série.

— E os paparazzi?

O sol invadiu o carro, obrigando a revisora a descer o quebra-sol.

— Continuam me seguindo, faça chuva ou faça sol. Inclusive, a foto de hoje à tarde já foi publicada. Todo mundo está acompanhando cada passo do casamento mais aguardado de Hollywood.

Barhi pegou o controle da garagem, fazendo o portão subir, e entrou com o carro no prédio.

— Deixe-me ver. — Ella tirou o celular do bolso da calça e procurou a notícia. — Tina Partridge e a melhor amiga Ella Zanotelli participaram de mais uma sessão de degustação para o tão aguardado casamento do ano — leu com voz de locutora, e a amiga riu.

— Mal sabem eles que eu detesto chocolate e você teve de provar tudo.

Tina torceu o nariz e retirou a chave da ignição do carro.

— Esse não é o meu melhor ângulo. — Ella mostrou o celular para a amiga. — Acho que nessa hora provei o de pistache. — Torceu o nariz. — Odeio pistache!

— O pistache fica, porque o Leon ama.

Tina desceu do carro e Ella revirou os olhos, pondo-se a caminhar ao lado da mais velha.

As duas mulheres adentraram o hall do prédio e, ao pararem em frente aos elevadores, deram de cara com três homens e seus humores diferentes. Leon, tão cansado que parecia ter sido moído; Nathan esboçava o mesmo sorriso de sempre; e Elijah aparentava ter chupado o limão mais azedo do mercado.

Ella arregalou os olhos ao ver o namorado e paralisou.

— Barhi. — Nathan seguiu em direção à escritora, que o cumprimentou com um abraço. — Ella. — E estendeu uma mão, que Gabriella apertou.

— Nós precisamos conversar, Gabriela. Você pode me acompanhar, por favor? — Elijah disse, seco, e a mulher assentiu.

— Foi um prazer revê-los, mas preciso ir.

A loira foi até Leon, cumprimentando-o com um aperto de mão, e seguiu em direção à saída do prédio com Eli.

— Devemos nos preocupar? — Nathan perguntou a Barhi, seguindo Ella com o olhar.

— Não. — Tina negou com a cabeça. — Elijah é tranquilo. Ele só deve estar chateado porque a Ella não contou sobre a viagem.

— Ela vai mesmo para a Itália?

Leon encarou Barhi, que assentiu.

— Sim. Vocês já estão de saída?

A mulher encarou Leon, que sorriu, cansado.

— O Nathan poderia me fazer o favor de administrar a Pansy por um dia e me deixar passar um tempo com a minha noiva — Leon choramingou, encarando o primo.

— Seria incrível, irmãozinho, mas preciso treinar. — Nathan sorriu sem humor. — Meu treinador tem me feito treinar dobrado, porque alguém me fez perder um treino uns dois meses atrás.

— Eu confesso! — Leon ergueu as mãos em rendição. — Fui eu! — caçoou.

Nathan revirou os olhos.

— Vou avisar o Ches que você precisa de quarenta minutos de descanso, e não mais do que isso, senão ele vai ficar estressado e aí você já viu — advertiu o primo e deu um abraço de lado na mulher. — Até mais, Barhi.

O rapaz colocou os óculos de sol no rosto e caminhou em direção à portaria.

Barhi segurou a mão de Leon, puxando-o para o hall de espera do prédio, e os dois se sentaram no sofá espaçoso e confortável. Leon fechou os olhos em alívio ao afundar no sofá, e a noiva sentiu pena do homem. Os dois entrelaçaram as mãos, e Barhi apoiou a cabeça no ombro do rapaz, que depositou um beijo em seus cabelos e voltou a se apoiar no encosto do sofá.

— Como foi o seu dia? — A voz de Leon soou rouca devido o cansaço.

— Comi muitos doces, fui até a gráfica ver os convites, que, por sinal, estão lindos, e fugi de alguns paparazzi.

— Não os aguento mais na porta do escritório. — O rapaz suspirou.

— Você deveria descansar um minuto. Quer que eu revise os roteiros? — sugeriu, comedida, e o rapaz sentiu o coração aquecer.

— Eu adoraria, princesa, mas não posso delegar essa função. — Virou o rosto para comtemplar a moça e acariciou a bochecha dela, fazendo-a fechar os olhos. — Se eu fizer isso, Sofia Strove me demitirá.

Sorriu, e a mulher o acompanhou, ainda de olhos fechados.

— Então posso fazer um chá.

— Seria ótimo. — Bagunçou o cabelo dela, que esboçou uma cara mal-humorada. — Mas agora prefiro que você fique aqui comigo. Não se levante.

Leon voltou a apoiar a cabeça no encosto do sofá enquanto Barhi repousou a sua no ombro do rapaz. Fecharam os olhos por um momento e relaxaram. Leon fazia um carinho delicado na mão de Barhi, que estava entrelaçada à sua, formando um perfeito contrate de cores. O silêncio não os incomodava e, depois de alguns minutos apenas apreciando a presença um do outro, o roteirista abriu os olhos e acariciou os cabelos da moça.

— Você escolheu o vestido? — questionou, animado.

— Ainda não. — Barhi suspirou, cansada. — Amanhã vamos provar mais modelos.

— E você ficará linda em todos eles.

— Mas pretendo ficar mais linda ainda em um só!

Sorriu de canto e o homem gargalhou.

— E ficará, princesa Barhi.



MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2020

Barhi estava esparramada no sofá da casa da mãe, tendo terminado de assistir a mais uma comédia romântica. A mulher se levantou enrolada em uma coberta.

— Não sei por que ainda insisto em assistir a esses filmes bregas, que me fazem querer casar até com o entregador de pizza bonitinho — murmurou indo até a cozinha.

Bebeu água e colocou a pipoca no do micro-ondas. Ella estava atrasada. As duas combinaram uma tarde de filmes, já que Jaime viajara naquele fim de semana, e Barhi não gostava de dormir sozinha desde que terminara com West.

A escritora permaneceu encarando o saco de pipoca girar dentro do micro-ondas, até que a porta da sala foi aberta, deixando-a em alerta. Barhi arregalou os olhos e correu para a sala, mas, antes, passou no armário para pegar uma panela.

— Achei que estivesse trancada — sussurrou para si mesma. — Ella? — chamou, e não obteve reposta, o que a fez tremer da cabeça aos pés e engolir em seco.

Ao chegar na sala, Barhi viu uma sombra parada em frente à porta, tentando trancá-la. Seu cérebro, o traidor que era, assumiu se tratar do ex-namorado, e só essa ideia foi o bastante para deixá-la zonza. Sentia que estava prestes a perder os sentidos quando ouvir a voz de Ella resmungar:

— Essa porta não fecha. A tia Jaime precisa dar um jeito nisso.

A loira bufou, abaixando-se para pegar a chave que caíra no chão.

Barhi correu até ela e lhe deu um tapa na cabeça. A amiga a encarou com os olhos arregalados.

— Isso é para você aprender a bater! — A mais nova massageou o local atingido, e Barhi a afastou da porta, fechando-a com facilidade.

— Eu sempre entro sem bater!

— Eu chamei, e não me respondeu! Achei que era outra pessoa. Misericórdia, Gabriella!

Levou a mão ao coração e fechou os olhos, respirando fundo.

— Está tudo bem, Barhi. Foi mal. — Ella abraçou a outra, que fechou os olhos, regularizando os batimentos cardíacos. — Você começou a assistir sem mim! — acusou.

Barhi se afastou.

— Você chegou atrasada!

Levantou as mãos em rendição.

As duas adentraram mais a casa, e Ella caminhou até o sofá enquanto Barhi foi para a cozinha, guardou a panela e retirou a pipoca do micro-ondas, colocando-a em um baldinho do Bob Esponja. Retornou para a sala, vendo a revisora com o controle nas mãos, passando de capa em capa, a fim de escolher um filme.

— Não quero ver romance.

Barhi se jogou no sofá e levou um punhado de pipoca à boca.

— Você sempre quer assistir romances. O que houve agora?

Arqueou uma sobrancelha, encarando a amiga.

— Estou na fase em que quero me casar com qualquer rapaz apresentável que aparecer na minha frente — disse, frustrada, e Ella gargalhou.

— Eu entendo, amiga. — Ella esticou o braço para pegar pipoca. — Desde que Elijah e eu terminamos, eu passo a maioria das tardes de domingo querendo desesperadamente um abraço.

— O pior é que, quando passa, eu fico pensando: meu Deus, cogitei me casar com o garoto de dezenove anos que entrega a minha pizza!

As duas gargalharam, e Ella precisou secar o canto dos olhos.

— Não é tão novo assim para você — Gabriella caçoou.

— Estou com algumas ideias para o livro novo e fui assistir a algumas séries asiáticas para ter um embasamento. Nunca mais faço isso!

Negou veemente com a cabeça.

— Que grande erro, minha amiga! — Ella ergueu o indicador, movimentando-o em sinal de negação. — Essa fase da sua vida pede um jejum!

Voltou a passar os filmes pela TV.

— A cada episódio, a minha carência só aumentava. Eu queria apenas um coreano que me carregasse nas costas.

Abraçou a almofada.

— Eca, Barhi Valentina! — Ella torceu o nariz. — Agora seu padrão de romance é ficar pendurada nas costas de alguém?

A escritora assentiu, fazendo a amiga rir.

— Eu vi um em que ele se apaixona primeiro e aí a leva em alguns encontros para tentar fazê-la se apaixonar, mas ela não quer. Eu passei o tempo todo gritando: eu aqui, moço! Eu quero! — choramingou, escondendo o rosto.

— Valentina Partridge, você precisa pedir um remediozinho para a sua psicóloga. — Esticou-se sobre o sofá, erguendo a mão para sentir a temperatura da testa da amiga. — Não está nada bem. Seu caso é de carência aguda, e não há cura disponível no momento!

— Você é uma péssima amiga! — Barhi fez um biquinho de choro. — Eu só queria um coreano para chamar de meu.

— Pelo seu jeito, até se fosse um americano estava de bom tamanho. O entregador de pizza é cristão. — Barhi jogou uma almofada em Ella, que gargalhou. — É verdade! Ele frequenta os cultos de domingo e tudo mais.

— Não quero relacionamento por enquanto.

Barhi levou mais pipoca à boca, e Ella a encarou, confusa.

— Você acabou de dizer que queria um, Valentina!

— É a carência, Gabirella, é a chata da carência! Deus, eu oro pela minha vez…

16

O VESTIDO PERFEITO

O carro de Barhi estava lotado. No banco de passageiro, estava Jaime, e, no banco de trás, Sofia, Norah e Ella. A mãe havia voltado de viagem a tempo de se juntar à equipe de escolha para o vestido da noiva.

As cinco se dirigiam ao terceiro ateliê do dia, e, embora Barhi não demonstrasse, sentia-se aflita a ponto de se casar com o primeiro trapo branco que encontrasse.

Avistou a fachada do ateliê e estacionou o carro do outro lado da rua. Suas acompanhantes desceram do conversível e, em poucos segundos, o grupo passava pelas portas de vidro do local. A recepcionista as conduziu até uma sala reservada para elas e, enquanto as mães ficaram sentadas no sofá, Ella e Barhi adentraram o provador.

A costureira trouxe o primeiro modelo.

— Não gosto de vestidos muito armados — Tina choramingou ao ver a quantidade de anáguas necessárias.

— Um momento. — Ella saiu do provador.

A loira passou por entre o mar de tecido branco e a costureira se desdobrava para segui-la. Ela pegou um vestido pesado e o colocou sobre um ombro, em seguida outro e, no terceiro, suplicou para que a moça que a acompanhava o carregasse, e assim a costureira o fez.

— Deus do céu! Altíssimo Rei!

Ella esboçava o rosto vermelho e já não aguentava mais o peso dos vestidos. Barhi sorriu, apanhando um dos vestidos do ombro da mulher, que a agradeceu com um movimentar acelerado de mãos.

— Experimente esses! — Gabriella disse, ofegante, e se jogou no pufe no canto do provador.

Barhi colocou o primeiro vestido e o analisou, girando de um lado e para o outro, e encarou Ella, que assentiu, porém a noiva torceu o nariz. A amiga a encarou, frustrada. Na segunda prova, o vestido tinha um decote quadrado e mangas bufantes, que iam até o pulso, e, da cintura para baixo, o tecido se dispunha de três camadas, formando um volume singelo. Aquele vestido parecia o de uma nobre da era medieval.

— Eu gosto.

Ella se levantou do pufe, surgindo por trás da mulher no espelho.

— Eu não desgosto.

Barhi sorriu sem mostrar os dentes, e a amiga comemorou o pequeno avanço.

— Já é alguma coisa. Vamos mostrar para as outras?

Barhi assentiu e elas saíram do provador.

Tina subiu no pequeno pedestal e as três mulheres sorriram largo. Jaime continha algumas lágrimas, que insistiam em descer de seus olhos, como em quase todos os vestidos que a filha experimentava. Sofia se levantou, indo em direção à moça, e a contornou a fim de analisar o vestido.

— Gosto dele, mas pode ficar simples demais.

A mulher cruzou os braços.

— Pensei o mesmo.

Barhi se analisou no espelho.

— Acho que você não deveria descartá-lo.

Sofia percorreu os olhos pela roupa, analisando-a de cima a baixo.

— Concordo. — Jaime se levantou com Norah, que assentia. — Pode ser um pouco mais simples, porém ficou lindo e podemos pedir para a estilista modificar.

— Vamos para o próximo! — Ella disse, animada, seguindo para o provador.

Barhi levantou a barra do vestido, pondo-se a seguir a moça.

O próximo vestido era armado, o que fez Barhi hesitar, porém a expressão de súplica de Ella a convenceu a prová-lo. A parte superior seguia o modelo de um espartilho, com um decote mais fechado, o que fez a noiva se sentir mais confortável. O tecido brilhava ao descer, até se armar da cintura para baixo, como o vestido usado por Cinderela. A manga era uma delicada faixa de tecido que se assemelhava ao véu, percorrendo do início do decote até as costas. Era perfeito, como o vestido de uma princesa.

— Barhi Valentina Partridge! — Ella a encarou, boquiaberta. — Esse é o seu vestido.

A revisora deixou as lágrimas rolarem pelo rosto, e Barhi a acompanhou, encarando-se no espelho. As amigas saíram do provador, e as outras mulheres encararam Tina, estupefatas. Aquele era o vestido perfeito e, por mais impossível que aparentasse, as cinco concordaram que o modelo deveria ser escolhido.

— Minha princesinha!

Jaime caminhou até ela com as mãos na boca e os olhos lacrimejados.

— Eu sei que não pensava em usar algo muito armado, mas esse — Sofia apontou para o vestido — está perfeito!

— Meu Deus, você está tão linda! — Norah se aproximou.

O grupo se reuniu em um abraço coletivo, e passaram a chorar de emoção, o que aqueceu o coração de Barhi, deixando-a confortável para jorrar todos os sentimentos que haviam se acumulado.

— Você está tão perfeita, minha filha! Que vestido lindo! — Jaime disse, sorrindo em meio às lágrimas.

— Minha Barhi está se casando igual uma princesa linda!

Ella apertou mais a moça, que limpou o canto dos olhos.

— Linda! Estamos tão felizes de tê-la em nossa família.

Norah secou as lágrimas.

— Vocês três, na verdade. Amamos ter vocês conosco! — Sofia sorriu, e Jaime a abraçou.

— Eu nem acredito que consegui escolher um vestido. — A mulher despencou no chão e se colocou a chorar. — Obrigada, meu Deus do céu! Eu já estava a ponto de desistir. — As quatro encaravam a noiva com dó. — Obrigada por terem vindo comigo.

Tina ergueu a cabeça e encarou as mulheres que se sentaram no chão ao redor dela.

— Estamos aqui —— Norah afirmou.

— Se precisar, podemos fazer a prova do jantar — Jaime sugeriu, e as três concordaram.

— Você precisa descansar um pouquinho. — Sofia pegou a mão da moça.

— Podemos fazer isso por você — Ella complementou.

A noiva concordou com a cabeça e se pôs a chorar mais, o que foi respeitado pelo restante do grupo. Depois de cinco minutos, a mulher se levantou com a ajuda de Sofia e de Jaime, e seguiu em direção ao provador, retirou o vestido e limpou as lágrimas.

— Muito obrigada por me acompanharem.

Barhi fez um biquinho de choro e as mulheres a abraçaram, formando um montinho.

— Você precisa descansar, querida. — Jaime acariciou o rosto da filha.

— Nós vamos cuidar da sua agenda hoje. — Sofia afagou o cabelo da noiva.

— Fique tranquila que eu já sei de tudo — Ella afirmou.

Despediram-se das atendentes e costureiras, e se dirigiram até a calçada. Norah entregou a bolsa para Tina, que agradeceu cada uma delas com um abraço e, em seguida, entrou no carro.

Barhi iniciou seu trajeto pelas ruas de São Francisco e pensou em como Leon deveria estar naquele momento. Ela havia pausado o processo de escrita do livro por três dias, pois não conseguia escrever e pensar em tudo que precisava ser feito. Leon, contudo, continuava trabalhando na Pansy, organizando os detalhes para sair de férias.

Decidiu modificar a rota e dirigiu até o restaurante de comida asiática preferido do noivo. Já passava do meio-dia e se bem conhecia Leon, ele ainda não havia almoçado. Fez o pedido e ligou para o rapaz enquanto aguardava no balcão.

— Minha princesa Barhi! — Leon atendeu com a voz cansada, mas Barhi sabia que ele estava sorrindo.

— Cristalzinho de Hollywood! — O rapaz riu e ela limpou a garganta. — Suponho que você ainda não almoçou.

— Lamento muito dizer que é verdade.

— A sua noiva maravilhosa está indo almoçar com você.

Sorriu largo.

— Você não tinha uma agenda lotada e exaustiva para hoje?

— Fui dispensada depois de chorar no chão do ateliê — falou, prática, e sua mente conseguiu imaginar Leon arregalando os olhos, o que a fez soltar uma risadinha.

— Você está bem? Por que chorou? — A voz do rapaz soou preocupada e Barhi riu.

— Eu finalmente achei o vestido. — Sorriu largo. — E chorei porque achei.

— Não era para isso ser bom? — questionou, confuso, e Tina assentiu como se o rapaz pudesse vê-la.

— E foi! — Barhi recebeu o pedido das mãos do atendente. — Obrigada — falou, colocando a mão sobre o microfone do celular. — Me espere.

— Dirija com cuidado.

A noiva encerrou a ligação e entrou no carro, colocando a embalagem de comida no banco do passageiro antes de seguir até a Pansy. E pensar que alguns meses atrás estava vivendo as semanas mais românticas da sua vida em uma série de encontros com o roteirista que fora seu *crush* na adolescência, e agora o máximo que conseguiam fazer era um almoço no escritório do rapaz.

Entrou o estacionamento da empresa e estacionou. Em seguida, desceu o quebra-sol e se encarou no espelho. Seus olhos ainda estavam vermelhos. Passou um lenço no rosto e, em seguida, fez uma maquiagem rápida antes de organizar o cabelo e pegar a embalagem que estava

no banco do passageiro, descendo do carro. Seguiu em direção ao elevador e em poucos minutos cumprimentava as pessoas no caminho até o noivo. Ao fim do corredor, chegou à sala de Leon, que a recebeu na porta.

— Você veio mesmo. — Ele fez um biquinho e abriu passagem para que ela entrasse, e assim a mulher o fez.

— É claro que vim. — Sorriu largo. — E trouxe comida.

— A minha comida favorita!

Ele a encarou, surpreso, e sorriu.

Ela concordou com a cabeça, colocando a embalagem e a bolsa em cima da mesa de centro. Leon se aproximou dela e a abraçou. Ela o envolveu pela cintura, apertando-o. Ele beijou o topo da cabeça de Barhi e repousou o queixo nela, fechando os olhos.

— Eu poderia adiantar as minhas férias para nos casarmos amanhã, o que acha? — o rapaz sugeriu e Barhi se afastou dele, rindo.

— Acho que você quis dizer que amanhã nós temos que ir até o apartamento novo para colocar todos os móveis no lugar.

Torceu o nariz, e o rapaz fez um bico de choro, sentando-se no sofá, puxando-a.

Barhi abriu a embalagem, que estava em cima da mesa, e os dois passaram a comer entre risadas e algumas conversas mais sérias. Embora desafiadoras, as últimas semanas estavam forjando um sentimento de cumplicidade e respeito entre os dois. Leon enfim experimentava o que a tia sempre lhe dissera. “Quando se passam os momentos de conquista, nós entendemos realmente se queremos ou não nos casar.”

Estar com Barhi, independentemente de ser em uma praia ou no escritório, comendo lámen era prazeroso. Os assuntos difíceis, as decisões que precisavam tomar quanto à vida que viveriam depois de casados não eram desgastantes, e sim edificantes.

Barhi discordava em alguns pontos, e ele, em outros, mas eram alinháveis. Leon não sentia sua identidade indo embora por isso, não sentia que estava deixando sua fé, muito pelo contrário: exercitava o que era ser um cristão ao lado da mulher, e aquilo o fazia ter cada dia mais certeza da sua decisão.



MEMÓRIAS DE LEON STROVE

São Francisco, 2019

Sofia e Norah estavam sentadas no sofá da sala enquanto os dois meninos da casa se acomodaram no tapete, encostados no sofá. A família estava assistindo ao clássico *10 coisas que eu odeio em você*.

— Essa cena é tão linda!

Sofia fez um biquinho e Norah concordou com a cabeça.

— Por que as mulheres gostam tanto de serenatas? — Nathan questionou e Leon deu de ombros.

— Eu jamais me darei bem nessa. O que Deus me fez de escritor me faltou de cantor. — Negou com a cabeça.

— Já pensou se você leva um balde água fria?

Nathan lançou um sorriso travesso e levou um tapa no ombro.

— Aposto que você faria uma serenata.

— Eu jamais me prestaria ao papel de cantar para toda a escola ver o quanto eu amo uma garota que claramente não me quer.

Leon jogou a cabeça para trás, rindo.

— Eu faria! — Leon assentiu. — Se um dia eu encontrar uma garota que vale a pena, eu cantarei *Can't take my eyes off you* para ela.

— Não vale se não for para todo mundo ver!

— Pelo contrário, irmãozinho. — Bagunçou o cabelo do mais novo. — O importante é que ela veja.

— Por que não param de cochichar um minuto sequer?

Norah estendeu o pescoço para encará-los e os dois deram de ombros.

— Leon disse que vai cantar que nem o Patrick Verona quando se apaixonar por alguém. — Sofia colocou pipoca na boca e os dois garotos arregalaram os olhos.

— Como você consegue ouvir conversas tão disfarçadamente?

Leon encarou a tia, boquiaberto.

— Vocês falam alto demais.

Movimentou a mão no ar em desdém.

— Acho que uma serenata combina mais com Nathan — Norah disse, sem tirar os olhos da TV.

— Foi o que eu disse. — Leon deu de ombros, comendo um pouco de pipoca.

— Eu me recuso a cantar para uma garota que claramente não me quer!

— Mas você não vai nem mesmo insistir nela? — Sofia arqueou uma sobrancelha. — Não criei você para conquistar as coisas fáceis.

— Eu não vou me humilhar, mamãe.

— Não, não estou falando para você fazer isso. — Sofia se endireitou no sofá. — Só que existem mulheres que merecem um esfocinho.

— Eu gostaria de encontrar uma que não me desse muito trabalho. — Leon catou as últimas pipocas do balde, colocando-as na boca.

Norah e Sofia gargalharam, e Leon semicerrou os olhos. As mulheres balançaram a cabeça e se encararam, cúmplices, como se soubessem de um segredo muito impactante.

— Você jamais vai encontrar essa mulher, filho. Esqueça. — Norah riu.

— Você tem que oferecer os melhores encontros. — Sofia passou a narrar o passo a passo.

— Otto me levou para o nosso primeiro encontro no Pontiac Catalina do seu avô.

— Vocês precisam surpreender a mulher que escolherem.

— Uma vez eu e seu pai brigamos, e ele foi para a janela da minha casa pedir desculpas para mim. Toda vizinhança ouviu!

Jogou a cabeça para trás, rindo com a lembrança.

— E vocês precisam ser bíblicos. Jamais vão conquistar uma mulher de Deus se não tiverem próximos de Deus.

— Lembro que Otto e eu fazíamos devocionais juntos e, em um dos nossos encontros, ele separou um versículo bíblico para mim.

As duas mulheres suspiraram no sofá enquanto os garotos as encarravam, horrorizados. Se era tão trabalhoso assim conquistar uma mulher, seria melhor que vivessem o restante da vida solteiros.

— Eu sempre achei mesmo que o celibato era a melhor opção — Leon comentou.

— O que você acha de fazermos uma missão?

Nathan cruzou os braços.

— Mas você vai ser jogador de futebol!

Negou com a cabeça.

— O esporte requer dedicação, mais um motivo para não me casar.

Leon concordou.

— Esses dois só falam asneiras — Sofia sussurrou para a cunhada.

— Um dia eles farão tudo isso que ensinamos.

Norah encarou a mais nova com um sorriso presunçoso.

— Eu não tenho dúvida alguma.

17

FELIZES PARA SEMPRE

Depois de seis meses bastante estressantes, ali estava ela, vestida de noiva e dentro de um carro. Imaginara este momento tantas vezes, mas nenhuma chegara aos pés de vivê-lo.

Suas mãos suadas seguravam o buquê e sua respiração era profunda, com o intuito de acalmar o formigamento interior. Estava nervosa, eufórica e, acima de tudo, profundamente ansiosa para ver o noivo a esperando no altar.

— Meu Deus do céu! — Ella anunciou compartilhar do nervosismo da mulher quando o carro parou. Jaime a olhou com diversão. — Chegamos! A hora de se casar finalmente está aqui, Barhi!

Os olhos da mais nova lacrimejaram.

As três desceram do carro e ficaram afastadas, à espera da cerimonialista. Então deram as mãos e se encararam com os olhos marejados e um sorriso singelo no rosto. A cumplicidade compartilhada durante todos os anos em que estiveram juntas era uma prova do cuidado de Deus na vida de cada uma delas. Elas amaram, se decepcionaram, sofreram e venceram, sempre juntas.

— Vamos orar — Jaime pediu. — Querido Deus, muito obrigada por nos entregar o privilégio de ver a Barhi se casando. Somos gratas pela vida dela, pelo talento que o Senhor a concedeu e pelo futuro marido extraordinário que a Barhi escolheu. Deus seja louvado.

— Abençoa, Jesus, o Leon e a Barhi, os filhos que eles terão — Ella passou a conduzir o momento. — Traga discernimento para que eles possam tomar boas decisões, sabedoria e paz para dentro deste casamento, Senhor. Derrama as tuas misericórdias e faz acontecer conforme a sua vontade santa.

As três permaneceram de olhos fechados.

— Sustenta-nos, ó, Deus, para que possamos estar sempre em sua presença, voltados para a tua glória, que sejamos um casal que ama a Deus acima de tudo e o glorifica em nossas ações. — A voz de Barhi estava embargada. — Proteja a nossa casa, Senhor, nos guarda de todo o mal. Muito obrigada, meu Deus. — A noiva passou a derramar algumas lágrimas. — Que o Senhor seja louvado e toda glória seja dada a ti. Amém!

— Eu esperei tanto por este momento, minha filha.

Jaime secou os cantos dos olhos com um lenço.

— Sabemos tudo que você já viveu nessa vida, Barhi. Queremos que seja muito feliz e confiamos no Leon.

Ella acariciou a mão da amiga e ambas sorriram.

As três se abraçaram e a cerimonialista caminhou até elas com um sorriso no rosto. Elas apertaram ainda mais as mãos e respiraram fundo, concentrando-se para não chorar mais e borrar a maquiagem.

— Vamos iniciar. — A mulher sorriu largo. — Tudo ficou lindo, do jeito que você pediu. — Encarou Barhi, que sorriu. — Agora preciso levar Ella e Jaime, que vão entrar primeiro, mas o Nathan está vindo para acompanhá-la.

Barhi assentiu. As duas mulheres lhe deram um último abraço e seguiram com a cerimonialista. No meio do percurso, Nathan parou para cumprimentá-las e seguiu radiante, até Barhi, que o encrava, nervosa. O loiro trajava um terno cinza e um sorriso que era capaz de iluminar tudo que estava à sua volta.

— Uau! — Encarou a mulher, boquiaberto. — Você está lindíssima, Barhi. Esse vestido é literalmente de princesa. Meu primo vai desmaiar, sinto muito.

O rapaz abriu ainda mais o sorriso e Barhi retribuiu.

— Estou nervosa.

— Eu também! — Estendeu o braço para ela, que o aceitou. — Mas imagino que não tanto quanto você.

— Eu me vou casar — disse com uma risada incrédula.

— Você vai se casar com um homem de Deus, Barhi. — Encarou a mulher por cima do ombro. — Eu nem preciso pedir que cuide dele, porque você já o faz. Sou imensamente grato pelo Leon estar se cansando com você. Amo aquele cara com tudo de mim. — Lacrimejou. — Ele sempre vai ser meu irmãozinho, e eu sei que ele a ama muito. Não tenha medo, você será muito feliz com ele.

— Obrigada.

Deixou uma lágrima escapar, e Nathan a secou com um lenço.

A cerimonialista chegou para os acompanhar até o portal de madeira que impedia os convidados de os verem. Nathan e Barhi trocaram um olhar cúmplice, e a mulher apertou mais o braço do rapaz, olhando para frente. Foi então que uma orquestra começou a tocar *Pachelbel's Canon*, fazendo todos os convidados se levantarem.

Assim que Barhi apareceu no campo de visão de Leon, o rapaz passou a chorar, o que fez Nathan abrir mais o sorriso e um filme passar pela cabeça da mulher, que alguns anos antes teve de fugir da casa do namorado. Agora ela estava caminhando ao altar para se casar com um homem que a amava e estava disposto a dar a vida por ela se fosse preciso.

Um mar de flashes veio em cima de Nathan e Barhi, mas ela só conseguia se concentrar em Leon, que chorava feito um bebê. Quando Nathan e Barhi alcançaram o fim da passarela, o mais novo beijou a mão de Barhi e a entregou para o primo.

— Você está impossivelmente mais linda — Leon sussurrou e Barhi sorriu de lado.

Nathan se dirigiu até o seu local, e os noivos entrelaçaram as mãos. A cerimônia se iniciou, sendo ministrada pelo pastor Owen.

— Boa tarde a todos. Estamos aqui reunidos para celebrar, com grande alegria, na presença do Deus todo-poderoso mais uma família que será levantada para a glória de Deus.

O pastor conduziu a cerimônia, agradecendo a Deus por aquela união, em seguida leu uma passagem bíblica.

— Vocês podem até pensar que o casamento é para fazer o outro feliz ou para ser feliz, e isso também acontece, mas o propósito maior que sustenta uma união é o Senhor. — O pastor olhou para Barhi e depois para Leon. — Vocês estão se unindo nesta tarde para fazer feliz o coração do

Senhor.

Owen encarou o casal afável e olhou para a Bíblia em sua frente, antes de continuar:

— Esta união não é por destino, é por Deus. O meu desejo é que em todos os dias, nos momentos de tristeza, alegria, doença, fertilidade, angústia e calmaria, vocês se lembrem do compromisso que fizeram com o Senhor. — Virou-se para Leon. — Antes de ser marido da Barhi, você é filho de Deus, temente ao Senhor. — Depois encarou Barhi com um sorriso. — Antes de você ser esposa do Leon, você é filha do Deus vivo, temente ao Senhor. Não é você que vai sustentar o seu casamento, mas a presença de Deus.

A cerimônia seguiu por alguns minutos, até que chegou a hora de Barhi e Leon lerem os votos. A escritora estava nervosa, sentia que seu coração ia sair pela boca, enquanto Leon só conseguia contemplar a moça à sua frente, esquecendo-se de tudo que estava ao seu redor.

— Leon Strove, hoje assumo um compromisso não apenas com você, mas com o nosso Deus. Eu me lembro da primeira vez que nos encontramos. Pode parecer uma grande loucura, uma garotinha de quatro anos ter conservado uma memória como essa, mas naquele dia eu me senti verdadeiramente amada por alguém. — Barhi ergueu a cabeça para respirar fundo e voltou a encarar o rapaz. — É que, com quatro anos, eu não era a garotinha mais aceita do colégio e, naquele dia, eu me senti tão excluída que fui chorar no colo do meu pai, e um garotinho de seis anos chegou até mim e me fez sentir amada. Quando o reencontrei quase vinte anos depois, ele subiu em um palco, mesmo tendo pânico de pessoas, só porque eu disse que aquilo era importante para mim. — A mulher sorriu, limpando as lágrimas. Leon apenas a encarava com os olhos cheios de água e o coração acelerado. — E não posso prometer que serei perfeita, porque jamais serei, mas prometo tentar amar e auxiliar você todos os dias da minha vida. Porque sinto que nunca conseguirei amar tanto alguém na minha vida como amo você. — As lágrimas desceram com mais voracidade, fazendo-a parar por um instante. — Prometo estar ao seu lado em todos os momentos, o apoiando, amando e cuidando. Prometo amar você todos os dias, mesmo que isso seja difícil às vezes, até a eternidade.

Leon demorou alguns minutos para se recompor antes de começar a ler os próprios votos.

— Barhi Valentina Partridge e seu nome de princesa… Devo confessar que já era apaixonado por você muito antes de reencontrá-la. — Riu e a mulher abriu um sorriso em meio às lágrimas. — Sempre admirei o jeito que escreve, as entrevistas que dá e, quando a conheci, tive a certeza de que você era muito mais do que eu imaginava. — Leon a encarou por alguns segundos e sorriu para ela, que sussurrou um “amo você” que apenas ele pôde entender. O roteirista voltou a olhar para o papel em suas mãos e respirou fundo. — Porque, desde a primeira vez que a vi, criei um zelo por você em meu coração. Queria amá-la, protegê-la, mostrar para você que eu estava ali. Eu queria ser alguém importante para você, Barhi, porque você sempre foi importante para mim, desde os meus seis anos. E hoje, me casando com você, assumindo um compromisso com Deus, eu quero que saiba que estou disposto a ensinar você a amar, com o meu amor. Prometo cuidar de você, proteger você, ser quem você precisa que eu seja, mesmo que isso me custe muito. Eu quero ter filhos abençoados ao seu lado e a fazer muito feliz. Prometo amá-la como Cristo amou a igreja e entregar a minha vida por você. Eu a amo para muito além desta vida, minha princesa Barhi.

Owen prosseguiu com a cerimônia, casando os dois em nome de Jesus Cristo. Eles também realizaram a assinatura do casamento civil e, então, partiram para a festa. Depois de duas horas de fotos e cumprimentos, os dois se puseram no meio do salão para agradecer a presença de todos.

Uma oração foi feita pelo casal, os convidados de mãos estendidas, intercedendo ao Senhor

para que aquela união fosse abençoada. Barhi e Leon choraram abraçados durante todo o momento, que terminou com uma oração do pastor Owen.

Além disso, Barhi deveria jogar o buquê, mas o que a preocupava era o fato de Elijah ter escolhido aquele momento para pedir Ella em casamento e a melhor amiga ter simplesmente sumido.

— Cadê a Gabriella? — Tina sussurrou no ouvido de Leon.

— Pedi para o Nathan ir atrás dela, não a vi.

Ergueu os ombros e Tina fechou os olhos com força.

Elijah também já não se encontrava mais no campo de visão dos noivos, o que deixou Tina tensa, porém ela conduziu o momento com o buquê e, logo em seguida, desceu do palco, dando lugar à banda.

Leon a acompanhou até uma área mais reservada da festa e a se mulher jogou em uma cadeira, respirando fundo.

— Ela está bem, meu amor. Há cinco minutos estava aqui com a gente. — Leon se sentou ao lado da moça. — Nathan foi atrás dela.

— A Ella precisa resolver isso sozinha. — Suspirou.

— Então não seria melhor deixá-la fazer isso?

Encarou a esposa, confuso, e ela riu.

— Ainda assim eu me preocupo.

— Seu cunhado está com ela agora.

Leon mostrou o celular para Barhi, que sorriu ao visualizar a mensagem de Nathan.

— Ella Zanoteli!

Negou com a cabeça, rindo.

— Isso quer dizer que você está mais calma?

— Isso quer dizer que estou imensamente feliz!

Levantou-se da cadeira com um sorriso de orelha a orelha e Leon a encarou, confuso.

— Nem vou tentar entender. — Balançou a cabeça. — Tenho uma surpresa.

Pegou a não da esposa.

Muito da festa ainda estava acontecendo, mas Barhi e Leon fugiram do mar de convidados e seguiram para dentro da fazenda. O casamento acontecera na parte externa, o que deixou o interior da casa vazio. Eles subiram no escuro, até alcançarem uma porta no fim do corredor, a biblioteca.

— Como assim aqui tem uma biblioteca?

Barhi sorriu, confusa, e Leon piscou, sorrindo de lado.

— Eu ainda sou o rei dos encontros inusitados, não?

A mulher adentrou o espaço, e ele ajudou a fazer o vestido volumoso passar pela porta.

Barhi passeou por entre as prateleiras, parando entre duas estantes separadas por uma grande janela de vidro, cuja vista era da festa que acontecia lá embaixo. Leon ligou uma vitrola, colocando um disco de vinil, que logo começou a tocar *Can't take my eyes off you.* Barhi o encarou, estupefata, e ele caminhou até ela com um sorriso presunçoso.

— *You're just too good to be true*[6] — Leon começou a cantar, estendendo a mão para a mulher, que jogou a cabeça para trás, gargalhando.

Os dois se puseram a dançar iluminados apenas pela luz fraca que entrava pela janela. Leon puxou Barhi para mais perto de si, provocando uma onda de calor por todo o corpo da mulher. Ele fechou os olhos, colando a testa na dela, que respirou fundo, também de olhos fechados.

— Amo você — Barhi sussurrou, e Leon sorriu.

— Amo você, princesa Barhi. E quero muito beijar você agora. — Leon deu um beijo na bochecha de Barhi e suplicou no ouvido da garota: — Posso?

Barhi assentiu, e Leon depositou um beijo delicado na ponta do nariz dela e, depois, em seus lábios. Os dois se beijaram pela primeira vez naquele momento, e foi como se nada mais no mundo pudesse causar tantas sensações. Os corações não tinham direção, o corpo todo formigava e o efeito do toque um do outro parecia descarregar ondas elétricas do coração até os pés.

— Meu Deus do céu, muito obrigado! — Leon disse, ofegante. Tina riu. — Eu esperaria mais vinte e seis anos só para viver este momento.

Os dois se beijaram novamente, e o refrão final da música os fez dançar de alegria.

Aquele momento parecia ter ensinado ao casal que nada do que escreveram poderia ser maior do que aquilo que já estava escrito por Deus. O roteiro perfeito não nasceu dos dedos de Leon nem nas páginas dos livros de Barhi, mas das mãos de um Deus criativo, que fizera cada coisa para desempenhar seu papel, inclusive dentro do casamento.

. Em tradução livre: você é boa demais para ser de verdade.

EPÍLOGO

Leon e Barhi dividiam o espaço no closet. O rapaz acabava de vestir a blusa social branca enquanto a moça ainda estava de roupão, maquiando-se em frente ao espelho. Depois de meses roteirizando e mais um pouco filmando, finalmente o filme do primeiro livro de Barhi estrearia nas telonas.

— Minha princesa, nós vamos nos atrasar.

Leon abraçou Barhi por trás e repousou o queixo sobre a cabeça da mulher.

— Se você não me soltar, nós vamos nos atrasar mais.

— O que são alguns minutinhos de atrasado, não é mesmo? — Sorriu, e a mulher riu, passando rímel.

— Pronto. — Fechou o rímel e se soltou do rapaz, que choramingou.

Leon partiu em direção ao sofá do closet com o par de sapatos nas mãos e se sentou, calçando-os. Em seguida, foi em direção à gaveta de relógios e escolheu um, prendendo-o no pulso. Assim que ergueu a cabeça para se olhar no espelho, a porta do banheiro foi aberta e uma Barhi incrivelmente linda e grávida surgiu em seu campo de visão.

— Eu sei que já disse isso no mínimo um milhão de vezes, mas acredito que merece ser repetido: você ficou ainda mais linda grávida. — O rapaz quebrou a distância entre os dois e a beijou com delicadeza. — Linda, deslumbrante, uma beleza utópica e inexplicável. Muito, muito linda! — Beijou a testa da mulher.

Ela riu com as bochechas coradas.

— Dois anos casada com você, e ainda não me acostumei. — Pegou a sandália e seguiu para o sofá, onde o marido a calçou, depois a ajudou a se levantar. — Você pode pegar a bolsa preta para mim?

— Qual das milhares? — O homem a encarou, confuso, e ela sorriu.

— A que está pendurada atrás de você.

Leon pegou a bolsa da esposa e entrelaçou a mão na dela, dando-lhe um beijo suave, e ambos saíram do quarto, escada a baixo.

Foi só quando Ella invadiu o campo de visão de Barhi, que a mulher se pôs a correr em direção à loira, que já chorava.

— Você está linda grávida.

Ella abraçou a amiga com força.

— Eu disse!

Leon ergueu as mãos e desceu as escadas, parando ao lado de Nathan.

— Você não disse que viria!

Barhi encarou a amiga aos prantos.

— Você só foi me visitar três vezes no último ano. Eu tive que voltar ou não veria meu sobrinho nascer.

Ella tirou o cabelo da amiga do rosto e limpou suas lágrimas.

— Você vai ficar? — Barhi a encarou, boquiaberta, e Ella assentiu. — Senti tanto a sua falta!

Abraçou a mais nova, chorando.

— Eu queria tanto ter vindo antes, queria tanto ter visto sua barriga de grávida crescer.

Ella chorou, soluçando.

— Eu tive desejo de comer chocolate! — Soluçou mais uma vez.

— Você odeia chocolate! — Torceu o nariz, ainda aos prantos.

— Eu sei!

— Coitadinha. — Deu batidinhas nas costas de Tina, rindo. — Você está fazendo tudo que ela quer, Leon?

O rapaz assentiu, rindo, e Ella semicerrou os olhos.

— Esta semana ela me fez ir até Santa Mônica para comprar um lanche, e não comeu nem a metade — contou, pegando a chave do carro e indo em direção às duas mulheres. — Agora precisamos ir.

— Você pode ir buscar a minha mãe com o Nathan? — Barhi questionou, secando as lágrimas, e Ella assentiu.

— Você vai dormir no meu apartamento hoje.

Gabriella semicerrou os olhos e a escritora concordou, fazendo Leon arregalar os olhos.

— Isso não é justo!

— Eu passei dois anos fora, Leon!

Os quatro saíram do apartamento, as duas mulheres de mãos dadas falando tanta coisa ao mesmo tempo que os dois rapazes não conseguiam raciocinar. Ao chegarem na garagem, precisaram se separar, e Barhi e Ella choraram de novo. O caminho até o cinema foi tranquilo e, assim que chegaram, Leon desceu do carro, abrindo a porta para Barhi sair. Ajustou o cabelo da moça e depositou um beijo em sua testa.

— Está incrivelmente linda.

Sorriu com os olhos brilhando.

— Você está um gatinho, cristalzinho de Hollywood.

Piscou para o marido, que riu.

Os dois entrelaçaram as mãos, seguindo em direção à entrada.

Assim que o casal chegou ao tapete que dava entrada ao local em que o filme seria transmitido, milhares de flashes estouraram sobre eles, e repórteres de toda a Califórnia lançaram perguntas. Os dois acenaram, sorrindo, chegaram até o backdrop e posaram para as fotos.

Ao adentrarem o local, avistaram Chester e Hanna, seus assessores, e caminharam até eles, que os direcionaram até os lugares marcados. Toda a cerimônia de abertura se desenrolou, e Barhi e Leon fizeram parte dela, bem como os atores protagonistas do filme. Quando as luzes enfim se apagaram e o telão acendeu, Barhi ficou paralisada.

Leon segurou sua mão, e ela chorou o filme inteiro. Em sua mente, passava a lembrança de cada uma das noites que passara em claro, todas as vezes que se sacrificara para que o livro ficasse pronto, e uma sensação de privilégio lhe arrepiou a espinha. As pessoas ao redor estavam

comovidas. Barhi olhou para trás e encarou pessoas chorando com a presença de Deus.

Seus livros não eram como uma pregação sensacionalista, eram o que estava na Bíblia. A palavra viva do Senhor, que abria portas para o Espírito Santo agir na vida das pessoas. Não eram apenas sensações, mas o cair em si, o arrepender-se verdadeiramente, o reconhecimento de quem aquelas pessoas eram e de quem Deus é.

O filme foi muito mais do que um "Jesus te ama", ele foi um "Você se afastou de Deus, você merecia pagar o preço por isso, mas Jesus a ama tanto que pagou o preço por você". Leon lhe contara sobre pessoas que se arrependeram de seus pecados no set de filmagem. Vidas que foram alcançadas pela simples exposição ao evangelho.

Barhi não conseguia se conter. Olhou para o lado e viu o marido chorando. Eles se encararam por alguns segundos e tudo fez sentido. Quando se casaram, assumiram um compromisso de viver uma vida para a glória de Deus e ali estavam os dois, sentados em uma poltrona de cinema, vendo o fruto da disposição deles.

— Foi através de nós — Barhi sussurrou, sem acreditar, e Leon balançou a cabeça, unindo a testa com a dela.

— "Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: 'Quem enviarei? Quem irá por nós?' E eu respondi: 'Eis-me aqui. Envia-me!'" — Leon declarou, e a mulher fechou os olhos.

— Isaías 06:08

Os dois se encararam por alguns segundos e depois se voltaram para a tela. Ali estava o esforço de centenas de pessoas, desde a escrita do livro até a preparação textual, da roteirização até a direção, dos protagonistas e figurinistas. Todos foram usados por Deus. Cada uma das vidas que tiveram o privilégio de ler sobre o verdadeiro evangelho e aquelas que o veriam nas telas de cinema do mundo todo seria um fruto de pessoas que responderam a Deus: envia-me a mim.

"O roteiro perfeito sempre será de Deus. Podemos nos disponibilizar para escrever suas palavras, podemos nos dispor a trabalhar para que o evangelho seja conhecido, mas Ele é quem faz, Sua palavra é o canal da salvação. Ninguém conhece a Deus se não ver primeiro a Jesus e seu sacrifício na cruz. Tudo o que a Pansy faz hoje é se dispor a Deus, é verdadeiramente dizer envia-me a mim".

Leon Strove, o cristalzinho de Hollywood.

Contents

1. Folha de rosto
2. Ficha catalográfica
3. Dedicatória
4. Agradecimentos
5. Prólogo: Três regras para uma princesa não chorar
6. Memórias de Leon Strove
7. 01: O Álbum de Fotos
8. Memórias de Barhi Valentina
9. 02: O Reencontro
10. Memórias de Leon Strove
11. 03: Libertando-se
12. Memórias de Barhi Valentina
13. 04: A princesa Barhi e o cristalzinho de Hollywood
14. Memórias de Leon Strove
15. 05: Eu sinto muito
16. Memórias de Barhi
17. 06: Pela primeira vez
18. Memórias de Leon
19. 07: Encontro em Família
20. Memórias de Barhi Valentina
21. 08: Parabéns para você
22. Memórias de Leon Strove
23. 09: Dizer “não” também é dizer “sim”
24. Memórias de Barhi Valentina
25. 10: O ar de Carmel
26. Memórias de Leon Strove
27. 11: Na saúde e na doença
28. Memórias de Barhi Valentina
29. 12: Eu quero saber o que é o amor
30. Memórias de Leon Strove
31. 13: Estar apaixonado
32. Memórias de Barhi Valentina
33. 14: Casa comigo?
34. Memórias de Leon Strove
35. 15: Quase felizes para sempre
36. Memórias de Barhi Valentina
37. 16: O Vestido Perfeito
38. Memórias de Leon Strove
39. 17: Felizes para sempre
40. EPÍLOGO

Landmarks

1. Cover